

**Categoria:**

- ✓ *Prenda Mirim*
- ✓ *Peão Mirim*
- ✓ *Prenda Xiru*
- ✓ *Peão Xiru*

Projeto  
**EducaTchê**

**Luigi Dal Forno**  
designer gráfico



**MTG/SC - MOVIMENTO TRADICIONALISTA  
GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA**



**Realização: PROJETO EDUCATCHÊ**

**MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO / SC**

**Projeto Gráfico: LUIGI DAL FORNO**

**Revisão: DEPARTAMENTO CULTURAL DO MTG/SC**

**Ano da Publicação: 2024 - 1a Edição**

**Fone: 55-999789262 - EDUCATCHÊ**

**APOSTIAL DE ESTUDOS PARA PRENDAS E PEÕES**

- **GEOGRAFIA DO BRASIL**
- **GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA**
- **HISTÓRIA DO BRASIL**
- **HISTORIA DO RIO GRANDE DO SUL**
- **HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**
- **FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO**
- **ATUALIDADES**



## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>GEOGRAFIA DO BRASIL .....</b>   | <b>9</b>  |
| LOCALIZAÇÃO GEOGRAFICA DO BRASIL .....   | 9         |
| ÁREA E POPULAÇÃO .....   | 9         |
| ESTADOS E SUAS CAPITAIS.....   | 10        |
| LIMITES TERRITORIAIS .....   | 11        |
| SIMBOLOS OFICIAIS .....  | 13        |
| PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRAFICAS .....  | 16        |
| CLIMA, RELEVO E VEGETAÇÃO.....   | 18        |
| ATIVIDADES ECONÔMICAS (AGRICULTURA, PECUÁRIA, MINERAÇÃO, INDUSTRIA E<br>COMÉRCIO)..... | 24        |
| <b>GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA.....</b>  | <b>32</b> |
| DADOS GERAIS DE SANTA CATARINA.....  | 32        |
| CLIMA DE SANTA CATARINA .....  | 32        |
| RELEVO DE SANTA CATARINA .....   | 33        |
| VEGETAÇÃO DE SANTA CATARINA.....   | 37        |
| HIDROGRAFIA DE SANTA CATARINA .....  | 40        |
| DIVISÃO GEOGRÁFICA DE SANTA CATARINA.....  | 42        |
| ECONOMIA DE SANTA CATARINA .....   | 43        |
| SIMBOLOS DE SANTA CATARINA.....  | 46        |
| <b>HISTÓRIA DO BRASIL .....</b>  | <b>48</b> |
| DESCOBRIMENTO DO BRASIL .....  | 48        |
| CONTATO COM OS INDIGENAS .....   | 48        |
| CAPITANIAS HEREDITÁRIAS .....  | 48        |
| CRISE NO SISTEMA COLONIAL.....   | 51        |
| INCONFIDÊNCIA MINEIRA OU CONJURAÇÃO MINEIRA .....                                      | 51        |
| CONJURAÇÃO BAIANA.....   | 54        |
| VINDA DA FAMILIA REAL PARA O BRASIL.....   | 56        |
| O GOVERNO DE D.JOÃO VI NO BRASIL .....   | 57        |
| REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA .....   | 57        |
| GUERRA CISPLATINA.....   | 58        |



|  |            |
|--|------------|
| CRONOLOGIA DO BRASIL IMPERIO .....   | 60         |
| INDEPENDENCIA DO BRASIL .....  | 62         |
| PERIODO REGIONAL.....  | 63         |
| AS REBELIÕES PROVINCIAIS OU MOVIMENTOS REVOLUCIONARIOS .....                                   | 65         |
| ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA .....   | 66         |
| PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA NO BRASIL.....  | 69         |
| PRESIDENTE DO BRASIL .....   | 70         |
| <b>HISTORIA DO RIO GRANDE DO SUL .....</b>   | <b>72</b>  |
| PRIMEIROS HABITANTES POVOS INDIGENAS .....   | 72         |
| REDUÇÃO DOS JESUITAS .....   | 84         |
| O SURGIMENTO DAS ESTANCIAS .....   | 84         |
| AS CHARQUEADAS .....   | 85         |
| DISPUTAS DE FRONTEIRAS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA .....  | 86         |
| A COLONIA DO SACRAMENTO .....  | 88         |
| TROPEIRISMO.....   | 90         |
| IMIGRAÇÃO .....  | 96         |
| REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....   | 97         |
| <b>HISTÓRIA DE SANTA CATARINA .....</b>  | <b>104</b> |
| EXPEDIÇÕES ESPANHOLAS .....  | 104        |
| OCUPAÇÃO PORTUGUESA.....   | 105        |
| FUNDAÇÕES LITORÂNEAS .....   | 105        |
| INDEPENDÊNCIA E PRIMEIRO REINADO.....  | 106        |
| REPÚBLICA JULIANA .....  | 106        |
| INTERVENTORES DE 1930 .....  | 107        |
| COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA.....   | 108        |
| <b>FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO.....</b>   | <b>109</b> |
| DEFINIÇÕES CONCEITOS DE FOLCLOR E TRADIÇÃO, TRADICIONALISMO,<br>REGIONALISMO E NATIVISMO ..... | 109        |
| FORMAÇÃO DO GAÚCHO.....  | 117        |
| ENTIDADES TRADICIONALISTAS CTG, Rts, MTG, CBTG, CITG .....                                     | 120        |
| CARTA DE PRINCIPIOS.....   | 121        |
| TESE “ O SENTIMENTO E O VALOR DO TRADICIONALISMO” BARBOSA LESSA .....                          | 125        |
| MOVIMENTO ORGANIZADO.....  | 131        |



|   |            |
|---|------------|
| CHIMARRÃO E ERVA MATE .....   | 132        |
| CULINÁRIA GAÚCHA .....  | 134        |
| DANÇAS GAÚCHAS.....   | 134        |
| LIDA CAMPEIRA .....   | 137        |
| INDUMENTÁRIA .....  | 139        |
| MÚSICA E INSTRUMENTOS MUSICAIS .....                                | 149        |
| JOGOS TRADICIONALISTAS .....  | 150        |
| LENDAS.....   | 150        |
| ARTESANATO.....   | 155        |
| CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS .....                                       | 158        |
| PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DAS REGIÕES DO BRASILEIRO..... | 159        |
| BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS FOLCLÓRICAS .....                         | 160        |
| HISTÓRIA DO MTG DE SC.....  | 162        |
| DIRETORIA DO MTG .....  | 163        |
| PEÕES E PRENDAS .....   | 165        |
| <b>ATUALIDADES.....</b>   | <b>189</b> |
| PRESIDENTE E VICE PRESIDENTE.....                                   | 189        |
| PRESIDENTE DO SENADO .....  | 189        |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>                             | <b>190</b> |



## **APRESENTAÇÃO**

### **MENSAGEM DO PRESIDENTE**

A Diretoria Executiva, Gestão 2022/2025 tomou posse em 15/01/2022, desde então, trabalhamos constantemente buscando a perpetuação da cultura gaúcha em Santa Catarina.

Temos como prioridade a perpetuação da cultura gaúcha, com seus costumes, trajes, danças, laço, culinária e tudo que retrate a tradição gaúcha.

Queremos despertar habilidades criativas, inovadoras e realizadoras para os Associados, a Diretoria Executiva, Comissões e assim agregar a sociedade a cultura gaúcha como vivência.

O sentimento de regionalismo nos dá o pertencimento à cultura gaúcha. Mas como instituição tradicionalista é importante que saibamos compreender o tradicionalismo e saber defendê-lo em seu "cerne".

**Tradição é cultura e cultura não é moda!**

Todo trabalho exercido pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho do Estado de Santa Catarina é construído por meio da colaboração.

A união fomenta a colaboração por meio de mentes diferentes que juntas solucionam dificuldades, oportunizando a junção de diferentes gerações, incitando a melhoria das relações e acelerando a busca pela realização de projetos construídos a muitas mãos. É uma forma de ouvir a todos, promover a empatia, o senso de grupo e o respeito às diferenças.

Contamos e acreditamos na parceria de sempre com todos! MTG/SC orgulho de ser catarinense.



***Alex Sander Godinho Corrêa***

***Presidente do MTG/SC***



## **MENSAGEM DA VICE-DIRETORA CULTURAL**



*Elis Regina Bürgel Xavier*  
*Vice Diretora de Cultura MTG/SC*

O Departamento Cultural do Movimento Tradicionalista Gaúcho, é o alicerce da entidade, pois nela estão presentes todos os outros. A cultura de um povo o identifica e o posiciona perante a sociedade, e o conhecimento é a evolução do homem, e através desse estudo alcança horizontes inimagináveis.

Disponibilizar, especialmente à comunidade tradicionalista, um material que, apesar de sucinto se mostra vasto de informações, é a possibilidade de proporcionar o acesso a fatos e nomes importantes que auxiliaram na formação do Gaúcho, sua vida e evolução até a atualidade.

A demonstração do movimento organizado, suas particularidades e importância para manutenção dessa cultura tão rica são temas de extrema relevância para a formação de verdadeiros tradicionalistas.

Assim, com esse pequeno material, gostaríamos de proporcionar a todos, tradicionalistas ou não, uma ótima leitura e que o mesmo não seja único e tão pouco apenas para base de estudo para Concursos de Prendas e Peões, mas o início da busca por mais aprendizado. E lembre-se: “aquilo que aprendemos não ocupa espaço e ninguém pode nos tirar”.

**Ótima leitura a todos!**

## **MENSAGEM DA VICE-DIRETORA CULTURAL 2022/2023**

Esse material traz em seu conteúdo um pouco do que precisamos saber para adentrar ao mundo dos concursos de Prendas e Peões, não só isso, mas para podermos conhecer da nossa terra e cultura. Desfrutem de cada página, de cada pedacinho, pois aprender nunca é demais!



*Heralda Mussio*  
*Vice-Diretora Cultural do MTG/SC*  
*2022/2023*  
*Diretora de Eventos do MTG/SC*



## **MENSAGEM DA DIRETORA CULTURAL**

A cultura é o que nos move para um conjunto de hábitos, crenças e conhecimento de uma sociedade.

E o Departamento Cultural e de Pesquisas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, é o elo da entidade junto aos seus tradicionalistas. Estamos felizes em poder proporcionar o primeiro material fornecido com um rico material de pesquisas de acontecimentos históricos, geográficos, atualidades, tradição, tradicionalismo e folclore a serem utilizados para estudos em concursos de Prendas e Peões e para todos os leitores da cultura gaúcha. Desejamos que este sirva de referência para pesquisadores que virão depois, e que seja uma fonte onde os atuais tradicionalistas possam beber e se saciar do conhecimento.

Esperamos que as novas gerações lembrem-se desse marco temporal que o nosso departamento juntamente com a Diretoria Executiva estão proporcionando a todos os tradicionalistas.

Conhecer para querer bem!!!!

## **MENSAGEM DO PROJETO EDUCATCHÊ**

É muito difícil separar memórias construídas por meio de tradições criativas, memórias transformadas em crenças que tão bem identificam o sul do Brasil e histórias desenvolvidas por meio de pesquisas em arquivos, livros e jornais.

É impossível avaliar pessoas e fatos do passado com os valores de hoje. Isso porque os valores mudam dependendo do reflexo de cada geração. Embora as palavras tivessem a mesma grafia, seus significados mudaram, dificultando a leitura de documentos dos séculos XVIII e XIX.

Como já dizia um Historiador que muito tenho apreso – Moacyr Flores – “No século XVIII comboieiro era o mesmo que tropeiro, derrota era rota, presidio significava guarnição militar, falhar era acampar, estância designava o local entrincheirado, homem bom era o proprietário.”

Sendo uma Apostila introdutória à história do extremo sul do Brasil, ela foi elaborada para focar nos acontecimentos da linha do tempo a fim de promover as principais funções do ensino da forma mais simples e didática, sem se preocupar com fragmentos teóricos e históricos. Apoiada em muitos Livros, Jornais e Trabalhos Científicos. Convido a todos vocês a embarcar nesta viagem a ricas histórias de um povo Aguerrido e Bravo, onde homens e mulheres delinearam este cantinho do Sul das Américas.

Uma Ótima Leitura!!!!

Verão de 2024 – Província do Rio Grande de São Pedro



*Schirley Terezinha do Nascimento  
Diretora Cultural do MTG/SC*



*Éridio Silveira Saraiva  
Idealizador do Projeto Educatchê*



## **GEOGRAFIA DO BRASIL**

### **LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL**



O Brasil está situado na América do Sul. Banhado a leste pelo Oceano Atlântico, possui várias ilhas oceânicas, destacando-se as de Fernando de Noronha, Abrolhos e Trindade. Ao norte, a oeste e ao sul limita-se com todos os países do continente sul-americano, excetuando-se o Chile e o Equador. O Brasil é uma república federativa, composta por 26 estados e o Distrito Federal. Quinto maior país do mundo é dono de grandes diferenças geográficas, econômicas e sociais.

Ainda assim possui uma notável unidade nacional sedimentada pela língua portuguesa, falada com sotaques variados, em todo o país. Seu povoamento, feito no sentido da costa para o interior, produziu sérias distorções na distribuição da população, agravadas mais tarde pela industrialização.

[A redução drástica dos índices inflacionários contribuiu para uma pequena melhora na distribuição de renda. Há também uma redefinição do papel do Estado na economia. A agricultura, apesar da baixa produtividade média, é ainda responsável por grande parte das exportações. No campo, a permanência de latifúndios improdutivos soma-se às reivindicações crescentes dos trabalhadores rurais sem-terra e fazem da reforma agrária uma das questões mais discutidas do país (MOA, 2005, p. 46).

### **ÁREA E POPULAÇÃO**

O Brasil é o maior país da América do Sul e da América Latina, e o quinto maior do mundo em área territorial (8.515.767,049 km<sup>2</sup>). Além disso, é o sexto maior país do mundo em população (mais de 208 milhões de habitantes).



### **Tchê Sabia!**

De 2010 a 2022, a taxa de crescimento anual da população do país foi de 0,52%. Trata-se da menor taxa desde o primeiro Censo do Brasil, em 1872.

A região Sudeste tem 84,8 milhões de habitantes, o que representa 41,8% da população do país. Os três estados brasileiros mais populosos - São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro - concentram 39,9% da população brasileira.



## ESTADOS E SUAS CAPITAIS

O Brasil possui **27 capitais** que estão espalhadas pelas **5 regiões do País**: norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste. No total, o País é composto por **26 estados e 1 Distrito Federal**. A capital do Brasil é Brasília.

Cada Estado brasileiro possui uma capital. Geralmente, as capitais são consideradas as maiores cidades, as mais desenvolvidas, com mais ofertas de trabalho e que recebem mais recursos públicos.

Confira abaixo a tabela das capitais do Brasil com os estados, as respectivas siglas e as regiões:

| Capitais       | Estados             | Siglas dos Estados | Regiões      |
|----------------|---------------------|--------------------|--------------|
| Rio Branco     | Acre                | AC                 | Norte        |
| Maceió         | Alagoas             | AL                 | Nordeste     |
| Macapá         | Amapá               | AP                 | Norte        |
| Manaus         | Amazonas            | AM                 | Norte        |
| Salvador       | Bahia               | BA                 | Nordeste     |
| Fortaleza      | Ceará               | CE                 | Nordeste     |
| Brasília*      | Distrito Federal    | DF                 | Centro-Oeste |
| Vitória        | Espírito Santo      | ES                 | Sudeste      |
| Goiânia        | Goiás               | GO                 | Centro-Oeste |
| São Luís       | Maranhão            | MA                 | Nordeste     |
| Cuiabá         | Mato Grosso         | MT                 | Centro-Oeste |
| Campo Grande   | Mato Grosso do Sul  | MS                 | Centro-Oeste |
| Belo Horizonte | Minas Gerais        | MG                 | Sudeste      |
| Belém          | Pará                | PA                 | Norte        |
| João Pessoa    | Paraíba             | PB                 | Nordeste     |
| Curitiba       | Paraná              | PR                 | Sul          |
| Recife         | Pernambuco          | PE                 | Nordeste     |
| Teresina       | Piauí               | PI                 | Nordeste     |
| Rio de Janeiro | Rio de Janeiro      | RJ                 | Sudeste      |
| Natal          | Rio Grande do Norte | RN                 | Nordeste     |
| Porto Alegre   | Rio Grande do Sul   | RS                 | Sul          |



| Capitais      | Estados        | Siglas dos Estados | Regiões  |
|---------------|----------------|--------------------|----------|
| Porto Velho   | Rondônia       | RO                 | Norte    |
| Boa Vista     | Roraima        | RR                 | Norte    |
| Florianópolis | Santa Catarina | SC                 | Sul      |
| São Paulo     | São Paulo      | SP                 | Sudeste  |
| Aracaju       | Sergipe        | SE                 | Nordeste |
| Palmas        | Tocantins      | TO                 | Norte    |

\*a rigor, Brasília não é uma cidade, portanto, não é capital do DF. A Constituição Federal proíbe a divisão de Brasília em cidades, o que pode ser observado pela inexistência de um prefeito municipal. Brasília é, na realidade, sede do Governo do Distrito Federal e também sede do Governo Federal

### **A capital do Brasil**

A primeira capital do Brasil foi Salvador, na Bahia, de 1549 a 1763, pois o nordeste foi a primeira região a ser colonizada, e também devido ao sucesso do ciclo da cana-de-açúcar na região nordeste.

Em 1763, a capital passou a ser o Rio de Janeiro, pois a cana já não apresentava tantos ganhos, e a descoberta do ouro em Minas Gerais fez com que fosse necessário investir no litoral da região sudeste.

Em 1960, tivemos uma nova mudança: a capital passou a ser Brasília. O presidente da época, Juscelino Kubitschek, tinha a ideia de povoar a região central do Brasil, e, para isso, planejou a construção de Brasília. Além disso, ter uma capital exposta no litoral era perigoso em caso de possíveis invasões.

### **LIMITES TERRITORIAIS**

O Tratado de Tordesilhas, em 1494, foi a primeira divisão conceitual do território entre Portugal e Espanha para separar as terras que seriam exploradas. O tratado de Madri, em 1750, foi um dos acordos que formalizou essa divisão levando em consideração a exploração e o povoamento da nação colonizadora. No século XIX a diplomacia brasileira trabalhou para concluir as delimitações do território.

Grande parte das fronteiras terrestres brasileiras estabeleceram-se no Império. Os limites entre Brasil e Uruguai foram estabelecidos em 1851. Em 1859 definiu-se a fronteira do país com a Venezuela e em 1867 foi a vez da Bolívia. Os limites entre Brasil e Paraguai foram firmados com o Tratado de Paz, em 1872, ao término da Guerra do Paraguai.

Existiram ainda muitas disputas territoriais, como é o caso da porção onde se localiza o Amapá e que foi reivindicado pela França, sendo resolvida em 1900 com a delimitação da fronteira com a Guiana Francesa. O território do Acre pertencia à Bolívia, mas foi ocupado por seringueiros vindos de outras partes do Brasil. Os limites entre os dois países só foram estabelecidos em 1903 com o Tratado de Petrópolis.



Questões fronteiriças entre o Brasil e os outros países da América do Sul, como Venezuela, Suriname, Colômbia e Peru, ainda foram discutidas no período entre 1904 e 1909.

### Como são demarcadas as fronteiras?

A definição de uma fronteira política baseia-se na realização de acordos entre representantes dos territórios envolvidos. Entretanto, muitas surgiram a partir de conflitos e disputas. Após isso, a cartografia da fronteira é elaborada com a delimitação acordada. Por fim, a demarcação é realizada com a inserção de marcos para concretização física da fronteira.

O Brasil apresenta fronteiras terrestres com 9 países da América do Sul: Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Suriname e Guiana.

O país também apresenta limites com o Departamento Ultramarino Francês da Guiana, que é conhecido como Guiana Francesa. Portanto, apenas Chile e Equador não possuem fronteiras com o território brasileiro.

Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, publicada no Diário Oficial da União nº 94, de 19 de maio de 2020, o Brasil apresenta extensão territorial de 8.510.295,914 km<sup>2</sup>. Isso representa cerca de 47% da porção centro-oriental da América do Sul.

A extensão das fronteiras terrestres brasileiras é a terceira maior do mundo, atrás apenas de China e Rússia. Trata-se de 1,4 milhão de km<sup>2</sup> de área total em mais de 15 mil km de comprimento e 150 km de largura de faixa. A costa brasileira apresenta uma fronteira marítima de 7.367 Km<sup>2</sup> com o Oceano Atlântico.





Segundo o IBGE, dos 5 568 municípios brasileiros cerca de 588 fazem fronteira com outros países.

Confira a seguir os territórios da América do Sul e com quais estados brasileiros se limitam:

- **Argentina:** 1.261,3 km de fronteira entre Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
- **Bolívia:** 3.423,2 km de fronteira entre Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.
- **Colômbia:** 1.644,2 km de fronteira com Amazonas.
- **Guiana:** 1.605,8 km de fronteira entre Roraima e Pará.
- **Guiana Francesa:** 730,0 km de fronteira com Amapá.
- **Paraguai:** 1.365,4 km de fronteira entre Paraná e Mato Grosso do Sul.
- **Peru:** 2.995,3 km de fronteira entre Acre e Amazonas.
- **Suriname:** 593,0 km de fronteira entre Amapá e Pará.
- **Uruguai:** 1.068,1 km de fronteira com Rio Grande do Sul.
- **Venezuela:** 2.199,0 km de fronteira entre Amazonas e Roraima.

Ao todo, 11 estados brasileiros fazem divisa com outros países. De acordo com os dados, a Bolívia é o país que apresenta o maior trecho de fronteira com o Brasil e o Suriname é o que apresenta a menor.

As disposições sobre a faixa de fronteira do país estão estabelecidas pela Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, e sobre o mar territorial constam na Lei Nº 8.617, de 4 de janeiro de 1993

A fiscalização das fronteiras é responsabilidade da Polícia Federal. Entre suas ações destacam-se vigilância da entrada e saída de pessoas, meios de transporte e investigações para combate ao crime. A Receita Federal é responsável pela fiscalização e controle aduaneiro.

Os principais problemas observados nas fronteiras são: imigração ilegal, contrabando, principalmente de produtos falsificados, tráfico de drogas e armas, entre outros. Infelizmente, o policiamento para patrulhar a região de fronteira do Brasil é abaixo do necessário em relação à sua extensão.

## **SIMBOLOS OFICIAIS**

Os Símbolos Oficiais Nacionais - BANDEIRA, BRASÃO, SELO E HINO - implementados pela Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, representam a união do nosso país.

Incluídos na Constituição, eles possuem um grande valor histórico e identificam a nação brasileira. Juntos, eles assinalam o sentimento de união da nação, bem como a soberania do país.

Todos os países do mundo possuem símbolos nacionais. Eles são usados em eventos (cerimônias, eventos esportivos, etc.) e documentos oficiais.

Vale lembrar que o Dia dos Símbolos Nacionais é comemorado no dia 18 de setembro.



## **Bandeira Nacional**

A bandeira nacional foi Instituída no dia 19 de novembro de 1889. Ela é composta de um retângulo verde, um losango amarelo sobreposto e um círculo azul com estrelas brancas, do qual está atravessada uma faixa branca com o lema nacional positivista: “Ordem e Progresso”.

As cores da bandeira - o verde e o amarelo - são herdados da bandeira imperial, e significam a Casa de Bragança (verde) e a de Habsburgo (amarelo).

Além disso, as cores fazem referência às riquezas do nosso país: verde das matas e florestas, amarelo do ouro, azul do céu.

As estrelas simbolizam as 27 unidades federativas do país (26 estados e o Distrito Federal).

A disposição delas representa a constelação Cruzeiro do Sul, no dia 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, quando foi Proclamada a República do país.

Todas as semanas, nas escolas públicas e particulares, a bandeira nacional deve ser hasteada, lei que entrou em vigor a partir de 2009. Lembre-se que o Dia da Bandeira Nacional é comemorado em 19 de novembro.



## **Armas Nacionais**



As Armas Nacionais, ou o Brasão da República, foi criado pelo engenheiro Artur Zauer no governo do Marechal Deodoro da Fonseca. É uma figura usada nos prédios públicos.

Seu uso é obrigatório pelas Forças Armadas e os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. O Brasão é representado por um escudo redondo azul celeste, o qual está apoiado numa estrela de cinco pontas. No centro, tem a constelação Cruzeiro do Sul que está sobre uma espada.

Em cima da espada está escrito “República Federativa do Brasil”, do lado esquerdo “15 de novembro”, e “de 1889”, à direita. Ao redor, está uma coroa formada de um ramo de café à direita e outro de fumo florido à esquerda.



## Selo Nacional

Criado no governo de Marechal Deodoro da Fonseca, o selo nacional é usado em documentos oficiais (cartas, diplomas, certificados, etc.) com o intuito de autenticar atos do governo.

Ele é representado por uma esfera com as estrelas da bandeira que indicam as 27 unidades federativas do país.

Possui a inscrição "República Federativa do Brasil" e no meio uma faixa branca com o lema nacional: "Ordem e Progresso".



## Hino Nacional

Para comemorar a Independência do Brasil (1822), o hino nacional brasileiro foi composto por Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927) e Francisco Manuel da Silva (1795-1865).

Ele é cantado em uníssono nas aberturas de eventos cívicos, patrióticos, culturais, esportivos, escolares e religiosos.

Assim, além de hastearem a bandeira, o hino nacional deve ser cantado pelo menos uma vez por semana nas escolas públicas e particulares de todo país.

O dia do hino nacional é comemorado em 13 de abril.

### Letra do Hino Nacional Brasileiro

#### Parte I

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heroico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.  
Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!  
Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!  
Brasil, um sonho intenso, um raio vívido,  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.  
Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza.  
Terra adorada  
Entre outras mil  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo  
És mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!



## Tchê Sabia!

Qual o significado de diversas palavras consideradas "difíceis" no Hino Nacional brasileiro e que a maioria das pessoas não sabem o que significa. Confere aqui:

- "plácidas"= calmas
- "brado retumbante"= grito forte, que causa eco
- "raios fúlgidos"= raios brilhantes
- "penhor"= garantia
- "límpido" = puro, claro, transparente; que não está poluído
- "impávido colosso"= colosso/gigante destemido, que não sofre abalo
- "espelha" = reflete



## Parte II

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
 Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
 Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
 Iluminado ao sol do Novo Mundo!  
 Do que a terra, mais garrida,  
 Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
 "Nossos bosques têm mais vida",  
 "Nossa vida" no teu seio "mais amores."  
 Ó Pátria amada,  
 Idolatrada,  
 Salve! Salve!  
 Brasil, de amor eterno seja símbolo  
 O lábaro que ostentas estrelado,  
 E diga o verde-louro dessa flâmula  
 - "Paz no futuro e glória no passado."  
 Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
 Verás que um filho teu não foge à luta,  
 Nem teme, quem te adora, a própria morte.  
 Terra adorada,  
 Entre outras mil,  
 És tu, Brasil,  
 Ó Pátria amada!  
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
 Pátria amada,  
 Brasil!



## Tchê Sabia!

Qual o significado de diversas palavras consideradas "difíceis" no Hino Nacional brasileiro e que a maioria das pessoas não sabem o que significa. Confere aqui:

- "**fulguras, ó Brasil, florão da América**"= brilha, ó Brasil, como a grande flor da América
- "**lábaro**" e "**flâmula**"= bandeira
- "**clava forte**"= força da justiça
- "**Garrida**" = que tem elegância, graça; que tem muitos adornos, enfeites; janota, casquilho; que é vivo, alegre, animado; que atrai atenções; vistoso.

## PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRAFICAS

A Bacia Hidrográfica, também chamada de Bacia de Drenagem, é uma região caracterizada pela captação de água da chuva que escoam pela chamada "rede de drenagem" (rede hidrográfica). Assim, formam-se os cursos de água como riachos, córregos, ribeirões e os rios, seus afluentes e subafluentes.

Em síntese, a bacia hidrográfica corresponde a uma área drenada por um rio e seus afluentes. Importante destacar que dois aspectos são primordiais para a constituição das bacias hidrográficas: o relevo e a hidrografia.



As bacias são separadas por um divisor de águas. Geralmente trata-se de um relevo mais elevado que separa as nascentes e direciona os fluxos de água da chuva para os rios de uma ou de outra bacia.



O Brasil possui 12 regiões hidrográficas, das quais oito Bacias Hidrográficas se destacam:

### **Bacia Amazônica**

Maior bacia hidrográfica do mundo, localizada na região norte do país, com aproximadamente 7 milhões de Km<sup>2</sup> de extensão, no qual cerca de 4 milhões de Km<sup>2</sup> estão no território brasileiro. O principal rio da Bacia Amazônica é o rio Amazonas, sendo seus principais afluentes os rios: Negro, Solimões, Madeira, Purus, Tapajós, Branco, Juruá, Xingu e Japurá.

### **Bacia do Tocantins-Araguaia**

Maior bacia hidrográfica totalmente brasileira, a bacia do Tocantins-Araguaia, está localizada nas regiões norte e central do país e possui cerca de 2.500 km. Sua denominação advém da união dos nomes dos dois rios mais importantes da bacia: o Araguaia e o Tocantins.

### **Bacia do Rio Parnaíba**

Localizada na região nordeste do país, a bacia do rio Parnaíba possui cerca de 340 mil Km<sup>2</sup> de extensão. O principal rio é o Parnaíba e seus afluentes que merecem destaque são: Parnaíbinha, Gurguéia, Balsas, Medonho, Uruçuí-Preto, Poti, Canindé e Longa.

### **Bacia do Rio São Francisco**

Localizada na região sudeste (Minas Gerais) e, em maior parte, na região nordeste do país, a bacia do rio São Francisco possui aproximadamente 640 mil Km<sup>2</sup> de extensão. Seu principal rio é o rio São Francisco, popularmente chamado de “Velho Chico”, sendo seus principais afluentes os rios: Pardo, Paraopeba, Jequitáia, Pará, Abaeté, Grande, Verde e das Velhas.

### **Bacia do Paraná**

Localizada na região sudeste e sul do Brasil, a bacia do Paraná possui cerca de 800 mil Km<sup>2</sup> de extensão. O principal rio é o Paraná que recebe as águas de muitos afluentes com destaque para os rios: Grande, Tietê, Paranapanema.

### **Bacia do Rio Paraguai**

Localizada na região centro oeste do país, a bacia do Paraguai possui cerca de 1.100.000 Km<sup>2</sup> de extensão. O principal rio é o Paraguai, um dos afluentes do rio Paraná.



## **Tchê Sabia!**

### **Tipos de bacias**

Existem diferentes tipos de bacias hidrográficas, cada um com suas características específicas:

- **Bacias Endorreicas:** não possuem saída para o mar ou oceano. A água se acumula em lagos, lagoas ou pântanos dentro da própria bacia. Um exemplo conhecido é a Bacia do Mar Morto, localizada entre Israel, Jordânia e Palestina.

- **Bacias Exorreicas:** possuem uma saída para o mar ou oceano. A água coletada de diferentes fontes, como rios e afluentes, flui para um rio principal que deságua no mar. Por exemplo, a Bacia Amazônica, que abrange vários países sul-americanos e deságua no Oceano Atlântico.

- **Bacias Arreicas:** São bacias que não possuem um único rio principal para escoar a água coletada. Em vez disso, a água se acumula em lagos ou se infiltra no solo, sem chegar ao mar. Esse tipo de bacia é comum em regiões áridas ou semiáridas, onde a evaporação é alta e as precipitações são escassas. A Bacia do Rio Colorado, nos Estados Unidos, é um exemplo de bacia arreica.

- **Bacias Criptorreicas:** São bacias que não possuem um escoamento superficial óbvio. A água é retida no subsolo, fluindo em camadas profundas ou alimentando aquíferos. Um exemplo é a Bacia do Aquífero Guarani, localizada na América do Sul, abrangendo partes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.



### Bacia do Rio Paraíba do Sul

Localizada na região sudeste, a Bacia do rio Paraíba do Sul possui cerca de 60 mil Km<sup>2</sup> de extensão. Seu principal rio é o Paraíba do Sul, que banha os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Seus principais afluentes são os rios: Paraibuna, Jaguari, Buquira, Pomba, Piabanha e Muriaé.

### Bacia do Rio Uruguai

Localizada na região sul do Brasil, a bacia do rio Uruguai possui aproximadamente 385 mil Km<sup>2</sup> de extensão, donde 180.000 Km<sup>2</sup> estão no território brasileiro. Seu principal rio é o Uruguai com destaque para seus afluentes: Peixe, Chapecó, Peperi-Guaçu, Passo Fundo, Ijuí, Negro e da Várzea.

### Bacia Platina

A Bacia do rio da Prata (Bacia Platina), formada pelas Bacias do Uruguai, Paraná e Paraguai, é considerada uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, com cerca de 3 milhões Km<sup>2</sup> de extensão, sendo 1,4 milhão Km<sup>2</sup> em território brasileiro.

## CLIMA, RELEVO E VEGETAÇÃO

### Clima do Brasil

A maior parte do território brasileiro encontra-se nas áreas de baixas latitudes, entre o Equador e o Trópico de Capricórnio. Por essa razão, predominam os climas quentes e úmidos.

Com relação à umidade o clima apresenta algumas diferenças de uma área para outra, desde o superúmido - quando a quantidade de chuva é superior a 2.500 milímetros anuais, até o semiárido - quando a quantidade de chuva situa-se entre 300 e 600 milímetros anuais.



### Tipos de Climas do Brasil

As regiões brasileiras apresentam 6 tipos de climas classificados com relação às "zonas térmicas" da Terra, são eles:

- Equatorial
- Tropical
- Tropical Semiárido
- Tropical de Altitude
- Tropical Litorâneo
- Subtropical



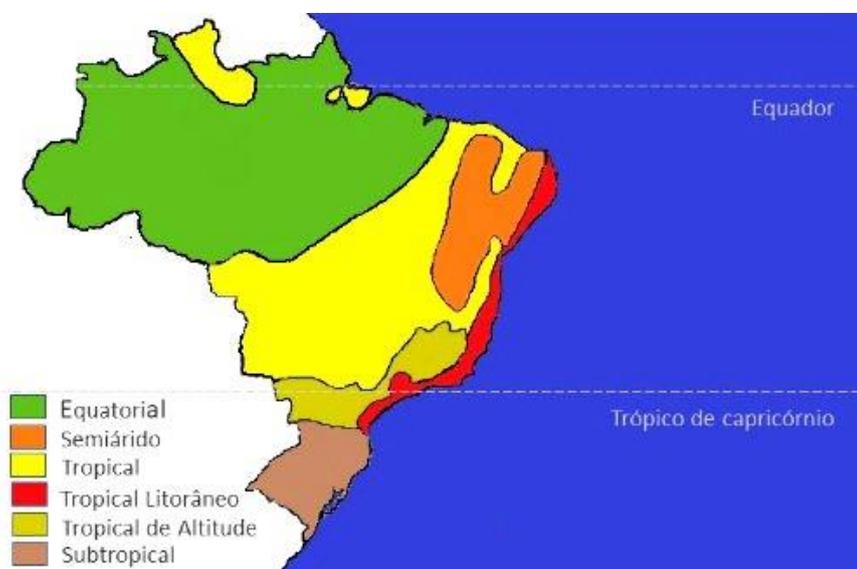
### Clima Equatorial

O clima equatorial é encontrado em regiões localizadas nas proximidades da linha do Equador. Apresenta temperaturas elevadas e grande quantidade de chuvas durante a maior parte do ano. Portanto, o clima equatorial se apresenta quente e úmido. Ele predomina em toda a Região Norte e em parte do Centro-Oeste.

A temperatura média anual é superior a 25 °C, e a amplitude térmica anual (diferença entre a máxima e a mínima temperatura) é pequena. O regime de chuvas varia de acordo com a ação das massas de ar. No inverno, a região pode receber a influência de frentes frias, em decorrência do movimento de massas de ar vindas do polo. Nessas ocasiões, ocorre o fenômeno chamado de friagem, com a queda brusca de temperatura que pode chegar a 10 °C.

### Clima Tropical

O clima tropical é encontrado na região central do Brasil, com maior predominância na Região Centro-Oeste. Esse clima apresenta duas estações bem definidas: inverno com temperaturas amenas e seco, e verão quente e chuvoso. As temperaturas médias anuais são superiores a 18 °C e amplitude térmica anual de até 7 °C. As chuvas variam de 1.000 a 1.500 mm/ano. Quanto a umidade, na região central do país predomina o clima semi-úmido.



### Clima Tropical Semiárido

O clima tropical semi-árido é típico das Região Nordeste do Brasil, compreende uma área com chuvas e outra onde as chuvas são raras e ocorrem as temperaturas mais altas do país. Apresenta temperaturas médias anuais em torno de 27 °C e amplitude térmica ao redor de 5 °C. As chuvas, além de irregulares, não excedem os 800 mm/ano. Compreende a região do Polígono das Secas.

### Clima Tropical de Altitude

O clima tropical de altitude predomina nas áreas serranas da Região Sudeste. Por causa da altitude mais

elevada, apresentam as temperaturas mais baixas de todo o domínio tropical, com média inferior a 18 °C. Apresenta ainda amplitude térmica anual entre 7 °C e 9 °C, com regime de chuvas semelhante ao do clima tropical. A entrada de frentes frias no inverno pode provocar geadas.

### Clima Tropical Litorâneo

O clima tropical litorâneo predomina em grande parte do litoral do país, se estende desde o Rio Grande do Norte até o estado do Rio de Janeiro. Influenciado pela atuação da massa de ar Tropical Atlântica, o clima nessa região é quente e chuvoso. Com temperaturas médias anuais entre 18 °C e 26 °C e índice pluviométrico de cerca de 1.500 mm/ano. Sendo que no litoral do Nordeste as chuvas são mais intensas no outono e no inverno. No litoral do sudeste, são mais fortes no verão.

### Clima Subtropical

O clima subtropical ocorre na Região Sul do país, abaixo do Trópico de Capricórnio, e daí seu nome Subtropical. O clima subtropical apresenta duas estações do ano bem demarcadas: verão quente e inverno rigoroso, quando podem ocorrer geadas ou neve. As chuvas são bem distribuídas ao longo do ano, entre 1.500 mm e 2.000 mm/ano. As temperaturas médias anuais quase sempre ficam abaixo de 18 °C, com amplitudes térmicas entre 9 °C e 13 °C.



## Relevo do Brasil

O relevo brasileiro é caracterizado por baixas e médias altitudes. As formas de relevo predominantes são os planaltos e as depressões (formações de origem cristalina e sedimentar). Ambos ocupam cerca de 95% do território, enquanto as planícies, de origem sedimentar, ocupam aproximadamente 5%.

Assim, cerca de 60 % do território é formado por bacias sedimentares, enquanto cerca 40% por escudos cristalinos.

### Classificação do Relevo

A classificação atual do relevo brasileiro foi criada pelo professor Jurandyr Ross. As três formas de relevo predominantes no Brasil são:

### Planalto

Também chamados de platôs, os planaltos são terrenos elevados e planos, com altitudes variáveis e onde predomina o desgaste erosivo.

Quanto à isso, são classificados de acordo com formação geológica:

- Planalto Sedimentar (formados por rochas sedimentares)
- Planalto Cristalino (formados por rochas cristalinas)
- Planalto Basáltico (formados por rochas vulcânicas)

### Planaltos do Brasil

No território brasileiro há um predomínio de planaltos. Esse tipo de relevo ocupa cerca de 5.000.00 km<sup>2</sup> da área total do país, do qual as formas mais comuns são os picos, serras, colinas, morros e chapadas. Formado pelo Planalto Central, Planalto das Guianas, Planalto Meridional, Planalto Nordeste, Serras e Planaltos do Leste e Sudeste, Planaltos do Maranhão-Piauí e Planalto Uruguaio-Rio-Grandense.



### Planalto Central

O planalto central está localizado nos Estados de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O local possui grande potencial elétrico com presença de muitos rios, donde se destacam os rios São Francisco, Araguaia e Tocantins. Além disso, há o predomínio de vegetação do cerrado. Seu ponto de maior altitude é a Chapada dos Veadeiros, localizada no estado de Goiás e com altitudes que variam de 600 m a 1650 m.

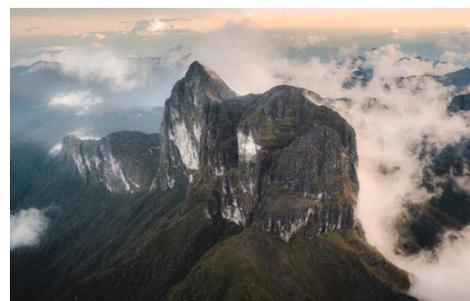


### Planalto das Guianas

Localizado nos estados do Amazonas, Pará, Roraima e Amapá, o planalto das guianas é uma das formações geológicas mais antigas do planeta.

Ele se estende também pelos países vizinhos: Venezuela, Colômbia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Formado em sua maioria, por vegetação tropical (Floresta Amazônica) e serras.

É aqui que se encontra o ponto mais alto do relevo brasileiro, ou seja, o **Pico da Neblina** com cerca de 3.000 metros de altitude, localizado na Serra do Imeri, no Estado do Amazonas. Outro ponto alto do planalto brasileiro é o Pico da Bandeira com cerca de 2.995 metros, localizado nos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, na serra do Caparaó.



### Planalto Meridional

Localizado, em sua grande maioria, no sul do país, o planalto meridional estende-se também pelas regiões do centro-oeste e sudeste no Brasil.

### Planície

Terrenos planos e com altitudes baixas, nos quais predominam o processo de acumulação de sedimentos. Assim, podem ser:

- Planície Costeira (constituídas pela ação do mar)
- Planície Fluvial (constituídas pela ação de um rio)
- Planície Lacustre (constituídas pela ação de um lago)

### Depressões

As depressões são formadas pelo processo de erosão, as depressões são terrenos relativamente inclinados e baixos.

São classificadas em:

- Depressões Absolutas (localizadas abaixo do nível do mar).
- Depressões Relativas (altitudes menores do que o relevo que está ao seu redor).

### Depressões do Brasil

No Brasil, nós temos um total de 11 depressões diferentes, todas elas consideradas depressões relativas. As principais formas de depressão são:

#### Depressão Marginal Norte e Sul-Amazônica

Estas duas depressões são localizadas, respectivamente, ao norte e ao sul do Rio Amazonas. São importantes porque comportam o principal bioma do Brasil, a Floresta Amazônica.

Além disso, é uma região onde existe um grande interesse nas atividades econômicas, como mineração e pecuária. Portanto, nestes locais, ocorre um número cada vez maior de conflitos entre garimpeiros e povos tradicionais



### **Depressão Periférica da Borda Leste da Bacia do Paraná**

Abrange o interior dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, além de uma pequena porção do sul de Minas Gerais. É uma região extremamente populosa e urbanizada, além de ser a região mais rica do país.

### **Depressão Sertaneja e do Rio São Francisco**

É o relevo onde se localiza a Caatinga, sendo considerada a região mais seca do país. A população é predominantemente rural e vive da criação de animais e agricultura em pequenas propriedades. A desigualdade social é a marca registrada da região, no entanto, desde a transposição do Rio São Francisco, as condições de plantio melhoraram na região, e hoje ela é considerada um dos principais polos de produção de frutas do país.

### **Planícies do Brasil**



#### **Planície do Pantanal**

As planícies do Brasil ocupam cerca de 3.000.000 km<sup>2</sup> de todo o território, sendo as principais:

#### **Planície Amazônica**

Localizada no estado de Rondônia, esse tipo de relevo caracteriza a maior área de terras baixas no Brasil. As formas mais recorrentes são a região de várzeas, terraços fluviais (tesos) e baixo planalto.

#### **Planície Litorânea**

Também chamada de planície costeira, a planície litorânea é uma faixa de terra situada na região costeira do litoral brasileiro, que possui aproximadamente 600 km.

### **Montanhas**

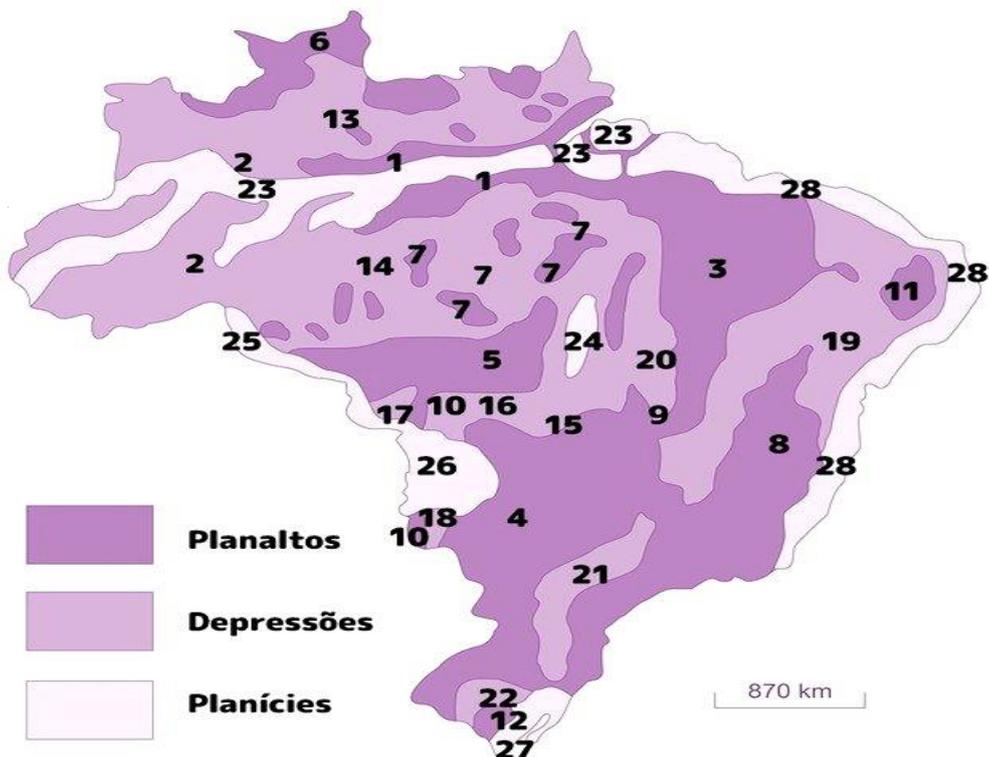
São relevos que se formam a partir do contato entre placas tectônicas. Como o Brasil se encontra no meio da placa sul-americana, não existe atividade tectônica de grande intensidade, portanto, não há montanhas. Os relevos elevados do Brasil, como o Pico da Neblina e o Pico da Bandeira, são, na realidade, planaltos antigos que estão se desgastando e perdendo altitude com o passar do tempo.

### **História**

Primeiramente, lembre-se que o relevo constitui as formas da superfície terrestre, formados pela movimentação das placas tectônicas, vulcanismo. São estruturas decorrentes de fatores internos e externos à crosta terrestre. No começo da década de 90, o geógrafo e professor brasileiro Jurandy Ross, propôs a mais nova sistematização do relevo brasileiro.

Segundo ele, o país reúne 28 unidades de relevo, classificado de acordo com suas três formas principais: planalto, planície e depressão.

Contudo, a primeira classificação do relevo brasileiro foi proposta pelo geógrafo brasileiro Aroldo Azevedo (1910-1974), em 1949, baseada na altimetria do território. Era dividido em planícies e planaltos, formada por 8 unidades de relevo. Por conseguinte, no final dos anos 50, Aziz Nacib Ab'Saber (1924-2012) enfocou nos processos de erosão e sedimentação que classificam as planícies e os planaltos do Brasil.



### PLANALTOS

#### Bacias sedimentares

- 1 Planalto da Amazônia Oriental
- 3 Planaltos e Chapadas da Bacia do Parnaíba
- 4 Planaltos e Chapadas da Bacia do Paraná

#### Intrusões e coberturas residuais de plataforma

- 5 Planalto e Chapada dos Parecis
- 6 Planaltos Residuais Norte-Amazônicos
- 7 Planaltos Residuais Sul-Amazônicos

#### Citurões orogênicos

- 8 Planaltos e Serras do Atlântico Leste-Sudeste
- 9 Planaltos e Serras de Goiás-Minas
- 10 Serras Residuais do Alto Paraguai

#### Núcleos cristalinos arqueados

- 11 Planalto de Borborema
- 12 Planalto Sul-Rio-Grandense

### DEPRESSÕES

- 2 Depressão da Amazônia ocidental
- 13 Depressão Marginal Norte-amazônica
- 14 Depressão Marginal Sul-Amazônica
- 15 Depressão do Araguaia
- 16 Depressão Cuiabana
- 17 Depressão do Alto Paraguai-Guaporé
- 18 Depressão do Miranda
- 19 Depressão Sertaneja e do São Francisco
- 20 Depressão do Tocantins
- 21 Depressão Periférica da Borda Leste da Bacia do Paraná
- 22 Depressão Periférica Sul-Rio Grandense

### PLANÍCIES

- 23 Planície do Rio Amazonas
- 24 Planície do Rio Araguaia
- 25 Planície e Pantanal do Rio Guaporé
- 26 Planície e Pantanal Mato-Grossense
- 27 Planície da Lagoa dos Patos e Mirim
- 28 Planícies e Tabuleiros Litorâneos



## ATIVIDADES ECONÔMICAS (AGRICULTURA, PECUÁRIA, MINERAÇÃO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO)

### Economia do Brasil

A economia brasileira é considerada, em 2018, a nona economia mundial e a primeira da América Latina, segundo dados do FMI. O PIB do Brasil é estimado em 2,14 trilhões de dólares. O país atingiu o posto de sétima economia mundial em 1995 e se manteve entre as dez primeiras economias desde então. Importante lembrar que os indicadores econômicos não refletem, necessariamente, bons indicadores sociais.

### Economia do Brasil Atual

A economia brasileira atual é diversificada e abrange os três setores: primário, secundário e terciário. O País há muito abandonou a monocultura ou o direcionamento unicamente para um tipo de indústria.

Hoje, a economia brasileira é baseada na produção agrícola, o que faz do Brasil um dos principais exportadores de soja, frango e suco de laranja do mundo. Ainda é líder na produção de açúcar e derivados da cana, celulose e frutas tropicais.

Igualmente, possui uma importante indústria de carne, com a criação e abate de animais, ocupando o posto de terceiro produtor mundial de carne bovina.

Confira os dados da EcoAgro, de 2012, sobre a agroindústria brasileira:



Em termos de indústria de transformação, o Brasil se destaca na produção de peças para abastecimento dos setores automotivos e aeronáuticos.

Da mesma forma é um dos principais produtores de petróleo do mundo, dominando a exploração de petróleo em águas profundas. Mesmo assim é destaque na produção de minério de ferro.

A ampla extensão territorial do Brasil permite inúmeras possibilidades no que diz respeito às atividades econômicas. Sendo assim, o Brasil desenvolve em seu território atividades dos setores primário, secundário e terciário.

### Setor Primário

Setor que tem sua produção através da exploração de recursos da natureza. Podemos citar como exemplos: atividades de agricultura, pecuária, extrativismo vegetal, caça, pesca e mineração, tem como destaque a agropecuária. Essa atividade, que faz uso do solo para o cultivo de plantas e a criação de animais, é responsável por cerca de 27% do PIB país. Neste setor, o Brasil é líder mundial em vários setores.



### **Setor Secundário**

É o setor da economia que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário), em produtos industrializados (roupas, máquinas, automóveis, alimentos industrializados, eletrônicos, casas, etc). A indústria é também um setor de grande importância na formação da riqueza nacional. Com destaque na produção de bens de capital, ela tem na região Sudeste, em especial a Região Metropolitana de São Paulo, a maior concentração do país.

### **Setor Terciário**

Setor econômico relacionado aos serviços, é o destaque do país, sendo responsável por mais da metade do seu Produto Interno Bruto e pela geração de 75% de seus empregos referindo-se à venda de produtos e aos serviços comerciais oferecidos à população, o setor terciário é ainda uma das razões do aumento da competitividade interna e externa do Brasil sendo então um grande propulsor da economia do país.

### **Agricultura**

A agricultura é uma atividade econômica pautada no sistema de cultivo e de produção de vegetais, voltada para o consumo humano.

Essa atividade é muito antiga marcada no momento que o homem, de vida nômade, decide fixar-se num local e cultivar a terra.

### **Sistemas Agrícolas**

A atividade agrícola engloba dois sistemas básicos de plantio:

- **Agricultura Extensiva:** baixa produtividade, pequenas extensões de terra (minifúndios), utilização de técnica simples ou mais rudimentares.
- **Agricultura Intensiva:** alta produtividade, grandes extensões de terra (latifúndios), utilização de técnicas modernas e mecanização.

### **Tipos de Agricultura**

#### **Agricultura de Subsistência**

Também chamada de “agricultura tradicional”, a agricultura de subsistência é marcada por uma economia agrícola fechada, de autoconsumo.

O cultivo é baseado na policultura e realizado a partir de técnicas rudimentares em pequenas propriedades e sem auxílio de máquinas ou de processo de adubagem.

Dessa maneira, os pequenos produtores ficam encarregados de cuidar, cultivar e colher os alimentos.

#### **Agricultura Orgânica (Biológica)**

Surgida no século XX, a agricultura orgânica, chamada de “cultivo verde”, visa, principalmente, o equilíbrio ambiental e o desenvolvimento social dos produtores.

Está intimamente relacionada ao desenvolvimento sustentável. Dessa forma, os alimentos orgânicos são cultivados por meio de um controle biológico de pragas.

Técnicas de baixo impacto ambiental são utilizadas nesse sistema, como a rotação de culturas, uso de adubo verde (biológico) e compostagem de matéria orgânica.

#### **Agricultura Comercial**

Chamada de "agricultura moderna" ou de mercado, nesse tipo de atividade pratica-se a monocultura (cultivo de um tipo de alimento).

Está voltada essencialmente, para a comercialização dos produtos cultivados, sendo produzida em larga escala, executada em grandes propriedades com a utilização de substâncias, como adubos, fertilizantes químicos, agrotóxicos e inseticidas.



Além de utilizar técnicas modernas de cultivo, manipulação genética de sementes e máquinas, utilizam mão-de-obra especializada, como engenheiros, agrônomos e técnicos agrícolas.

### **Permacultura**

Designa o processo agrícola integrado ao meio ambiente que envolve a produção de plantas semi-permanentes e permanentes, considerando, sobretudo, os aspectos energéticos e paisagísticos.

### **Agropecuária**

Corresponde a união das atividades agrícola e pecuária, ou seja, o cultivo do campo e a criação de animais, ambos destinados ao consumo.

### **Agricultura no Brasil**

Desde a colonização a agricultura foi a principal atividade econômica para a produção de alimentos no país. Até os dias atuais, o Brasil lidera no ranking, sendo um dos maiores produtores de alimentos do mundo.

Os produtos mais produzidos no Brasil são: cana de açúcar, soja, café, laranja, cacau, milho, arroz, trigo e algodão.

### **Impactos Ambientais**

Decerto que a atividade agrícola gera alguns problemas ambientais desde as queimadas para a preparação do terreno, o que acarreta na diminuição de espécies vegetais e animais, desequilibrando o ecossistema.

Além disso, problemas como a contaminação do solo, destruição da biodiversidade, das florestas e erosão do solo, são alguns dos impactos ambientais causados por esse tipo de atividade.

### **Curiosidades**

- A palavra "**AGRICULTURA**" vem do latim, composta pelos termos "agru" que significa "terra cultivada ou cultivável" e "colere" (cultura), que corresponde a "cultivo".
- **AGRONOMIA** é a ciência que estuda as técnicas de cultivo das plantas e o solo.
- O "**DIA MUNDIAL DA AGRICULTURA**" é comemorado 20 de março.

### **Pecuária**

A pecuária corresponde a uma atividade econômica voltada para a criação de gado em áreas rurais, com finalidade de produzir alimentos para o consumo humano e outras matérias primas, sendo considerada uma das mais antigas atividades da humanidade.

Decerto anterior à agricultura, essa modalidade já existe desde o período neolítico, onde os homens já praticavam a criação e a domesticação do gado, para a obtenção de alimentos. Atualmente os principais produtos provenientes da atividade pecuarista são: carne, leite, ovos, mel, couro, ossos, lã, dentre outros.

A pecuária no Brasil tem uma posição de destaque no mundo, considerado um dos maiores exportadores de carne (boi e frango) do mundo.

### **Rebanho**

O rebanho é uma palavra muito utilizada na atividade da pecuária uma vez que denota o conjunto de gado. Dessa maneira, os rebanhos podem ser: bovino (bois e vacas), suíno (porcos), ovino (ovelhas e carneiros), caprino (cabras e bodes), equino (cavalos), muar (mulas), asinino (jumentos) e bufalino (búfalos).



Além disso, as culturas de determinados animais possuem denominações específicas como: bovinocultura, suinocultura, equinocultura, ovinocultura, caprinocultura, apicultura, piscicultura, cunicultura, dentre outros.

### **Tipos de Pecuária**

De acordo com a finalidade do produto a ser comercializado, há dois tipos de pecuária:

- **Pecuária de Corte:** criação de animais voltada para a produção de carne.
- **Pecuária Leiteira:** criação de animais para a produção do leite.

Note que os dois tipos de pecuária (corte e leiteira) podem ser desenvolvidos por ambas modalidades de pecuária: intensiva ou extensiva.

### **Modalidades de Pecuária**

Há duas modalidades básicas para o desenvolvimento da atividade pecuária, a saber:

- **Pecuária Intensiva:** Chamada de pecuária moderna, esse tipo de atividade resulta na maior produtividade, sendo marcada pela utilização de métodos avançados e recursos tecnológicos. Dessa maneira, o rebanho, que possui acompanhamento de especialistas, é criado confinado, pois auxilia no processo de ganho de peso. São alimentados com ração específica, diversas aplicações de hormônios, processos de inseminação artificial e clonagem.
- **Pecuária Extensiva:** Nesse caso, a atividade da pecuária está pautada na utilização de métodos com poucos recursos tecnológicos e, por isso, apresenta baixa produtividade. Assim, o gado é criado solto em grandes extensões de terra, se alimentam de pastagens e não possuem um acompanhamento veterinário.

### **Agropecuária**

A agropecuária designa a união dos dois sistemas de produção: a agricultura (cultivo de vegetais) e a pecuária (criação de animais).

### **Problemas Ambientais**

Uma vez que propõe a criação, domesticação e reprodução dos animais, a pecuária tem provocado muitos problemas ambientais, desde as queimadas e o desmatamento para obter espaço para a produção da atividade. Contudo, esses processos são muito arriscados para o equilíbrio dos ecossistemas desde a mortandade das espécies animais e vegetais, contaminação do ambiente, do solo, dentre outros.

### **Curiosidades**

- A palavra **PECUÁRIA** vem do latim "pecus", que significa "cabeça de gado".
- O **DIA NACIONAL DA PECUÁRIA** é comemorado dia 14 de outubro.



## **Mineração**

O extrativismo mineral se constitui numa importante pauta para a balança comercial brasileira e são os produtos que o Brasil mais exporta para outros países.

A oferta é ampla, pois no território nacional são encontrados: alumínio, cobre, estanho, ouro, ferro, níquel, cromo, manganês, prata, tungstênio e zinco.

As mais importantes reservas de minério do Brasil estão localizadas na Serra dos Carajás (PA), no Quadrilátero Ferrífero (MG) e no Maciço do Urucum (MS).

## **Ferro**

O Brasil detém 75% da produção de minério de ferro do mundo. A principal zona de produção está no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. Do local, também são extraídos bauxita, manganês e ouro.

Por imprudência humana, a região de Minas Gerais, sofreu em 2015, um grande impacto ambiental devido ao rompimento da barragem do rio Doce, em Mariana (MG). A terra que era condicionada na barragem provinha da exploração de minério de ferro.

A Serra dos Carajás, no Pará, rica em minério de ferro, oferece, ainda, bauxita, cobre, cromo, estanho, manganês, ouro, prata, tungstênio e zinco.

## **Ouro**

Aspecto da extração do ouro com jatos de água na floresta amazônica

A extração do ouro marcou época na história colonial com o Ciclo do Ouro. Igualmente foi por conta da atividade dos Bandeirantes, que se embrenhavam na mata em busca de índios e pedras preciosas que as fronteiras no Tratados de Tordesilhas foram expandidas.

O Brasil, em 2012, ocupava o posto de número 47, em reservas mundiais de ouro guardadas no Banco Central. A produção brasileira perfaz 70 toneladas anuais, o que deixa o país como 13º produtor mundial, segundo os dados do IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração.

No entanto, a atividade de garimpo está entre as que causam maior impacto negativo na natureza. Os rios, muitas vezes, tem seu curso alterado e as águas são envenenadas com a utilização de produtos químicos que ajudam a separar o metal precioso.

Da mesma maneira, as escavações alteram de maneira profunda o espaço, o que torna difícil a recuperação do solo.

Entre os pontos que mais sofreram danos como consequência deste tipo de exploração estão Minas Gerais e Serra Pelada, no Pará, cuja atividade foi encerrada em 1992.



## **Petróleo**

A exploração do petróleo é realizada pela companhia estatal Petrobras, criada nos anos 50. A maioria dos campos de petróleo do Brasil está localizada nas chamadas bacias de águas ultraprofundas, na região denominada pré-sal.

A exploração de petróleo pelo Brasil ocupa o 15º lugar com a oferta anual de 12.860 bilhões de barris. Do montante, 90% está localizado no Oceano Atlântico, nas costas de oito estados.

No ritmo de extração atual, o Brasil deve ser até 2020 o responsável por 50% da produção mundial de petróleo.

## **Sal**

Os minerais não-metálicos, como o sal, estão localizadas no Rio de Janeiro, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Este último é responsável por 92,5% da produção brasileira que perfaz de 5 a 6 milhões de toneladas por ano.

Deste montante, apenas 400 mil toneladas vão para o mercado externo e o restante é vendido no Brasil.



## Indústria no Brasil

Considera-se o Brasil como sendo um país de industrialização tardia, uma vez que esse processo começou quando a segunda fase da Revolução Industrial já estava em curso em outras nações. A indústria brasileira cresceu por meio dos capitais derivados da economia cafeeira, expandindo-se a partir da década de 1930 como consequência da crise econômica e da necessidade de se redirecionar os investimentos para outros setores produtivos.

A Companhia Siderúrgica Nacional, inaugurada no ano de 1941, foi uma das primeiras grandes indústrias brasileiras. Outras indústrias de base surgiram nesse mesmo período, com destaque para a Vale, que, à época, chamava-se Vale do Rio Doce, e a Petrobras, fundada em 1953. A década de 1950 marcou a chegada de capitais estrangeiros e o incremento da indústria de bens de consumo, com destaque para o automóvel e os eletrodomésticos. Nesse período, a indústria nacional se concentrava na região Sudeste.

As décadas seguintes foram marcadas pela interiorização da indústria, com a construção de polos como a Zona Franca de Manaus, na década de 1970, e de redes de infraestrutura, que proporcionaram, no período seguinte, o processo conhecido como desconcentração industrial, que se consolidou na década de 1990.

O Brasil possui atualmente um parque industrial diverso, com a presença de empresas nacionais e multinacionais, com nomes como Johnson & Johnson, IBM, Nestlé, Bungue e muitas outras. O segmento industrial responde atualmente por 20,4% do PIB do país, e sua participação na produção mundial é da ordem de 2,1%. No ano de 2018, a indústria brasileira ficava na 10ª posição entre as maiores produtoras mundiais."

## Comércio no Brasil

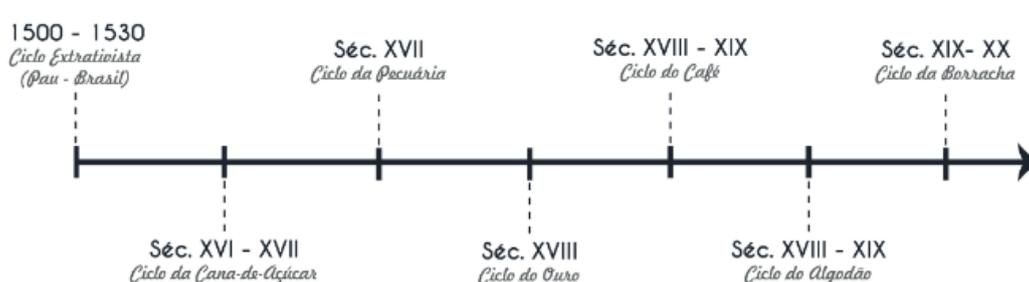
História do Comércio no Brasil: Compreender a evolução do comércio no Brasil, desde o período colonial até a atualidade, é essencial para entender as dinâmicas socioeconômicas do país. A história do comércio inclui temas como a economia do açúcar, do ouro, a introdução do café, as transformações na era industrial e as tendências recentes de globalização e comércio eletrônico.

Comércio Exterior Brasileiro: A análise do comércio exterior brasileiro, seus principais parceiros comerciais, produtos exportados e importados, permite compreender o papel do Brasil no cenário econômico global. Isso inclui entender a importância do Mercosul, as relações comerciais com a China e os EUA, e como o comércio exterior afeta a economia interna.

Políticas de Comércio no Brasil: O estudo das políticas de comércio, incluindo tarifas, acordos comerciais, incentivos à exportação e restrições à importação, é vital para entender como o governo brasileiro busca proteger, promover e regulamentar a atividade comercial. Isso também abrange a análise das leis e regulamentos relacionados ao comércio eletrônico.

Infraestrutura de Comércio: Analisar a infraestrutura de comércio do Brasil, incluindo portos, rodovias, aeroportos e logística digital, é importante para entender as limitações e oportunidades da atividade comercial. Isso também aborda a questão da eficiência e competitividade do Brasil no comércio internacional.

Impacto Socioeconômico do Comércio: Estudar o impacto do comércio na economia e na sociedade brasileira permite entender como a atividade comercial contribui para o desenvolvimento econômico, a criação de empregos, a redução da pobreza e a desigualdade. Isso também envolve a análise de como o comércio afeta diferentes setores, regiões e grupos sociais no Brasil.





### *Comércio no Brasil*

Vamos mergulhar na história do comércio no Brasil.  
Alguns dos principais ciclos econômicos brasileiros.

**Período Colonial (1500-1822):** Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, eles estavam à procura de riquezas, especificamente especiarias e metais preciosos, assim como os espanhóis tinham encontrado no Peru e no México. No entanto, inicialmente, o que encontraram foi o pau-brasil, cuja madeira era valorizada para tinturaria. No século XVI, a economia açucareira foi estabelecida nas capitâncias hereditárias ao longo da costa nordeste do Brasil, apoiada pela mão de obra escrava. O açúcar tornou-se um dos principais produtos de exportação do Brasil durante este período.

**Período do Ouro (século XVIII):** No final do século XVII, o ouro foi descoberto no interior do Brasil, na região que viria a ser chamada de Minas Gerais. Durante o século XVIII, a economia do ouro dominou, deslocando o centro econômico do Brasil do Nordeste para o Sudeste.

**Era do Café (século XIX - início do século XX):** A partir do século XIX, a economia cafeeira começou a florescer, inicialmente no Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, e depois se expandindo para São Paulo e Paraná. O café se tornou o principal produto de exportação do Brasil, contribuindo para o crescimento de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo e a imigração em massa de europeus para trabalhar nas fazendas de café.

**Era Industrial (meados do século XX):** Na metade do século XX, o Brasil começou a se industrializar. A substituição de importações foi uma estratégia adotada pelo governo brasileiro para promover a indústria nacional, incentivando a produção local de bens anteriormente importados. Isso levou ao crescimento de cidades e ao surgimento de uma classe média urbana.

**Globalização e Comércio Eletrônico (fim do século XX - presente):** Nos últimos anos, o comércio no Brasil tem sido cada vez mais influenciado pela globalização e pelas tecnologias digitais. O país tem estabelecido mais acordos comerciais com outras nações e se engajado em cadeias de suprimentos globais. O comércio eletrônico também tem crescido rapidamente, transformando a maneira como os brasileiros compram e vendem produtos.

A história do comércio no Brasil é um reflexo das mudanças sociais, políticas e tecnológicas do país e do mundo. Cada fase trouxe novos desafios e oportunidades, moldando a nação que conhecemos hoje.

### **Comércio interno no Brasil**

O comércio interno no Brasil é uma parte crucial da economia do país, sendo responsável por uma parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB). O Brasil é um país de dimensões continentais, e suas cinco regiões — Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul — possuem características comerciais distintas, fruto de uma combinação única de cultura, geografia, economia e histórico de desenvolvimento.

**Região Norte:** Esta região, que inclui a maior parte da Amazônia, tem uma economia fortemente baseada na exploração de recursos naturais, incluindo a mineração e a extração de madeira. No entanto, o comércio na região Norte também inclui a agricultura (especialmente em estados como Tocantins e Rondônia) e a pesca. A Zona Franca de Manaus, no Amazonas, é um centro importante de manufatura e comércio, com incentivos fiscais que atraem empresas de todo o Brasil.

**Região Nordeste:** O comércio nesta região é diversificado, com fortes setores de agricultura (como a produção de cana-de-açúcar, cacau, tabaco e frutas tropicais), pesca, mineração e turismo. Além disso, algumas áreas, como o Recife em Pernambuco, se tornaram centros importantes de tecnologia e serviços.

**Região Centro-Oeste:** Esta região é um dos principais celeiros do Brasil, com um forte setor de agronegócio focado na produção de soja, milho e carne bovina. Além disso, a região possui um significativo setor de mineração, especialmente no Mato Grosso do Sul.



Região Sudeste: Como a região mais rica e populosa do Brasil, o Sudeste tem um comércio interno diversificado, que abrange desde a manufatura e serviços até a agricultura e mineração. São Paulo, em particular, é um dos principais centros comerciais do Brasil, com um forte setor de serviços, incluindo finanças, tecnologia e comércio varejista.

Região Sul: Esta região tem um forte setor agrícola, com destaque para a produção de grãos (especialmente soja e trigo), vinho, maçãs e carne de porco e de frango. Além disso, a região Sul tem uma indústria forte, especialmente nos setores automotivo, têxtil e de móveis.

Essas diferenças regionais no comércio interno do Brasil refletem a diversidade do país e as oportunidades e desafios únicos enfrentados por cada região. A compreensão dessas diferenças é crucial para a formulação de políticas eficazes para promover o comércio interno e o desenvolvimento econômico em todo o Brasil.



## **GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA**

### **DADOS GERAIS DE SANTA CATARINA**

O estado de Santa Catarina está localizado na região Sul do Brasil, entre os paralelos 25°57'41" e 29°23'55", latitude Sul e entre os meridianos 48°19'37" e 53°50'00", longitude Oeste. Limita-se ao norte com o estado do Paraná, ao sul com o Rio Grande do Sul, a oeste com a Argentina e a leste com o Oceano Atlântico, com uma extensão litorânea de 561,4 km.

| <b>Área</b>             | <b>Km<sup>2</sup></b> |
|-------------------------|-----------------------|
| Área Total              | 95442,9               |
| % da área total do País | 1,12                  |
| Área terrestre          | 94.940,9              |
| Área de águas internas  | 502                   |

FONTE: Fundação IBGE – Anuário Estatístico do Brasil, 1991.

| <b>Extensão</b>                                 | <b>Km</b> |
|---|-----------|
| Total   | 2703      |
| Setor Norte, Nordeste e Noroeste (com o Paraná) | 750       |
| Setor Leste e Sudeste (com o Oceano Atlântico)  | 573       |
| Setor Leste (Ilha de Santa Catarina)            | 155       |
| Setor Sul e Sudeste (com o Rio Grande do Sul)   | 1014      |
| Setor Oeste (com a Argentina)                   | 211       |

FONTE: Fundação IBGE – Anuário Estatístico do Brasil, 1991.

O Estado de Santa Catarina tem como capital administrativa Florianópolis e possui 293 municípios, desde 1º de janeiro de 1997. Devido a seus interesses administrativos, os municípios estão agrupados em 18 Associações, que compõem a Federação dos Municípios de Santa Catarina - FECAM.

### **CLIMA DE SANTA CATARINA**

O clima de uma determinada localidade é formado por uma complexa interação entre os continentes, oceanos e as diferentes quantidades de radiação recebida do sol. O giro da Terra em torno deste astro faz com que essa quantidade de energia recebida em cada localidade varie ao longo do ano, criando um ciclo sazonal responsável pelas estações de verão, outono, inverno e primavera.

Em Santa Catarina esta variação sazonal do clima é bastante definida por causa da localização geográfica. No verão, quando os raios solares estão chegando com maior intensidade, a quantidade de



radiação solar global recebida chega a  $502 \text{ cal/cm}^2$ ; no inverno, esse fluxo é bem menor e fica em torno de  $215 \text{ cal/cm}^2$ .

Também no inverno, a frequência de inserção de frentes frias e massas de ar frio é muito maior e contrastam com as altas temperaturas de verão, geradas pela permanência da massa de ar tropical. As estações de transição, outono e primavera, mesclam características das duas outras estações. Além das variações sazonais associadas ao movimento da Terra em torno do sol, a orografia (distribuição das montanhas) de Santa Catarina e a proximidade do mar são os grandes responsáveis pelas diferenças de clima existente entre as diversas localidades do estado.

A altitude da planície litorânea varia de 0 a 300 m. Logo que se sobe a Serra do Mar, no Planalto Serrano e no Meio Oeste, as altitudes variam entre 800 e 1500 m; mais para oeste, as altitudes vão diminuindo até atingirem uns 200 metros no extremo oeste. Toda essa variação de altitude e distanciamento do mar faz com que o clima varie bruscamente entre uma região e outra; as temperaturas, por exemplo, podem variar mais de 10 graus entre os Planaltos e o Litoral.

As temperaturas médias em Santa Catarina variam substancialmente de acordo com a localização altimétrica, definindo uma região caracteristicamente mais fria no interior e uma mais quente no litoral. A temperatura em torno de  $18^\circ\text{C}$  caracteriza as localidades litorâneas situadas entre 500 e 300 m de altitude e as interioranas que se situam entre 500 e 450 m, reduzindo-se a  $16^\circ\text{C}$  naquelas onde ocorrem altimetria entre 1.000 e 750 m. Temperaturas menores ocorre na região entre Lages e São Joaquim, em altitudes superiores a 1.000 m, culminando no Morro da Igreja, com altitude de 1.808 m e média anual de  $10^\circ\text{C}$ , aproximadamente. Nesses locais são comuns geadas e nevascas nos meses de inverno, criando paisagens cobertas de gelo e neve que lembram regiões da Europa.

## RELEVO DE SANTA CATARINA

O ponto mais alto do relevo catarinense, representado pelo Morro da Boa Vista, com 1827 metros de altitude, está localizado no município de Urubici.





O menor Estado do Sul, com 95.318 km<sup>2</sup>, apresenta também a menor população, com 4.875.244 habitantes, dos quais 73,13% ocupam áreas urbanas.

Sua superfície corresponde a 1,12% do total nacional e 16,61% da Região Sul.

Localizado entre as latitudes 26° 00' e quase 30° 00' sul e longitudes 48° 30' e quase 54° 00' oeste.

O Estado de Santa Catarina limita-se ao norte com o Paraná, ao sul com o Rio Grande do Sul, a oeste com a Argentina e a leste, com o Oceano Atlântico.

Os maiores centros encontram-se em Joinville, Lages, Criciúma, Blumenau, Itajaí e Chapecó.

O relevo do território catarinense caracteriza-se por apresentar duas regiões distintas, limitadas pelas elevações das Serras do Mar e Geral. Daí para o interior, domina um altiplano levemente inclinado para oeste, conhecido por Região do Planalto. Para leste, da borda desse planalto até o mar, a Região do Litoral e Encostas é constituída por uma diversidade de formações topográficas, formando setores com características próprias e de grande beleza cênica.

Na Região do Planalto diferenciam-se as regiões das bacias do rio Uruguai e do rio Iguaçu. O Planalto da Bacia do Rio Uruguai inclui terras localizadas no oeste e sudoeste, até as escarpas da Serra Geral, situada a leste. A drenagem principal é constituída pelo rio do mesmo nome e por seus formadores, os rios Pelotas e Canoas. O rio Uruguai nasce no Morro da Igreja (1.808 m) e o Iguaçu no Campo dos Padres (1.800 m), os acidentes orográficos mais elevados do território catarinense. O relevo desse planalto desenvolve-se para oeste, onde predomina a forma de patamares. O Planalto do Rio Iguaçu, de menor abrangência, inclui as terras próximas da divisa com o Paraná, entre o rio Negro e sua foz no rio Iguaçu, até a cidade de Porto União, destacando-se as serras da Moema, de Jaraguá e do Rio Preto, todas de grande beleza e destaque na paisagem.

A Região do Litoral e Encostas é formada por planaltos sedimentares e encostas cristalinas que formam as serras litorâneas, sendo a drenagem orientada para leste, em direção ao oceano. Na área mais ao norte, a imponente Serra do Mar adentra o Estado, com desenvolvimento notável nas localidades de Garuva, Joinville e Jaraguá do Sul.

Na altura do Vale do Itajaí, e daí para o sul, a Serra Geral passa a constituir o divisor de águas para a vertente atlântica, formando múltiplas ramificações menores, algumas de grande desenvolvimento. Essa área serrana, também de topografia acidentada como a anterior, apresenta alto potencial de aproveitamento turístico.

O litoral é formado por dois setores bastante diferenciados, caracterizando paisagens distintas. No sentido norte-sul, da divisa com o Paraná até o cabo da Santa Marta, apresenta-se muito recortado, repleto de pequenas baías, enseadas, restingas, praias, dunas, costões, ilhas, lagoas, banhados e manguezais. Nesse setor, mais ao norte, em continuidade com o litoral do Paraná, encontra-se uma planície densamente drenada, onde se situam a Baía da Babitonga, com extensos manguezais, e a ilha de São Francisco. Mais centralmente, o litoral se caracteriza pela presença de um grande número de pequenas praias e enseadas, cercadas por ramificações da Serra, constituindo-se em uma das mais belas faixas litorâneas do país. Nessa faixa, onde predominam belas praias, enseadas e ilhas, com elevado potencial turístico situa-se Florianópolis, capital do Estado e localizada, em parte, na Ilha de Santa Catarina. As mesmas características podem ser encontradas até a altura de Garopaba, também



com pequenas praias, algumas cercadas por montanhas cobertas por remanescentes da Floresta Atlântica.

Do cabo de Santa Marta até o Passo de Torres, na divisa com o Rio Grande do Sul, o litoral adquire uma forma retificada e monótona. Além da presença inicial de lagoa nos arredores de Laguna, uma única e extensa praia passa a dominar a paisagem. Mais para o interior, no entanto, as escarpas da Serra Geral desenham uma paisagem fantástica, onde a imponência das montanhas mostra um relevo incrivelmente acidentado, o que pode ser verificado ao subir a estrada da Serra do Rio do Rastro em direção ao planalto e às cidades de São Joaquim e Lages.

As áreas sob regime de proteção legal em Santa Catarina somam aproximadamente 178.000 ha distribuídos na forma de Unidades de Conservação com tipologias diversas, nacionais e estaduais, delimitando ecossistemas de Floresta Atlântica, Floresta de Araucárias, campos, restingas, dunas, ilhas e espaços de mar. Entre essas, destacam-se os Parques Nacionais de São Joaquim e da Serra Geral, situados no planalto, em áreas de rara beleza natural onde as serras catarinenses mostram suas mais belas feições. Além desses, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, próximo ao litoral, guarda considerável remanescente de Floresta Atlântica.

As características naturais das águas oceânicas de Santa Catarina, onde se apresentam os melhores locais do sul do Brasil para a prática de mergulho de observação, além da ocorrência de espécies notáveis de fauna, como a baleia franca e lobos marinhos, são de alto valor turístico. As regiões de Porto Belo, Bombinhas, Florianópolis e Garopaba destacam-se por concentrar tais valores potenciais e por possuir estrutura adequada ao desenvolvimento de um turismo de alto nível.

Da mesma maneira que no Paraná, o litoral catarinense encontra-se sujeito a diversas ações predatórias, como a extração de carvão, os despejos de elevadas cargas de matéria orgânica e produtos químicos no eixo Blumenau-Brusque, a pesca predatória, os projetos de loteamento catastróficos, o lançamento de esgotos domésticos, hospitalares e industriais, o que, certamente, contribui para ameaçar o potencial de desenvolvimento turístico.

O maior centro industrial do Estado é a cidade de Joinville, fundada pela migração alemã na década de 1850, caracterizada pela diversidade de gêneros de indústrias. Além de Joinville, destacam-se Blumenau, grande centro têxtil, localizada no Vale do Itajaí e também fundada por alemães; Brusque (indústria têxtil); Lages (indústria madeireira); Criciúma e Tubarão (carvão mineral); Chapecó (produtos de origem suína), além de outros centros menores. Também relevante é a presença dos portos de Itajaí, Imbituba e São Francisco do Sul, onde uma porção considerável dos produtos catarinenses é exportada para muitas partes do mundo.

É interessante ressaltar o significado que tiveram e ainda têm as terras baixas litorâneas e os vales que formam o povoamento da região.

As secções litorâneas: as diferentes características observadas na morfologia litorânea sugerem a divisão em: Litoral Norte, Central e Sul.

**a) Litoral Norte:** caracteriza-o a extensa planície, interpolada por formações cristalinas, com predominância arenosa. Estende-se desde a barra do Rio São Francisco até a barra do Itapocú. Remanescente do relevo cristalino, destaca na paisagem e condiciona a função portuária da cidade de São Francisco.



O predomínio das formações sedimentares neste trecho do litoral de grande conteúdo silicioso é fator negativo da qualidade dos solos agrícolas. Formações florestais aí existentes permitiram, todavia, acumulação de detritos orgânicos que atenuam a pobreza do solo.

**b) Litoral Central:** vai desde a barra do Itapocu até a altura da extremidade sul da Ilha de Santa Catarina. A morfologia se caracteriza pela maior movimentação, isto é, as formações cristalinas esbarram mais freqüentemente no mar, guardando as cristas; entretanto, sua direção é mais ou menos oblíqua. Daí o resultado de uma frente mais contínua. Em consequência, muitas enseadas e baías de forma elíptica tornam-se numerosas e apresentam fundos lodosos ou de mangues. Alguns rios importantes deságuam no litoral central, formando planícies de sedimentação também marítimas: Itajaí e Tijucas.

A Ilha de Santa Catarina é um conjunto de esporões que o processo de sedimentação, ainda no quaternário, culminou por unir, prevendo ainda em seu interior duas lagoas. A mais ampla é a da Conceição, que é uma das atrações turísticas principais.

A do Peru, pouco extensa, já dessalinizada, é hoje campo experimental de piscicultura; já a da Conceição é área ativa de pesca.

Dois grandes centros urbanos se localizam no litoral central: Itajaí, onde se situa o porto mais dinâmico do estado e Florianópolis, localizada no trecho mais apertado entre a ilha e o continente, estendendo seu sítio urbano em duas partes ligadas pela ponte Hercílio Luz.

Das praias, a de Camború é notada pela sua beleza e pela proximidade a centros urbanos da Bacia do Itajaí.

**c) Litoral Sul:** marca o predomínio das baixadas. O processo de retificação por efeito da sedimentação eólio-marinha, combinado com a deposição de detritos de rios importantes como o Tubarão, Araranguá, está bem avançado e por isso se apresenta bastante retilíneo sobretudo a partir da cidade de Laguna.

Entre os acidentes mais importantes, está a planície em forma de delta do Rio Tubarão, em parte ocupada para fins agrícolas e de criação.

A cidade de Laguna está construída na extremidade interior da “ria” que constitui a lagoa mais ampla do estado, estreitada mediante a formação ao Norte a que se denomina de Imaruí. A cidade se ergue tanto nas porções baixas quanto no sapé de formações cristalinas, sendo que o centro comercial e portuário se localiza na parte baixa.

As numerosas praias do litoral meridional lhe dão grande beleza panorâmica, nas proximidades de Araranguá, onde o mar aberto e as elevadas dunas esbarram nas formações sedimentares antigas que se apresentam como paredões abruptos, de níveis modestos.

Outra caracterização de traços morfológicos no litoral Sul reside no grande número de sambaquis e cacheiros, atestando, os primeiros, a presença de antigas populações indígenas e os segundos evidenciam a dinâmica da sedimentação marinha da região, em função das variações do nível do mar.



## VEGETAÇÃO DE SANTA CATARINA

A vegetação do Estado de Santa Catarina pode ser dividida em 5 formações vegetais distintas:

- Vegetação Litorânea
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária)
- Campos
- Floresta Estacional Decidual

### Vegetação Litorânea

Predominantemente herbácea e arbustiva, abrange agrupamentos e associações vegetais influenciadas pelo oceano. Totalmente condicionadas ao fator edáfico, são agrupamentos típicos, denominados como mangues, restingas, dunas e praias.

#### Mangues

Nas baías, nas reentrâncias do mar e desembocaduras dos rios desenvolvem-se os manguezais, onde predominam espécies arbustivas e pequenas árvores como: *Avicennia schaueriana* (siriúba), predominando principalmente nas Ilhas de São Francisco do Sul, a *Rhizophora mangle* (mangue-vermelho), a *Laguncularia racemosa* (mangue-branco) e os capins praturás (*Spartina densiflora* e *Spartina alterniflora*). Também encontram-se neste hábitat a uvira ou algodoeiro-da-praia (*Hibiscus tiliaceus*) e a samambaia-do-mangue (*Acrostichum danaeifolium*).

#### Restingas

Com fisionomias diversas, em terrenos arenosos mais firmes e menos ondulados e em áreas posteriores às dunas, a vegetação pode ser caracterizada de porte herbáceo a porte arbóreo. Nas restingas catarinenses, predominam as mirtáceas, destacando-se com porte arbustivo os gêneros *Myrcia*, com o exemplar muito freqüente, o cambuí (*Myrcia multiflora*) e *Eugenia*, com o exemplar guamirim (*Eugenia catharinae*). De porte arbóreo, destaca-se a *Weinmannia paulliniaefolia*, a *Lagaria hyemalis* e *Fuchsia regia*.

#### Dunas

Ocorre predominantemente nas dunas semi-fixas a aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*) e o pau-de-brugre (*Lithraea brasiliensis*), juntamente com a capororoca (*Rapanea parvifolia*), a maria-mole (*Guapira opposita*), o guamirim (*Gomidesia palustris*), a caúna (*Ilex dumosa*) e outras.

#### Praias

Em solos muito arenosos, destacam-se as espécies salsa-da-praia (*Ipomoea pescaprae*), a grama-da-praia (*Paspalum varginatum*), o pinheirinho-da-praia (*Remirea maritima*), o feijão-boi (*Canavalia obtusifolia*) e outras.



### **Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)**

Formação vegetal exuberante, complexa e subdividida em sub-formações, quanto à composição, estrutura e aspecto fitofisionômico. Ocupa uma grande parte do estado, margeando o Oceano Atlântico e ao mesmo tempo estendendo-se em direção ao interior, no Vale do Itajaí. Ao norte da costa catarinense, bem como no Vale do Itajaí, as encostas são muito íngremes, formando vales estreitos e profundos, cobertos por densa floresta até quase o alto. Nos topos dos morros há uma vegetação bem característica, conhecida como “mata nebulosa”.

A Floresta Atlântica é formada por grupos arbóreos densos, intercalados por diversos estratos compostos por árvores, arvoretas e arbustos. A seqüência segue com o estrato das árvores, arvoretas, arbustos e por último o estrato herbáceo. Apresenta ainda uma diversidade de epífitas, representadas pelas bromeliáceas, orquidáceas, aráceas, piperáceas, gesneriáceas, cactáceas e diversas famílias de samambaias (Pteridófitas) e grande número de lianas lenhosas.

Na subformação das planícies quaternárias, predominam tipos característicos quanto à composição e ao aspecto fisionômico. É representado por espécies como: Tapirira guianensis (cupiúva), a Ocotea pretiosa (sassafrás), Nectandra rigida (canela-garuva), Caloplhyllum brasiliense (guanandi) e Alchornea triplinervea (Tanheiro). Nas depressões do terreno e próximo a pequenos cursos de água, ocorre a Richeria australis (pau-de-santa-rita). Algumas arvoretas que predominam no estrato médio desta floresta: Guarea lessoniana (baga-de-morcego), Guatteria dusenii (cortiça), Pera glabrata (seca-ligeiro).

Nas encostas da Serra do Mar, dominam o estrato das árvores: Sloanea guianensis (laranjeira-do-mato), Ocotea catharinensis (canela-preta), Guapira opposita (maria-mole), o Brosimopsis lactescens (leiteiro) e o Chrysophyllum viride (aguaí). No estrato abaixo dominam a juçara ou palmitero (Euterpe edulis).

Na área compreendida entre os municípios de Joinville e Campo Alegre, o terreno é irregular e acidentado, predominado por uma vegetação caracterizada pela abundância da Nectandra lanceolata (canela-amarela), a Sloanea lasiocoma (sapopema), e densos taquarais, onde predomina a Merostachys multiramea (taquara-mansa).

Na encosta centro-norte, baixo vale do Itajaí, predominam as florestas de encostas, onde as árvores atingem um desenvolvimento bom devido aos solos profundos. Das árvores mais importantes destaca-se a Ocotea catharinensis (canela-preta), com troncos grossos e copas frondosas. Como outras espécies de importância, a laranjeira-do-mato (Sloanea guianensis), o tanheiro (Alchornea triplinervea), o palmitero (Euterpe edulis).

Na parte caracterizada por florestas de encostas íngremes, a composição é bastante complexa, predominando a Ocotea catharinensis (canela-preta), associada à Chrysophyllum viride (aguaí) e ao palmitero (Euterpe edulis). Nas encostas íngremes (aparrados da serra), nas Serras da Peroba, da Pedra e outras, e em morros, encontra-se uma vegetação caracterizada pela presença do Bagaçu (Talauma ovata), maria-mole (Guapira opposita), peroba-vermelha (Aspidosperma olivaceum), bicuíba (Virola oleifera), além de adensamentos de palmiteros.



Na área entre Jaguaruna-Tubarão e o extremo sul, predominam planícies de sedimentação marinha e terrestre, onde se presencia uma vegetação característica, adaptada às condições edáficas do local. Algumas espécies se sobressaem como *Ficus organensis* (figueira-de-folha-miúda), *Myrcia dichrophylla* e *Myrcia glabra* (guamirins). Nos topos mais elevados, onde o solo é raso e o terreno bastante inclinado, encontra-se uma vegetação típica e uniforme, tendo como representantes: *Clusia criuva* (mangue-de-formiga), *Lamanonia speciosa* (guaraperê), *Ilex theezans* (congonha), e outras.

Ao longo dos aparados da Serra Geral e nas cristas da Serra do Mar, com altitudes acima de 1.200 m, presencia-se uma vegetação que foi formada por correntes eólicas quentes, úmidas e ascendentes da costa atlântica, caracterizadas pela baixa altura, pela tortuosidade dos troncos, esgalhamento rijo, galhos repletos de musgos e encobertas por fortes neblinas.

### **Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária)**

Uma grande parte de Santa Catarina está coberta por florestas onde o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) predomina no estrato superior e caracteriza a região. Nesta floresta, o estrato superior é composto pelo pinheiro-do-paraná, seguido por um estrato abaixo dominado pelas Lauráceas formando uma cobertura densa.

Nas imediações da Bacia Pelotas-Canoas, a vegetação caracteriza-se por manchas de florestas intercaladas por campos. Suas concentrações maiores se localizam perto dos grandes rios, vales e encostas, enquanto que nos terrenos ondulados predominam os campos e capões. Na zona dos Campos de Lages, predominam as canelas, *Ocotea pulchella* (canela-lajeana), *Nectandra lanceolata* (canela-amarela), *Nectandra grandiflora* (canela-fedida) e *Cryptocarya aschersoniana* (canela-fogo).

Há um pequeno grupo de árvores que crescem nas submatas dominadas pela canela-lajeana, como o camboatá (*Matayba aelaegnoides*), o miguel-pintado (*Cupania vernalis*), a pimenteira (*Capsicodendron dinisii*) e outras. No extremo oeste, no estrato abaixo do pinheiro-do-paraná, encontram-se o angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*), a grápia (*Apuleia leiocarpa*) e outras.

De 700 a 1.200 metros de altitude, verifica-se o predomínio de espécies que preferencialmente ocorrem em solos rasos e próprios de encostas abruptas. Às vezes intercalando-se à vegetação arbórea rala, há extensos campos secundários, formados por gramíneas. Essa área é denominada de faxinal, composta por uma vegetação típica, rala, com árvores menores e irregulares, acompanhados por taquarais e carazais no estrato abaixo. Algumas espécies características desta formação são guamirins (*Myrceugenia cuosma*), vassourão-branco (*Piptocarpha angustifolia*), capororocas (*Rapanea umbellata*), orelha-de-gato (*Symplocos* spp.), pau-toucinho (*Vernonia discolor*), pessegueiro-brabo (*Prunus sellowii*).

### **Campos**

Ocorrem em Santa Catarina campos limpos e campos sujos. Nos campos predominam agrupamentos herbáceos formados por Gramíneas, Ciperáceas, Leguminosas e Verbenáceas que caracterizam a fisionomia. Predominam certas espécies como: *Baccharis gaudichaudiana* (carqueja-do-campo) e *Baccharis uncimella* (vassoura-lajeana). Entre as gramíneas mais comuns: capim-caninha



(*Andropogon lateralis*), capim forquilha (*Paspalum notatum*), capim-pluma (*Andropogon macrothrix*), capim-serenado (*Eragrostis polytricha*), e o capim-barba-de-bode (*Aristida pallens*).

Ao longo dos Rios Negro e Iguaçu, caracterizam-se os campos edáficos ou de inundação, os terrenos são baixos e planos. Predominam as gramíneas, ciperáceas, verbenáceas e compostas.

Na floresta nebulosa, encontram-se manchas de campos com características próprias, os campos de altitude. Além das ciperáceas e gramíneas, ocorrem turfeiras, formadas por musgos.

### Floresta Estacional Decidual

Acompanhando o Rio Uruguai, de 600 a 800 metros de altitude, apresenta-se uma floresta totalmente isenta de pinheiro-do-paraná e com estrutura distinta, compostas por árvores decíduas como *Apuleia leiocarpa* (grápia), a *Parapiptadenia rigida* (angico), a timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*) e outras. Sob esta cobertura, caracteriza-se uma formação densa formada por árvores perenifólias, predominando as canelas. O estrato das arvoretas é uniforme, predominando a laranjeira-do-mato (*Actinostemon concolor*) e a sororoca (*Sorocea bomplandii*).

### HIDROGRAFIA DE SANTA CATARINA



Os rios catarinenses se dirigem para duas vertentes: a do Atlântico e a do Paraná. Os que drenam as Zonas de São Francisco, Itajaí, Florianópolis e Laguna se orientam no sentido do mar, enquanto os que drenam áreas do Planalto de Canoinhas, Alto Rio Negro, Campos de Lajes, Joaçaba e Chapecó estão vinculados à Bacia Platina, constituindo-se as principais artérias tributárias de grandes coletores como o Iguaçu e o Uruguai.

As **bacias hidrográficas** litorâneas cobrem área mais extensa do que as Bacias do Iguaçu e Uruguai. Muitas bacias litorâneas, como a do Tubarão, Araranguá, Itajaí-Açu têm como divisor a escarpa da Serra Geral. Algumas situadas na porção Nordeste do estado têm como divisor, entre duas vertentes, as Serras Cristalinas, enquanto outras, da porção centro oriental, têm divisores inscritos na própria região da vertente Atlântica. A principal linha divisória, responsável pela orientação geral da drenagem é representada pela escarpa da Serra Geral, um tanto retalhada pela erosão regressiva que tende ao recuo das cabeceiras.

Este fenômeno de erosão regressiva é exaltada, entre os fornecedores Itajaí-Açu que escavaram e removeram sedimentos paleozóicos, de resistências menor do que os basaltos da Serra Geral. É



provável que esta ação tenha sido também condicionada por dobras de fundo que lhe acentuaram o gradiente dos perfis dos rios, aumentando-lhes o poder de erosão e transporte. De qualquer modo, a resultante geral consiste na ampla bacia hidrográfica da vertente Atlântica que se interioriza mais do que as outras, possibilitando a mais aberta articulação entre o Litoral e o Planalto, através dos vales entalhados dos cursos superiores.

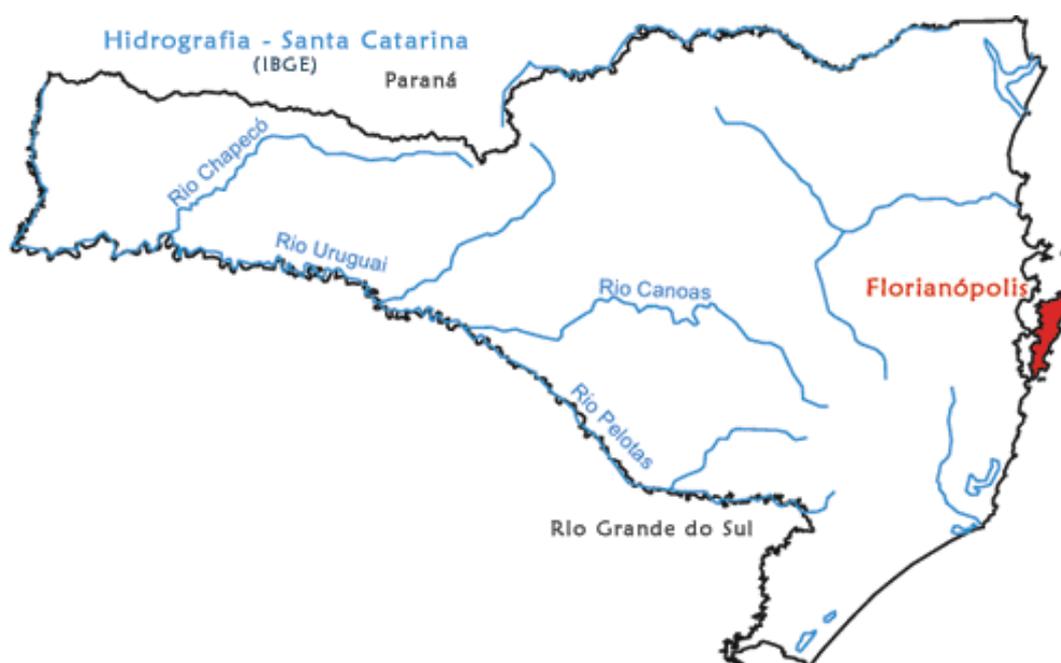
No Planalto, a Serra do Espigão representa outro divisor importante que separa as águas que rumam para o Norte, para o Iguaçu, e as que descem num rumo geral para Sudoeste, em direção ao Rio Uruguai.

O regime pluviométrico do estado e de áreas próximas é caracterizado pela relativa regularidade da distribuição do montante de chuvas anuais. O comportamento dos rios, sob o ponto de vista de suas pulsações, reflete bem essa distribuição regular de chuvas, pois são abastecidos de águas que descem das encostas e que indiretamente fluem dos lençóis subterrâneos durante o ano, com variações poucos acentuadas.

A cidade de Blumenau é uma das que têm sido vitimadas por inundações do Rio Itajaí-Açu, enquanto outras localidades ao longo do vale não são afetadas na mesma época. A disposição do traçado é linear, acompanhando o traço fluvial que, em realidade, constitui seu leito maior.

A planície deltaica do Rio Tubarão se presta para maior utilização da rizicultura. As enchentes da região, em muitos casos, ao contrário de trazerem malefícios, são fatores de desenvolvimento de atividades econômicas.

As Bacias do Iguaçu e do Uruguai não apresentam casos particulares de rupturas acentuadas dos níveis das águas de modo a significar problemas graves para as populações. Tanto um quanto outro são tributários do Rio Paraná, coletando considerável massa d'água de numerosos fluxos que drenam áreas catarinenses e de outros estados.





## **DIVISÃO GEOGRÁFICA DE SANTA CATARINA**

### **Litoral**

Os 500 quilômetros de litoral são um paraíso para quem busca belas praias e o contato com a natureza. Esta região, colonizada por açorianos no século XVIII, tem um relevo recortado, com baías, enseadas, manguezais, lagunas e mais de 500 praias. É, ainda, uma das mais importantes áreas de biodiversidade marinha do Brasil.

As principais cidades são Florianópolis, São José, Laguna, Imbituba, Itajaí, Balneário Camboriú e São Francisco do Sul. A pesca e o turismo são atividades econômicas marcantes.

Florianópolis, capital e centro administrativo do Estado, é uma cidade privilegiada: situa-se em uma bela ilha oceânica com 523 quilômetros quadrados. Ela é a capital brasileira que oferece melhor qualidade de vida e o terceiro município brasileiro mais visitado por turistas estrangeiros, atrás apenas de Rio de Janeiro e São Paulo. A área do município também inclui uma porção continental, ligada à parte insular por três pontes. Seus 280 mil habitantes convivem com o ritmo ágil de um centro urbano cosmopolita e com a tranquilidade dos vilarejos construídos pelos colonizadores açorianos. As 100 praias da cidade são em sua maioria limpas e próprias para banho.

### **Nordeste**

Com forte tradição germânica, o Nordeste do estado concilia uma economia dinâmica com o respeito à natureza exuberante. Indústrias do ramo eletro-metal-mecânico dividem espaço com as densas florestas da Serra do Mar e as águas da Baía de Babitonga. A região tem alto poder aquisitivo e excelente qualidade de vida. Suas principais cidades são Joinville (a maior de Santa Catarina, com 500 mil habitantes) e Jaraguá do Sul.

### **Vale do Itajaí**

Um "pedacinho da Alemanha" encravado em Santa Catarina. Assim é o Vale do Itajaí, situado entre a Capital e o Nordeste do estado. A herança dos pioneiros germânicos deixou marcas na arquitetura em estilo enxaimel, na culinária e nas festas típicas, nos jardins bem cuidados e na força da indústria têxtil. Sua paisagem de morros, matas, rios e cachoeiras é um forte atrativo para os ecoturistas. Os principais municípios são Blumenau, Gaspar, Pomerode, Indaial, Brusque e Rio do Sul.

### **Planalto Norte**

Nesta região, rica em florestas nativas e provenientes de reflorestamento, concentra-se o pólo florestal catarinense - o mais expressivo da América Latina, abrangendo indústrias madeireiras, moveleiras, de papel e papelão. Os principais municípios são: Rio Negrinho, São Bento do Sul, Canoinhas, Corupá, Mafra, Três Barras e Porto União.

### **Planalto Serrano**

O frio e o turismo rural são os grandes atrativos desta região, que tem como atividades econômicas a pecuária e a indústria florestal. Por conta das paisagens bucólicas e da neve que se precipita em algumas cidades, todos os anos o Planalto recebe milhares de visitantes no inverno. A estrada da Serra do Rio do Rastro, que desce em curvas sinuosas de uma altitude de 1.467 metros até o nível do mar, é uma atração à parte. Os principais municípios são Lages, São Joaquim, Urubici e Bom Jardim da Serra.

### **Sul**

O jeito simples de viver dos descendentes de imigrantes italianos é uma característica marcante da região. Quem a visita pode conhecer de perto as vinícolas e apreciar a cultura italiana em festas típicas. Extrativismo mineral e indústria cerâmica são as principais atividades econômicas. O Sul do Estado tem estações hidrotermais e cânions ricos em biodiversidade. Suas principais cidades são Criciúma, Tubarão, Gravatal, Araranguá e Urussanga.



### **Meio-Oeste**

Nesta região de morros ondulados localizada no centro do Estado situam-se comunidades de pequeno e médio porte, colonizadas por imigrantes italianos, alemães, austríacos e japoneses. Sua atividade econômica está baseada na agroindústria, criação de bovinos e produção de maçã. Também há indústrias expressivas do pólo metal-mecânico. As principais cidades são Joaçaba, Videira, Caçador, Treze Tílias, Curitibanos, Fraiburgo e Campos Novos.

### **Oeste**

Os campos do Oeste são o "celeiro" de Santa Catarina, de onde sai boa parte da produção brasileira de grãos, aves e suínos. Frigoríficos de grande e médio porte estão associados aos produtores rurais em um modelo bem-sucedido de integração: as empresas fornecem insumos e tecnologia e compram a produção de animais. A região também começa a explorar o potencial turístico de suas fontes hidrotermais. Os principais municípios são Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste.

## **ECONOMIA DE SANTA CATARINA**

Os municípios catarinenses têm como base econômica a agricultura, construção civil, pesca, pecuária e turismo. O setor de tecnologia tem maior presença na capital, Florianópolis.

No campo são produzidos aveia, bananas, cebolas, cevada, feijão, fumo, maçãs, soja e uvas. A base econômica está no binômio pesca-pecuária. Santa Catarina é o maior produtor de suínos do País e exporta para a Europa, principalmente para a Rússia.

Sua economia está alicerçada nos setores industrial (agroindustrial, têxtil, cerâmica, de máquinas e equipamentos), extrativista (mineral) e pecuarista. Santa Catarina constitui o principal exportador de frango e carne suína do Brasil e sede da Brasil Foods (Itajaí), a mais importante companhia alimentícia brasileira. Dentre as indústrias, é sede de um dos mais importantes produtores de motores elétricos no mundo, a WEG (Jaraguá do Sul). Esta é um dos principais fabricantes de compressores. Outras empresas incluem a Embraco (Joinville), e também a mais importante fundição latino-americana, a Tupy (Joinville). São muito expressivos os centros fabris de eletrodomésticos (e metalmecânica, em geral) na norte do estado, com grandes marcas brasileiras, como Consul e Brastemp (duas joinvilenses).

Santa Catarina possui a sexta economia brasileira, com um Produto Interno Bruto de R\$ 349,3 bilhões em 2020, valor correspondente a 4,6% do PIB nacional.

O estado também tem uma intensa participação no Comércio Exterior, sobretudo nas importações. Em 2022, Santa Catarina foi o segundo estado mais importador do Brasil (aproximadamente US\$ 29 bilhões), atrás apenas de São Paulo, e o décimo nas exportações (aproximadamente US\$ 12 bilhões). Desde meados de 2009, Santa Catarina importa mais do que exporta. No período de 12 meses encerrados em maio de 2023, a balança comercial catarinense apresentou-se deficitária em R\$ 17,4 bilhões.



## Setor primário

Joinville, a maior cidade catarinense, município com o maior PIB do estado.



Porto de Itajaí, um dos principais do país.



Colheita de arroz, Rio do Sul.



O setor primário é o maior e mais relevante da economia catarinense ao nível nacional. Em 2013, a agropecuária representava somente 5,0% do valor total adicionado à de todo o Brasil.

O mais importante produto agrícola de Santa Catarina é o milho, plantado no planalto basáltico, onde oferece ração para a suinocultura. Depois vêm a soja, o fumo, a mandioca. O feijão, o arroz (plantado com irrigação nas várzeas da planície litorânea e do vale do rio Itajaí). A banana e a batata-inglesa. O estado é ainda grande produtor de cana-de-açúcar, alho, cebola, tomate, trigo, maçã, uva, aveia e cevada.

A pecuária bovina ocorre especialmente em campo natural, de modo extensivo, e nas regiões de florestas, em pequena quantidade, com os animais sujeitos à semi-estabulação. Nessas áreas onde a agricultura constitui a fonte de renda majoritária, a produção se dirige para os porcos, principalmente no planalto basáltico. Nessa região, onde a milhocultura garante ração apropriada aos animais, a criação de porcos teve grande desenvolvimento no estado. Isso em consequência da evolução dos abatedouros baseados no processamento de carne suína, como a Perdigão, a Sadia, a Aurora e a Seara. Todas elas têm sede no estado. Grande crescimento ocorreu também na avicultura, com a chegada do frango Chester no mercado brasileiro na década de 1980. Em 2012, Santa Catarina foi também o segundo maior criador brasileiro de coelhos. Tem um efetivo de 37 501 rebanhos, somente atrás do Rio Grande do Sul e à frente do Paraná.

Santa Catarina é um dos mais importantes produtores de pescado do país. A pesca, especialmente a praticada em modelos pré-industriais, exerce fundamental função no quadro econômico estadual. A fonte de renda, que remonta à procedência açoriana da população, expande-se sobretudo em Florianópolis, Navegantes e Itajaí.

As riquezas minerais e vegetais contribuem de maneira decisiva para o desenvolvimento da produção no estado.[152] Dentre as primeiras sobressaem as reservas florestais, constituídas sobretudo pelos pinheirais, apesar de sua grande extração. E os ervais, que permitem ao estado continuar como importante produtor da erva-mate. O estado de Santa Catarina é um dos grandes produtores de papel e celulose do país.



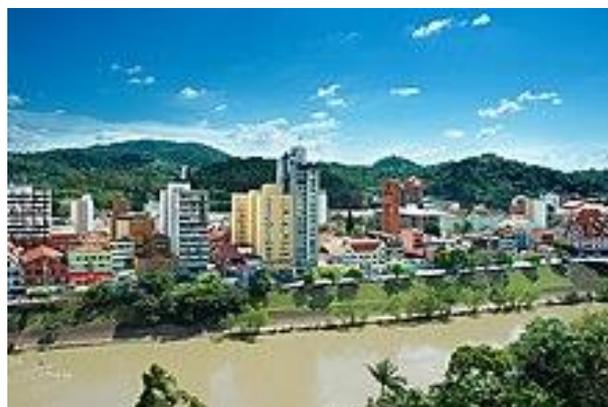
Na extração mineral, as ocorrências de carvão, sobretudo nas regiões da baixada litorânea (Urussanga, Criciúma, Lauro Müller e Tubarão), são agentes fundamentais no progresso econômico da região. Os carvões de Santa Catarina são os mais uniformes do país, embora tenham defeitos. São abundantes em piratas, têm altas quantidades de cinza, etc.

Os requisitos de extração do carvão mineral têm melhorado sensivelmente, sob a ótica técnica e dos equipamentos utilizados. Santa Catarina tem também as mais extensas reservas brasileiras de fluorita e sílex (em produção). Outros recursos minerais existentes constituem os sedimentos calcários de Brusque, de mármore, de galena argentífera e de minério de manganês, nem todos, no entanto, extraídos economicamente.

### **Setor secundário**

Vista de Blumenau, um dos principais polos industriais do estado.

Santa Catarina tinha em 2018 um PIB industrial de R\$ 66,3 bilhões, equivalente a 5% da indústria nacional. Emprega 804.796 trabalhadores na indústria. Os principais setores industriais são: Construção (17,9%), Alimentos (14,5%), Serviços Industriais de Utilidade Pública, como Energia Elétrica e Água (7,5%), Vestuário (7,4%) e Máquinas e materiais elétricos (5,8%). Estes 5 setores concentram 53,1% da indústria do estado.



O setor secundário é segundo mais relevante da economia catarinense ao nível nacional. Em 2013, a participação da indústria representava 4,9% do valor total adicionado à de todo o Brasil.

Os mais importantes centros fabris de Santa Catarina são Joinville e Blumenau. O primeiro possui personalidade variada, com indústrias têxteis, de alimentos, fundições e fábricas de automóveis. Blumenau centraliza sua atividade na indústria têxtil, na metalmecânica e na de "softwares". Além disso, as cervejarias artesanais expandiram-se recentemente. No interior do estado, aparecem inúmeros centros industriais menores, associados tanto à indústria madeireira como para o beneficiamento de produtos agropecuários.

O nordeste do estado (entre Joinville e Jaraguá do Sul) merece destaque na fabricação de motocompressores, autopeças, refrigeradores, motores e componentes elétricos, máquinas industriais, tubos e conexões. No sul do estado (inclusive os municípios de Imbituba, Tubarão, Criciúma, Içara e Urussanga), por seu turno, estão concentradas as maiores fábricas de cerâmica de revestimento do Brasil. O estado de Santa Catarina ainda é o maior produtor brasileiro de louças e cristais.

### **Setor terciário**

Vista de um dos terminais do movimentado porto de Itajaí.

O setor terciário é o menos relevante para a economia catarinense ao nível nacional. Em 2013, a participação dos serviços representava somente 3,6% do valor total adicionado à de todo o Brasil.





Segundo a Pesquisa Anual de Serviços (PAS) realizada pelo IBGE em 2013, existiam no estado 76 095 empresas, das quais 308.113 eram locais.

Em 2013, trabalharam para todas essas empresas, 560 945 trabalhadores, que totalizavam ao todo uma receita bruta de R\$ 55.944.815. Juntos com salários e outras remunerações somavam um total de 10.776.363.

## **SIMBOLOS DE SANTA CATARINA**



**Armas do Estado**



**Bandeira do Estado de SC**



Flor Símbolo de Santa Catarina:  
Laélia Purpurata



## **Hino do Estado de SC**

Letra: Horácio Nunes

Música: José Brazilício de Souza

Sagremos num hino de estrelas e flores  
Num canto sublime de glórias e luz,  
As festas que os livres frementes de ardores,  
Celebram nas terras gigantes da cruz.  
Quebram-se férreas cadeias,  
Rojam algemas no chão;  
Do povo nas epopéias  
Fulge a luz da redenção.

No céu peregrino da Pátria gigante  
Que é berço de glórias e berço de heróis  
Levanta-se em ondas de luz deslumbrante,  
O sol, Liberdade cercada de sóis.  
Pela força do Direito  
Pela força da razão,  
Cai por terra o preconceito  
Levanta-se uma Nação.

Não mais diferenças de sangues e raças  
Não mais regalias sem termos fatais,  
A força está toda do povo nas massas,  
Irmãos somos todos e todos iguais.  
Da liberdade adorada.  
No deslumbrante clarão  
Banha o povo a frente ousada  
E avigora o coração.

O povo que é grande mas não vingativo  
Que nunca a justiça e o Direito calçou,  
Com flores e festas deu vida ao cativo,  
Com festas e flores o trono esmagou.  
Quebrou-se a algema do escravo  
E nesta grande Nação  
É cada homem um bravo  
Cada bravo um cidadão.

Fonte: Do Livro: "A Águia da Tua Bandeira" de Theobaldo Costa Jamundá  
1988, Editado pela Secretaria de Estado da Educação

\*Adotado pela Lei 144 de 6 de setembro de 1895, no Governo de Hercílio Pedro da Luz



## **HISTÓRIA DO BRASIL**

### **DESCOBRIMENTO DO BRASIL**

Os primeiros habitantes não só da região sul, mas de todo o território brasileiro foram os indígenas, como já relata em textos anteriores, povos estes que eram encontrados em terras brasileiras e tinham aspectos primitivos e selvagens pela ausência de contato com humanos civilizados. Este primeiro contato com o “homem branco” surgiu então após a descoberta do Brasil, datada do dia 22 de Abril do ano de 1500 por Pedro Alvarez Cabral, navegador da coroa Portuguesa que, conforme relatos, partiu de Portugal com 13 caravelas com destino às Índias, e ao se “perder” no caminho chegou a terras brasileiras, que inicialmente foram denominadas de Monte Pascal, pois a expedição chegou a estas terras no oitavo dia da Páscoa do calendário cristão.

Alguns dias depois, foi realizada a primeira missa em solo brasileiro, dia 26 de Abril, missa realizada então pelos tripulantes da frota marítima de Cabral. Conhecendo um pouco mais do local, perceberam que não se tratava de um monte, e sim de uma extensa faixa de terra. Então, a nova terra encontrada passou a se chamar “Ilha de Vera Cruz”. Após exploração realizada por outras incursões portuguesas e constatarem então que se tratava de um continente e não apenas uma grande ilha, a terra então passou a se chamar “Terra de Vera Cruz”.

Somente em 1511, após a descoberta do Pau Brasil pelas incursões portuguesas que aqui chegaram enviadas pela coroa para saber mais sobre a tal terra descoberta, e quais riquezas possuía, é que a colônia passou a ser chamada pelo nome que recebemos hoje: Brasil.

### **CONTATO COM OS INDÍGENAS**

A história conta que, embora dificultado pela desconfiança dos índios e pela dificuldade de comunicação, o primeiro contato dos portugueses com os indígenas aqui encontrados foi amistoso. Utilizando-se de um tradutor e de formas rudimentares de comunicação, estabelece-se contato com os primitivos e o convívio passou a ser amenizado.

Inicialmente, os portugueses passaram a utilizar a mão de obra indígena para a extração do Pau Brasil, que era muito cobiçado na Europa, e então de grande valia financeira aos portugueses. Concomitante a isso os padres que para cá foram enviados iniciaram a catequização dos indígenas, porém passado algum tempo, alguns índios começaram a se rebelar com o trabalho forçado que os portugueses lhes “propunham”. Então, os portugueses não queriam mais apenas catequizá-los e sim escravizá-los, a fim de exercer total domínio sobre este povo. Passaram-se alguns anos até que a exploração de pau-brasil diminuísse e desse início ao plantio da cana de açúcar e à exploração de minérios como o ouro, também utilizando mão de obra indígena.

### **CAPITANIAS HEREDITÁRIAS**

As Capitânicas Hereditárias foram um sistema administrativo implementado pela Coroa Portuguesa no Brasil em 1534.

O território do Brasil, pertencente a Portugal, foi dividido em faixas de terras e concedidas aos nobres de confiança do rei D. João III (1502-1557).

Essas poderiam ser passadas de pai pra filho e por isso, foram chamadas de hereditárias.

Os principais objetivos eram povoar a colônia e dividir a administração colonial. As Capitânicas Hereditárias, porém, tiveram vida curta e foram abolidas dezesseis anos após sua criação.



Após a descoberta das terras a leste do Tratado de Tordesilhas, em 1500, por Pedro Álvares Cabral, o foco da Coroa portuguesa na sua colônia da América Portuguesa era a extração dos recursos da terra, como o pau-brasil.

Isso se devia ao fato de não terem sido encontrados metais preciosos como foi o caso dos espanhóis nas suas possessões. O sistema de capitanias hereditárias foi implantado a partir da expedição de Martim Afonso de Sousa, em 1530. Os portugueses tiveram receio de perderem suas terras conquistadas para outros europeus que já estavam negociando com os indígenas e buscavam se fixar ali. Para tanto, a Coroa Portuguesa imediatamente adotou medidas para povoar a colônia, evitando, dessa maneira, possíveis ataques e invasões. O sistema de capitanias havia sido implementado pelos portugueses na Ilha da Madeira, nos Arquipélagos dos Açores e de Cabo Verde.

Assim, ficou estabelecido a criação de 15 capitanias e seus 12 donatários, uma vez que uns receberam mais que uma porção de terra e as Capitanias do Maranhão e São Vicente foram divididas em duas porções.

### **O fracasso das Capitanias Hereditárias**

O sistema de capitanias sofreu com a falta de recursos. Algumas foram abandonadas e em outras jamais seus donatários estiveram ali.

Igualmente sofreram ataques indígenas, os quais lutavam contra a invasão de suas terras.

Desta maneira, o empreendimento das capitanias hereditárias fracassou. Somente duas foram bem-sucedidas:

- Capitanias de Pernambuco, comandada por Duarte Coelho, responsável por introduzir o cultivo da cana-de-açúcar;
- Capitanias de São Vicente, comandada por Martim Afonso de Sousa, graças ao tráfico de indígenas que realizavam naquelas terras.

Após a inviabilidade das Capitanias Hereditárias, a colônia passou por uma reforma administrativa e foi instituído o Governo Geral.

### **Direitos e Obrigações do Donatário**

O rei Dom João III concedeu as terras para nobres de sua confiança. Cada capitão donatário era considerado a autoridade máxima. Ele ficava responsável por povoar, administrar, proteger o território, fundar vilas e desenvolver a economia local. Por sua parte, a Coroa Portuguesa não dava nenhuma ajuda financeira aos donatários para esse empreendimento.

Os donatários, por outro lado, possuíam alguns privilégios jurídicos e fiscais como:

- escravizar indígenas;
- cobrar tributos e doar lotes de terra não cultivados (sesmarias);
- explorar a região e usufruir de todos seus recursos naturais (donde uma porcentagem pertencia à Coroa), desde animais, madeira e minérios.

As capitanias não pertenciam aos donatários e sim à Coroa Portuguesa que cobrava um imposto denominado “dízimo”, ou seja, 10% da produção da capitania.

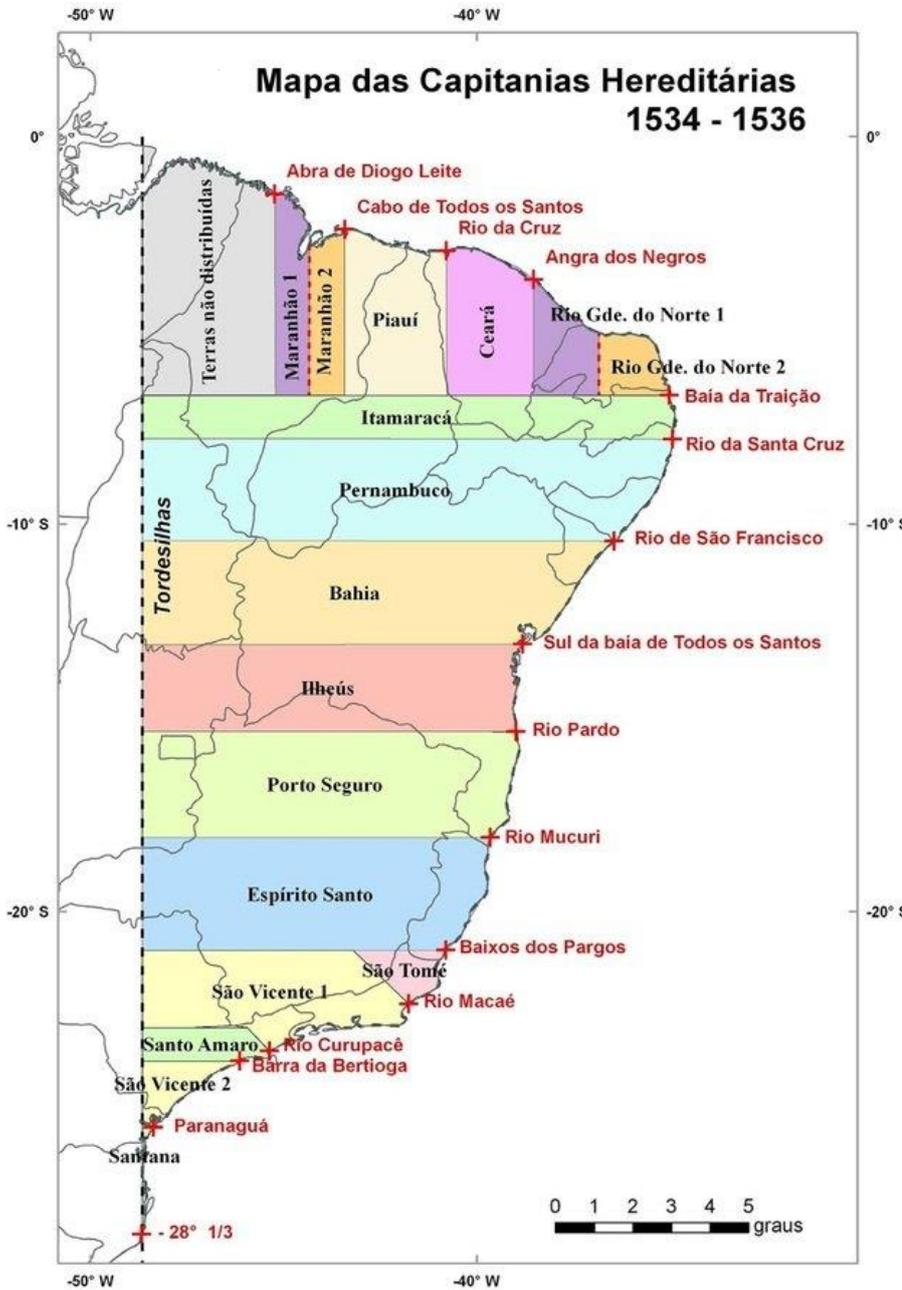
### **Curiosidades sobre as Capitanias Hereditárias**

- ✓ As capitanias hereditárias impulsionaram o crescimento das vilas, que aos poucos se transformaram em províncias, e, mais tarde constituíram alguns estados brasileiros.
- ✓ A herança dos sistema de capitanias hereditárias pode ser sentido até hoje através do coronelismo e das famílias que seguem mantendo o poder em certos estados.



✓ Martim Afonso de Sousa permaneceu pouco tempo em sua capitania, pois foi deslocado para ocupar um posto nas Índias. Quem administrou a terra foi sua esposa, Ana Pimentel.

Segue abaixo o nome de cada e de seus respectivos donatários



- Capitania do Maranhão: João de Barros e Aires da Cunha e Fernando Álvares de Andrade
- Capitania do Ceará: Antônio Cardoso de Barros
- Capitania do Rio Grande: João de Barros e Aires da Cunha
- Capitania de Itamaracá: Pero Lopes de Sousa
- Capitania de Pernambuco: Duarte Coelho Pereira
- Capitania da Baía de Todos os Santos: Francisco Pereira Coutinho
- Capitania de Ilhéus: Jorge de Figueiredo Correia
- Capitania de Porto Seguro: Pero do Campo Tourinho
- Capitania do Espírito Santo: Vasco Fernandes Coutinho
- Capitania de São Tomé: Pero de Góis da Silveira
- Capitania de São Vicente: Martim Afonso de Sousa
- Capitania de Santo Amaro: Pero Lopes de Sousa
- Capitania de Santana: Pero Lopes de Sousa



## **CRISE NO SISTEMA COLONIAL**

Ao longo do tempo, o funcionamento do sistema colonial acabou gerando uma contradição inevitável entre a metrópole e a colônia, que se expressava no antagonismo: desenvolver a colônia versus explorar a colônia. Em outras palavras: não era possível continuar explorando a colônia sem desenvolvê-la. Em contrapartida, ao se desenvolver, a colônia poderia criar condições para lutar pelo fim da exploração da metrópole.

Assim, ao mesmo tempo em que incentivava o desenvolvimento da colônia, a metrópole tomava medidas para contê-lo, procurando para isso, controlar a elite colonial. O conflito de interesses entre a metrópole e a colônia agravou-se com o tempo, gerando tensões que acabaram eclodindo em rebeliões. As rebeliões coloniais podem ser classificadas em dois grupos:

- Rebeliões sem objetivos de separação política, ou seja, de separar o Brasil de Portugal: Revolta de Beckman (1684), Guerra dos Emboabas (1708), Guerra dos Mascates (1710) e Revolta de Vila Rica (1720).
- Rebeliões com objetivos de separação política, ou seja, os que queriam proclamar a independência política do Brasil: Conjuração Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798).

## **INCONFIDÊNCIA MINEIRA OU CONJURAÇÃO MINEIRA**

A Inconfidência Mineira ou Conjuração Mineira foi um movimento de caráter separatista que ocorreu na então capitania de Minas Gerais, em 1789. O objetivo era proclamar uma República independente, criar uma universidade e abolir dívidas junto à Fazenda Real. O movimento, porém, foi descoberto antes do dia marcado para a eclosão por conta de uma delação. Com isso, seus líderes foram presos e condenados.

### **Causas da Inconfidência Mineira**

A partir de 1760, a produção começa a cair anualmente. Mesmo com a diminuição da extração do ouro, o sistema e o valor de cobrança dos quintos devidos à coroa, mantinha-se o mesmo. Quando o ouro entregue não alcançava 100 arrobas (cerca de 1500 kg) anuais, era decretada a “derrama”. Esta consistia em cobrar da população, pela força das armas, a quantidade que faltava.

Apesar de ter sido decretada somente uma vez, sempre pairava a ameaça que a derrama poderia se tornar realidade e isso assustava tanto os exploradores de ouro como a população. O custo de vida em toda a região aumentava, pois tudo era comprado a prazo e com ouro. Desta maneira, os funcionários que detinham o monopólio do metal começaram a se endividar. Com isso, deixaram de fazer pagamentos aos comerciantes, agricultores e traficantes de escravos que também foram arrastados para a crise. Igualmente, o “Alvará de 1785”, agravou a situação. Esta lei determinava o fechamento de manufaturas locais, proibindo a existência do fabrico de tecidos de qualquer natureza. Isto obrigava a população a consumir apenas produtos importados e de alto preço.

Também as ideias do Iluminismo, que apregoavam temas como a liberdade para os povos e questionar a ordem política vigente, circulavam pela capitania de Minas Gerais apesar da censura. Estas ideias foram trazidas por estudantes brasileiros que tinham realizado cursos superiores na Europa



e também através de livros. Importante ressaltar que os envolvidos nesta conspiração tomavam como exemplo a Independência dos Estados Unidos.

Ali, os colonos, revoltados contra o sistema fiscal de sua metrópole, tinham conseguido a independência da Inglaterra. Isto animou a elite mineradora a conspirar contra a metrópole.

### Objetivos da Inconfidência Mineira

Os Inconfidentes tinham uma série de propostas para a capitania de Minas Gerais como:

- ✓ Romper com Portugal e adotar um regime republicano (a capital seria São João del Rei);
- ✓ Criar indústrias;
- ✓ Fundar uma universidade em Vila Rica;
- ✓ Acabar com o monopólio comercial português;
- ✓ Adotar o serviço militar obrigatório;
- ✓ Instituir parlamentos locais que seriam subordinados a um parlamento regional.

A bandeira do novo país seria um pavilhão que conteria a frase latina *Libertas quæ sera tamen* (Liberdade ainda que tardia). Mais tarde, um desenho semelhante e o lema seriam a base para a criação da bandeira do Estado de Minas Gerais.



Bandeira da Inconfidência Mineira com as cores da Revolução Francesa e um índio rompendo grilhões

A revolta deveria ter início no dia da derrama, que o governo programara para 1788 e acabou suspendendo quando soube da conjuração.

Os planos dos inconfidentes foram frustrados porque três participantes da conspiração procuraram o governador, Visconde de Barbacena, para delatar o movimento.

Foram eles: o coronel Joaquim Silvério dos Reis, o tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago e o mestre de campo (militar) Inácio Correia Pamplona.

Tiradentes, que viajava para o Rio de Janeiro a fim de adquirir armas, foi preso naquela cidade, no dia 10 de maio de 1789.

Após três anos sendo processados, todos os participantes foram perdoados ou condenados ao degredo. Somente Tiradentes foi condenado à morte e executado no dia 21 de abril de 1792, no campo de São Domingos, no Rio de Janeiro. Após o cumprimento da sentença, o corpo foi esquartejado e ficou exposto à execração pública.



Contudo, a figura de Tiradentes seria recuperada pelo regime republicano que o transformou num mártir da liberdade. Inclusive, dia 21 de abril, data da morte de Tiradentes, é feriado nacional, o [Dia de Tiradentes](#), a fim de lembrar a Inconfidência Mineira.

### **Os Inconfidentes: líderes da Inconfidência Mineira**



*Bandeira da Inconfidência - 1789: Os Inconfidentes. Carlos Oswald, c.1939. Academia de Polícia Militar (MG)*

Os inconfidentes eram, em sua maioria, grandes proprietários, mineradores, padres e letrados, como [Cláudio Manuel da Costa](#).

Oriundo de família enriquecida na mineração, havia estudado em Coimbra e foi alto funcionário da administração colonial. Por sua parte, Alvarenga Peixoto era minerador e latifundiário.

Tomás Antônio Gonzaga, escritor e poeta, depois de estudos jurídicos na Europa, tornou-se ouvidor (juiz) em Vila Rica.

Francisco de Paula Freire, tenente-coronel e comandante do Regimento dos Dragões (tropa militar de Minas Gerais), estava hierarquicamente logo abaixo do governador.

Joaquim José da Silva Xavier, chamado de [Tiradentes](#), era filho de um pequeno fazendeiro e ganhou a vida como militar, dentista, tropeiro e comerciante.

Foi o mais popular entre os conspiradores e, embora não tenha sido o idealizador do movimento, teve papel importante na propagação das ideias revolucionárias junto à população.



## **Inconfidência ou Conjuração Mineira?**

O termo "Inconfidência" vem sendo questionado por alguns estudiosos.

"Inconfidência" significa "falta de fé ou de fidelidade, especialmente em relação ao Estado ou a um soberano", segundo o Dicionário On-line de Português. Por sua parte, a palavra "conjuração" é definida como "Associação de pessoas que, secreta ou clandestinamente, conspiram contra um governo" pelo mesmo dicionário.

O termo "inconfidente" seria a visão da metrópole em relação aos envolvidos e, dificilmente, eles gostariam deste vocábulo para descrever estes acontecimentos.

O historiador Kenneth Maxwell se expressou nestes termos sobre esta discussão, por ocasião do Bicentenário da Inconfidência, em 1989:

(...) a palavra inconfidência vem dos donos do poder e não da oposição. Vem da contra-revolução e não da revolução; e, enfim, o objeto das nossas comemorações é uma revolução frustrada, não uma repressão bem-sucedida. É bom que estejamos bem claros sobre isto.

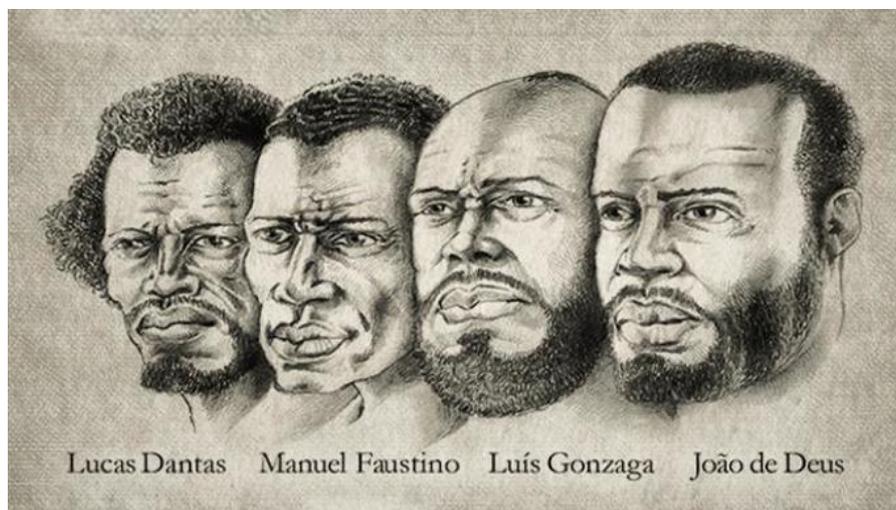
## **CONJURAÇÃO BAIANA**

A Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates foi um movimento político popular ocorrido em Salvador, Bahia, em 1798. Tinha como objetivos separar a Bahia de Portugal, abolir a escravatura e atender às reivindicações das camadas pobres da população. É também conhecida como "Conspiração dos Búzios" ou "Revolta dos Alfaiates", por ter como principais líderes os alfaiates João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira.

A Conjuração Baiana foi composta, em sua maioria, por escravizados, negros livres, brancos pobres e mestiços, que exerciam as mais diferentes profissões, como sapateiros, pedreiros, soldados, etc. Influenciada pela Revolução Francesa e pela Revolução Haitiana, a Conjuração Baiana foi fortemente reprimida. Seus membros foram presos e, em 1799, os líderes do movimento foram condenados à morte ou ao degredo.

## **Líderes da Conjuração Baiana**

Além da liderança exercida pelos alfaiates, o movimento também era encabeçado pelos soldados Luís Gonzaga das Virgens e Lucas Dantas.





Os quatro líderes da Conjuração Baiana condenados à morte em 1799. (imagem: Revista Caros Amigos)

A maçonaria exerceu uma forte influência sobre a conjuração, pois os ideais políticos da Revolução Francesa chegavam ao Brasil também por intermédio deste grupo.

A primeira loja maçônica criada na Bahia, Cavaleiros da Luz, contava com a participação de diversos intelectuais que se envolveram na conjuração.

São eles: José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu; o cirurgião Cipriano Barata, o "médico dos pobres"; o farmacêutico João Ladislau de Figueiredo; o padre Francisco Gomes; o professor de latim Francisco Barreto e o tenente Hermógenes Pantoja, que se reuniam para ler Voltaire, traduzir Rousseau e organizar a conspiração.

### **Contexto histórico da Conjuração Baiana**

Da mesma forma, repercutia na Bahia o movimento chefiado pelo negro alforriado Toussaint Louverture, no Haiti, contra os colonizadores franceses - o primeiro grande levante de escravizados bem sucedidos na história.

Outra causa que levou à revolta foi o fato da população da cidade de Salvador estar em situação de penúria, depois que a capital do Brasil colônia foi transferida para o Rio de Janeiro, em 1763. Afirmou-se a necessidade de fundar na Bahia uma república Democrática, onde não houvesse diferenças sociais e onde todos fossem iguais.

No dia 12 de agosto de 1798, a cidade de Salvador amanheceu coberta de papéis manuscritos pregados aos muros das igrejas. Os panfletos chamavam a população à luta e proclamavam ideias de liberdade, igualdade, fraternidade e República.

Um dos principais dizeres era:

“Animai-vos povo baiense que está para chegar  
o tempo feliz da nossa Liberdade:  
o tempo em que todos seremos irmãos,  
o tempo em que todos seremos iguais.”

### **Fim da Conjuração Baiana**

A distribuição dos panfletos com palavras de ordem levou as autoridades a agir prontamente e reprimir a manifestação. Alguns membros foram presos e forçados a delatar o restante dos participantes.

O governador da Bahia, Fernando José de Portugal e Castro, soube através de uma denúncia feita por Carlos Baltasar da Silveira, que os conspiradores iriam se reunir no Campo de Dique, no dia 25 de agosto.

A ação do governo foi rápida e o coronel Teotônio de Souza foi encarregado de surpreendê-los em flagrante. Diante da aproximação das tropas do governo, alguns conseguiram fugir.



Reprimida a rebelião, as prisões sucederam-se e o movimento foi desarticulado. Foram presas 49 pessoas, das quais três eram mulheres, nove escravizados e outros homens livres que exerciam profissões como alfaiates, barbeiros, soldados, bordadores e pequenos comerciantes.

Os principais envolvidos foram julgados e condenados à morte. No dia 8 de novembro de 1799, um ano e dois meses depois dos acontecimentos, os acusados foram declarados culpados por traição.

Desta maneira, receberam a pena de morte por enforcamento e depois esquartejados: Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira. Os corpos foram expostos em diversos locais da cidade de Salvador para servir de exemplo a possíveis subversivos.

Os intelectuais e membros da maçonaria que participaram da conjuração receberam penas mais brandas ou foram absolvidos.

Apesar de seu terrível desfecho, a Conjuração Baiana influenciou outros movimentos como a independência (1822), a Revolta do Malês (1835) e a abolição da escravidão (1888).

## **VINDA DA FAMÍLIA REAL PARA O BRASIL**

No princípio do século XIX, a Europa foi sacudida por uma guerra longa e violenta. Napoleão, imperador da França, organizou um exército poderoso e invadiu vários países somando vitórias. Para derrotar os ingleses, imaginou um estratagema: obrigar as outras nações a fecharem os portos à Inglaterra, que sendo uma ilha ficaria isolada e muito enfraquecida sem poder comerciar. Acontece que Portugal e Inglaterra eram velhos aliados e faziam muitos negócios entre si, por isso os portugueses decidiram não obedecer.

Napoleão preparou um exército de 30.000 homens comandados pelo General Junot e ordenou-lhe que conquistasse Portugal. Quando em Lisboa se soube que viria uma invasão francesa, tomou-se a decisão: a família real devia partir imediatamente para o Brasil, que nessa época era uma colônia portuguesa. Dom João só tomou a decisão de embarcar para o Brasil quando as tropas Napoleônicas fossem apoiadas pela Espanha, que já se aproximavam de Lisboa. Em 15.000 mil pessoas e com navios emprestados da Inglaterra (que se comprometera a protegê-los), a Corte Portuguesa chega a Salvador onde foi recebida com grande festa em Janeiro de 1808 de onde após três anos de permanência, mudaram-se para o Rio de Janeiro.

O príncipe Dom João dá a seguinte ordem ao povo: “O proprietário que tiver duas casas ou mais, deve cedê-las à corte e ficar só com uma”. Essa era a mesma ordem que ele tinha dado em Salvador para conseguir abrigar o seu povo. A Corte Batiza a “colônia” de Reino Unido. Cumpriu-se o acordo com a Inglaterra e os portos brasileiros foram abertos às nações amigas, incluindo Espanha e França.



## **O GOVERNO DE D. JOÃO VI NO BRASIL**

João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael - o futuro D. João VI - nasceu em 13 de maio de 1767, no Palácio Real da Ajuda, nas cercanias de Lisboa, e morreu em 10 de março de 1826, no Paço da Bemposta, na mesma cidade, com quase 59 anos de idade. Como príncipe ou rei, nos 34 anos de seu governo (1792-1826), D. João foi personagem da história luso-brasileira em diversos momentos significativos. Ele participou de vários acontecimentos, frequentemente analisados pela historiografia como:

- ✓ a transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas (1808); a assinatura dos tratados de comércio com a Inglaterra (1810);
- ✓ a elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves (1815);
- ✓ a repressão militar à Revolta Pernambucana (1817); o retorno da família real a Portugal (1821);
- ✓ o reconhecimento da independência política do Brasil (1825), proclamada em 1822, por seu filho, D. Pedro I.

Há muito Portugal dependia economicamente da Inglaterra. Essa dependência acentua-se com a vinda de D. João VI ao Brasil, que gradualmente deixava de ser colônia de Portugal, para entrar na esfera do domínio britânico. Para Inglaterra industrializada, a independência da América Latina era uma promissora oportunidade de mercados, tanto fornecedores, como consumidores. Com a assinatura dos Tratados de 1810 (Comércio e Navegação e Aliança e Amizade), Portugal perdeu definitivamente o monopólio do comércio brasileiro e o Brasil caiu diretamente na dependência do capitalismo inglês.

## **REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA**

Ocorrida em 1817, em Pernambuco, a Revolução Pernambucana ou Revolução dos Padres, foi uma revolta emancipacionista e das mais importantes revoluções brasileiras.

### **Contexto histórico**

Na sequência da criação, por Napoleão Bonaparte, do Bloqueio Continental, a corte real portuguesa transferiu-se para o Brasil em 1808. Nesta altura, foram construídas fábricas e outras estruturas no Brasil, porém, certos fatos revoltavam os brasileiros, dentre os quais: aumento de impostos, gastos exagerados da corte e ocupação de cargos públicos pelos portugueses em vez de serem disponibilizados a brasileiros.

### **Como Aconteceu**

O estado que mais se revoltou com a situação do país foi Pernambuco, que enfrentou, ainda, um grave problema com a seca na região levando centenas de pessoas à morte.

Assim, os revoltosos, liderados por Domingos José Martins, José de Barros Lima (conhecido como o “Leão Coroado”) planejaram a revolução que se iniciou com a ocupação de Recife e a prisão do governador do Estado de Pernambuco – Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Foi implantado um governo provisório, cujas principais medidas foram a libertação de presos políticos, a redução de impostos e a liberdade de imprensa.

O objetivo era tornar o Brasil independente de Portugal e implantar a república.



## **Consequências**

Receoso das iniciativas, D. João VI dá ordens para os militares. O combate, com duração de 75 dias, foi dos mais violentos movimentos emancipacionistas.

Vencidos, os revoltosos foram presos e, muitos deles, condenados à morte.

A revolta é também conhecida como a Revolta dos Padres devido ao número considerável de padres que nela tomaram lugar - um dos mais conhecidos foi Frei Caneca.

## **GUERRA CISPLATINA**



A “Guerra da Cisplatina” ou “Guerra del Brasil” (como é conhecida fora do Brasil) foi um confronto armado ocorrido entre 1825 a 1828, envolvendo o Império do Brasil, as Províncias Unidas do Rio da Prata e os habitantes da Província Cisplatina pelo controle regional do atual Uruguai.

Com exceção as batalhas de Sarandi (outubro de 1825) e de Passo do Rosário (janeiro de 1827), nas quais as forças imperiais foram derrotadas, a maior parte das batalhas não passaram de escaramuças sem grandes resultados.

## **Principais Causas e Consequências**

Oficialmente, Dom Pedro I alegava que aqueles territórios pertenciam a sua mãe, Carlota Joaquina, irmã do rei Fernando VII da Espanha. Contudo, os habitantes locais contestavam esta pretensão.

Além disso, boa parte da prata andina era escoada pelo estuário do Rio da Prata, o que, para além dos interesses econômicos, seria uma solução para fortalecer autoridade do imperador Dom Pedro I. Contudo, os enormes prejuízos financeiros e a economia brasileira acabaram por enfraquecer ainda mais sua imagem.

Por fim, nem o Império do Brasil ou as Províncias Unidas do Rio da Prata ficaram com a posse da Província da Cisplatina, uma vez que este território se tornou independente no final do conflito, formando a Província Oriental del Río de la Plata, atual Uruguai.





## **Principais Características**

De partida, vale citar a dificuldade entre as nações beligerantes em constituírem exércitos nacionais para lutarem no conflito, especialmente no caso do Brasil, tendo em vista que o governo imperial decretou o recrutamento forçado para servir no exército e contratou mercenários estrangeiros para a guerra.

As forças imperiais contavam com cerca de 10.000 homens espalhados pela Província, dos quais a maioria era recrutada localmente e não possuía preparo militar. Enquanto isso, as forças das Províncias Unidas do Rio da Prata (províncias do vice-reinado espanhol que formaram a Argentina) iniciaram as investidas com um exército de pouco mais de 800 homens, sob o comando de Juan de las Heras, governador da Província de Buenos Aires. Contudo, a população uruguaia aderiu maciçamente às Províncias Unidas, fortalecendo seu exército e equiparando-o ao exercito brasileiro.

Por outro lado, a Marinha do Brasil, era muito superior. Formada por cerca de 3 mil marinheiros (1.200 mercenários ingleses, irlandeses e norte-americanos), a esquadra imperial era composta por dezoito brigues, seis fragatas, e mais de vinte e cinco embarcações menores. Já a Marinha de Buenos Aires contava com os brigues General Belgrano (14 canhões) e General Balacre (14 canhões), as corvetas 25 de Mayo (28 canhões), Independencia (28 canhões) e Chacabuco (20 canhões), a fragata Buenos Aires e algumas canhoneiras.

## **Contexto Histórico**

Este território é disputado pelas coroas de Portugal e da Espanha desde 1680, quando a Colônia do Santíssimo Sacramento foi criada. Contudo, a gênese mais imediata do conflito surge em 1816, quando Dom João VI iniciou a incorporação do território.

Por sua vez, em julho de 1821 a Província Cisplatina é anexada oficialmente ao Império. Contudo, durante o Reinado de Dom Pedro I, surge um movimento pela independência da província, culminando com a proclamação de sua soberania em abril de 1825 por Juan Antonio Lavalleja e Fructuoso Rivera, apoiados pelas elites das Províncias Unidas do Rio da Prata.

Em dezembro de 1825, o governo imperial declara guerra às Províncias Unidas. No ano seguinte, Juan Antonio Lavalleja e o general Carlos Maria de Alvear, no comando do exército argentino, cruzam o Rio da Prata e iniciam a conquista do território brasileiro. Em resposta, o Império envia tropas de voluntários e mercenários para combater os cisplatinos.

Assim, enquanto as forças imperiais venciam as forças republicanas na Batalha de Monte Santiago (1827), Fructuoso Rivera tomava de assalto o Território dos Sete Povos das Missões (1828). Enquanto isso, o impasse permanecia e a Colônia do Sacramento, bem como Montevideú, continuavam sob o domínio brasileiro. Por outro lado, a batalha naval, com o bloqueio a Buenos Aires, enfraqueceu gradualmente as forças das Províncias Unidas, apesar de suas embarcações menores serem capazes furar o bloqueio para enviar suprimentos aos uruguaiaos.

Por fim, em função da pressão britânica e francesa para o fim do conflito, o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata assinaram a “Convenção Preliminar de Paz” em 27 de agosto de 1828, no Rio de Janeiro, reconhecendo ainda a independência da recém criada República Oriental do Uruguai.



## **CRONOLOGIA DO BRASIL IMPERIO**

### **Introdução: o período imperial**

A História do Brasil Imperial tem início em 7 de setembro de 1822 com a proclamação de Independência do Brasil por D. Pedro I. O término deste período é a Proclamação da República, ocorrida no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1889. Durante esta época, o Brasil foi governado por dois imperadores: D. Pedro I (de 1822 até 1831) e D. Pedro II (de 1840 até 1889). Entre os anos de 1831 e 1840, o Brasil foi governado por regentes.

### **Principais fatos da História do Brasil Império (Cronologia)**

**1822** - No dia 7 de setembro, D. Pedro I, às margens do riacho do Ipiranga em São Paulo, proclama a Independência do Brasil. Início do Brasil Monárquico.

**1822** - No Rio de Janeiro, em 12 de outubro, D. Pedro I é aclamado imperador do Brasil.

**1823** - Reunião da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Brasil. A Assembleia foi dissolvida por D. Pedro I que criou o Conselho de Estado.

**1823** - As tropas leais ao imperador brasileiro vencem os portugueses nas guerras pela consolidação da independência.

**1824** - No dia 25 de março, D. Pedro I outorga a Primeira Constituição Brasileira.

**1824** - O nome oficial do país muda de Brasil para Império do Brasil.

**1824** - Ocorre o movimento revolucionário conhecido como Confederação do Equador.

**1825** - Início da Guerra da Cisplatina, conflito entre Brasil e Uruguai, que queria sua independência.

**1825** - A Independência do Brasil é reconhecida por Portugal.

**1831** (13 de março) - Noite das Garrafadas: conflitos de rua, no Rio de Janeiro, entre opositores e simpatizantes (partidários) de Dom Pedro I.

**1831** - Criação da Guarda Nacional.

**1831** - Sofrendo pressões, D. Pedro I abdica do trono do Brasil.

**1831 a 1840** - Período Regencial: Brasil é governado por regentes.

**1833** - Ocorre, na cidade de Ouro Preto (Minas Gerais) a Revolta do Ano da Fumaça. O movimento também ficou conhecido como Sedição Militar de 1833.

**1835 - 1845** - Ocorre a Revolução Farroupilha (Guerra dos Farrapos) no sul do país.

**1834** - Morte de D. Pedro I em Portugal.

**1834** - no mês de agosto um ato adicional (Lei número 16) modificou a Constituição Brasileira: A Regência Trina foi substituída pela Regência Una.

**1835** - O padre Diogo Feijó tornou-se o primeiro regente uno do Brasil.

**1835** - Revolta dos Malês no estado da Bahia.

**1835-1840** - Cabanagem: revolta popular ocorrida na província do Pará.

**1836** - Os revoltosos da Revolução Farroupilha proclamam a República Rio-Grandense.

**1837** - Em 19 de setembro deste ano, o padre Feijó renuncia ao cargo de regente uno do Brasil.

**1837-1838** - Sabinada - revolta regencial ocorrida na Bahia.



**1838-1841** - [Balaiada](#) - revolta popular ocorrida no interior da província do Maranhão.

**1840** - Golpe da Maioridade: [Dom Pedro II](#) assume o trono do Brasil com apenas 14 anos de idade.

**1842** - Revolução Liberal nas províncias de Minas Gerais e São Paulo.

**1845** - Fim da Guerra dos Farrapos na região Sul do Brasil.

**1847** - É instituído o [parlamentarismo](#) no Brasil.

**1848-1850** - [Revolução Praieira](#), de caráter liberal e federalista, ocorrida na província de Pernambuco.

**1850** - Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico de escravos.

**1850** - "Surto" industrial no Brasil, com a inauguração de 70 fábricas produzindo chapéus, sabão, tecidos de algodão, cerveja e outros produtos.

**1850 a 1860** - Período de industrialização no Brasil, com a fundação de 14 bancos, três caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguro e oito estradas de ferro.

**1851** - Guerra contra o Uruguai. O governo imperial brasileiro interveio em defesa do líder colorado Frutuoso Rivera contra o blanco Manuel Oribe.

**1852** - Guerra contra a Argentina. Intervenção brasileira na Argentina com o objetivo de tirar do poder o caudilho Juan Manuel de Rosas e promover o livre comércio nos rios da região platina.

**1854** - O empresário [Barão de Mauá](#), em 30 de abril, inaugura a primeira ferrovia brasileira.

**1864 a 1865** - Guerra contra o Uruguai.

Ocorreu quando latifundiários gaúchos se envolveram em disputas políticas internas no Uruguai e o governo imperial se viu forçado a intervir no país.

**1865-1870** - Ocorre a [Guerra do Paraguai](#): Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. A principal causa foi o surgimento do Paraguai enquanto potência na região do Prata. A independência econômica paraguaia ameaçou os interesses ingleses na região.

**1870** - Lançamento do Manifesto Republicano.

**1871** - Promulgada a Lei do Ventre Livre.

**1872** - Fundação do Partido Republicano.

**1874** - Chegam em São Paulo os primeiros imigrantes italianos (início da fase de [imigração](#)).

**1882** - A borracha ganha importância no mercado internacional e o Brasil torna-se um grande produtor e exportador.

**1885** - Lei dos Sexagenários: liberdade aos escravos com mais de sessenta anos.

**1888** - No dia 13 de maio, a [Princesa Isabel](#) assina a Lei Áurea, acabando com a [escravidão](#) no país.

**1889** - Em 15 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro, sob o comando do Marechal Deodoro da Fonseca, ocorre a Proclamação da República (fim do Brasil Império).





## **INDEPENDENCIA DO BRASIL**

A Independência do Brasil é um dos fatos históricos mais importantes de nosso país, pois marca o fim do domínio português e a conquista da autonomia política. Muitas tentativas anteriores ocorreram e muitas pessoas morreram na luta por este ideal. Podemos citar o caso mais conhecido: Tiradentes. Foi executado pela coroa portuguesa por defender a liberdade de nosso país, durante o processo da Inconfidência Mineira.

### **Dia do Fico**

Em 9 de janeiro de 1822, D. Pedro I recebeu uma carta das cortes de Lisboa, exigindo seu retorno para Portugal. Há tempos os portugueses insistiam nesta idéia, pois pretendiam recolonizar o Brasil e a presença de D. Pedro impedia este ideal. Porém, D. Pedro respondeu negativamente aos chamados de Portugal e proclamou: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico".

### **O processo de independência**

Após o Dia do Fico, D. Pedro tomou uma série de medidas que desagradaram a metrópole, pois preparavam caminho para a independência do Brasil. D. Pedro convocou uma Assembléia Constituinte, organizou a Marinha de Guerra, obrigou as tropas de Portugal a voltarem para o reino. Determinou também que nenhuma lei de Portugal seria colocada em vigor sem o "cumpra-se", ou seja, sem a sua aprovação.

Além disso, o futuro imperador do Brasil conclamava o povo a lutar pela independência. O príncipe fez uma rápida viagem a Minas Gerais e a São Paulo para acalmar setores da sociedade que estavam preocupados com os últimos acontecimentos, pois acreditavam que tudo isto poderia ocasionar uma desestabilização social.

Durante a viagem, D. Pedro recebeu uma nova carta de Portugal que anulava a Assembléia Constituinte e exigia a volta imediata dele para a metrópole. Estas notícias chegaram às mãos de D. Pedro quando este estava em viagem de Santos para São Paulo. Próximo ao riacho do Ipiranga, levantou a espada e gritou: "Independência ou Morte!". Este fato ocorreu no dia 7 de setembro de 1822 e marcou a Independência do Brasil. No mês de dezembro de 1822, D. Pedro foi declarado imperador do Brasil.

### **Pós Independência**

Os primeiros países que reconheceram a independência do Brasil foram os Estados Unidos e o México. Portugal exigiu do Brasil o pagamento de dois milhões de libras esterlinas para reconhecer a independência de sua ex-colônia. Sem este dinheiro,

D. Pedro recorreu a um empréstimo da Inglaterra. Embora tenha sido de grande valor, este fato histórico não provocou rupturas sociais no Brasil.

O povo mais pobre se quer acompanhou ou entendeu o significado da independência. A estrutura agrária continuou a mesma, a escravidão se manteve e a distribuição de renda continuou desigual. A elite agrária, que deu suporte D. Pedro I, foi a camada que mais se beneficiou.

### **Um Príncipe Brasileiro**

O segundo filho varão de D. João e Carlota Joaquina nasceu no dia 12 de outubro de 1789, na sala D. Quixote do palácio de Queluz. Antônio, primogênito de D. João, morreu aos seis anos, em 1801,



tornando D.Pedro o segundo na linha sucessória. Em 1808, depois que D.Pedro se mudou com os pais para o Brasil, o desleixo com o qual fora criado assumiu proporções quase criminosas.

Criado solto, na Quinta da Boa Vista ou na fazenda Santa Cruz (propriedade tomada dos jesuítas, a 80 km do Rio), Pedro andava sozinho na mata, brigava a pau e soco com outras crianças, bolinava as escravas. Ali, tornou-se um exímio, mas imprudente cavaleiro.

A rudeza desses primeiros anos pode ter agravado a epilepsia congênita: aos 18 anos, D.Pedro já sofrera seis ataques da doença. Alguns, durante cerimônias oficiais - que o príncipe não tolerava (no beija-mão, ele a estendia a adultos, mas, se uma criança se aproximava, ele a socava no queixo). Mas, desde a infância, Pedro revelou-se ser um sujeito despojado e de bom coração.

Por toda a vida, D.Pedro foi um amante latino, dândi liberal que tomava o que gostava - cavalos, mulheres ou roupas. Mas quem convivera com ele concordava com algumas de suas últimas palavras: "Orgulho-me de ser verdadeiro, humano e generoso e de ser capaz de esquecer as ofensas que me são feitas". A partir dos 16 anos, D.Pedro adquiriu fama de amante insaciável. Os nobres portugueses e ricos brasileiros escondiam as filhas quando o príncipe passava.

Embora tenha tido relações sexuais - ou tentando ter - com praticamente qualquer mulher que visse pela frente, a grande paixão de D.Pedro foi Domitila de Castro, que ele fez Marquesa de Santos e que lhe deu quatro filhos. D.Pedro e Domitila, uma "sensual luso-brasileira de seios e quadris volumosos", conheceram-se em São Paulo, dias antes de o príncipe proclamar a independência. D.Pedro a levou para morar em frente do palácio. O caso tornou-se público.

D.Leopoldina morreu - de desgosto segundo o povo. Forçado a se casar de novo, D.Pedro dispensou a amante, em 1829. Mas não sem escândalo: ao descobrir que o imperador tinha um caso com sua irmã, Maria Bendita, Domitila tentou matá-la. A marquesa voltou para São Paulo, casou e morreu aos 70 anos.

## **PERIODO REGIONAL**

Nos dicionários, encontra-se a palavra regência com a seguinte explicação: "governo provisório enquanto o poder não pode ser exercido pelo príncipe que tem direito de exercê-lo". Depois da abdicação de D.Pedro I, o governo passou a ser exercido por regentes, uma vez que D.Pedro II tinha apenas cinco anos.

### **A Regência Trina Provisória**

No dia 7 de abril de 1831, quando D.Pedro I abdicou, a Assembléia Geral do Império (Senado e Câmara dos Deputados) estava de férias e apenas alguns deputados e senadores encontravam-se no Rio de Janeiro. Estes, por causa de seu pequeno número, só puderam eleger uma regência provisória formada por José Carneiro de Campos, Nicolau de Campos Vergueiro e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

O novo governo tomou duas medidas importantes: chamou de volta o ministério brasileiro, demitido por D.Pedro I pouco antes da abdicação, e decretou anistia para todos os acusados de crimes políticos. Passaram-se alguns meses, deputados e senadores voltaram ao Rio de Janeiro e, depois de reuniões e acordos políticos, foi estabelecido um novo governo.

### **A Regência Trina Permanente**

Em junho de 1831, o novo governo ficava organizado com três regentes: José da Costa Carvalho, representante das províncias do Sul do país, João Bráulio Muniz que representava o Norte-



nordeste, e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, apelidado pelo povo do Rio de Janeiro de Chico Regência, representando o Centro.

O povo, especialmente o do Rio de Janeiro, ficou insatisfeito com o novo governo, que só incluía políticos conservadores e inúmeras revoltas explodiram na capital. As revoltas das camadas populares foram fomentadas pela série de problemas com que se debatia o país: a crise econômica, a dívida externa, o aumento do custo de vida e dos impostos. Tais problemas haviam levado a abdicação de Pedro I e continuavam a se agravar.

### **A Regência Una**

Em setembro de 1834 ocorreu um outro fato político importante: D. Pedro I morreu em Portugal

Em 1835, pela primeira vez, os brasileiros votavam numa eleição para o poder executivo. Escolhiam um regime único que teria poderes equivalentes aos de um presidente da república. É claro que os eleitores eram minoria, pois a Constituição de 1824 estabelecia que só podiam votar pessoas com altas rendas. Foi eleito o padre Diogo Antônio Feijó, que tomou posse em 1836.

### **Antecipação da Maioridade de D. Pedro II**

Em abril de 1840, por proposta do senador José Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar, foi criada a Sociedade Promotora da Maioridade, originalmente uma sociedade secreta que logo se tornou pública, passando a se chamar apenas Clube da Maioridade. Antônio Carlos de Andrada, um dos líderes do Partido Progressista, foi escolhido presidente, aproximando-se cada vez mais dos palacianos.

Os regressistas ou conservadores procuraram cercar a proposta de antecipação com inúmeros cuidados, restaurando a mística da figura imperial, o protocolo e as pompas reais nas solenidades públicas. Foi restabelecido o beija-mão, saudação que simbolizava o reconhecimento do Imperador por seus súditos. O próprio Regente Araújo Lima, na festa da Santa Cruz, à porta da igreja, inclinou-se ante o Imperador, beijando-lhe a mão, fato que, segundo o conservador Justiniano José da Rocha, provocou "na cidade a exaltação em uns, a indignação em outros e a surpresa de todos".

No dia 21 de julho de 1840, os representantes do Partido Progressista, ou Liberal, liderados por Antônio Carlos, apresentaram à Assembléia Geral um projeto de declaração da maioridade, antecipando o início do Governo pessoal de D. Pedro II. O Governo regencial, procurando ganhar tempo, tentou evitar a votação, adiando a abertura das sessões para novembro. Inconformados, os deputados, com o apoio do Senado, formaram uma comissão que foi ao palácio de São Cristóvão pedir ao jovem Príncipe herdeiro que concordasse em assumir o Governo.

Ele aceitou e, em 23 de julho de 1840, prestou juramento na Assembléia Geral. "Juro manter a religião Católica Apostólica Romana, a integridade e indivisibilidade do Império, observar e fazer observar a Constituição política da nação brasileira, e mais leis do Império, e prover ao bem geral do Brasil, quanto em mim couber".

A antecipação da maioridade restabeleceu a paz no Império. A Regência foi extinta, e o Governo foi entregue a seu segundo Imperador, D. Pedro II, que completaria 15 anos no dia 2 de dezembro. A sagração e coroação de D. Pedro II foi marcada para 18 de julho de 1841. A cidade do Rio de Janeiro foi cuidadosamente embelezada para a cerimônia. Muitas obras foram realizadas com grandes gastos para os cofres públicos. As festas duraram muitos dias, encerrando-se no dia 24 de julho com um grande baile de gala no Paço da cidade.



## **AS REBELIÕES PROVINCIAIS OU MOVIMENTOS REVOLUCIONARIOS**

### **CABANAGEM**

A diferença entre os farrapos e os cabanos, deu-se em que enquanto na primeira foi a estância quem entrou em guerra, na segunda, na cabanagem, foi o povo da selva quem pegou em armas contra o poder da oligarquia.

No caso do Pará, a luta se fez também contra a classe dominante local, grandes fazendeiros e comerciantes de Belém. A revolta ficou conhecida como Cabanagem ou Luta dos Cabanos, porque foi realizada principalmente pelo povo pobre, mestiços, negros e índios, que habitavam em cabanas a beira dos rios. Lutavam contra a oligarquia local, apoiada pelo governo do Rio de Janeiro, querendo terras.



Em meio à luta, os cabanos chegaram a controlar o governo da província em inúmeros momentos. Mas as tropas do Rio de Janeiro continuamente reforçadas terminaram por esmagar o movimento, calculando-se em 40.000 o número de cabanos mortos.

### **A SABINADA**

Movimento autonomista ocorrido na Bahia entre 1837 e 1838, durante o período da Regência. Setores políticos da província ligados aos liberais radicais e à maçonaria defendem os ideais federativos contra o centralismo monárquico. Aproveitando a reação popular contra o recrutamento militar imposto pelo governo regencial para combater a Revolta dos Farrapos, iniciam a luta em favor da separação temporária da Bahia do resto do império.

Liderada pelo médico Francisco Sabino da Rocha Vieira, a rebelião começa em Salvador, em 7 de novembro de 1837. Apesar de pretender estender-se a toda a província, a revolta acaba restringindo-se à capital e a algumas localidades próximas. Também não obtém o apoio esperado entre as camadas populares e entre os influentes senhores de engenho. Mesmo assim, os "sabinos" denunciam a ilegitimidade do regime da Regência e proclamam a República, prevista para durar até a maioria legal do imperador.

Conseguem tomar vários quartéis na capital baiana, mas são cercados por terra e por mar pelas tropas legalistas e derrotados em março de 1838. Muitos morrem nos combates. Três líderes são executados e outros três deportados. Sabino Vieira é confinado na província de Mato Grosso.



## **A BALAIADA**

No ano de 1838 surgiu um movimento popular no Maranhão. Este era contrário ao poder e aos aristocratas rurais que, até então, dominavam aquela região.

Em dezembro de 1838, Raimundo Gomes (líder do movimento), com objetivo de libertar seu irmão que se encontrava preso em vila Manga, invadiu a prisão libertando não só seu irmão, mas também todos os outros que se encontravam presos.



Após algumas conquistas dos balaios, como a tomada de Caxias e a organização de uma Junta Provisória, o governo uniu tropas de diferentes províncias para atacá-los. Contudo, Os balaios venceram alguns combates. Outros líderes, como, por exemplo, o coronel Luís Alves de Lima e Silva também entrou em combate com os revoltosos. Entretanto, o comandante dos balaios, Raimundo Gomes, rendeu-se.

Após a morte de Balaio, Cosme (ex-escravo e um dos principais chefes dos balaios) assumiu a liderança do movimento e partiu em fuga para o sertão. Daí em diante, a força dos balaios começou a diminuir, até que, em 1840, um grande número de balaios rendeu-se diante da concessão da anistia. Pouco tempo depois, todos os outros igualmente se renderam. Com a completa queda dos balaios, Cosme foi enforcado.

## **ESCRavidÃO E ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA**

A escravidão no Brasil foi implantada no início do século XVI.

Em 1535 chegou a Salvador (BA), o primeiro navio com negros escravizados. Este ano é o marco do início da escravidão no Brasil que só terminaria 353 anos depois em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea.

As primeiras pessoas a serem escravizadas na colônia foram os indígenas. Posteriormente, negros africanos seriam capturados em possessões portuguesas como Angola e Moçambique, e regiões como o Reino do Daomé, e trazidos à força ao Brasil para serem escravizados.

### **Origem da escravidão no Brasil**

Os historiadores apontam várias causas para se empregar a mão de obra escrava nas colônias.

Portugal tinha uma população pequena, de cerca de dois milhões de pessoas, e não tinha condições de dispensar parte de seus habitantes para sua colônia americana. Para suprir os braços que faltavam, os colonizadores usaram a escravidão, que já era praticada na África e no mundo árabe.

O transporte de pessoas escravizadas fomentou a produção de mais embarcações, alimentos, vestuário, armas, e outros produtos que estavam ligados ao comércio de gente. Por isso, o tráfico negreiro representou um ótimo negócio para a Europa e movimentava grandes capitais nos três continentes.

Desta maneira, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses tornaram a escravidão um negócio lucrativo. Superlotaram os porões de seus navios com negros africanos (navios negreiros) para serem vendidos nos portos brasileiros e em toda América.



Já as pessoas escravizadas não ganhavam nada, ao contrário, só perdiam, pois passavam a ser propriedade de outra pessoa. Este contingente produziu toda riqueza no Brasil: desde o plantio da cana-de-açúcar, colheita, transformação do caldo de cana, construção de casas, engenhos, igrejas, tudo isso era feito por cativos.

### **Escravidão indígena no Brasil colonial**

No início do processo de colonização no Brasil, empregou-se a mão de obra indígena.

Os índios eram capturados por meio de expedições como as bandeiras ou obtidos como espólio das guerras intertribais. Os portugueses estabeleciam alianças com as tribos e, em troca, conseguiam mão de obra escrava indígena.

Por muito tempo, nas escolas brasileiras, se ensinou que o índio não servia como escravo por ser "preguiçoso" e por isso, o português preferia escravizar o africano. Na verdade, a escravidão de indígenas somente seria abolida no século XVIII, e, portanto, o argumento não tem sentido.

O que aconteceu era que escravizar africanos era muito mais lucrativo que escravizar indígenas, e por esta razão, os europeus preferiram investir no tráfico negroiro.

Outro impedimento para a escravização do indígena foi a oposição dos religiosos, sobretudo os jesuítas, que protegiam aldeias inteiras em suas reduções.

### **Tipos de escravidão no Brasil**

No caso dos portugueses, os negros africanos eram trazidos de suas colônias na África para serem utilizados principalmente na agricultura e na mineração. Desempenhavam também vários serviços domésticos e/ou urbanos.

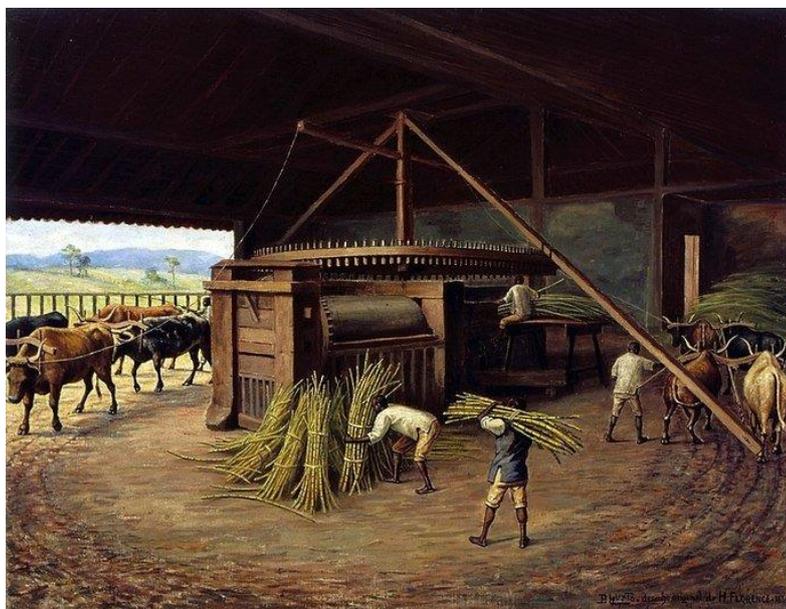
Nas cidades haviam os chamados "escravos de ganho", utilizados em tarefas do ramo comercial ou de serviços. Normalmente, eles vendiam produtos manufaturados, quitutes, carregavam água ou auxiliavam na administração de pequenos comércios.

### **As condições da escravidão**

As condições de escravidão no Brasil eram as piores possíveis e a vida útil de uma pessoa escravizada adulta não passava de 10 anos.

Após sua captura na África, os seres humanos escravizados enfrentavam a perigosa travessia da África para o Brasil nos porões dos navios negreiros, onde muitos morriam antes de chegar ao destino.

Após vendidos, passavam a trabalhar de sol a sol, recebendo uma alimentação de péssima qualidade, vestindo trapos e habitando as senzalas. Normalmente, tratava-se de locais escuros, úmidos e com pouca higiene, adaptado apenas para evitar fugas.



Errar não era permitido e poderia ser punível com castigos dolorosos. Eram proibidos de professar sua fé ou de realizar suas festas e rituais, tendo que fazer isso às escondidas. Afinal, a maioria das pessoas escravizadas vinham da África já batizadas e era suposto que abraçassem a religião católica. Daí surge o sincretismo que verificamos no Candomblé praticado no Brasil.



As mulheres negras eram exploradas sexualmente e usadas como mão-de-obra para trabalhos domésticos, como cozinheiras, arrumadeiras, etc. Não era incomum que as mulheres escravizadas recorressem ao aborto para impedir que seus filhos não tivessem a mesma sorte.

Quando fugiam, os capitães do mato perseguiram as pessoas escravizadas. A obtenção da liberdade só era possível quando escapavam para quilombos ou quando conseguiam comprar a carta de alforria.

### **Escravidão e formas de resistência**

As revoltas nas fazendas não eram raras no período colonial. Muitos grupos de escravos fugiam e formavam comunidades fortificadas e escondidas na mata chamadas "quilombos" e uma das mais significativas, no Brasil colonial, foi o "Quilombo dos Palmares". Ali, podiam praticar sua cultura e exercer seus rituais religiosos.

No entanto, vários escravizados que não conseguiam escapar, preferiam suicidar que continuar cativos.

### **Abolição da escravatura**

Quando a sociedade europeia começou a adotar as ideias do liberalismo e do Iluminismo, a escravidão passou a ser severamente questionada. Afinal, a privação de liberdade não combinava com a nova etapa do capitalismo industrial.

Igualmente, quando a Inglaterra aboliu a escravidão nas suas colônias, substituiu por trabalhadores assalariados. Por esta razão, a produção agrícola ali seria mais cara e as colônias inglesas não poderiam concorrer com os baixos preços praticados pelos portugueses.

Assim, era necessário transformar a mão-de-obra escravizada em trabalhadores assalariados. Isto iria igualar os preços da produção e no futuro, os ex-escravos poderiam se tornar consumidores.

Por isso, a Inglaterra, que liderava a nova expansão capitalista-industrial, aprovou a "Lei Bill Aberdeen". Esta transformou a Marinha Real Britânica numa arma contra o tráfico de escravos em qualquer parte do mundo, pois permitiu que seus navios abordassem navios negreiros de qualquer nacionalidade. Importar pessoas para serem escravizadas acabou se tornando cada vez mais caro.

No Brasil, o tráfico foi oficialmente abolido em 1850, com a "Lei Eusébio de Queirós". Mais adiante, em 1871, a "Lei do Ventre Livre" garantiu a liberdade aos filhos de escravos; e, em 1879, teve início a campanha abolicionista liderada por intelectuais e políticos.

Posteriormente, a "Lei dos Sexagenários" (1885) garantia a liberdade aos escravos maiores de 60 anos.

### **Lei Áurea**

A abolição da escravidão no país foi concedida pela Lei Áurea, aprovada pelo Senado e assinada pela princesa Isabel, dia 13 de maio de 1888.

A Lei Áurea encerrava décadas de discussão em torno de várias questões. Porém, a mais importante era: se os escravos fossem libertados, o governo pagaria indenização aos proprietários? Por fim, venceu a tese de que os donos de escravos não receberiam nenhuma compensação financeira.

Isso retira o apoio dos latifundiários escravistas davam à monarquia. Quando surge o golpe republicano, os grandes proprietários de terra sustentam o novo regime.

Libertos sem qualquer plano, os ex-cativos se viram entregues à própria sorte e passaram a formar um enorme contingente de pessoas sem qualificação.



## **PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL**

A Proclamação da República aconteceu em 15 de novembro de 1889.

Esse dia é feriado, porque celebra a data em que o regime republicano foi proclamado no Brasil. O primeiro presidente do Brasil foi Marechal Deodoro da Fonseca.

Com a mudança do regime monárquico para o regime republicano, Dom Pedro II foi destituído como imperador, dando lugar ao primeiro presidente do Brasil.

### **Como a Proclamação da República aconteceu?**

O regime monárquico vinha passando por uma série de crises que estavam difíceis de serem contornadas.

Primeiro havia sido a questão religiosa, quando o Imperador se indispôs contra uma bula papal. O caso terminou com a prisão de dois bispos numa sociedade extremamente católica.

Em seguida, havia a questão militar, onde os militares demonstravam sua insatisfação com o regime de forma pública. Eles queriam mais reconhecimento por parte da sociedade e aumento de salário.

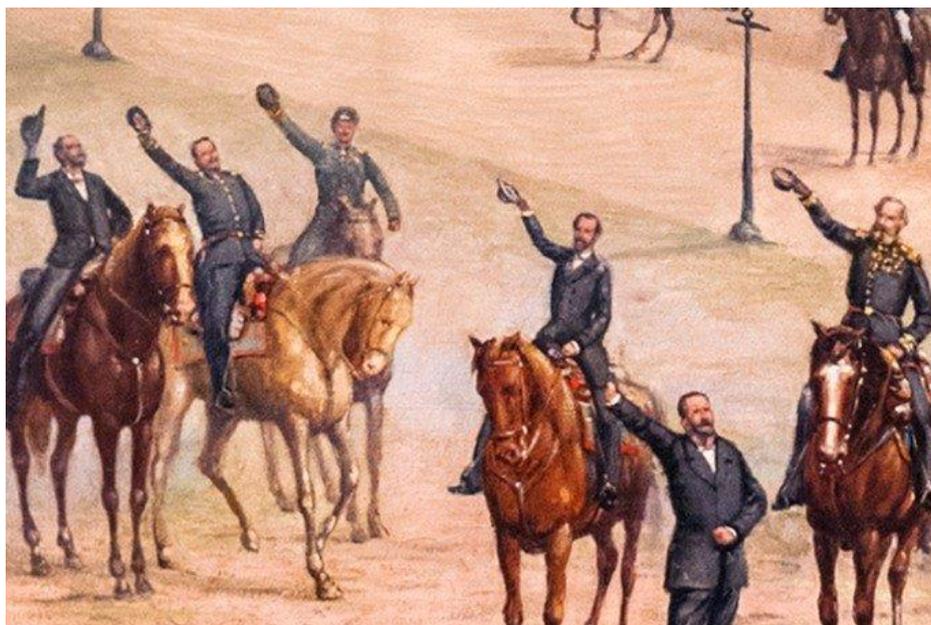
O Exército, principalmente, se encontrava dividido naqueles que apoiavam o Imperador e aqueles que desejavam a República a fim de, segundo eles, modernizar o país.

Por fim, a questão da abolição da escravatura fez com que os fazendeiros não dessem mais sustento à monarquia. O fim da escravidão sem indenização, representava uma dura perda econômica para os latifundiários.

Assim, na madrugada do dia 15 de novembro, um grupo de militares resolveu pôr fim à monarquia. Liderados pelo tenente-coronel Benjamin Constant e auxiliados pelo civil Quintino Bocaiuva, parte do Exército decide agir.

Para isso, precisavam de um líder que fosse um militar experiente. O escolhido foi o Marechal Deodoro da Fonseca, um veterano da Guerra do Paraguai apreciado pela tropa.

No entanto, Marechal Deodoro estava doente e de cama, e ele foi levado praticamente carregado para o Ministério da Guerra. Ele pensava que estava derrubando o gabinete do Visconde de Ouro Preto e não o regime monárquico.



Detalhe do quadro "Proclamação da República", de Benedito Calixto



A Família Imperial estava em Petrópolis e o Imperador acompanhava os acontecimentos. No dia 15 de novembro à noite, o soberano foi comunicado oficialmente que o regime republicano estava proclamado.

Para evitar uma guerra civil, o Imperador Dom Pedro II decidiu não convocar nenhum comandante militar aliado da monarquia.

Aproveitando que não houve reação hostil por parte do Imperador, os militares decidiram expulsar a Família Imperial do Brasil. Assim, Dom Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina, os filhos e os netos foram embarcados na madrugada do dia 17 rumo ao exílio.

Não houve qualquer comunicação à população sobre o que estava acontecendo. Somente no dia seguinte foi dito que o monarca e sua família tinham partido.

O Marechal Deodoro seria eleito o primeiro presidente do Brasil e o Marechal Floriano Peixoto, seria o vice-presidente.

### **Comemoração do Dia da Proclamação da República**

A celebração da Proclamação da República foi comemorada sempre com muita intensidade pelo regime republicano.

A época áurea foi durante o regime militar (1964-1985), quando se faziam grandes desfiles exaltando a figura de militares como Marechal Deodoro, Duque de Caxias, Benjamin Constant, Marechal Floriano, entre outros.

Nos anos 80, as eleições eram sempre realizadas no dia 15 de novembro para coincidir com o feriado e a data cívica.

### **Curiosidades sobre a Proclamação da República**

Recentemente, os historiadores interpretam que o dia 15 de novembro foi um golpe de Estado, pois não houve apoio popular e o regime monárquico foi derrubado pelas armas.

A primeira Constituição do Brasil, de 1891, determinava que um referendo seria convocado para que os eleitores pudessem decidir entre monarquia e república. O dito referendo só ocorreu 104 anos depois, em 1993.

O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado dia 15 de novembro de 1895, no Rio de Janeiro, para que este dia sempre coincidissem com o feriado da República.

## **PRESIDENTE DO BRASIL**

Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o Brasil deixou de ser governado por um monarca para ser governado por um presidente da República, pois o país passou a ser uma República Federativa.

Conheça abaixo a relação de todos os presidentes, desde o advento da República até os dias de hoje. Nesta lista segue o período em que o presidente governou o Brasil, seguido de seu nome completo e, entre parênteses, o nome ou apelido pelo qual ficou conhecido

1889 - 1891 - Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (Marechal Deodoro da Fonseca)

1891 - 1894 - Marechal Floriano Vieira Peixoto (Marechal Floriano Peixoto)

1894 - 1898 - Prudente José de Morais Barros (Prudente de Morais)

1898 - 1902 - Manuel Ferraz de Campos Sales (Campos Sales)

1902 - 1906 - Francisco de Paula Rodrigues Alves (Francisco Alves)

1906 - 1909 - Afonso Augusto Moreira Penna (Afonso Penna)

1909 - 1910 - Nilo Peçanha (Nilo Peçanha)

1910 - 1914 - Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (Marechal Hermes da Fonseca)

1914 - 1918 - Wenceslau Brás Pereira Gomes (Wenceslau Brás)



1918 - 1919 - Delfim Moreira da Costa Ribeiro (Delfim Moreira)  
1919 - 1922 - Eptácio da Silva Pessoa (Eptácio Pessoa)  
1922 - 1926 - Authur da Silva Bernardes (Arthur Bernardes)  
1926 - 1930 - Washington Luís Pereira de Sousa (Washington Luís)  
1930 - Junta governativa: General Tasso Fragoso, General João de Deus Mena Barreto e Almirante Isáias de Noronha  
1930 - 1945 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas).  
1946 - 1951 - General Eurico Gaspar Dutra (Dutra)  
1951 - 1954 - Getúlio Dorneles Vargas (Getúlio Vargas)  
1954 - 1955 - João Café Filho (Café Filho)  
1956 - 1961 - Juscelino Kubitschek de Oliveira (Juscelino Kubitschek - JK)  
1961 - Jânio da Silva Quadros (Jânio Quadros)  
1961 - 1964 - João Belchior Marques Goulart (João Goulart - Jango)  
1964 - 1967 - Marechal Humberto de Alencar Castello Branco (Marechal Castello Branco)  
1967 - 1969 - Marechal Arthur da Costa e Silva (Marechal Costa e Silva)  
1969 - 1974 - General Emílio Garrastazu Médici (General Médici)  
1974 - 1979 - General Ernesto Geisel (General Ernesto Geisel)  
1979 - 1985 - General João Baptista de Oliveira Figueiredo (General Figueiredo)  
1985 - 1990 - José Sarney (Sarney)  
1990 - 1992 - Fernando Afonso Collor de Melo (Fernando Collor)  
1992 - 1995 - Itamar Augusto Cautiero Franco (Itamar Franco)  
1995 - 2002 - Fernando Henrique Cardoso (Fernando Henrique Cardoso - FHC)  
2003 - 2010 - Luiz Inácio Lula da Silva (Lula)  
2011 - 2016 - Dilma Vana Rousseff (Dilma Rousseff)  
2016 - 2018 - Michel Miguel Elias Temer Lulia (Michel Temer)  
2018 - 2022 - Jair Messias Bolsonaro  
2022-2026 - Luiz Inácio Lula da Silva (Lula)



## **HISTORIA DO RIO GRANDE DO SUL**

### **PRIMEIROS HABITANTES POVOS INDIGENAS**

A porção da América, que atualmente constitui o RS era, à época, uma larga faixa de terras contestada, frouxamente despertando o interesse de Portugal e Espanha. O que se sabe, então, é fruto de navegações arriscadas ao longo dos baixios do Atlântico e raras penetrações por terra. Por isso, as notícias sobre o gentio são confusas, mas os cronistas nunca deixaram de salientar que os índios desta região não são afeitos a comerciante humana e que naturalmente, para eles, os cronistas da época, era muito importantes.

Os índios foram os mais remotos habitantes da terra. Quando os portugueses chegaram ao território rio-grandense, encontraram grupos humanos vivendo em plena pré-história, pois desconheciam a escrita (álgrafo) e não se fixavam muito tempo num só lugar, por isso eram seminômades. Eles aproveitavam os recursos naturais dos lugares onde habitavam apenas para viver, mantendo assim um equilíbrio com a natureza. As terras, as matas e os rios eram suas riquezas.

A mesma tribo aparece com nomes diferentes e muitas vezes o que se pensa ser uma tribo é meramente um simples ramo da mesma parcialidade. Naturalmente, sobre os índios, só se começa a saber após a chegada do branco, que escreveu os primeiros relatos sobre a terra e sobre quem nela morava.

Como vivia o índio antes do branco chegar, só pode-se intuir (concluir por intuição) por aquilo que o branco aqui encontrou o que certamente não é válido para a distribuição geográfica das tribos.

Falavam diversas línguas, porém a que se tornou mais conhecida foi a tupi-guarani, usada pelos moradores do litoral, com quem os portugueses tiveram o primeiro contato. Por isso, muitos nomes de lugares, de plantas e de animais são de origem tupi-guarani.

O índio habitante do interior tinha usos e costumes um tanto diferenciados do índio do litoral. O do interior usou a pedra lascada, o arco e a flecha e era nômade, devido sua alimentação ser baseada na coleta de frutos, raízes e caça de aves, enquanto que o do litoral tinha uma vida mais sedentária, já que a sua alimentação era encontrada com mais abundância, proporcionada pelo mar, principalmente mariscos, conforme evidenciamos nos sambaquis, constituídos de grandes acúmulos de restos, de detritos de conchas, ossos de animais, enterros humanos, instrumentos, que são encontrados no litoral marítimo. No RS, os sambaquis foram encontrados na barra da laguna dos Patos.

Uma das primeiras descrições foi realizada por Pero Lopes de Souza, em 1532, referindo-se como “musculosos e grandes; dormem no campo, onde anoitece; não trazem consigo outra coisa se não peles e redes para caçar; trazem por arma um pedaço redondo, de pedra, do tamanho de uma bola (...). Não comem senão carne de pescado”.

Os índios distribuíram-se pelo território e ocuparam áreas de diferentes paisagens naturais. Eram tribos atrasadas, que não deixaram sinais de desenvolvimento apreciável; não foram encontradas manifestações artísticas sob qualquer forma. Somente depois da ação jesuítica, desenvolvida no oeste do Estado, foram encontrados índios com algum desenvolvimento mental capaz de lhes permitir manifestar pendor para a música, pintura e ofícios elementares, bem como revelar certos conhecimentos agrícolas mais desenvolvidos.

Na época em que os portugueses aqui chegaram, encontraram as terras rio-grandenses ocupadas por 300 mil índios pertencentes a três antigas etnias (raças), cada uma com vários grupos, alimentando-se da caça, pesca e coleta de alimentos, alguns praticavam a agricultura rudimentar. Eram livres, amantes da natureza, organizavam-se em grupos ou nações e cada nação estava formada por diversas tribos (comunidades).

As expansões espanhola e portuguesa e a história dos indígenas articularam-se de maneiras diferentes. No oeste, os missionários ergueram reduções com o objetivo de transformar o território em terras da Espanha.



Nos séculos XVII e XVIII, os europeus foram gradativamente ocupando as terras indígenas. Esse contato levou à dizimação ou à perda da identidade cultural dos nativos, que eram obrigados a abandonar muitos de seus usos e costumes para assimilar os padrões dos brancos.

Os bandeirantes buscavam mão-de-obra para o cultivo da cana-de-açúcar e deixaram um rastro de sangue e de contágios de doenças européias e africanas entre os nativos Jê e Guarani. Na região da campanha, o pampeano foi aproveitado como soldado e peão. Em 1680, foi abolida a escravidão do índio no Brasil e no RS.

As principais comunidades indígenas habitantes das terras gaúchas estavam constituídas em comunidades denominadas Jê ou Tapuia, Pampeano e Guarani.

## **JÊ OU TAPUIA**

Antes da invasão guarani, os índios da nação Jê ou Gê, ocupavam quase todo o território do RS. A partir do século XVI, estavam confinados no norte e nordeste, nas terras mais altas do planalto meridional (rio-grandense), na região dos campos de cima da serra e florestas com pinheiros (araucária), especialmente na encosta da serra, onde o clima é de invernos rigorosos e verões quentes e curtos. É o grupo, raça ou (nação) que os brancos denominaram de bugres, cujos remanescentes são chamados de Kaingang.

O povo Jê esteve formado pelas tribos Guarás, Guaianás, Coroados, Pinarés, Botocudos, Ibijaras, Caaguás, Gualachos, Bugres. Acredita-se que sejam descendentes dos mais antigos caçadores do interior. Os botocudos habitavam o litoral e a região dos aparados da serra e eram adversários ferrenhos dos coroados.

Na região onde atualmente se localiza São Francisco de Paula (próximo a Gramado Canela, Cambará do Sul), viviam os caaguaras, que os índios guaranis chamavam de “iraiti-inhacame” ou “cerados” porque usavam cera na cabeça. Sua região era denominada de Caágua e atualmente constitui-se nos Aparados da Serra. Falavam aos gritos e assovios, razão pela qual, os padres não conseguiram escrever seu idioma. Os iraiti-inhacame ou cerados combatiam constantemente os portugueses e os ibirayaras, que os escravizavam, porém fizeram amizade com o Padre Cristóbal de Mendonça. Foram dizimados pelos bandeirantes. Na larga faixa dos ervais naturais, que descia obliquamente na direção noroeste ao sudeste, até abaixo das terras onde hoje está Porto Alegre, estavam os Gê guaranizados, pelo contato com os guaranis de Corrientes (Argentina) e do Paraguai. Ao sul e sudeste, moravam seis parcialidades distintas entre si, bem como algumas subdivididas, porém todas conservavam traços comuns, como os índios da tribo Mbaías: perfeito prolongamento da geografia humana dos Pampas argentinos, tanto que, como os Pampeanos, logo se tornaram grandes cavaleiros.

Moravam em aldeias de cinco a seis cabanas, com quatro divisões internas, com 20 a 25 famílias, em casas de palha, mas para o inverno abriam covas (casas subterrâneas) para se abrigarem do frio e das chuvas, chamadas de “casas-poço”, com tamanho variado, que também serviam como defesa contra os invasores inimigos. Essas casas eram grandes bacias afuniladas feitas a partir de uma cavidade na terra com cerca de 7 metros de profundidade e 30 metros de diâmetro, cujo teto era feito de palha sobre a superfície, apoiado por três troncos no centro e aproximadamente oito pilares a sua volta, cujo telhado não chegava até o chão, possibilitando o arejamento e a saída da fumaça do fogo que ficava no centro da moradia. A entrada e saída da casa era por uma escada de pedra, escavada na própria parede ou ainda de madeira. Acredita-se que ao redor da cavidade interna, havia uma espécie de banquetas, onde dormiam ao redor do fogo, recostados à parede inclinada, com os pés voltados para o fogo, que de noite permanecia aceso no centro da habitação. Ainda existem vestígios destas casas, tanto na zona do campo como da mata.

Eram dirigidos por um chefe que praticava a feitiçaria e um feiticeiro temido atuava em diversas aldeias, comunicando-se com os espíritos e curando doenças.



Os coroados, fugindo dos brancos e dos inimigos botocudos, construíam seus ranchos no alto dos morros, no meio dos pinheirais. O chefe principal designava os lugares das aldeias que lhe eram subordinadas. Só o chefe principal tinha o direito de possuir várias mulheres, dispondo delas para troca de objetos, mas sempre ficando com os filhos. Se o chefe principal brigasse com outro subordinado, iria perseguir os dissidentes até o extermínio. Só restava ao grupo dissidente viver se escondendo e correndo pelas matas.

Os jês dedicavam-se a guerra, a caça e a pesca, praticavam a agricultura rudimentar, cujas atividades agrícolas eram divididas por sexo.

Pela coivara\*, o homem preparava a terra para o plantio, enquanto que as mulheres semeavam e plantavam o milho, a mandioca, a abóbora e a batata-doce e cuidavam da colheita.

Eram coletores nômades, caçadores e por isso deslocavam-se pela região ao longo do ano, de acordo com as estações, para aproveitar melhor o que a natureza oferecia em cada uma delas. Por morarem na zona da mata da araucária, coletavam frutos, mel e sementes como o pinhão, além dos frutos silvestres, que eram carregados para aldeia em cestas de fibras vegetais, confeccionadas pelas mulheres.

No outono, o casal coletava o pinhão que, em estado natural ou transformado em farinha com pilão, era guardado seco e constituía a base de sua alimentação. A coleta do mel era comunitária, cada homem recebia uma vasilha de outra família. No fim da tarde, os homens se reuniam junto da aldeia, entrando todos ao mesmo tempo e entregando o mel à dona do pote.

A terra pertencia à comunidade e o território para a caça era demarcado, sendo organizada em grupo e realizada só pelo homem, tendo o cuidado de matar apenas os machos e mudar de lugar a cada dois anos. Os jês matavam quem entrasse armado em seu território de caça e por isso, reagiram contra os alemães e italianos que matavam os animais indiscriminadamente e por esporte.

Trabalhando com diversas fibras vegetais retiradas das florestas tornaram-se exímios cesteiros. As mulheres aproveitavam o material disponível na região, como as fibras vegetais usadas para confeccionar cestos (utensílios), o caraguatá usado para tecer túnicas a serem usadas pelas mulheres. Os homens usavam rochas, para fazer o machado, tacapes, além de ossos e madeira. Por isso também foram considerados “índios artesões”.

Os Gês puros portavam grandes arcos, longas lanças e bordunas\* e por isso foram chamados de “ibirayaras”, que quer dizer “senhor do pau”. Organizavam-se em dois clãs exogâmicos: o clã da lua era de guerreiros e o clã do sol, dos caçadores que utilizavam enormes tacapes. O clã da lua dividia-se em duas metades: vоторo e canheru. O clã do sol também era formado por duas metades: aniqui e camé. O pai escolhia o clã da criança a fim de manter o equilíbrio entre os clãs, necessário para o ritual religioso. O casamento devia ser feito com pessoa de outro clã. Admitia-se a poligamia\* e, por vezes, a poliandria\*. O pai era considerado o único responsável pelo nascimento do filho e fazia couvade ou choco\*, quando este nascia.

O grupo realizava o controle social punindo o homem faltoso com a expulsão temporária da choça comum ou designando-lhe tarefas femininas. A mulher faltosa era entregue a outro homem como punição. A mulher jê até hoje é mais agressiva que o homem, chegando a bater no marido, que não reage. Os jês cuidavam da limpeza corporal e enfeitavam-se com penas, penteados complicados, pinturas corporais. Os homens



## Tchê Sabia!

- SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDÍGINAS:
- **coivara\***: queima de ramagens para limpar o terreno e as cinzas serviam para adubar a terra e finalmente ocorrer o plantio.
  - **bordunas\***: cacete de madeira usado pelos índios jês.
  - **poligamia\***: tem mais de um cônjuge ao mesmo tempo.
  - **poliandria\***: vários homens casam-se com uma mulher ou têm posse dela.
  - **couvade ou choco\***: dietas e repousos após o parto.
  - **Tembetá ou batoque\***: objeto não flexível que os índios introduzem num furo praticado no lábio inferior.
  - **Hieroquara\***: mensageiro de guerra entre os índios jês.



furavam o lábio inferior para o uso do tembetá\* ou do “batoque”.

Eram dirigidos por um chefe feiticeiro. O pajé exercia diversas funções no grupo, tais como a política, a religiosa e a de cura, por isso, quando o grupo tinha de guerrear ou caçar aguardava as ordens do pajé, que consultava as divindades. Ao ganharem as batalhas, preferiam escravizar os inimigos e não matá-los.

As tribos Gês puros faziam aliança de guerra e o cacique que pretendia a aliança mandava o Hieroquara\* visitar as tribos levando um punhado de flechas. Chegando à aldeia que devia visitar, o Hieroquara dançava diante do chefe e ao final da dança lhe oferecia uma das flechas. Se o chefe a aceitasse, estava selada a aliança

Muitas vezes, o Gê puro fez pacto com o bandeirante para combater o jesuíta espanhol, a quem odiava. Segundo Antônio Augusto Fagundes, há informações de que o ibirayara praticava a antropofagia ritual, o que, provavelmente, seja falso.

Pouco se sabe sobre a vida espiritual dos jês. Eles acreditavam em “Maré”, deus criador e civilizador. Consideravam o sol e lua como protetores da colheita, da puberdade e da procriação. Praticavam o ritual da morte, cada aldeia tinha seu cemitério. A alma do morto era chamada de “acupli” e podia encostar-se em alguém e trazer-lhe doenças e até a loucura. Enterravam seus mortos em posição fetal num buraco (fossa) protegido por lajes de pedra ou ramos de árvore, sem contato com a terra e junto com vasilha de água, armas e seus cães, que eram sacrificados. A sepultura era coberta por um monte de terra e sobre ela colocavam um pote de bebida e acendiam uma fogueira, com fogo baixo, que os parentes cuidavam para não apagar.

Os homens usavam uma cinta larga, em volta dos quadris, formada de cordões das fibras de tucum ou da urtiga brava. As mulheres usavam uma espécie de matos de fibras vegetal e seu arauto\*, o Hieroquara\*, foi descrito usando um colete de pele de anta. De resto andavam nus da cabeça aos pés.

Os Jê foram resistentes à tentativa dos padres jesuítas de torná-los cristãos, bem como a que seus domínios fossem povoados, enfrentando os grupos humanos europeus, portugueses, alemães, italianos, poloneses, durante muito tempo, até por volta de 1850. Assaltavam as casas dos povoadores e tropeiros que desciam a Serra Geral. Nestas viagens, a única defesa dos brancos era o próprio animal, a mula, que sentia a aproximação dos índios, empinava as orelhas, assoprando e recusando-se a prosseguir o caminho.

Os assaltos dos indígenas às moradias dos pioneiros e aos tropeiros motivaram o surgimento dos bugreiros\*, provocando o vazio demográfico nas trilhas das tropas de gado. O mais famoso bugreiro foi José Domingos Nunes de Oliveira, do Mato Castelhana, no atual município de Passo Fundo.

Os jês foram dizimados pelas epidemias de origem européia e africana, pela ação dos bandeirantes e bugreiros nos séculos XVII e XVIII e depois pelos Povos das Missões, que incorporaram alguns. Poucos chegaram a nós.

Levas de índios, corridos pelos cafeicultores de São Paulo, chegaram ao RS, no século XIX, ocupando as matas do rio Uruguai. Novamente, foram dizimados pelos brancos, pois suas terras foram divididas e entregues aos imigrantes europeus (italianos – 1875), que contrataram bugreiros para eliminá-los, pois precisavam ocupar as terras, que haviam comprado do governo.

## **CAINGANG**

Em 1882, Telêmaco Morocines Borba agrupou os descendentes dos índios Jê, ou seja, todos aqueles que não eram descendentes dos guaranis, denominando-os de Caingang, que significa “moradores do mato” (Kaa = mato, ingang = morador), em 1882.



Ainda hoje, há indígenas Caingang (Kaingang) no RS. Com o passar do tempo, muitos de seus costumes sofreram adaptações. As mulheres têm posição igual a dos homens e participam da vida do grupo em geral e até dos negócios.

O Caingang tem grande conhecimento da vegetação, que é transmitido de geração a geração. Conhecem tanto o valor nutritivo das plantas quanto seu uso medicinal e gostam de comidas tradicionais, como o pixé\* e a “comida do mato”, verduras desconhecidas por nós como o fuá, o purfé, o cumín, etc e tomam chimarrão. Em sua habitação, o fogo de chão é conservado aceso. Quase nenhum traço da cultura Jê passou para a nossa cultura. Houve, porém acentuada miscigenação nos toldos.

O Caingang é o único grupo sobrevivente da família Jê e ainda conserva muitos de seus traços culturais. Cultiva antigos valores que podem nos servir de exemplo: o respeito à terra, à criança e ao idoso; a distribuição democrática do poder com a escolha dos caciques pela comunidade.

Atualmente, habita as terras situadas no norte e nordeste do RS, nos atuais toldos de Guarita, Inhacorá, Tapejara, Cacique Doble, Santo Augusto, Nonoai, Erechim, São Valentim, Miraguaí, Ligeiro, Carreteiro, Água Santa e Votoro. Muitos deles vivem fora das reservas.

## PAMPEANO

O grupo dos pampeanos esteve constituído pelas comunidades, parcialidades ou tribos indígenas dos Charruas, Minuanos, Guenoas, Yarós, Guaicurus, Chanás, Mboanes. Ocupavam o sul do RS, na região da Campanha; o sul do rio Jacuí e Ibicuí, entre os rios Quaraí, Jaguarão, Camaquã, Serra do Herval e parte sul do litoral (lagoa Mirim e Mangueira), além dos atuais territórios das Repúblicas do Uruguai e Argentina. Dentre os pampeanos, os que mais se destacaram foram minuanos e charruas. Os Mbaías eram indivíduos altos, com costumes e hábitos diferentes dos demais e inimigos tradicionais dos índios da nação Guarani. Os charruas eram escuros, quase negros e os minuanos eram bem mais claros. Todos falavam língua quíchua. A menina Charrua recebia listras coloridas na testa, quando entrava na puberdade e todos cortavam artelhos em sinal de luto.

Construíam suas tendas ou toldos junto às margens de rios ou banhados porque eram pescadores, caçadores e a recoletores sem conhecimento de cultivo. Nos campos abertos, o grupo construía colina artificial em zonas baixas e alagadiças, perto de rios, lagoas, sobre colinas naturais, conhecidas pelo nome de cerritos armando tendas ou toldos (casas), em elevações de terra, construídas à margem de banhados ou rios, em meio a locais mais secos e de visão mais ampla dos redores, como meio de defesa, inclusive das enchentes. Acredita-se que tolderia eram locais de moradia e também de enterramento dos mortos. Primitivamente, os toldos eram cobertos por esteiras de junco e, após o contato com o gado, passaram a cobri-los com couro. A tolderia era uma reunião de famílias extensas, sem se organizarem em aldeia com chefia, salvo em tempos de guerra, que escolhiam temporariamente um chefe. O último cacique que a história registrou foi Dom Miguel Carai, filho de um espanhol com índia da tribo minuano.



## Tchê Sabia!

SIGNIFICADO DAS PALAVRAS  
INDIGINAS:

- **acupli\***: alma do morto
- **arauto\*** : pregoeiro, mensageiro de paz, de guerra.
- **bugreiros\***: profissionais que recebiam pagamento por índio morto.
- **pixé\***: um pão assado nas cinzas feito de farinha de milho



## Tchê Sabia!

Por habitarem áreas de solo pobre, como banhados, rios e lagoas, não muito apropriadas para o plantio, não eram agricultores. Sua alimentação era à base de aves, peixes, caranguejos, mariscos e crustáceos encontrados nos banhados, da coleta de frutas e uma espécie de cebola nativa.

Por serem nômades, não tinham aldeias fixas e vagavam de um lugar para outro, levando consigo as mulheres e filhos. As mulheres iam a pé carregando tudo que pertencia à família. O homem seguia perseguindo caças como preás, lebres, tatus, aves aquáticas, para a alimentação, além de onças, veados, emas, que também eram usadas como meio de transporte. Na caça, usavam boleadeiras\*, com a qual desenvolveram a prática de laçar, fato que explica serem eles, posteriormente, exímios cavaleiros e preadores de gado. Pescavam com rede e com flechas. Suas armas eram arco, flecha, lança, funda. Na guerra, usavam lanças e por isso foram excelentes lanceiros.

Como viviam em áreas de temperaturas baixas, com invernos rigorosos, inventaram uma espécie de poncho\* para se abrigarem do frio. Eram hostis aos demais povos indígenas e faziam sinais com a fumaça, compreendidos pelos seus guerreiros espalhados pelo pampa gaúcho.

Os homens costumavam enfeitar-se mais que as mulheres, adornando-se com tatuagens, pintura corporal e batoques\*, cabelos longos e presos com vinchas ou ainda trançados.

Os pampeanos abrigavam em seus toldos foragidos, desertores e contrabandistas de origem portuguesa ou espanhola, não se dando importância às suas chinas (mulheres) se unissem a eles, mesmo temporariamente. Esses costumes facilitaram a formação do grupo social chamado de gaudério ou gaúcho. Moacyr Flores afirma: “o adultério não existia, pois o marido não se importava com quem a china (mulher) tivesse relações” (IN: História do RS, 7ª ed. 2003, pág.14.). Trocavam a mulher por qualquer objeto.

Praticavam a poligamia e quando a mulher envelhecia, tomavam uma mais jovem. Segundo Moacyr Flores, “o adultério resolvia-se com uma briga ou discussão entre os homens” (in: História do RS. 1986, pág.8).

As mulheres pampeanas desempenharam um papel de feitiçeras, pois acreditavam curar doenças chupando a pele do doente nos locais doloridos. Acreditavam que toda pessoa tem um espírito guia, que se revela após longo jejum. Em sinal de pesar, as mulheres pampeanas cortavam as falanges dos dedos das mãos e guardavam luto por 10 dias.

Em 1620, padres jesuítas começaram a atravessar o rio Uruguai, tentando catequizar os índios Guarani e parcialidades Pampeanas, mas estas não aceitaram viver em reduções. Padres Franciscanos, dominicanos e mercenários, vindos de Buenos Aires, também tentaram reduzir os pampeanos. A primeira redução de charruas foi fundada em 1626, na ilha Vizcaíno, na confluência do rio Negro com o rio Uruguai (na atual República Oriental do Uruguai) e durou somente dois anos. Na mesma época, os chanás foram aldeados na missão de Santo Antônio. Em 1680, os jesuítas tentaram formar um povoado com os pampeanos, desta vez nas terras do RS, denominado Santa Maria dos Guenoas, que seria mais um dos Sete Povos e não deu certo, tendo sido anexada ao povo de São Francisco de Borja.

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS

#### INDÍGINAS:

**boleadeiras\***: instrumento usado pelos campeiros para apreender os animais e inimigos nas guerras. É formada por bolas de pedras redondas, retovadas ou não (forrada com couro), sendo tradicional o uso de boleadeiras composta por uma só bola de pedra, chamada de “bola louca”. O objeto era arremessado pelo índio num tiro certo para capturar a presa. Mais tarde, o instrumento foi aperfeiçoado e apareceram as versões de duas e de três bolas amarradas por tentos ou cipó. Duas das pedras tinham um mesmo tamanho e uma delas era menor, chamada manicla, ligadas entre si por cordas trançadas ou torcidas, de nome sogas.

**poncho\***: espécie de capa feita de couro do animal. Atualmente, é uma capa de pano de lã, de forma retangular, ovalada ou redonda, com uma abertura no centro, por onde se enfia a cabeça.

**batoques\***: rodela que os índios introduziam nos furos dos lábios, também chamado de tembetá.



A vida de caçador, as faltas de organização comunitária mais complexa e de afinidades religiosas dificultaram o aldeamento dos pampeanos sob a forma de missão.

A partir do contato com os padres missionários, a introdução do cavalo, em 1607, e o gado a partir de 1634, além das frentes de povoamento, o índio pampeano modificou seu hábito alimentar e a sua cultura. Deixaram a coleta, tornando-se exímios pastores, temíveis cavaleiros armados de longas lanças ou com as boleadeiras, grandes amigos dos portugueses na préia do gado e nas guerras.

No inverno, o índio pampeano passou a se proteger do frio e do vento Minuano, com um couro sobre as costas, tipo capa, que chamado de Caiapi\*, Quiliapi\* ou Toropi\*(vermelho ou azul), conforme a tribo. Na cintura, em lugar do pano enrolado, passaram a usar um couro chamado de Chiripá\*.

Como inimigos tradicionais dos guaranis das Missões, os pampeanos tornaram-se aliados dos portugueses, ajudando-os na préia do gado e nas guerras, e foram dizimados pelos violentos ataques dos espanhóis, que queriam a posse das terras.

Embora continuando com a caça tradicional, passaram a alimentar-se de bovinos e cavalares. Quando retornavam ao rancho, ia logo se deitar e a mulher desencilhava o cavalo, trazia a lenha e cozinhava a caça. Portugueses e espanhóis passaram a ocupar as terras onde viviam os pampeanos, com fortalezas, vilas e estâncias, tais como: Colônia do Santíssimo Sacramento (1680), San Felipe de Montevidéu (1726), Forte Jesus-Maria-José – São Pedro do Rio Grande (1737), centros de onde partiam os changadores\*, gaudérios\*, patrulhas militares\*, desertores\* e povoadores de terras vizinhas.

As estâncias missioneiras, de espanhóis e de lusos, expandiram-se nas terras onde viviam os índios pampeanos, os quais passaram a reagir violentamente, atacando as povoações espanholas de Santo Domingo Soriano, San Salvador e Víboras (nenhuma no RS), saqueando as estâncias em busca de cavalo, erva-mate e fumo, além de raptarem as mulheres e crianças para servi-los.

Empurrados pelas frentes de colonização em direção às cabeceiras do rio Negro e para a região entre Quaraí e o Quequaí, os Charruas se uniram aos Minuanos no início do século XVIII. Em 1705, na guerra dos Guenoas, os índios das missões quase os exterminaram. Em 1811 e 1820, charruas e minuanos participaram como soldados das tropas de José Gervásio de Artigas. As constantes campanhas dos espanhóis contra as chamadas nações bárbaras, denominada de “la guerra de los charruas”, destruíram a população indígena da Banda Oriental do Uruguai. Em 1832, o presidente Rivera ordenou o massacre dos últimos charruas reunidos na povoação de Bella Unión (Uruguai, vizinha do município da Barra do Quaraí). Nesse ano, os remanescentes dos charruas e minuanos refugiaram-se no lado sul-rio-grandense, incorporando-se às tropas de Bento Manoel Ribeiro ou peões das estâncias.



## Tchê Sabia!

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDIGINAS:

**Caiapi\***: manto de couro cru bem sovado, com o pelo para dentro e o carnal para fora, sendo pintado de listras vermelhas e azuis, usado pelo Minuano.

**Quiliapi\*** ou **toropi\***: mano de couro cru bem sovado, com o pelo para dentro e o carnal para fora, sendo pintado de listras vermelhas e azuis, usado pelo Charrua.

**Chiripá\***: couro enrolado à cintura, tipo saia, usado pelo Mbaya. Atualmente, é de algodão ou baeta (lã), nas cores verde, vermelho ou azul; de comprimento cobrindo o joelho, com abertura no lado esquerdo.

**changadores\***: espanhóis que coureavam todo gado que podiam. Traziam cavalos, atravessando-os em balsas pelos rios, acampavam em grupos de 30 a 40 homens, chefiados por um capataz. Matavam o gado e tiravam-lhe o couro, que, depois de bem limpo, deixavam secar estaqueados em paus. Com o passar do tempo, passaram a aproveitar também a graxa ou sebo do gado para vender. A carne era abandonada aos urubus e aos ferozes cachorros-chimarrões.

**gaudérios\***: aventureiros paulistas e lagunistas apropriavam-se do gado xucro para explorar o couro e a graxa. Mais tarde, foram trabalhar nas estâncias de criação de gado que se estabeleceram nos campos da campanha

**patrulhas militares\***: os campos do sul eram áreas pretendidas pela Espanha e Portugal. A partir de 1803, Portugal passou a enviar patrulhas para vigiar os campos, as quais iam do rio Uruguai até o rio Quaraí.

**desertores\***: militares que abandonaram a milícia sem licença. Pessoas que fogem ao dever ou ao serviço assumido



O índio pampeano não mais existe, mas a eles devemos muitos dos usos como o das boleadeiras, do chiripá, dos costumes campeiros, o assado da carne em brasas e espetada num pedaço de pau. Também mascavam fumo e tomavam chimarrão. Muitos vocábulos como china, chiripá, cancha, poncho, guacho, charque, chasque, guasca, guampa, pampa, mate, xiru, vincha, inhapa, guaiaca, lechiguana, tambo...

## GUARANI ou TUPI-GUARANI

Os guaranis, vindos do Paraguai há mais de 2 mil anos, conquistaram o vale do rio Uruguai, subindo pelos seus afluentes. Pelo vale do rio Ibicuí, atingiram a depressão do rio Jacuí e seus afluentes. Dividiam-se nas parcialidades nhandeva, mbyá (avá mbyá e caingúá) e cayowa. O grupo mbyá habitava o território que seria o RS. Na época da evangelização, os missionários jesuítas chamavam de Tape (Tapes) a região entre os rios Jaguari, Uruguai e Ibicuí. No século XIX, este topônimo deslocou-se para junto da Laguna dos Patos. Os Tapes eram indígenas guaranizados que habitavam a antiga região do Tape.

Guarani é o grupo formado pelas comunidades ou tribos indígenas dos Tapes, Arachanes, Carijós, Patos (ocupavam a planície litorânea). É considerado de caráter brando, dócil e pacato, porém, indolente e imprevisível e por isso, definido como guerreiro e primeiros agricultores do RS. Superavam a fadiga, a doença, a dor e a morte sem lágrimas ou gemidos. Apesar da variedade de dialetos, a língua comum era a tupi-guarani.

Os guaranis caracterizavam-se pelo nhade reko\* e pelo teko hã\*, em relação ao espaço geográfico, formado pela tetami\*, coty ou oga\*, cõ\*, chapecó\* e caá\*.

Acreditavam que, quando o mundo surgiu haviam recebido de Amambaé, Deus criador da “terra do homem”.

Viviam em aldeias e numa aldeia viviam vários clãs. Cada aldeia era formada por várias casas dispostas em círculo por ordem de clã e protegidas por uma paliçada de troncos, chamada de caiçara\*. Cada casa de forma alongada, com uma porta para os homens e outra para as mulheres, sem divisão interna e abrigando os membros de um mesmo clã. No centro da tetami (aldeia), ficava a ocara\*, onde aconteciam as festas religiosas. Dormiam em rede, guardavam objetos em jiraus, sentavam em banquinhos ou em esteiras, guardavam líquidos e grãos em potes de cerâmica ou em porongos.

O Guarani habitou a região leste do rio Uruguai, as serras do planalto rio-grandense, incluindo a região dos Sete Povos das Missões, além da laguna dos Patos e grande parte do litoral. Essas áreas apresentavam grande variedade de espécies, proporcionando boa caça e coleta.



## Tchê Sabia!

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDÍGENAS:

- **nhade reko\***: modo de ser
- **teko hã\***: onde se vive.
- **tetami\***: aldeia
- **coty ou oga\***: casas
- **cõ\***: roças
- **chapecó\***: caminhos
- **caá\***: mato
- **caiçara\***: cerca de troncos, paliçada.
- **ocara\***: praça central



Preferiam as margens dos grandes rios como Jacuí e Uruguai e seus afluentes e a clareira das matas, porque o solo é fértil e favorável ao cultivo. Por viverem nas regiões dos grandes rios, eram exímios canoeiros e as embarcações eram chamadas de ubás\* e pelota\*.

A economia baseava-se na caça, pesca, coleta de frutos e plantas nativas comestíveis e agricultura especializada em clareiras abertas pela coivara\*, proporcionando uma alimentação diversificada.

Suas aldeias eram construídas próximas às margens dos rios, o que lhes ajudava nas tarefas da pesca e da agricultura. A saúde era cuidada, através da coleta de ervas medicinal. Praticavam a coleta da erva-mate, chamada de caá-iari\*, com a qual tomavam o mate, chamado de caá-iró\*.

O puxirum ou mutirão era o trabalho em grupo para ajudar na construção de uma roça ou de uma casa. Nesse caso, o beneficiado pagava os participantes com bebidas alcoólicas. Os homens dedicavam-se à caça, à pesca e à guerra. Pescavam com redes, flechas, anzol de osso, puçá e timbó. A caça era comunitária e o matador do animal repartia a carne entre os demais participantes. Enquanto durava a caçada, o pajé (Caraí ou Xamã)\* permanecia em transe, para proteger os caçadores. Armava-se de arco, flecha, lança, tacape, zarabatana e boleadeiras fabricadas pelo homem, que também era responsável pelo fabrico das canoas (ubás e pelota); preparar a coivara\*, limpar o solo para a plantação. Usavam várias clareiras em estágios diferentes de plantação, maturação e colheita, deixando sempre uma como capoeira\* para o solo se recuperar. A mulher tinha de semear a terra para cultivar milho, feijão, abóbora, batata-doce, mandioca, amendoim. Plantavam fumo e algodão e com este (algodão), fiavam, teciam e fabricavam esteiras e redes, onde dormiam. Embora trabalhassem em grupo, cada família tinha sua plantação. Eram grandes artesões em cerâmica, utilizando a argila do solo, como o qual a mulher fabricava igaçaba\* e potes de barro, que serviam para guardar alimentos e carregar água, inclusive para molhar as plantas, garantindo a colheita.

Acreditavam que o anguera, o espírito do morto, podia escolher três caminhos: reencarnar numa criança que nascia, encostar-se em alguém lhe dando loucura ou doença ou seguir para a casa de Monan, onde não faltaria calor, água e caça. Acreditavam que a alma possuía três aspectos: o da vida, do sonho ou de um animal. Criam na existência de um paraíso na terra, o Yvi-Maraí, a terra sem males. O pajé entrava em transe e reelava onde ficava o Yvi-Maraí, levando os índios a migrar.

O nhanderu ou pajé\* era encarregado de transmitir o teko yma\*, porque os mbyás executavam todos os atos do cotidiano com o ritualismo que mantinha a ordem cósmica, como a pintura corporal,



## Tchê Sabia!

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDIGINAS:

- ubás\***: canoas para várias pessoas.
- pelota\***: para uma única pessoa.
- coivara\***: queimada da vegetação, a fim de limpar e adubar o terreno para o plantio
- caá-iari\***: erva-mate.
- caá-iró\***: mate, chimarrão.
- capoeira\***: mata não muito extensa, bosque.
- igaçaba\***: urnas funerárias feita de barro pelos guarani e servia para enterrar os mortos.
- nhanderu ou pajé\***: líder religioso, curandeiro, chefe espiritual dos índios, misto de feiticeiro e médico, piaga.
- coivara\***: queimada da vegetação, a fim de limpar e adubar o terreno para o plantio.
- teko yma\***: proceder antigo.
- poligamia\***: mais de um cônjuge ao mesmo tempo.
- couvade\***: choco, ritual de proteção ao recém nascido, dietas e repousos após o parto.
- nhanderu\***: líder religioso, curandeiro, chefe espiritual dos índios, misto de feiticeiro e médico, piaga.
- pajé (Caraí ou Xamã)\***: chefe espiritual dos índios, misto de feiticeiro e médico, piaga.
- Pagé\***: mesmo que nhanderu, protetor dos caçadores.
- morubixaba\* ou tubichá\***: ancião, que era o chefe da aldeia, cacique pela experiência de vida e conhecimento.



poligamia\*, couvade\*, a saudação lagrimosa, a educação dos filhos, os sonhos proféticos, a antropofagia e o puxirum ou mutirão.

O taxauá\* era o chefe provisório, mandava temporariamente durante a caçada, ataque bélico ou pescaria, enquanto que o pajé\* cheirava o pó da erva-mate para obter poderes sobrenaturais e por sua magia, tinha grande influência na aldeia.

Os clãs estavam divididos em metades. Os chefes de clã, com os chefes das metades e o nhanderu\* participavam do Conselho Tribal da aldeia que, reunidos, decidiam sobre os assuntos mais importantes para a tribo, como a migração, caçada, pesca, guerra e paz. Havia também morubixaba\* ou tubichá\*, chefe e responsável por manter a ordem na aldeia, sendo um elemento de conciliação.

Os homens se adornavam mais que as mulheres, tatuando e pintando o corpo, usando colares, pulseiras de sementes, contas, dentes de animais, ossos e plumas. Furavam o lábio inferior, colocando “tembetá” ou “batoque”\*. A pintura corporal tinha significados simbólicos e característicos de cada clã, metade de clã, sexo, idade e posição no grupo.

O casamento era monogâmico\* e a poligamia era usual apenas entre os chefes, que precisavam de mulheres que trabalhassem para dar comida e objetos a seus subordinados, mantendo assim a chefia.

Os homens entregavam suas mulheres a outros homens em troca de objetos ou em penhor de uma aliança. Esse costume facilitou a mestiçagem com os brancos.

Couvade ou choco era o ritual de proteção ao recém-nascido. Quando a mulher dava à luz, o homem não comia carne durante 15 dias, ficando de resguardo na rede. A mulher tinha o filho sozinha, cortava-lhe o cordão umbilical, banhava o recém-nascido e depois entregava-o ao marido, que esperava na rede. Se ele pegasse a criança, estaria reconhecendo-o como filho. A mulher ia logo trabalhar na roça a fim de enganar os maus espíritos, que poderiam se apossar da criança. Era também uma maneira de selecionar as mulheres mais resistentes.

Quando chegasse um hóspede na aldeia guarani, as mulheres praticavam a saudação lacrimosa, o recém chegado sentava na rede, enquanto as mulheres choravam com grande alarido e depois enxugavam as lágrimas e davam as boas vindas ao viajante.

O menino até 8 anos ficava junto com a mãe, depois ia para a casa dos homens, quando passava a aprender com o pai a pescar e a caçar. A menina permanecia junto à mãe. Após a primeira menstruação tinha liberdade sexual, desde que seus parentes fossem indenizados. Não batiam, não gritavam e nem castigavam os filhos. Acreditavam que um banho frio pela manhã prolongava a vida. Banhavam-se várias vezes ao dia.

Ao acordar, o guarani contava seus sonhos, em busca de uma interpretação, pois acreditava que eles eram proféticos.

Gostavam muito de música e danças. As danças guerreiras ou religiosas (festas) chamavam-se “poracés”. Fumavam cachimbo nas festas religiosas ou rituais religiosos. Confeccionavam seus próprios instrumentos musicais como membi\*, maracá\*, guarara\*, com material retirado da própria natureza, como cabaças, cascas, ossos, paus ocos e outros. Embora não sejam considerados cruéis, praticavam a antropofagia em ritual, comendo prisioneiros de guerra por ato de vingança, não



## Tchê Sabia!

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDÍGINAS:

**taxauá\***: nome que os brancos davam ao cacique indígena.

**tembetá\***: objeto não flexível que os índios introduzem num furo praticado no lábio inferior.

**monogâmico\***: um homem casado com uma só mulher.

**poligamia\***: mais de um cônjuge ao mesmo tempo.

**poracés**: danças guerreiras ou religiosas.

**membi\***: flauta.

**maracá\***: chocalho.

**guarara\***: tambor.

**Tupã\***: deus do bem, que tentava curar os doentes, sendo o deus mais importante e considerado o criador do relâmpago e trovão.



escapando velhos, mulheres e crianças. Acreditavam em grande quantidade de espíritos bons e maus, por isso eram politeístas. Adoravam as forças da natureza: vento, trovão, chuva. O chefe religioso era Tupã\*, deus do bem, que tentava curar os doentes, sendo o deus mais importante e considerado o criador do relâmpago e trovão.

Os guaranis históricos desapareceram lentamente do RS, pelos ataques dos bandeirantes, pela guerra guaraníca, pela escravidão imposta pelo governo militar espanhol nas reduções depois da expulsão dos jesuítas, pelo recrutamento militar e pela mestiçagem forçada das mulheres com os homens brancos.

O Guarani, especialmente do grupo Tape, foi o elemento básico na formação das Reduções e dos Sete Povos das Missões.

Também considerava outras divindades como Anhangá\*, Uirapuru\*, Iara\*, Guaraci\* e Jaci\*, Pagé\*, também chamado de “Carai” ou “Xamã cheirava o pó da erva-mate para obter poderes sobrenaturais. Algumas parcialidades enterravam seus mortos em igaçaba\*, acreditavam que o “ang” ou “anguera”, a alma do morto, poderia escolher três caminhos: reencarnar numa criança, que nascia; encostar-se em alguém ou seguir para o paraíso de “Monan”, onde não faltaria calor, caça e água. Acreditava na existência de um paraíso na terra, o Yvi Maray\*. A terra era imperfeita e novamente seria destruída pelo fogo e pelo dilúvio, salvando apenas o Yvi-maray\*. Os guaranis migravam constantemente em busca da terra perfeita.

Sua teogonia\* estava formada pela trindade Monan\*, o Deus criador e pai de maíra-monan, que os homens queimaram numa fogueira e de sua cabeça saiu o trovão (Tupã), que, por vingança, queimou com fogo o céu e a terra imperfeita, salvando-se apenas Irin-majé\*, que junto com sua esposa povoou a terra. Em outra versão, Irin-Majé\* é a chuva, filho de Monan que fertiliza a terra. O duplo de Monan é Sumé\*, o civilizador, que ensinou a agricultura. Na segunda versão, Sumé é filho de Irin-Majé\*.

Estes deuses também tinham o seu mair-puxi\*, reunindo o negativo e o positivo, que existem em cada pessoa.

De “Sumé” nasceram os gêmeos “Aricoute”, o filho mau e ciumento, que mandou o dilúvio, e “Temendonaré”, o filho bom que deu nome às coisas que Monan criou e ensinou os homens a sobreviverem na grande enchente, refugiados acima de palmeiras. Outra versão afirma que se salvou um índio e sua irmã grávida, no alto de uma palmeira, dando origem a humanidade. Acreditavam também em gênios como Yurupari ou Jurupari\*, Caopora ou Caipora\*, Curupira, Uiara ou Iara e Anhangá\*.

Estas semelhanças religiosas com a Igreja Católica, tais como missa para os mortos, crença nas almas, trindade divina, paraíso no céu, facilitaram o trabalho de catequese dos missionários, de quem foram grandes parceiros, no período em que os espanhóis tentaram ocupar nosso território. As reduções jesuíticas transformaram-se no Yvi-Maray\*, protegendo os índios contra a escravidão dos portugueses e espanhóis.

Em 1756, com a Guerra Guaraníca, portugueses e espanhóis invadiram os Sete Povos. Em 1757, levaram 700 famílias guaranis para Rio Pardo, que foram assentadas nas aldeias de São Nicolau de Rio Pardo, São Nicolau de Cachoeira e, em 1762, na de Nossa Senhora dos Anjos (Gravataí).



Após a expulsão dos jesuítas, em 1768, aos poucos suas terras foram sendo tomadas, seu gado roubado e sua população dizimada. Alguns poucos se integraram à sociedade rio-grandense como peões de estância e as mulheres foram esposas de portugueses, que se tornaram troncos de famílias gaúchas tradicionais.

Em 1801, com a invasão luso-brasileira nos Sete Povos, os guaranis se dispersaram pelo RS, Uruguai e Argentina, trabalhando como peões, tropeiros e artesões.

Da cultura guarani, quase nada sobrou, a não serem alguns nomes geográficos, o costume do tradicional chimarrão, o uso de vocábulos como aroeira, capim, capivara, capoeira, cutucar, cipó, cuia, guri, peteca, taquara, araçá, biboca, caboclo, capim, tatu, piá.

O guarani existente atualmente no RS chegou ao final do século XVIII, corrido pelos cafeicultores de São Paulo e pelas frentes de colonização no Paraná e Santa Catarina. Alguns grupos menores são oriundos do Paraguai.

Segundo Alvar Nunez Cabeza de Vaca, desde a fundação de Assunção, no Paraguai, os guaranis forneceram alimentos e suas mulheres aos espanhóis, porque queriam aliados fortes para combater seus inimigos. Os Guaranis eram inimigos de outras parcialidades indígenas por causa de seu ritual antropofágico. O fato da economia dos guaranis ser principalmente agrícola facilitou aos padres missionários reuni-los em reduções para a evangelização.

Atualmente, existe um grupo muito reduzido de guaranis no toldo da Guarita, em Tenente Portela, além de outras localidades.



## Tchê Sabia!

### SIGNIFICADO DAS PALAVRAS INDÍGENAS:

**Anhangá\***: deus do mal, protetor da caça.

**Uirapuru\***: protetor dos pássaros.

**Iara\***: protetora dos rios.

**Guaraci\***: sol.

**Jaci\***: lua.

**pajé\* ou Carai\* ou "Xamã"**: chefe espiritual dos índios, misto de feiticeiro e médico, piaga.

**Yvi Maray\***: paraíso, terra sem males.

**teogonia\***: conjunto de divindades, cujo culto forma o sistema religioso de um povo.

**Monan\***: deus criador e pai.

**Irin-Majé\***: chuva e filho de Monan.

**Sumé\***: deus civilizador que ensinou a agricultura, pai de Aricoute e Temendonaré.

**Tupã\***: deus do bem, tentava curar os doentes, sendo o deus mais importante e considerado o criador do relâmpago e trovão.

**mair-puxi\***: lado mau e destruidor

**Yurupari ou Jurupari\***: espírito do mal, o demônio.

**Caapora\* ou Caipora\***: ser pequeno e infeliz, que trazia tristeza e infelicidade para quem o visse.

**Curupira\***: ser fantástico com os pés para trás, habitante das matas e fazia os homens se perderem.

**Uiara ou Iara\***: protetora dos rios. Ente feminino que atraía o índio para o fundo do rio

**Anhangá\***: deus do mal, protetor da caça

**Yvi Maray\***: paraíso, terra sem males.



## REDUÇÃO DOS JESUITAS

Pelo Tratado de Tordesilhas, o Rio Grande do Sul pertencia à Espanha. Para garantir a posse de suas terras, o governo espanhol autorizou padres jesuítas a fundarem para catequizar os índios.

O Pe. Roque Gonzales chegou à margem direita do rio Uruguai, estabelecendo a redução de Concepción. Ele tentou diversas vezes atravessar o Rio Uruguai para converter os índios, mas os xamãs não permitiram porque não queriam perder suas posições de chefia e também porque não aceitavam as mudanças culturais impostas pelos missionários. Quando uma epidemia grassou entre os guaranis e os xamãs não encontraram a cura, permitiram que o Pe Roque Gonzales cruzasse o Rio portando a imagem de Nossa Senhora Conquistadora.

Na mesma época os bandeirantes paulistas estavam organizando grupos armados para prender os índios, a fim de vendê-los como escravos. Foi daí, que para defender os índios, os jesuítas foram vindo para o sul, chegando ao nosso estado.

No Brasil, em duas grandes regiões os jesuítas ergueram suas reduções: no Guaíra, leste paranaense, e no Tape, nas terras que hoje integram o RS. Também tiveram as reduções e no Paraguai e no Itatim (MS)

**1626** - O padre jesuíta ROQUE GONZALES fundou a redução de São Nicolau às margens do Rio Piratini, sendo esta a primeira redução fundada pelos jesuítas no RS. Seguidas desta foram fundadas mais 17, totalizando 18 neste primeiro ciclo. Foi morto porque o feiticeiro Nheçu rebelou os índios porque os missionários condenavam a poligamia, a feitiçaria e o canibalismo. Em 1628 Roque Gonzalez estava armando o sino num jirau quando foi abatido a golpes de itaiçá (tacape).

Os missionários transformaram a redução numa sociedade sacral, em que os rituais religiosos marcavam cada momento da vida cotidiana, em que os valores cristãos se sobrepujam aos valores indígenas num confronto ou combinação que modificaram a vida material e espiritual dos guaranis.

Os padres transformaram os índios em excelente mão-de-obra para o cultivo da terra. As reduções possuíam dois tipos de lavouras: familiar (Amambaé) e coletiva (Tupambaé). Nessas lavouras, os índios aprenderam a plantar também árvores frutíferas. A redução iniciava pela construção da igreja, depois era construída a praça, as casas dos padres, as oficinas, o colégio e por fim, a casa dos índios. A música foi a arte que mais atraía os índios. Cada redução possuía uma banda com 30, 40 integrantes.

Na medida em que as reduções cresciam, os problemas surgiam e o principal problema enfrentado pelos padres e índios reduzidos era a seca. Quando esta vinha e era prolongada os índios ficavam com fome e fugiam para as florestas e rios.

Para solucionar este problema e para aproveitar as pastagens nativas da região, em 1634 os padres CRISTÓVÃO DE MENDONÇA e PEDRO ROMERO dirigiram-se a Corrientes, compraram de Manoel Cabral Alpoim 1500 cabeças de gado, introduzindo com imenso esforço no RS. Esses bovinos foram distribuídos 99 para cada redução. (1628-já tinha referencia de gados nas reduções jesuíticas).

## O SURGIMENTO DAS ESTANCIAS

Encontrando circunstâncias favoráveis de clima, de relevo e principalmente de vegetação, o gado missioneiro dispersou-se pelos campos rio-grandenses, reproduziu-se livremente e tornou-se bravo. No século XVIII numerosos rebanhos vagavam pelos campos do planalto Norte-Rio-Grandense, conhecido como Vacaria dos Pinhais, e,





sobretudo pelas campinas, chamadas de Vacaria do Mar.

A notícia da existência no Rio Grande do Sul de rebanhos sem dono atraiu o interesse de muitas pessoas, principalmente de São Paulo. As reses eram abatidas em pleno campo e delas se aproveitavam apenas o couro e o sebo. Em 1737, para garantir os interesses dos portugueses instalados na região, foi construído o forte Jesus-Maria- José, junto ao canal que liga a Laguna dos Patos ao oceano Atlântico. Ao lado do forte formou-se uma povoação, que deu origem à atual cidade de Rio Grande.

O domínio português se expandiu pelas áreas vizinhas, que no seu conjunto eram chamadas de Continente do Rio Grande de São Pedro. Esse foi o primeiro nome do atual estado do Rio Grande do Sul.

Nessa época – ainda no século XVIII – desenvolveu-se a mineração em Minas Gerais, atraindo milhares de pessoas para a região. Assim se formou um mercado de consumo para os produtos da pecuária: couro, carne, leite e animais para transporte. Em consequência a atividade de caça foi sendo substituída pela criação de gado, pois os animais passaram a ser reunidos em locais destinados a tal finalidade – as estâncias ou fazendas.

Estimulada pelo mercado do sudeste do país, principalmente de Minas Gerais, desenvolveu-se a pecuária no Rio Grande do Sul. Portugueses, paulistas e catarinenses – esses particularmente de Laguna – ganhavam do governo grandes extensões de campo, onde instalavam suas fazendas de criação de gado. Muitos dos novos fazendeiros tinham combatido contra os platinos, que eram inimigos dos portugueses na disputa pela posse da região.

Com o passar do tempo as áreas campestres, principalmente as da Campanha, ficaram povoadas de fazendeiros. Junto a algumas estâncias surgiram povoados, que mais tarde se tornaram cidades. Portanto, a formação do Rio Grande do Sul teve início com o surgimento das estâncias. Foi na atividade pastoril, particularmente na Campanha, que surgiu a figura do gaúcho, originalmente o homem que trabalhava na fazenda, cuidando do gado.

## **AS CHARQUEADAS**



Ilustração de Jean-Baptiste Debret

Para baratear o transporte e assim aumentar seus ganhos, os fazendeiros do sul resolveram enviar, em vez de bois vivos, a carne já seca, salgada, ou seja, o charque.

Primeira charqueada foi fundada em 1780 pelo português José Pinto Martins em Pelotas. Tinha mão de obra dos escravos. Passou a ser uma atividade industrial, a primeira em solo rio-grandense.

O sal vinha da Bahia. O charque passou a ser exportado para cuba e estados do Brasil.

A mineração provocou a transferência do centro econômico do nordeste para o sudeste do Brasil, ocasionando a mudança da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro. Devido a migrações a população de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo cresceu bastante. À medida que essa população crescia, aumentava o mercado de consumo para os produtos da pecuária gaúcha – o couro e principalmente a carne. Aos poucos o transporte de gado passou a ser feito também por



barcos de navios, pois desenvolveu-se a navegação pelo rio Jacuí, pela Laguna dos Patos e pelo oceano Atlântico, até o Rio de Janeiro.

Só bem mais tarde foram construídas as primeiras ferrovias em território rio-grandense, cujo traçado obedeceu aos interesses de transporte de gado. Mesmo após o surgimento da navegação, o Rio Grande do Sul continuou vendendo os animais vivos, pois naquela época não havia maneira de conservar a carne fresca por muito tempo.

No entanto, como a parte vendida era somente o couro e a carne, os fazendeiros resolveram enviar, em vez de bois vivos, a carne já seca e salgada, que se chama charque. Dessa forma barateavam o transporte e aumentavam seus ganhos.

Foi assim que surgiram as charqueadas, estabelecimento onde se fabrica o charque. A primeira charqueada foi fundada em 1780, junto ao arroio Pelotas, próximo a Rio Grande. Em seguida, muitas outras foram criadas na mesma região e também junto a diversas fazendas.

O Rio Grande do Sul tornou-se grande vendedor de charque. Sua produção e seu comércio atraíram muitas pessoas ao estado. Grande leva de escravos negros foram trazidas para trabalhar na atividade saladeiril, isto é, na indústria do charque. Junto a muitas charqueadas surgiram povoações, algumas das quais mais tarde se tornariam cidades. Dessa forma, pode-se dizer que o Rio Grande do Sul “nasceu com as estâncias e cresceu com as charqueadas”.

## **DISPUTAS DE FRONTEIRAS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA**

### **Tratado de Tordesilhas**

O Tratado de Tordesilhas determinava que as terras até 370 léguas das ilhas de Cabo Verde pertenciam a Portugal, enquanto o resto da América seria dada a Espanha. Apesar disso, os portugueses chegaram a visitar nossas terras, sendo os primeiro deles os irmãos Martin Afonso e Pero Lopes de Sousa, por volta de 1532, como parte da missão de explorar, nomear acidentes geográficos e fundar uma primeira povoação no território pertencente a Portugal.



Quando chegaram a Laguna dos Patos, Martin pensou que se tratava de um rio, e o batizou de São Pedro, em homenagem ao irmão. Os espanhóis, ao tentarem explorar as terras rio-grandenses, depararam-se com um litoral aberto, sem baías, que dificultava a ancoragem de navios. Alcançaram, no máximo, a Laguna dos Patos, que chamaram de Rio Grande. Assim, na cartografia antiga, apareciam dois nomes: o São Pedro português e o Rio Grande espanhol, quando não São Pedro do Rio Grande ou Rio Grande de São Pedro. Os portugueses não demonstraram interesse pela região até meados de 1680, quando o gado começou a reproduzir-se em larga escala e a povoar os pampas.





O tratado foi intermediado pela Inglaterra e pela França, que tinham interesses políticos internacionais na pacificação das relações entre Portugal e Espanha. Com a assinatura do tratado, a rainha de Portugal, D. Maria I, e o rei da Espanha, Carlos III, praticamente revalidaram o Tratado de Madrid (1750) e concederam fundamento jurídico a uma situação de fato: os espanhóis mantiveram a colônia e a região dos Sete Povos das Missões, que depois passou a compor grande parte do estado do Rio Grande do Sul e do Uruguai; em troca, reconheceram a soberania dos portugueses sobre a margem esquerda do rio da Prata, cederam pequenas faixas fronteiriças para compensar as vantagens obtidas no sul e devolveram a ilha de Santa Catarina, ocupada poucos meses antes.

### **Convenção (ou paz) de Badajoz**

Definida em 1801, estabelece as condições de paz na Península Ibérica (sem fazer menção aos limites das colônias de Portugal e da Espanha na América do Sul). Com isto tornou nulas, na prática, todas as disposições a respeito entre estes dois países, permitindo a expansão da ocupação gaúcha até o rio Uruguai.

### **A COLONIA DO SACRAMENTO**

A Vacaria do Mar estava em território que pertencia à Espanha, pois a partir de 1640, com o término da União das Coroas Ibéricas e a definitiva separação de Portugal e Espanha, o suposto Tratado de Tordesilhas voltava à tona, sendo o território administrado pelos padres jesuítas espanhóis da Companhia de Jesus.

Os comerciantes portugueses, que dominavam Buenos Aires até a sua expulsão pelos espanhóis não se conformavam com a perda de um rico mercado onde a prata de Potosi e o ouro de Lima muitas vezes alimentava um próspero contrabando. Para isso, a região era de suma importância, pois era ponto estratégico. Os comerciantes expulsos começaram a pressionar Lisboa para que fosse fundada uma cidade portuguesa na região.

Com um bem econômico, o RS passou a merecer esforços de exploração e os luso-brasileiros passaram a reivindicar a região considerando-a “terra de ninguém”, o que não era verdadeiro, uma vez que a região estava sob a jurisdição do governador de Buenos Aires, pois pertencia à Espanha..

Outro efeito, um dos mais importantes, foi a disputa pela região iniciada em fins do século XVIII. Com a fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, e o retorno dos jesuítas ao local de suas antigas reduções, em 1682, ficava claro que as nações ibéricas estavam empenhadas em digladiar palma a palma as áreas próximas do estuário do rio da Prata, preparando dessa maneira o século XVIII, caracterizado por conflitos de ordem militar, político, econômico e religioso, pela posse da região, tornando-a subalterna à soberania portuguesa.

Os planos dos portugueses começaram a se concretizar quando, em 1676, o Papa Inocêncio IX estendeu o bispado do Rio de Janeiro até o rio da Prata.

Em 1640 / 41, jesuítas e índios deixaram a margem esquerda do rio Uruguai (no RS), transferindo-se para a margem direita do mesmo rio (Uruguai), deixando o gado, que, durante muitas décadas, se multiplicou solto pelo estado, tornando esse território riquíssimo em rebanhos bovinos.

Isso não passou despercebido. Começaram a surgir contrabandistas (espanhóis e portugueses), que preavam o gado e comercializavam o couro, que era vendido no rio da Prata para navios ingleses e contrabandistas espanhóis, obtendo altos lucros.

Tanto a Espanha quanto Portugal queriam as terras, que, segundo o Tratado de Tordesilhas, a região pertencia à Espanha.

A descoberta de ouro nos campos de Curitiba e Paranaguá (Paraná) incentivou o plano de alargar as fronteiras de Portugal até o rio da Prata. Salvador Correia de Sá, como membro do Conselho



Ultramarino, em 1678, defendeu o plano de fundação de uma colônia no rio da Prata, limite do bispado do Rio de Janeiro.

Depois de muita discussão, foi decidida a ocupação por Portugal da margem esquerda do Rio da Prata. Era preceito do Direito Internacional Público da época, que uma nação ocupando as duas margens do rio detinha direitos de navegação sobre o rio e era isso que Lisboa queria evitar, tendo em vista que a Espanha ocupava, com Buenos Aires, a margem direita do rio da Prata.

Com a intenção de expandir seus domínios até o rio da Prata, os portugueses precisavam enfrentar os espanhóis, para dominar a região e controlar o vantajoso negócio do couro. Os portugueses deram-se conta de que precisavam construir um forte militar, às margens do rio da Prata. No outro lado do rio, ficava Buenos Aires, cidade da Argentina habitada por espanhóis e o governador não via essa fundação com bons olhos.

Em 20 de janeiro de 1680, na península junto à ilha de São Gabriel, no rio da Prata, D. Manoel Lobo aportou com 5 veleiros, desembarcando 200 homens, 60 negros, 2 jesuítas, 1 padre capelão, 8 índias e uma mulher branca, D. Joana Galvão, esposa do cap. Manoel Galvão, para fundar, na margem direita do rio da Prata, a Colônia do Santíssimo Sacramento, com os objetivos de estabelecer um forte militar, na margem esquerda do rio da Prata, criar um porto livre de comércio entre o Rio de Janeiro e a região do rio da Prata e marcar a presença portuguesa no território espanhol, conforme instruções do rei D. Pedro II, de Portugal.

O forte foi construído em terra firme e não na ilha, recebendo o nome de Fortaleza do Sacramento, estando isolada, pois entre ele e São Paulo não havia outro estabelecimento português que lhe servisse de apoio. O tempo foi passando e ao redor da fortaleza surgiu uma povoação, que recebeu o nome de Colônia do Santíssimo Sacramento. D. Francisco de Lancaster, governador da Colônia do Sacramento de 1689 a 1699, localizou agricultores e desenvolveu o comércio, chegando a Colônia a ter mais habitantes de mil habitantes. O caminho por terra, pelo litoral, de Laguna à Colônia era mais seguro que a viagem por mar. Graças a esse caminho, os lusos descobriram a Vacaria do Mar. Em 1695, já existia uma guarda em Torres. Em 1731, possuía igreja, casa do governador, colégio, alfândega e mais de 300 casas.

Os portugueses da Colônia do Sacramento fizeram amizade com os charruas e muitos desses indígenas se transformaram em peões e soldados. Eles buscavam gado da Vacaria do Mar para alimentar a guarnição militar da Colônia. Os soldados charruas eram pagos como os demais soldados.

Os espanhóis sentindo-se ameaçados passaram a atacar a Colônia do Sacramento, uma vez que ela se localizava em terras que pertencia à Espanha e por isso só foi motivo de muitas discórdias, brigas e guerras entre Espanha e Portugal, tendo sido por cinco (05) vezes atacada pelos espanhóis.

Após sofrerem algumas investidas, os portugueses começaram a se preocupar com a defesa da região, pois o que construía os espanhóis destruía. Como a Colônia estava isolada e longe de outros povoados, os reforços raramente chegavam a tempo. Centenas e centenas de pessoas morreram nos conflitos pela posse.

Os espanhóis não aceitavam a pretensão e a ousadia dos portugueses em querer aumentar seus domínios até a região. D. José Garro, governador de Buenos Aires, ordenou ao mestre de campo Vera Muxica que recrutasse espanhóis de Santa Fé e Corrientes e índios das reduções jesuíticas para sitiarem, por terra, a Colônia do Sacramento.

Vera Muxica, com dificuldades para manter disciplinados 480 espanhóis e 3000 (3 mil) índios guaranis, ordenou vários ataques às fortificações, sofrendo pesadas baixas. Na madrugada de 7 de agosto de 1680, Muxica comandou o ataque por 3 pontos da fortificação. Os guaranis não faziam prisioneiros, matando os lusos (portugueses) como vingança dos ataques dos bandeirantes. Só espanhóis fizeram prisioneiros, defendendo-os da fúria dos guaranis. D. Joana Galvão tombou ao lado do esposo cap. Manoel Galvão. D. Manuel Lobo foi levado como prisioneiro para Buenos Aires, morrendo em 1683.



A Espanha em guerra com a Holanda, não querendo mais outra frente de luta, realizou o Tratado Provisional (tratado de Lisboa), em 7 de maio de 1681, devolvendo a Colônia do Santíssimo Sacramento a Portugal.

Após tantas invasões espanholas na Colônia do Sacramento, Portugal demonstrou interesse em solucionar os conflitos existentes no Brasil, com relação aos espanhóis. Em 1715, Portugal e Espanha assinaram o tratado de Utrecht. Pelo tratado, a Espanha concordou em devolver a Colônia do Sacramento para Portugal.

Porém, só a partir de 1777, que a Colônia do Sacramento passou definitivamente para o domínio espanhol, através do Tratado de Santo Ildefonso (1777). Hoje, a Colônia do Sacramento chama-se apenas Colônia ou ainda Sacramento, sendo um grande e importante centro histórico, sendo uma cidade da República Oriental do Uruguai.

Sacramento tornou-se importante entreposto comercial no rio da Prata, introduzindo negros escravos na região e favorecendo o contrabando de produtos coloniais. Foi também o principal centro de operações das tropas portuguesas na Guerra Guaranítica.

A Colônia do Sacramento nunca pertenceu ao RS, mas foi o marco mais importante da colonização do RS e muito contribuiu na sua formação histórica.

A própria fundação de Rio Grande é uma de suas conseqüências como o foram Laguna e Montevidéu (capital do Uruguai).

A Colônia do Sacramento desenvolveu, entre portugueses e luso-brasileiros o amor à terra, a tenacidade e a bravura, que vão caracterizar o gaúcho do RS.

Atualmente, no local, encontra-se a cidade histórica de Colônia (Sacramento), na República Oriental do Uruguai.

## **TROPEIRISMO**

A Colônia do Sacramento transformou o RS numa grande região de passagem, pois entre ela, ao sul, e Laguna, ao norte, estendia-se o atual RS.

A descoberta de jazidas de ouro, em Minas Gerais, despertou nos portugueses o interesse pelo sul da América.

O gado reproduziu-se rapidamente nas pastagens do pampa. Conduzir o gado dos campos rio-grandenses para ser vendido no sudeste do Brasil era tarefa dos tropeiros, vindos de São Paulo e principalmente Laguna, no litoral de Santa Catarina. As tropas eram conduzidas a pé e levavam meses até chegar ao seu destino. Na maior parte das vezes, o gado era vendido na feira de Sorocaba, perto da capital paulista, de onde era levado para as áreas de consumo, principalmente Minas Gerais. No início, os tropeiros apanhavam o gado sem dono, que vivia nas campinas. Depois, muitos tropeiros organizaram estâncias e tornaram-se fazendeiros. O precursor das estâncias rio-grandenses foi o lagunista João de Magalhães que excursionou pelo litoral percorrendo praticamente todo o atual território do RS, comandando uma guarda na margem norte do canal de Rio Grande acompanhado de outros 30 lagunenses, dentre os quais, destacou-se o hábil tropeiro Cristovão Pereira de Abreu. Em sua jornada, Magalhães cobrou pedágio dos animais muares, cavалares e vacuns, no período de 1725 e 1729.

Na Colônia do Sacramento, de 1702 a 1705, Cristovão Pereira de Abreu tornou-se contratador de “caçada de couro” ou courama dos vacuns da vasta campanha do Prata.

A partir de 1727, Cristovão Pereira de Abreu abriu o Caminho do Morro dos Conventos, por onde seriam levadas as tropas de gado conduzidas pelo litoral. Ao longo da trilha do litoral, surgiram pousos e currais, estabeleceram-se os primeiros fogões, denominação das estâncias do RS, que deram origem a povoados, vilas e cidades como São José do Norte, Capivari, Santo Antônio da Patrulha. Alguns povoados cresceram e se tornaram cidades.

Mais tarde, foram abertos caminhos pelo planalto norte-rio-grandense, os quais permitiram que o gado da região das Missões e da Vacaria dos Pinhais também fossem apanhados e vendidos em São



Paulo. Pelos caminhos do planalto, começaram a surgir estâncias, chácaras e povoados, que se transformaram em cidades como São Borja, Cruz Alta e Vacaria.

Estando o litoral desabitado, tropeiros estabeleceram uma trilha entre a Colônia do Sacramento e Laguna. Conduziam mulas compradas nas fazendas espanholas e gado vacum capturado na Vacaria do Mar.

De 1727 a 1730, o sargento-mor Francisco de Souza Farias abriu a trilha do Morro dos Conventos, por onde as tropas atingiram facilmente os campos de Lajes, Curitiba e Sorocaba, com melhores pastagens e facilidade de marcha pelo divisor de água, sem necessidade de cruzar rios caudalosos.

Cristóvão Pereira de Abreu, em 1731, corrigiu a trilha do Morro dos Conventos, conduzindo sua tropa de 800 animais até Curitiba. Em 1733, levou pela mesma trilha mais de 3000 cavalgadas. Em 1736 ou 1737, abriu a Estrada Real de Viamão, partindo de Capão da Porteira, subindo pelo vale do rio Rolante até os Campos de Cima da Serra, atravessando no passo de Santa Vitória, rio Pelotas, atingindo os campos de Lajes, viabilizando a união mais rápida com Sorocaba.

Savaris cita quatro caminhos dos tropeiros, por onde o gado e mulas do sul eram conduzidos para o centro do Brasil. Veja a seguir:

O “caminho da praia” estendia-se a partir Montevidéu, seguindo pelo litoral, passando pelo Chuí, canal de Rio Grande, rio Mampituba, entrando em Santa Catarina, atravessando o rio Araranguá, em direção a São Francisco do Sul, dirigindo-se para Curitiba pelo caminho dos Ambósios. No canal de Rio Grande, em 1725, já se cobrava pedágios das tropas de gado vindas da Vacaria do Mar. Da Colônia do Sacramento até a região de Mineração, no centro do País, as tropas percorriam mais de 2 mil quilômetros. No meio deste caminho, encontramos a Real Feitoria do Bojuru, organizada por José da Silva Paes (fundador de Rio Grande), estabelecida entre a margem norte do Canal de Rio Grande e o local chamado Mostardas, destinada ao engorde do gado que alimentava o exército do extremo sul do Brasi.

O segundo caminho dos tropeiros foi “caminho do sertão”. Tinha o mesmo traçado do “caminho da praia”, desde a Colônia do Sacramento até os campos de Viamão, mas nesse ponto, não seguia pelo litoral e sim pelos Campos de Cima da Serra, pela serra, passando por Santo Antônio da Patrulha, Bom Jesus, em direção ao passo de Santa Vitória no rio Pelotas, subia por Lages, subia a Lages, passando pela Lapa, Ponta Gossa, onde fazia o último pouso, antes de Sorocaba, em Itapetininga. Campos de Lage surgiu como povoado em 1766 e elevado a vila em 1774, graças ao tráfego de mercadorias, gado e mulas, pelo caminho que ligava Viamão a Sorocaba, a grande feira de gado do Brasil colonial.

Em 1816, foi aberto o “primeiro caminho das missões” que ligava as Missões a Vacaria, continuava pelo “caminho da serra” a partir do passo da Santa Vitória. Este caminho percorria as terras de Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Mato Castelhana, Campo do Meio, Mato Português, tornando-se a principal rota dos tropeiros. Antes de 1848, este caminho sofreu alteração, ocasião em que o registro de Santa Vitória para Pontão, local onde passou a ser cobrado o imposto relativo às tropas ou às mercadorias transportadas. Este novo registro recebeu o nome de Barracão, por causa do abrigo destinado aos soldados que cobravam o pedágio das tropas.

Em 1845, o paranaense Francisco da Rocha Loures havia criado uma nova rota, o “segundo caminho das missões, ligando Guarapuava e Cruz Alta, inicialmente, passando pelos caminhos de Nonoai, depois de cruzar o Passo do Goio-En, no rio Uruguai, e mais tarde sendo estendida até São Borja. Esta rota passava pelo oeste catarinense, até os Campos Gerais do Paraná, rumando para Sorocaba. Este caminho com mais 1.200 quilômetros serviu também para transporte de gado argentino para São Paulo.

A partir de 1731, passou a funcionar o registro de Curitiba, na margem direita do rio Iguaçu, cobrando taxas pela passagem de animais vacuns, cavaleiros e muareis.



Com a rota de tropas afastada de Laguna, os lagunenses e tropeiros buscaram o caminho do gado, estabelecendo-se com currais e solicitando sesmarias ao sul do rio Mampituba, nos campos de Viamão (como o RS era conhecido na época).

Sesmaria era área de terra com mais ou menos 3 léguas de comprimento por uma légua de largura, concedida pelo rei de Portugal aos homens de posse. O pobre não tinha direito de receber terras, porque a pobreza era sinal de incompetência.

As sesmarias eram doadas na condição de que o recebedor pagasse à Coroa Portuguesa a sexta parte do produto da sua exploração. A esta sexta parte dava-se o nome de “sesmo” ou “sesma”, daí o nome “sesmaria”.

Em 1732, foi entregue a primeira sesmaria nos Campos de Viamão (ao sul do rio Mampituba até as margens do Guaíba), no caminho das tropas, junto ao rio Tramandaí, na Praia das Conchas, a Manoel Gonçalves Ribeiro (genro de Francisco de Brito Peixoto, este filho de Domingos de Brito Peixoto, da vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna em 1684).

Em 1733, foram concedidas sesmarias no Itapuã, para Francisco Vicente Ferreira, Antônio Cardoso, Sebastião Francisco, Padre José dos Reis. Em 1734, havia 34 fazendas de criação de gado e éguas entre o rio Tramandaí e o canal de Rio Grande.

Em 7 de novembro de 1747, foi criada a freguesia do Porto de Viamão, aonde havia três sesmarias: São José pertencente a Sebastião Francisco Chaves; Nossa Senhora de Santana, de Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos e São Gonçalo, de Dionísio Rodrigues Mendes. Cada sesmaria possuía uma légua de frente por três léguas de fundo. Cada légua correspondia 6. 600 metros de comprimento, desta forma, uma sesmaria correspondia a 13. 068 hectares, o que corresponde a 150 quadras, desde que cada 50 quadras correspondessem a uma légua quadrada.

A sesmaria foi transformada em fazendas de criação de vacuns, cavalares e muares. O gado era retirado da Vacaria do Mar e das estâncias missioneiras. Os burros reprodutores vieram do território espanhol. A criação era extensiva, com uma pequena lavoura de milho, mandioca, abóbora e feijão para a alimentação da família e peões.

Em 1736, os Campos de Viamão até as margens do Guaíba já estavam ocupados por estâncias, que também criavam mulas para outras capitânias. As tropas de mulas eram o principal meio de transporte de mercadorias no interior do Brasil, durante o século XVIII, até a metade do século XIX.

Borges Fortes relaciona os tropeiros radicados nos Campos de Viamão, no século XVIII: Manoel Pereira de Barros (junto à lagoa dos Barros), Antonio Araújo Vilela (rincão de Gravataí), João de Almeida, Simão dos Santos, José Leite de Oliveira, João Diniz, Manoel Rodrigues Monteiro, Antônio Simões, Sebastião Francisco Chaves (Morro Santana, Partenon e arredores), Jerônimo de Ornelas (sítio do Dorneles), que abrangia o atual centro de Porto Alegre; Dionísio Rodrigues Mendes com terras ao longo do Guaíba, na região do Cristal e Pedra Redonda, em POA.

O gado, que já era caçado e se constituía na maior riqueza do território, passou a desempenhar papel decisivo na forma de organização socioeconômica do RS.

Nessa região, os tropeiros faziam seus arranchamentos, que deram origem às primeiras estâncias. Nelas, criava-se gado bovino e animais utilizados para a tração e transporte (burros e cavalos), que abasteciam a região mineradora. Desta forma, surgiu o tropeiro (indivíduo responsável pelo transporte de gado).

No século XVIII, tropeiro era o dono da tropa, os demais eram arrieiro, camarada ou peão. O condutor da mula ou égua madrinha era o madrinheiro. No início do século XIX, o termo tropeiro designava também o capataz da tropa. Os habitantes de Cima da Serra eram descendentes de bandeirantes, ou ainda os tropeiros paulistas, que geralmente andavam em mulas e tinham um sotaque especial, diferente da fronteira ou da região baixa do RS era chamado de “beriva” ou “beriba”. Mais tarde, o termo generalizou-se, referindo-se a todos que trabalhavam com a tropa de vacuns, cavalares ou muares.



No fim de cada jornada surgia o pouso, lugar com água e pasto para os animais, onde os tropeiros descansavam durante a noite, juntando as bruacas, canastras e jacás, num quadrilátero, cobrindo-as com couro. Ao amanhecer, arrebanhavam as bestas, recolocavam a carga e seguiam a trilha até o próximo pouso.

Mais tarde, no pouso surgia um rancho com pilastras de madeira coberto de capim, que protegia os tropeiros e as mercadorias, num rústico dormitório, servindo para o repouso dos tropeiros e viajantes. O dono do rancho morava numa cabana ao lado, dando hospedagem gratuita, cobrando apenas o milho para os animais.

Depois surgia a pequena venda, a casa do peão, o rancho do ferreiro, dando início a um povoado, até que tivesse uma capela filial, depois curada, para se transformar em igreja matriz. Ao longo das trilhas surgiram cidades como Carazinho, Cruz Alta, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria, Bom Jesus, Viamão, Santo Antônio da Patrulha e outras.

A história do tropeirismo confunde-se com a ocupação portuguesa no extremo sul do Brasil.

A maioria dos colonizadores que solicitava sesmarias nos Campos de Viamão e depois nos Campos de Cima da Serra era antigos tropeiros que vinham de Laguna, dos Campos de Curitiba e de São Paulo para ocupar os espaços do litoral ou os do planalto que pertencia aos índios Jês eliminados para dar segurança aos tropeiros ou aos pioneiros. Depois, se esparramaram pela Campanha, onde predominavam índios charruas e minuanos, transformando-os em peões ou soldados. Os tropeiros atingiram o Planalto das Missões, conquistando os Sete Povos que pertenciam aos espanhóis, ampliando as trilhas até Corrientes e Misiones na Argentina.

Desse modo, os tropeiros contribuíram muito para o povoamento do RS e para que este ficasse integrado a São Paulo e demais regiões do Brasil. Foram eles quem auxiliaram na povoação e ocupação das terras gaúchas.

A contribuição dos tropeiros, muitas vezes chamados birivas, na interligação de núcleos habitacionais, fomentando o comércio, patrocinando a miscigenação étnica e criando uma nova cultura, com alteração e usos e costumes, crenças e outras, não se deu somente com as tropeadas de gado e mulas do sul para o centro e norte do Brasil. Os tropeiros foram responsáveis pelo transporte de todos os tipos de mercadorias, com exclusividade, até o surgimento dos barcos a vapor e, mais tarde, das estradas de ferro e rodovias.

Durante duzentos anos, tropeiros e carreteiros foram o que são atualmente os camioneiros. Transportaram, criaram estâncias, implantaram vilas, alteraram o panorama do sul do Brasil colonial.

Tropeiros e carreteiros fizeram a integração do RS, ensinaram a fazer o arroz de carreteiro, tinham viola como companheira e consagraram danças típicas como a chula e a dança dos facões.

Foi a partir das estâncias que se levantaram alambrados e se dividiu o território entre proprietários rurais. Foi nelas que se desenvolveu a forma de vida e o modelo econômico baseado na pecuária extensiva.

As estâncias tornaram-se o único lugar para aquerenciarem-se “gaudérios” ou “gaúchos”, homens livres “sem lei e sem rei” que vagavam pela Vacaria do Mar em busca de gado alçado e seu couro. Este tipo humano se tornou peão e soldado.

Enquanto fixava o domínio socioeconômico de Portugal no território, cada estância se constituiu num quartel. O mesmo patrão da estância era o coronel que comandava os peões, transformados em soldados, sempre que os “castelhanos” ameaçavam retornar o território que originalmente lhes pertencia pelo Tratado de Tordesilhas.

No século XVIII, tropeiro era o dono da tropa, os demais integrantes eram arrieiro, camarada ou peão. O condutor da mula ou égua madrinha era o madrinheiro. No início do século XIX, o termo tropeiro passou a designar também o capataz da tropa. Mais tarde, o termo generalizou-se, referindo-se a todos que trabalhavam com a tropa de vacuns, cavaleiros ou muars. Os habitantes de Cima da Serra, descendentes de bandeirantes, ou ainda os tropeiros paulistas, que geralmente andavam em mulas e



tinham um sotaque especial, diferente do sotaque da fronteira ou da região baixa do RS era chamado de “beriva” ou “beriba”.

**Tropa:** grande quantidade ou porção de gado em jornada ou animais em marcha de um ponto para outro.

**Tropeiro:** dono da tropa, condutor da tropa de gado, éguas, mulas, cargueiros e outros, capataz da tropa.

**Arrieiro ou arreeiro:** guia de cavalgadura ou de animais de carga, encarregado também de alugá-los, ou seja, conduzir o animal.

**Camarada:** trabalhador empregado temporariamente numa propriedade rural para tarefa doméstica, agrícola, pecuária, exploração mineral e outras.

**Peão:** empregado doméstico em uma estância ou ainda homem ajustado para o trabalho rural.

**Égua-madrinha:** égua ou mula que caminha à frente da tropa, conduzindo-a frequentemente com sinos ou chocalhos ao pescoço.

**Madrinheiro:** indivíduo que segue montado na égua (madrinha), para conduzir a marcha da tropa.

**Capataz:** indivíduo que chefia grupo organizado de trabalhadores.

Domador e amansador de besta.

**Amontador:** transformava o equino ou muar em montaria.

**Acertador:** ensinava a andadura e educava a boca da besta ao freio.

**Barganhista ou Cigano:** vivia comprando e vendendo o animal.

**Ferreiro:** cuidava dos cascos e colocava as ferraduras.

**Carpinteiro:** fazia as canastras.

**Canastra:** mala de madeira revestida de couro, com duas alças para sustentá-la às pontas da cangalha da besta cargueira.

**Cargueiro:** animal arreado com cangalha e bruaca.

**Cesteiro:** fazia os jacás.

**O Jacá:** grande cesto de vime e taquara, com alças para prendê-lo às pontas da cangalha, servia para carregar grãos e espigas ou qualquer material que podia ser molhado.

Albarda ou cangalha: feita de madeira constituída por uma armação com duas madeiras em forma de V invertido, unidas por quatro travessas.

**Seleiro:** fabricantes dos instrumentos de couro, ou seja, selas, selins.

**Rancheiro:** dava pouso aos tropeiros e milho aos animais em troca de um animal estropeado.

**Vendeiro:** (Venda=armazém) da beira da trilha (caminho) que comercializava secos e molhados.

**Pouso:** lugar com água e pasto para os animais, onde os tropeiros descansavam durante a noite.

**Beriva ou beriba:** habitantes de Cima da Serra, descendentes de bandeirantes, ou ainda os tropeiros paulistas (mamelucos), que geralmente andavam em mulas e tinham um sotaque especial, diferente do sotaque da fronteira ou da região baixa do RS.

A alimentação dos tropeiros era constituída principalmente de toucinho, feijão-preto, farinha, pimenta-do-reino, café e fubá. Nos pousos, eles comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne-de-sol (charque) e toucinho (feijão-tropeiro), que era servido com farofa e couve picada. Bebidas alcoólicas só eram permitidas em ocasiões especiais. Nos dias muito frios eles tomavam um pouco de cachaça para evitar constipação (resfriado) e como remédio para picada de inseto.





Os tropeiros usavam chapelão de feltro cinza ou marrom, de abas viradas, camisa de pano forte, uma manta com uma abertura no centro, jogada sobre o ombro, botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteger-se nos terrenos alagados e matas.

No RS, a cidade de Viamão tornou-se um dos principais centros de comércio e formação de tropas que tinham como destino os mercados de São Paulo. Porém, de outras regiões do sul partiam tropas, quase sempre com o mesmo destino. Nesses trajetos os tropeiros procuravam seguir o curso dos rios ou atravessar as áreas mais abertas, os campos gerais. Mesmo conhecendo os caminhos mais seguros, o trajeto durava várias semanas.

No fim do dia, era aceso o fogo e depois construída a tenda com os couros que serviam para cobrir as cargas dos animais. Alguns desses couros eram reservados para colocar no chão, onde os tropeiros dormiam envoltos no manto. O pouso em pasto aberto era encosto. Quando já havia um abrigo construído chamava-se rancho. Ao longo do tempo, os principais pousos se transformaram em povoações e vilas. É interessante notar que dezenas de cidades do interior da região sul do Brasil atribuem sua origem à atividade dos tropeiros.

A atividade ao longo dos caminhos das tropas influenciou profundamente em vários aspectos da vida brasileira, como artesanato em couro, em vime, tipos de comida, literatura oral e superstições.

Ainda se encontra vestígios do tropeirismo na toponímia brasileira como: Capão da Porteira (RS), Ciurral Alto (RS), Campos Novos (SC), Campos Gerais (PR), Campo Largo (PR), Registro (SP). No RS, há vários arroios com o nome de Porteira. O nome Lagoa Vermelha surgiu da parada da tropa para os animais beberem água.

A história do tropeirismo confunde-se com a ocupação portuguesa no extremo sul. Reavivar sua memória é estabelecer os estágios iniciais da sociedade que se formaram nas fazendas de criação de bovinos, equinos e muars, bem como nos pousos ao longo das trilhas das tropas. A maioria dos colonizadores, que solicitava sesmarias nos Campos de Viamão e depois nos Campos de Cima da Serra, eram antigos tropeiros, que vinham de Laguna, dos Campos de Curitiba e de São Paulo para ocupar os espaços do litoral ou do planalto que pertencia, aos Jês, eliminados para dar segurança dos tropeiros ou aos pioneiros. Depois, passaram a ocupar a Campanha ocupada pelos índios charruas e minuanos, os quais passaram a ser peões ou soldados. Atingiram o Planalto das Missões, conquistando os Sete Povos das Missões, que pertenciam aos espanhóis, ampliando as trilhas até Corrientes e Misiones na Argentina.

**Tipos de tropas:** havia dois tipos, a xucra e arreada ou cargueira.

**Tropa xucra:** adquirida no sul e conduzida solta, guiada pela égua madrinha e pelos peões;

**Tropa arreada ou cargueira:** composta por animais com cangalha onde predominam as bruacas, jacas ou canastras.

A tropa cargueira é a mesma arreada: deslocava-se em lotes de sete animais, conduzido por um tocador, auxiliado por um arrieiro e seu ajudante.

O primeiro animal do lote era uma mula madrinha, com arreios vermelhos e cinerros ou numerosos guizos. O tropeiro, chefe da tropa, seguia a cavalo, na frente com alguns ajudantes armados. O arrieiro ou capataz algumas vezes substituía o tropeiro. Os tocadores ou tangedores eram responsáveis pelo lote de sete animais. O menino madrinheiro era encarregado da égua ou da mula madrinha.





Arreios do animal cargueiro: primeiro colocava-se a albarda ou cangalha de madeira, que é uma armação com duas madeiras em forma de “V” invertido, unidas por quatro travessas. A cangalha era forrada internamente com capim e pano de algodão. Um couro com 2 furos para deixar passar as pontas, cobria a cangalha. Uma correia larga prende a cangalha à frente do animal e outra correia a parte superior, equilibrando a carga nas descidas e nas subidas. Uma tira de couro cru, fortemente amarrada, dá a volta por cima da cangalha. A mula levava um cabresto de couro cru na cabeça, passando por trás das orelhas e deixando a boca do animal livre para comer e beber. A rédea era presa ao cabresto e depois fixada na cangalha.

A carga era colocada conforme a resitência dos animais e devia ser equilibrada nos dois lados. Podia ser acondicionada em bruaca, canastra ou jacá.

**A Bruaca:** mala de couro inteiriço com 55 cm de altura, 45 cm de largura e 25 cm de profundidade, cabendo, em cada uma, 45 quilos de milho debulhado.

No final de cada jornada, alivia-se a carga da besta, dando a cada uma delas uma ração de milho posta num bornal, suspenso ao pescoço do animal, ou, na falta deste, colocava-se o milho sobre um couro estendido no chão. Enquanto a mula comia, o arrieiro passava-lhe sobre os pelos, a rapadeira, depois os soltava no pasto. Cada besta consumia meia quarta de milho, mais a pastagem natural.

Municio ou munição: designava alimentos dos tropeiros durante a longa jornada. Nas bruacas do municio iam alimentos de comitiva: feijão preto, toucinho, charque, lingüiça, erva-mate, café, açúcar, bolos de polvilho, farinhas de milho e de mandioca, rapadura, cachaça, melado e sal. O arroz entrou no municio no início do século XIX. Levavam também os trens: panelas de ferro, chaleira, calderões, panela, caçarolas, pratos canecas, talheres, trempe, armação de ferro para suspender a panela de ferro sobre o fogo.

## IMIGRAÇÃO

### Açorianos (1752)

Motivos da Imigração:

- Para desenvolver a agricultura e garantir a posse do RS para os Portugueses

Locais: Deram origem as primeiras cidades do RS, como Rio Grande, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha e Rio Pardo.

### Alemães (1824)

Em 1808 Dom João estabeleceu condições para a imigração estrangeira, com finalidade de implantar colônias agrícolas. Em 17 de julho de 1822, sistema sesmarial, finalizado uma etapa da colonização portuguesa, dando início a outro sistema de colonização.

Em Março de 1824, o governo imperial ordenou a José Feliciano Fernandes Pinheiro (presidente da província) que preparasse a colônia na antiga Real Feitoria do Linho-Cânhamo, para receber os teutos.

Em 18 de julho de 1824, em Porto Alegre, 38 imigrantes festivamente foram recebidos. Subiram o Rio dos Sinos em lanchões desembarcando em 25 de julho de 1824 .

Motivos da Imigração:

- Substituir a mão-de-obra escrava por assalariada especializada;
- Tinham o objetivo também de “Clarear a raça”, conforme discurso parlamentar;

Locais: Estabeleceram-se nos Vale dos Sinos, Caí, Taquari, e mais tarde o Ibicuí. Ficaram na antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo que recebeu o nome de Colônia de São Leopoldo em homenagem a imperatriz D. Leopoldina.



### **Italianos (1875)**

Deram início à última etapa do povoamento do RS;

O Governo da província deu por início 2 territórios na planalto (4 léguas em quadrado cada um). Nesse território João Sertório criava, por ato de 24 de maio de 1870 as colônias de Conde D'Eu e Dona Isabel. Antes de 1873 começaram a colonizar Conde D'Eu com franceses. A imigração alemã estava em declínio por causa da unificação da Alemanha e a proibição a propaganda da imigração.

A uva e vinho eram a economia de subsistência. O principal produto sempre foi o milho, pois servia de alimento para as famílias e os animais.

Motivos da imigração:

A vinda dos italianos é ligada a substituição da mão-de-obra, a política e a colonização do Governo Imperial. Isso foi depois da proibição do tráfico negreiro em 1850;

O interesse era do Brasil, governo central e as províncias do sul, os resultados eram satisfatórios e tinha ainda imensas regiões que eram mata e seriam ocupadas;

Para os italianos, a imigração para o Brasil, EUA e Argentina era benéfica porque:

- Fugiriam da guerra da unificação da Itália e outros males,
- A perda do mercado poderoso da Áustria,
- Horror da guerra e pesado serviço militar,
- A situação da agricultura italiana,
- Industrialização, fábricas, exportações,
- Alta taxa de natalidade, não podia abrigar e superar toda poluição.

Locais: Localizavam-se nas terras devolutas do império, na encosta superior do planalto. Os primeiros chegaram em Nova Milano (Farroupilha) em 20 de maio de 1875. Em 27 de abril franceses estabeleceram em Conde D'Eu (Garibaldi). Dali partiram 48 pessoas até Dona Isabel (Bento Gonçalves). Fundaram Caxias do Sul (1876), Alfredo Chaves (atual Veranópolis 1844), Guaporé (1892), Novo Trento (Flores da Cunha), Antônio Prado entre outras. Em 1877 foram enviados para Santa Maria onde fundaram o Núcleo Silveira Martins.

Poloneses (1890)

1890 – “febre brasileira” – intensificou-se a imigração para o Brasil.

## **REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

### **Aspectos gerais:**

A revolução farroupilha teve início com a tomada de Porto Alegre 1835, em 1836 Bento Gonçalves foi preso na Ilha de Fanfa e o General Antônio de Souza Neto Proclamou a República Rio-Grandense (fato que difere de todos os outros movimentos reivindicatórios do Brasil).

Revolução – Movimento político-militar que vai de 19 de setembro de 1835 a 11 de setembro de 1836, porque era a revolta de uma província contra Império do qual fazia parte.

Guerra – 11 de setembro 1836 em diante é uma guerra, luta aberta entre duas potências políticas independentes e soberanas, uma república de um lado, e um império do outro.

Bandeira – Planejada por José Mariano de Mattos, desenhada por Bernardo Pires. Apareceu em Piratini em 6 de novembro de 1836, conduzida pelo Coronel Teixeira Nunes e adotada oficialmente por decreto de Domingos José de Almeida em 12 de novembro de 1836.

Escudo de Armas – Criação de Mariano, as palavras Liberdade, Igualdade e Humanidade não fazem parte do desenho original, foram, no entanto, oficializados em 1891 pelos republicanos positivistas de Castilhos.

Hino – Letra de Francisco Pinto da Fontoura e música de Joaquim José de Mendanha. Composto dois anos após a proclamação da República no combate de Rio Pardo em 30 de abril de 1838, supervisão de Corte Real. No dia 5 de maio de 1838 aconteceu em Rio Pardo a primeira Audição do Hino Rio-Grandense.



## Causas:

### *Econômicas:*

- Muitos impostos;
- Os impostos sobre o gado em pé e sobre a arroba de charque eram muito altos, enquanto que o charque uruguaio entrava no país por preços bem mais baixos;
- A província do RS possuía privilégios que criar mulas e abastecer as demais províncias. Um dos primeiros atos da Regência foi o de anular este privilégio, permitindo que outras províncias criassem também;
- Todos os produtos da pecuária pagavam impostos;
- Província sem estrutura;

### *Sociais:*

- Não haviam escolas, pontes e estradas em boas condições na província;
- O império não ajudava os soldados;
- O império não mostrava interesse no desenvolvimento do RS;

### *Militares:*

- Soldados rio-grandenses não recebiam o reconhecimento por serem daqui.
- Perda da Cisplatina
- Ciúmes que o Marechal Sebastião Barreto Pinto (imperial e conservador) tinha de Bento Gonçalves (liberal e farroupilha);

### *Ideológicas:*

- Influência dos ideais republicanos de países vizinhos;

### *Religiosas:*

- Descontentamentos da Igrejas do RS com as Igrejas do RJ

### *Políticas:*

- Exigiam mais autonomia
- Queriam derrubar o presidente Fernandes Braga da província e comandante das armas;
- O grande poder da maçonaria
- A imprensa exaltada fazia agitação com o jornal criado na época pelos conservadores chamados “A idade do Ouro” contra o jornal criado pelos Liberais “A idade de Pau”.
- Ligação dos liberais com experientes agitadores italianos como o Conde Lívio Zambecari.
- A luta pelos princípios liberais contra o autoritarismo.

## Principais Líderes:

**Farroupilhas:** Eram oficiais do exército e da Guarda Nacional, estancieiros e comerciantes que tinham o poder e a riqueza. Queriam a igualdade política, o poder de decisão através do sistema federativo.

**Generais:** Antônio de Souza Netto, João Manuel de Lima e Silva, Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro, João Antônio da Silveira e Davi Canabarro.



**Bento Gonçalves** – Foi o grande líder da revolução farroupilha. Primeiro presidente eleito da República Rio-grandense, nasceu em Triunfo e morreu em Pedras Brancas (hoje cidade de Guaíba); Após a derrota na ilha de Fanfa, Bento foi preso e enviado para a prisão Santa Cruz e mais tarde para a Fortaleza de Lage no RJ, onde tentou uma fuga, sendo então transferido para o Forte do Mar, na Bahia. Em setembro de 1837 contou com a ajuda da Maçonaria para fugir. Em novembro assumiu a presidência da república, tendo como capital Piratini, imediatamente passou a presidência ao vice José Mariano de Mattos, para poder comandar o exército farroupilha. Afastou-se da revolução após o duelo que travou com Onofre Pires em 1844 na cidade de Alegrete, recolhendo-se para suas terras na atual cidade de Cristal. Morreu em 1837 em Pedras Brancas, na casa de Gomes Jardim, atual cidade de Guaíba e encontra-se enterrado na cidade de Rio Grande.

**David Canabarro** - Nascido em Taquari, faleceu em Santana do Livramento. Comandante das forças da República Rio-Grandense, no período final da revolução. Assinou o tratado de paz.

**Gomes Jardim** – Primeiro presidente nomeado, pois Bento Gonçalves estava preso; Seus restos mortais encontra-se em Guaíba.

**Antônio de Souza Neto** – O libertador. Proclamou a República Rio-grandense em 1836; Foi tropeiro, estancieiro e oficial da Guarda Nacional. Saiu da Guerra em 1844 e mais tarde lutou na Guerra do Paraguai no Exército da Tríplice Aliança. Está enterrado no cemitério de Bagé.

**Onofre Pires** – Comandou, juntamente com Gomes Jardim, as forças que deram início a Revolução Farroupilha. Era morador de uma área próxima a Porto Alegre. Líder Farroupilha que morreu de ferimentos sofridos no duelo com Bento Gonçalves;

**Bento Manuel Ribeiro** – Foi uma das figuras mais polêmicas da revolução, um “vira-casaca”. Participou também da guerra da Cisplatina, foi um grande militar estrategista.

**João Antônio da Silveira** – Nasceu e morreu em São Gabriel. Foi um dos generais mais destacados da revolução. Depois desta integrou-se ao exército organizado pelo conde de Caxias nas campanhas contra os castelhanos.

**João Manoel de Lima e Silva** – Chefe militar e primeiro comandante de armas. (Tio do Duque de Caxias e casado com a irmã de Corte real é assassinado cruelmente, mais tarde na revolução violaram seu túmulo). Foi assassinado em Piratini e está enterrado em Caçapava do Sul.

**Giuseppe Garibaldi** – Italiano. Recebeu dos farroupilhas a “Carta de corsio” que autorizava a realizar ataques e fazer saques de guerra. Integrou-se a revolução em 1838 sendo responsável pela força naval dos farroupilhas. Participou da tomada de Laguna. Em 1841 foi para o Uruguai e em 1848 retornou para a Itália para participar da unificação. Morreu em 1882.

**Joaquim Teixeira Nunes** – O gavião. Comandante dos “Lanceiros Negros”, participou da tomada de Laguna em 1839. Morreu em combate com as tropas do “Mouringé”, pouco antes de combate de Porongos.

**Domingos José de Almeida** – Mineiro, radicou-se em Pelotas em 1819. Foi pioneiro no serviço de navegação no Brasil. Em 1836 entregou seu barco a vapor “Liberal” para o governo que o transformou em um barco de guerra para combater os farroupilhas. Foi responsável pelos arquivos do governo e seu arsenal, conhecido como “Homem das Carretas”. Conhecido como cérebro pensante da Revolução Farroupilha

### Mulheres na Revolução:

**Anita Garibaldi** – Mulher de Giuseppe Garibaldi, enfermeira, surgiu no Combate de Laguna e lutou ao lado de seu marido, era lagunense. (Ana Maria de Jesus Ribeiros)

**Maria Josefa da Fontoura Palmiro** – Promovia reuniões políticas em sua casa, em Porto Alegre, em apoio à Bento Gonçalves e aos farrapos. Defendia também a libertação dos escravos.

**Caetana** – Mulher de Bento Gonçalves que tomou conta da estância e negócios da família durante a guerra.



**Elautéria** – Irmã de Bento Gonçalves que também assegurou a economia nas estâncias.

### Imperiais

**Manuel Luiz Osório** – “O Legendário”

**Francisco Medro Buarque de Abreu (Mouringe)** – foi o mais temido adversário dos farroupilhas e um dos mais competentes militares a serviço do exército imperial. Foi fundamental na conquista de Caçapava, no ataque e destruição dos estaleiros navais farroupilhas no Rio Camaquã e combate de Porongos. Recebeu o título de Barão do Jacuí.

**John Pascoe Greenfel:** marinheiro inglês comandava a esquadra imperial responsável pelo domínio da Laguna dos Patos e pela entrada da Barra do Rio Grande. Participou na Guerra contra Oribe e Rosas como comandante e chefe das forças navais do Brasil no Rio da Prata.

**José Joaquim de Andrade Neves:** Recebeu o título de Barão de Triunfo, nascido em Rio Pardo, combateu os farroupilhas e, depois da Revolução, participou de várias campanhas contra os invasores castelhanos. Foi comandante na Cavalaria na Guerra do Paraguai.

### Outros Nomes:

**Antônio Vicente da Fontoura:** Considerado o embaixador da paz, foi o maior líder civil da revolução. Era anti-separatista. Foi negociador da paz no RJ com Davi Canabarro

**Joaquim Pedro Soares:** 1º Chefe dos Lanceiros Negros, antes de Texeira Nunes.

**John Gringgs:** Também conhecido como João Grandão, era um mercenário Norte-americano que participou da Revolução contratado pelos farroupilhas. Comandava o lanchão Seiva na tomada de Laguna. Morreu no combate de Laguna.

**Tito Lívio Zambeccari:** italiano responsável pela entrada de Garibaldi na revolução.

**Corte Real:** farroupilha que revisou o hino

**Domingos José de Almeida:** Ministro da fazenda Planejou a criação de um porto próximo da capital da República, na época, Alegrete.

**Antônio José da Silva Monteiro:** tenente quartel mestre que morreu no Combate da Azenha

**Manuel Antunes da Porciúncula:** farroupilha que em 1835 queria atacar Pelotas, mas foi pego de surpresa e lutou em arroio grande.

**Sebastião Barreto Pereira Pinto:** imperial, comandante de armas

**Domingos Gonçalves Chaves:** Major da Guarda Nacional



### Acontecimentos importantes:

*1ª FASE: (20/09/1835 a 11/09/1836)*

Caracterizou-se pela deposição do Presidente Braga. Naquele tempo procedia-se, na capital do império, a escolha do regente uno, recaindo a escolha sobre o Pe. Diogo Feijó, que escolheu José de Araújo Ribeiro para presidir a província.

Fernando Braga: Presidente da província do Rio Grande do Sul que fugiu para Rio Grande quando Porto Alegre foi invadida pelos farrapos em 20 de setembro de 1835.

1835 - 20 de setembro - eclodiu a Revolução Farroupilha com a tomada de Porto Alegre pelos farroupilhas. As tropas saíram de Pedras Brancas (Guaíba) e entraram pelo Caminho da Azenha, liderados por Gomes Jardim e Onofre Pires. Devido a isso, o governo imperial mandou o major Visconde de Camamu com uma pequena tropa, comandada por Mena Barreto qual foi rechaçada pelos farroupilhas, que tinha à frente o capitão Manoel Vieira da Rocha (cabo Rocha). Depois disso, o Presidente da Província Antônio Fernandes Braga, fugiu para Rio Grande e foi empossado no seu lugar Marciano Pereira Ribeiro e como comandante de armas Bento Manuel Ribeiro.

Bento Gonçalves avisou a Corte Brasileira o que havia acontecido e sendo assim, assumiu como presidente Araújo Ribeiro que foi bem recebido pelos farroupilhas. Mas isso não durou muito tempo, pois logo Araújo Ribeiro teve atitudes errantes e foi afastado do poder.

Bento Manuel Ribeiro sugeriu que Araújo Ribeiro se retirasse da capital Porto Alegre e que dias depois ele se uniria aos imperiais. Bento Gonçalves não sabendo de nada convidou Araújo Ribeiro para voltar a presidência, mas este, devido a traição de Bento Manuel, estava tomando posse em Rio Grande.

Revoltados com a atitude de Araújo Ribeiro e a traição de Bento Manuel, os farroupilhas escolheram como presidente Américo Cabral de Melo. A partir desse momento, o RS ficou com 2 presidentes: um imperial em Rio Grande e outro farroupilha, em Porto Alegre.

Em 15 de julho de 1836, ocorreu a retirada das tropas farroupilhas de Porto Alegre, pelos imperiais, liderados por Marques de Souza e o marechal Mena Barreto.

*2ª FASE (11 DE SETEMBRO DE 1836 A 28 DE FEVEREIRO DE 1845)*

Força Uruguai auxilia Antônio de Souza Neto a desbravarem nos campos do Seival em Bagé, as tropas imperiais de Silva Tavares;

11 de setembro de 1836, proclamada a República Rio-grandense, por Souza Neto;

Em outubro de 1836, Bento Gonçalves é aprisionado na Batalha de Fanfa (Ilha de Fanfa), e enviado com muitos oficiais farrapos ao Rio de Janeiro e depois para o Forte do Mar na Bahia.

1838 – Dia 1º de setembro começou a circular na república o principal jornal da Revolução, o jornal “O Povo”, publicado pelo italiano Luigi Rossetti e que circulou de 1838 à 1840.

### Principais Batalhas:

**Ponte do Azenha (19/20 de setembro de 1835)** - Tomada de porto alegre, ocorreu no dia 20 de setembro de 1835, as tropas que saíram de Pedras Brancas (atual Guaíba) eram liderados por Onofre Pires e Gomes Jardim. No dia 15 de junho de 1836 os farroupilhas foram expulsos de Porto Alegre e nunca mais os mesmos conquistaram a Capital Gaúcha.

**Do Seival (10 de setembro de 1836)** – Foi o primeiro grande combate da revolução farroupilha. Foi a batalha que deu início a proclamação da República Rio-Grandense e teve a maior vitória dos farroupilhas comandados por Souza Neto; Nessa batalha, as tropas farroupilhas derrotaram Joca Tavares e proclamaram no dia 11 de setembro de 1836 a República Rio-Grandense. Joaquim Pedro Soares que leu o documento da proclamação.

**Do Fanfa (4 de Outubro de 1836)** – Ao saber da vitória da Batalha do Seival e da proclamação da república as forças de Bento Gonçalves levantam o sítio que inflingiam a cidade de Porto Alegre, e passam a deslocar-se, beirando o rio Jacuí, para junção com as forças de Neto. Devido



à época de cheias, era necessário atravessar o rio na ilha de Fanfa, no atual município de Triunfo. Os imperiais eram comandados por Bento Manuel Ribeiro. Houve um acordo, mas ele não foi cumprido. Bento Gonçalves foi preso, junto com Tito Lívio Zambecari, Pedro Boticário, Onofre Pires, Marciano Ribeiro e José Calvet.

**Do Rio Pardo (30 de abril de 1838)** – Do barro vermelho. Neste houve a prisão da Banda imperial. No dia 5 de maio de 1838 aconteceu em Rio Pardo a primeira Audição do Hino Rio-Grandense.

**De Taquari (03 de maio de 1840)** – Houve o ataque a São José do Norte onde esta recebeu dos farroupilhas o título de “Muy heróica vila” devido a resistência aos ataques imperiais.

**De Laguna (22 de julho de 1842)** – Os farroupilhas tinham como objetivo aumentar o espaço farroupilha e ter um porto para exportar a sua economia, já que o canal de Rio Grande estava tomado pelos imperiais. Garibaldi e Canabarro resolveram levar dois lanchões (Seival e Rio Pardo) de Capivari até o Rio Tramandaí por terra, para poder chegar a Laguna e tentar proclamar a Republica Juliana (Independência de Santa Catarina).

**Do Ponche Verde (26 de maio de 1843)** – Teve resultado indefinido.

**De Porongos (13 de novembro de 1844)** – Comandada do lado dos imperiais por Francisco Pedro de Abreu. David Canabarro foi derrotado e a perda não foi tanta porque neste combate houve a fundamental participação dos Lanceiros Negros, que era uma tropa farroupilha composta apenas por negros escravos que aderiram a Revolução na tentativa de que ganhassem a liberdade. Ficou conhecida pela morte de muitos lanceiros negros que eram comandados por Texeira Nunes. Foi o último confronto da revolução. Texeira Nunes também é morto.

### **República Rio-Grandense:**

11 de setembro de 1836, proclamada a República Rio-Grandense, por Antônio de Souza Neto junto com seus melhores capitães: Joaquim Pedro Soares e Manuel Lucas de Oliveira;

Bento Gonçalves foi eleito o primeiro presidente ele da República Rio-Grandense. Porém no período em que ele ficou preso (1837) os farroupilhas elegeram Gomes Jardim;

Os farroupilhas fundaram a república separatista porque adotaram uma nova bandeira, escudo de armas e hino nacional. Pela primeira vez, no Brasil funcionou um estado republicano com presidente, ministros, serviços de correio, exército, leis próprias, projeto de constituição e teve capitais.

Feitos:

- Impostos moderados
- Despesas escrupulosamente controladas
- Multas cobradas revertiam em favor de ensino
- Abriu novas estradas
- Construiu pontes
- Fundação da cidade de Uruguaiana
- Serviço dos correios
- Criação dos 3 poderes
- República Juliana



### **Declínio da República:**

A república não era o interesse de todos os farroupilhas, muitos dos liberais moderados abandonaram a Revolução e passaram a apoiar o império do Brasil. Bento Gonçalves é acusado pelos seus inimigos de assassinar o Vice-Presidente da República Antônio Paulo da Fontoura. Sabendo da situação, não hesitou. Renunciou a presidência em favor de José Gomes de Vasconcelos Jardim, enquanto 3 dias depois Antônio de Souza Neto entregava a Canabarro a chefia do exército. Bento Gonçalves e Onofre Pires nas margens do Arroio Sarandi, sem testemunha duelaram, saindo Onofre ferido. Luiz Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias (na época General) havia assumido o comando das operações bélicas contra os rebeldes, além da presidência da província.

### **Tomada de Laguna e a República Juliana:**

Um dos maiores problemas enfrentados pela República Rio-Grandense era a falta de saída para o mar por onde pudesse escoar sua produção e receber mercadorias para abastecer o comércio e as estâncias, uma vez que o único porto marítimo, Rio Grande, era controlado pelos imperiais e permanentemente patrulhado pela marinha caramuru comandada pelo Almirante Geenfell.

Os farroupilhas então decidiram tomar laguna, no litoral Catarinense, e o General Davi Canabarro foi escolhido para a missão. Garibaldi tomou conhecimento do plano e disse que não atacaria Greenfell em Rio Grande e pediu cem juntas de bois tração, duzentos bois puxadores de arado ou carreta e esse chegaria em Laguna no dia marcado com as embarcações Rio Pardo e Seival, saindo da Lagoa dos Patos em direção ao mar traçando uma linha reta do Rui Capivari à barra do Rio Tramandaí. Depois de lançar-se ao mar (em Araranguá), o Rio Pardo naufragou e 16 homens afogaram-se, os que se salvaram seguiram a cavalo para se juntarem com as tropas de Canabarro. Uma semana depois, em 24 de julho de 1839 foi fundada por Giuseppe Garibaldi e Davi Canabarro a República Juliana onde Davi Canabarro foi o primeiro presidente em Santa Catarina.

Em 15 de novembro de 1839, as forças imperiais em menos de uma hora põe fim no sonho farroupilha de ter um porto marítimo, chegando a vila de Laguna por terra e obrigando os farroupilhas a fugirem. Teixeira Nunes e os Lanceiros Negros permanecem em SC tomando a ilha de Lages depois de derrotar uma força imperial.

**Garibaldi e Anita** – Durante a estada em Laguna, Garibaldi conhece Ana Maria de Jesus Ribeiro, sua mais duradoura paixão, com quem lutou até a morte em terras italianas. Na localidade de São José do Norte nasceu seu primeiro filho, Domenico que depois viria a ser um destacado militar italiano. Em 1841, Garibaldi se retira da Revolução indo ambos para o Uruguai. Anita morre em 1849 e é conhecida como a heroína dos dois mundos, ou Guerreira das Repúblicas.

### **Capitais Farroupilhas:**

1ª - Piratini (1836 – 1839)

2ª - Caçapava (1839 a 1840)

3ª Alegrete (1840 – 1845) – Coração e centro geográfico do pampa gaúcho.



### **Tratado de Paz:**

Em 1844, Bento Gonçalves da Silva iniciou as conversações de paz com o Barão de Caxias, exigindo a federação e a liberação dos escravos que lutaram. O Duque de Caxias não tinha autorização pra isso, uma vez que o Brasil era um país unitário, passou então a tratar da paz com Davi Canabarro e Antônio Vicente da Fontoura, excluindo Bento Gonçalves das negociações, que se exonerou da presidência e se recolheu a sua estância.

28 de Fevereiro de 1845 – David Canabarro declarou pacífica a província e assinou junto com Duque de Caxias (Lima e Silva) o Tratado de Paz denominado Ponche Verde (atual cidade de Dom Pedrito). É assinado o tratado de pacificação por todos os oficiais presentes. Só o General Antônio de Souza Netto assina de má vontade, com o nome incompleto e torcido, pois não queria mais viver no império do Brasil depois de ter proclamado a República Rio-grandense.

1º de Março de 1845 – Duque de Caxias anunciou a paz no RS, às margens do Rio Santa Maria, perto de Ponche Verde. Assinado o documento de paz da revolução farroupilha por David Canabarro e Vicente da Fontoura.

### **Depois da Guerra:**

Depois de dez anos de guerra, a província estava arrasada economicamente, com administração arrasada e Assembleia Legislativa parada à 8 anos. As estâncias e campos ficaram despovoados e as charqueadas em Pelotas arruinadas. Lentamente a província começou a reconstruir pontes e a colocar balsas nos rios. A imigração retornou e isso fortaleceu a continuação do desenvolvimento econômico. As obras no teatro São Pedro e na Casa de Misericórdia reiniciaram e foram inaugurados tendo um importante papel social, atendendo presos, pobres, alienados, crianças abandonadas.

Duque de Caxias era o presidente da província. Ele sugeriu medidas administrativas e os deputados votaram leis reorganizando as repartições fiscais, a fim de aumentar a arrecadação de impostos. Mais de 4 mil rio-grandenses emigraram para outras províncias e principalmente para o Uruguai. A educação era precária. Em 1846 o Duque de Caxias propôs a criação, em Porto Alegre, do Liceu D. Afonso, onde seriam reunidas todas as matérias no mesmo prédio, foi instalado em 1850 e preparou professores para o ensino primário.

A principal consequência foi a destruição das charqueadas do RS, pois o exército daqui não era abastecido pelo governo como o dos imperiais, e nós tínhamos que nos abastecer daqui.

- O estado permanece em guerra
- Ditadura de Bento Gonçalves
- Pobreza e fome

O partido liberal predominou depois que acabou a Revolução Farroupilha, esse depositava a sua confiança no Governo de Dom Pedro II. Em 1848 o partido conservador subia a nível central, que surgiu por uma ação política a qual se destinava a possibilitar que uma fração da oligarquia regional pudesse usufruir do poder. Em 1852 surge o partido liberal progressista.

## **HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

### **EXPEDIÇÕES ESPANHOLAS**

Cartas geográficas de navegadores de várias nacionalidades, escritas desde o início do século XVI, mencionam pontos que correspondem ao litoral catarinense. O mapa de Juan de la Cosa, piloto da expedição de Alonso de Ojeda assinala "Sant'Ana", uma parte que corresponde ao nosso litoral.

Pela sua importância, registra-se a expedição de João Dias Solis, em 1515, quando um único ponto da costa mereceu ser assinalado: a baía dos "perdidos", que se refere às águas interiores entre a Ilha de Santa Catarina e o continente fronteiro (designação dada em virtude do naufrágio de uma embarcação da mesma esquadra).



A expedição de Sebastião Caboto, italiano a serviço da Espanha, chega ao litoral catarinense por volta de 1526 e, ao publicar seus mapas referentes àquela expedição, denominava a Ilha de Santa Catarina de "porto dos Patos". Mas o nome de Santa Catarina - dado à ilha - aparece, pela primeira vez, no mapa-mundi de Diego Ribeiro, de 1529.

Há divergências quanto ao responsável pela denominação de Santa Catarina: alguns autores atribuem a Sebastião Caboto, que fizera a denominação em homenagem à esposa Catarina Medrano; outros querem que tenha sido em homenagem a Santa Catarina de Alexandria, festejada pela igreja em 25 de novembro. É, portanto, assunto que merece novas reflexões.

Em 1541, aporta, ao continente fronteiro à ilha, a expedição de D. Alvar Nunes Cabeza de Vaca, comandante que intitula-se "Governador de Santa Catarina", dada a sua nomeação, pelo rei da Espanha, para tomar posse das terras da Coroa.

Entretanto, a Ilha de Santa Catarina não foi o único ponto do litoral mencionado pelos primeiros navegadores que aqui aportaram. Em 1527, no planisfério anônimo de Weimar, apareceu a designação de Rio de São Francisco, correspondente à baía de Babitonga, que banha a península da atual São Francisco do Sul.

## **OCUPAÇÃO PORTUGUESA**

Em 1530, D. João III, rei de Portugal, enviou ao Brasil a expedição de Martin Afonso de Souza para dar início ao povoamento da colônia. Ela percorreu o litoral brasileiro e combateu corsários franceses que contrabandeavam Pau-Brasil para a Europa.

Em 1532, Martin Afonso partiu em direção ao sul para fazer o seu reconhecimento. Permanecendo na costa, seu irmão, Pero Lopes, comandando uma pequena frota, explorou o Rio da Prata, fronteira atual entre a Argentina e o Uruguai.

Após fazer o levantamento das coordenadas geográficas (latitudes e longitudes) do Rio da Prata, Martin Afonso concluiu que a região se situava a oeste do Meridiano de Tordesilhas, portanto em território pertencente a Espanha. Além disso, como não encontrou nenhum produto que desse lucro imediato à metrópole, voltou em direção ao norte fundou o povoamento de São Vicente.

## **FUNDAÇÕES LITORÂNEAS**

### **São Francisco**

O povoamento efetivo do litoral catarinense tem início com a fundação de São Francisco, sob a responsabilidade de Manoel Lourenço de Andrade, que recebeu, de um herdeiro de Pero Lopes de Souza, procuração para estabelecer, mais ao sul, uma povoação que denominou de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, em 1658, cuja data tem sido alvo de discussão.

### **Desterro**

Na marcha da ocupação do Sul, segue-se a fundação da povoação de Nossa Senhora do Desterro pelo bandeirante Francisco Dias Velho, que partiu de São Paulo, em 1672, acompanhado de familiares e índios domesticados, com interesses agropastoris. Com a morte de Dias Velho e a conseqüente retirada de seus filhos, a povoação do Desterro quase desapareceu.

A partir de 1715, com a concessão de sesmarias a portugueses, como Manoel Manso de Avelar, passa-se a sentir a necessidade de povoamento da Ilha, como forma de se defender do assédio constante por parte de navios estrangeiros; isso é demonstrado pelos próprios moradores, através de uma petição ao governo português.



## **Laguna**

A fundação da vila de Santo Antônio dos Anjos de Laguna, como o povoamento do litoral do Rio Grande do Sul, ocorre em virtude da necessidade de apoio à Colônia do Sacramento e de estabelecer ligação entre a costa e as estâncias do interior.

Deve-se a Domingos de Britto Peixoto a fundação de Laguna, por volta de 1684, após a pacificação de indígenas ali existentes. É a partir desta povoação que os portugueses se lançam à conquista dos territórios mais ao sul, como é o caso dos Campos de Viamão.

## **INDEPENDÊNCIA E PRIMEIRO REINADO**

No período monárquico, as províncias passaram a ser governadas por um presidente escolhido pelo imperador. O primeiro presidente da província de SC foi João Antonio Rodrigues de Carvalho, que pretendia a integração do litoral com o interior catarinense. Elaborou o projeto de construção de uma estrada que ligava Desterro ao território das Missões, no Uruguai.

Durante o primeiro reinado, houve pouca aplicação de recursos na colonização de nosso território. Entretanto começamos a receber de forma espontânea os primeiros imigrantes. A partir daí, a imigração marcou a história do nosso estado.

A abdicação de D. Pedro I provocou, em SC, manifestações de contentamento por parte de alguns militares, que estavam com seus pagamentos atrasados, e de Jerônimo Francisco Coelho, responsável pela circulação do nosso primeiro jornal, O Catarinense, e organizador da Sociedade Patriótica Catarinense. Mais tarde, Jerônimo Francisco Coelho foi presidente das províncias do Pará, Rio Grande do Sul e Ministro da Guerra.

Em 15 de Novembro de 1889, os militares proclamaram a República do Brasil. Apoiadas por setores da classe média urbana, cafeicultores e intelectuais, os militares organizaram um governo provisório, presidido pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

Em 24 de Fevereiro de 1891, foi promulgada a primeira Constituição Republicana Brasileira, que estabelecia a república como forma de governo, o federalismo (as províncias foram transformadas em estados com autonomia política, econômica e administrativa) e o presidencialismo.

O estado de SC também estava envolvido nestes acontecimentos. Santa Catarina, apesar de não ter participado abertamente dos movimentos nacionais a favor do regime republicano, não ficou fora do processo.

Logo após tomarem conhecimento da Proclamação da República, os membros do Clube Republicano do Desterro e os oficiais da guarnição militar local escolheram uma junta governativa para SC.

Em Abril de 1891, foi instalada a nossa primeira Assembléia Constituinte Estadual, que teria que elaborar uma Constituição para SC. Aprovada em 11 de Junho de 1891, a Constituição consolidou o regime republicano e a nossa autonomia federativa.

Logo em seguida o Tenente Lauro Muller foi eleito e empossado no cargo de Presidente do Estado.

## **REPÚBLICA JULIANA**

O descontentamento dos estancieiros da Região Sul com o regime monárquico, devido a pesados impostos cobrados sobre seus produtos e propriedades rurais, acabou por desencadear a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, como ficou conhecida. O ano de 1836 marcou as páginas da história Rio Grandense com a Proclamação da República daquele estado. Em março de 1839, a Vila de Lages foi ocupada pelos farroupilhas.



A necessidade de um porto marítimo ensejou a Tomada de Laguna, simpática à causa farroupilha. Traçados os planos de invasão, entregou-se o comando terrestre a David Canabarro e Joaquim Teixeira Nunes. A Giuseppe Garibaldi couberam as operações marítimas. Os dois lanchões, Seival e Farroupilha, foram transportados por terra, sendo que o último naufragou em 15 de julho de 1839, na praia de Campo Bom.

Na tarde do dia 22 de julho de 1839, com apenas 40 homens, Garibaldi venceu as forças imperiais e tomou a Vila da Laguna, onde, em seguida, da sacada do prédio onde funciona atualmente o Museu Anita Garibaldi, proclamou a República Catharinense, também conhecida por Juliana (por ter sido proclamada em julho), onde separava Santa Catarina e o Rio Grande do Sul do resto do país, sendo Laguna a capital da nova nação.

## **INTERVENTORES DE 1930**

### **A Intervenção de 1930 a 1947**

#### **Junta Governativa**

No dia 25 de outubro de 1930, em decorrência da Revolução de 30, o governador republicano Aducci se viu obrigado a renunciar ao seu cargo, assumindo o governo uma Junta Governativa.

#### **Ptolomeu de Assis Brasil – 1930 a 1932**

No dia seguinte, 26 de outubro de 1930, quando as tropas militares cruzaram a ponte Hercílio Luz, comandadas pelo gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil, a Junta passou-lhe o governo do Estado, tendo o general sido nomeado interventor militar em Santa Catarina.

Dias depois ter sido nomeado interventor, Ptolomeu foi efetivado no governo e instalou o Governo Provisório de Santa Catarina. Em 1932, renunciou ao governo, alegando problemas de saúde, motivos particulares e de foro íntimo.

#### **Aristiliano Lauren Ramos**

Em 19 de outubro de 1933, Aristiliano Ramos (catarinense) foi nomeado interventor federal de Santa Catarina, em substituição ao gaúcho Rui Zobarán. Recebeu o governo de Marechal Pedro da Silveira, interventor interino e administrador do Estado.

Durante este período assumiram interinamente secretários de Estado, como: Cândido Ramos, Manoel Pedro da Silveira, Luís Carlos de Moraes, Plácido Olímpio de Oliveira.

Aristiliano foi candidato na eleição ao governo do Estado (março de 1934) e derrotado por seu primo Nereu Ramos. Para não entregar o governo ao primo e inimigo político, renunciou à interventoria, passando a Fontoura Borges do Amaral Mello.

#### **Nereu Ramos – 1935 a 1945**

Assumiu em 1º de maio de 1935, eleito por voto indireto, e, durante seu governo, o Estado foi dotado de uma das melhores redes de estradas do país, tanto pela extensão quanto pela conservação. Distribuem dezenas de postos de saúde, creches, maternidades e escolas por todo o território catarinense. A medida política que mais notabilizou sua administração foi a nacionalização do ensino. A atitude provocou profundos conflitos com as populações de origens estrangeiras, principalmente alemãs e italianas, simpatizantes, na época, do nazismo, integralismo e fascismo. As escolas que ensinavam língua estrangeira foram fechadas mas acabaram não sendo substituídas, provocando a redução da escolaridade em Santa Catarina após a guerra.

Além disso, instituiu a obrigatoriedade da educação primária para crianças de oito a quatorze anos e proibiu a adoção de nomes estrangeiros por núcleos populacionais e escolas.

Em 1937, foi nomeado interventor federal do Estado pelo Presidente Getúlio Vargas. Exerceu esta função até 1945, quando foi deposto em 29 de outubro de 1945.



### **Luiz Gallotti – 1945 a 1946**

Foi nomeado para o cargo, assumindo em 08 de novembro de 1945. Deixou o cargo em 05 de fevereiro de 1946.

### **Udo Deeke – 1946 a 1947**

Foi nomeado para o cargo, assumindo em 05 de fevereiro de 1946. Permaneceu até 26 de março de 1947.

## **COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA**

### **A Colonização Alemã**

A primeira colônia européia em Santa Catarina foi instalada, por iniciativa do governo, em São Pedro de Alcântara, em 1829. Eram 523 colonos católicos vindos de Bremem (Alemanha).

Em 1829, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo adquiriu 8 léguas quadradas de terra, correspondentes ao dote da princesa Dona Francisca, que casa com o príncipe, fundando a colônia Dona Francisca. Apesar das dificuldades do clima, do solo e do relevo, a colônia prosperou, expandindo-se pelos vales e planaltos e dando origem, em 1870, à colônia de São Bento do Sul. O núcleo dessa colônia deu origem à cidade de Joinville.

A colônia de Blumenau (atual Blumenau), no vale do rio Itajaí-Açú, fundada, em 1850, por um particular, Dr. Hermann Blumenau, foi vendida, dez anos após, ao Governo Imperial.

Em 1893, a Sociedade Colonizadora Hanseática fundava o vale do Itajaí do Norte, a colônia de Hamônia (hoje Ibirama).

No vale do Itajaí-Mirim, a partir de 1860, começaram a chegar as primeiras levas de imigrantes, principalmente alemães e italianos, que dinamizaram a colônia de Itajaí, posteriormente denominada Brusque.

Na parte sul da bacia do rio Tijucas, apesar dos insucessos da colônia pioneira de São Pedro de Alcântara, novos intentos colonizadores foram alcançados por alemães, com a criação das colônias de Santa Tereza e Angelina.

### **A Colonização Italiana**

O elemento de cultura italiana insere-se no contexto populacional catarinense em seis momentos:

1. Fundação da colônia Nova Itália (atual São João Batista) em 1836, no vale do rio Tijucas, com imigrantes da Ilha da Sardenha.

2. Em decorrência do contrato firmado, em 1874, entre o governo imperial brasileiro e Joaquim Caetano Pinto Júnior, foram fundadas, a partir de 1875, Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Apiúna, em torno da colônia Blumenau; Porto Franco (atual Botuverá) e Nova Trento, em torno da colônia Brusque. Em 1877, funda-se a colônia Luís Alves no vale do rio Itajaí-Açú e implantou-se, no vale do rio Tubarão, os núcleos de Azambuja, Pedras Grandes e Treze de Maio: no vale do Urussanga, os núcleos de Urussanga, Acioli de Vasconcelos (atual Cocal) e Criciúma.

3. Fundação da colônia Grão Pará (atuais municípios de Orleans, Grão Pará, São Ludgero e Braço do Norte), por Conde D'Eu e Joaquim Caetano Pinto Júnior.

4. Efetivação do contrato da Companhia Fiorita com o governo brasileiro em 1891; fundação, em 1893, da colônia Nova Veneza (atuais Nova Veneza e Siderópolis), estendendo-se do vale do rio Mãe Luzia até o vale do rio Araranguá.

5. Expansão das antigas colônias do médio vale do Itajaí-Mirim em direção ao interior, no encontro de novas terras no alto vale do Itajaí (Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, assim como as do perímetro do Rio Tubarão).



6. Ocupação - a partir de 1910, com a vinda dos ítalo-brasileiros do Rio Grande do Sul - das áreas marginais dos vales dos rios do Peixe e do Uruguai e, paulatinamente, do Médio e do Extremo Oeste catarinense.

### **A Colonização Eslava**

A partir de 1871, chegou a Brusque o primeiro grupo de poloneses, que mais tarde se transferiu para o Paraná. Em função do contrato com o governo imperial, já ocorria o ingresso de poloneses na então província de Santa Catarina, em 1882.

A partir de 1889, novas levas de imigrantes poloneses e russos chegavam ao Sul de Santa Catarina - nos vales dos rios Urussanga, Tubarão, Mãe Luzia e Araranguá - e outras levas se localizaram nos vales dos rios Itajaí e Itapocu e em São Bento do Sul e adjacências.

Nessa mesma época, os imigrantes que chegavam ao porto de Paranaguá foram encaminhados pelo Governo do Paraná para a vila de Rio Negro e daí para a colônia Lucena (atual Itaiópolis).

Em 1900, vão ingressar nas localidades de Linha Antunes Braga, em São Camilo e Braço do Norte, nas terras da antiga colônia Grão Pará, e nas localidades de Estrada das Areias, Ribeirão das Pedras, Pedras Warnow Alto e Vargem Grande, nas terras do então município de Blumenau.

Após a Primeira Guerra Mundial, tem-se novos ingressos na região do vale do rio do Peixe, Médio-Oeste Catarinense, em rio das Antas e Ipoméia (1926); no vale do rio Uruguai, nos tributários do Uruguai, em Descanso (1934); no vale do Itajaí do Oeste (1937); em Faxinal dos Guedes (1938) e alto vale do Itajaí do Norte (1939) entre alguns outros poucos lugares.

Com a Segunda Guerra Mundial, imigrantes poloneses dirigiram-se, em 1940, através do vale do rio Uruguai para Mondai e, em 1948, do alto vale do Itajaí para Pouso Redondo.

## **FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO**

### **DEFINIÇÕES CONCEITOS DE FOLCLOR E TRADIÇÃO, TRADICIONALISMO, REGIONALISMO E NATIVISMO**

#### **FOLCLORE**

Foi Willian John Thoms, um arqueólogo inglês, o criador do termo, da palavra Folk -lore, aportuguesada para folclore, que significa folk = povo e lore = saber, conhecimento. Em 22 de agosto de 1846, a revista The Atheneun, de Londres, publicou a carta de Willian, na qual era proposta a criação da palavra, para designar "os estudos dos usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrões, superstições, etc. Portanto o dia 22 de agosto foi institucionalizado como dia do folclore, no mundo.

No Brasil, o Dia Nacional do Folclore foi decretado em 1965, pelo Presidente Humberto Castelo Branco, visando "assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira"

Folclore é a ciência que estuda a cultura espontânea do grupo social, que estuda todas as manifestações espontâneas do povo que tem escrita (povo gráfico), tanto do ponto de vista material, quanto espiritual. Como o próprio nome sintetiza, é a ciência do povo, são as tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções, as manifestações artísticas, enfim, tudo o que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações.

Fato folclórico define – se como parcela do conhecimento humano que se transmite no tempo e no espaço, de geração a geração, de camada cultural a camada cultural, sem ensino formal (em escolas ou livros). Elemento dinâmico da cultura, modifica-se e transforma-se de região para região de acordo com o meio físico e social. São os modos de pensar, sentir e agir de um povo, preservados pela tradição popular pela imitação, sem influência de círculos eruditos. É o objeto de estudo do Folclore.



Desta forma, temos Folclore (substantivo próprio) e folclore (substantivo comum). Veja: Folclore, substantivo próprio, é a ciência que estuda o saber popular, que se vale do folclore = fato folclórico (substantivo comum) que é a manifestação cultural, popular, espontânea do povo gráfico, ou seja, do povo que conhece a escrita, ou seja, folclore é o fato folclórico, que é o objeto de estudo da ciência Folclore.

### **Características do Fato Folclórico**

Para que um fato seja reconhecido e mantido como folclórico, é essencial que tenha as características de aceitação coletiva, funcionalidade, espontaneidade, intemporalidade e tradicionalidade.

Vejamos:

- Aceitação coletiva - o povo deve incorporar o fato ao seu patrimônio, tomá – lo para si e mantê – lo;
- Funcionalidade – ser útil, prático, Ter uma função; fatos há que, por perderem a função, deixam de ser folclóricos, passando a históricos;
- Espontaneidade – surgir naturalmente, livre de condicionamentos, sem imposições;
- Intemporalidade – independe do tempo, não se sabe quanto vai durar, podendo ser eterno, perene se assim o povo quiser;
- Tradicionalidade – passar de geração a geração, refletir uma experiência de vida dos antepassados, mas estar presente, vivo.

Duas outras características, a oralidade e o anonimato, não são tão essenciais e, às vezes, não estão presentes dependendo do fato folclórico:

- Oralidade – ser transmitido oralmente, de boca em boca, fazendo surgir as variantes ( exemplo de exceção: literatura de cordel);
- Anonimato – não tem autor ou o povo já haver tomado a autoria para si, descaracterizando o autor (ex.: as músicas Cidade Maravilhosa, Negrinho do Pastoreio, que estão em processo de folclorização).

O dia a dia do gaúcho é repleto de fatos folclóricos, que vão sendo mantidos e transmitidos às novas gerações de forma espontânea e natural:

A linguagem e a literatura popular, incluindo acróstico, quadrinhas, poesia, trovas, causos, fábulas, mitos, lendas, adivinhações, anedotas, trava-línguas, pregões, ditos populares, provérbios, frases comparativas, pasquins, grafites, inscrições, " Pão-por- Deus ", cartas correntes, adágios, cadernos de questionários, de recordações, de recitas;

As crendices e superstições relacionadas ao mundo sobrenatural, demologia, bruxarias, profecias e sortes mágicas, cultos e devoções populares;

A lúdica adulta, abrangendo danças, corrida de cancha reta, jogo de osso, de bocha, do truço, cortejos, festas tradicionais (do Divino, de Navegantes, Juninas), folguedos;

A lúdica infantil, compreendendo rodas cantadas, parlendas, mnemônias, formuletos, brinquedos e brincadeiras;

As artes e técnicas como pintura, escultura, ex-votos, decoração, vestimenta e adornos pessoais, arquitetura, bonecos e brinquedos, cestaria, artesanato;

A música popular, distribuída em religiosa, de dança, acalanto, cantigas ( de beber, de roda, de festas e folguedos), canções ( intermináveis, encadeadas, mímicas), desafio, instrumentos musicais;

Os usos e costumes na agricultura, pecuária, astronomia, meteorologia, alimentação e culinária, caça e pesca, habitação, medicina caseira, benzeduras, cerimônias e rituais.

### **Cronologia do Fato Folclórico**



Tendo como parâmetro, o fato folclórico pode ser classificado como nascente, vigente ou histórico.

Nascente - é aquele fato que não tem ainda a característica de tradicionalidade; sua aceitação popular é inferior a 25 anos. Ex.: brincadeira de pular elástico, bambolê.

Vigente – consiste em fato que continua resistindo ao tempo, com aceitação coletiva de mais de 25 anos; é dinâmico. Ex.: bombacha, chimarrão, churrasco, cinco marias, valsa, vaneira, rodas cantadas, provérbios, pandorga, bolinha de gude, etc.

Histórico – fato que já perdeu a função; não é mais vivido, mas sim cultuado, simbolizando o passado, é estático. Ex.: boleadeiras, chiripá, bota de garrão de potro, danças do Ciclo dos Fandangos.

### **Projeção e Reinterpretação Folclórica**

Projeção folclórica consiste no aproveitamento dos fatos folclóricos vigentes, fora da época em que se realizam ou, ainda, fora de suas funções, para outras finalidades.

A projeção folclórica pode ter motivação política, estética, ética ou didática, ou seja, o fato folclórico tem motivação:

- Política: o fato surge por interesse dos governos, que fomentam o intercâmbio cultural entre as regiões.
- Estética: é comum nas artes populares como a demonstração de artesanato indígena em centros urbano.
- Didática: o fato folclórico é projetado fora de seu tempo ou espaço para divulgação ou aprofundamento de estudos.

Exemplos de projeção folclórica: Fandangos em CTG de zona urbana; músicas e poesias, que utilizam temas folclóricos, bem como esculturas e pinturas; apresentação de Terno de Reis e Terno de Santos fora da data e do local onde costumam acontecer; coreografias criadas utilizando ritmos folclóricos.

Reinterpretação folclórica é a apresentação ou o aproveitamento de fatos folclóricos históricos, que adquirem novo significado cultural. Através deste processo, antigas significações são atribuídas a elementos novos ou novos valores mudam a significação cultural de formas antigas.

Exemplos de reinterpretação folclórica: apresentação das danças do folclore histórico nos CTGs, as quais, em época passada, tiveram função lúdica e, hoje, têm função didática.

No ENART – Encontro de Arte e Tradição Gaúcha a entrada e a saída de uma Invernada Artística constituem-se numa Projeção Folclórica, enquanto que as danças de concurso são uma Reinterpretação do Folclore.

### **TRADIÇÃO**

A palavra tradição vem do latim, do verbo "tradere" (traditio, traditionis) que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. Logo, tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, quer de natureza espiritual ou material, ou ainda é a transmissão dos costumes feita de pais para filhos no decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de idéias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, sendo assim a eterna vigilância cultural.

Augusto Meyer, em artigo no Correio do Povo de 2 de junho de 1927 assim manifestou-se:

*“Tradição é desejo de claridade”.*

Chega um momento na vida em que o homem, ante as flutuações do seu espírito, quer chegar a uma "estrada real" no meio dos mil "sendeiros" que abrem aos seus olhos cobiçosos o fascínio da aventura.

A Tradição é justamente essa força que nunca admite as imposições individuais. Ela obriga à humildade, como tudo o que está acima e além do homem.



Quando muito, a Tradição quer ser adivinhada em suas formas e penetrada com a inteligência. E a inteligência, nesse caso, é o amor pela terra. O qual, nem procura justificar-se. Mas procura SER, afirmando ".

Barbosa Lessa, em seu trabalho "Caráter Cíclico do Tradicionalismo", referindo-se a tradição assim diz: "Um culto que se renova. ... Na etapa seguinte, ao influxo da II Guerra Mundial, quando Jean-Paul Sartre intrigava os espíritos com sua filosofia existencialista, foi um outro jovem, Paixão Côrtes, com 19 anos, que, entre extrair o SER do nada ou extraí-lo da Tradição -- uma vivência coletiva e real --, preferiu convocar seus colegas ginásianos para a ação, afirmativa, no Departamento de Tradições Gaúchas do Colégio Júlio de Castilhos.

Da mesma forma que, hoje, o guri Renatinho Borghetti, com 19 anos, sacode a Era do Som com sua gaitinha de oito baixos e identifica-se com a garotada através dos cabelos compridos, das alpargatas, do informalismo das barracas nos Festivais de Música Nativista.

Espontaneamente. Sem saber que está fazendo História e Cultura.

Antonio Augusto Fagundes referindo-se a tradição diz: "Em Direito, tradição significa entrega. Em seu sentido mais amplo, que é o que interessa para o presente estudo, tradição quer dizer o culto dos valores que os antepassados nos legaram. Todo o grupo social, toda a nação tem sua própria escala de valores e é essa escala que torna os povos distintos entre si."

A História iniciou, quando o homem articulou, balbuciou ou pronunciou as primeiras palavras. E o homem só registrou sua história, quando fixou a palavra através da escrita. Antes da escrita, tudo é pré-história.

A linguagem é o veículo de transmissão da tradição, sendo ela o elemento fundamental de qualquer sociedade, de qualquer povo.

A tradição, muito embora não seja uma ciência, está dividida em:

- **TRADIÇÃO HISTÓRICA** : que se destina a transmissão da memória de fatos ou de vultos notáveis e é preservada de duas importantes formas: através de documentos tais como: cartas, biografias, calendários, anais, compêndios e outras formas; bem como através de monumentos como restos, vestígios, túmulos, palácios, obras de arte, brasões, moedas e outros.
- **TRADIÇÃO POPULAR** : destina-se ao registra dos fatos culturais que são preservados pela oralidade ou mesmo pela aceitação coletiva.

Vejamos :

- Tradição histórica é folclore? Não
- Tradição popular é folclore? Sim
- Folclore nascente é tradição? Não
- Folclore vigente é tradição? Não
- Folclore Histórico é tradição? Não
- Cultura de massa é tradição ou é folclore? Nenhum dos dois.

Nós os gaúchos, que também, com muito orgulho, somos brasileiros, nos distinguimos dos outros brasileiros, como de outros povos e de outros grupos sociais, porque temos uma escala de valores muito característico e que nos torna diferentes dos demais.

Faz-se necessário ressaltar, que a tradição não é uma peculiaridade exclusiva de nós os gaúchos, uma vez que todos os povos têm sua tradição. Mas nós os gaúchos temos a nossa tradição, a nossa escala de valores, que é peculiar a nós os gaúchos.

Glaucus Saraiva, na obra Manual do Tradicionalista, diz: "Tradição é o todo que reúne em seu bojo a história política, cultural, social e demais ciências e artes nativas, que nos caracterizam e definem como região e povo. Não é o passado, fixação e psicose dos saudosistas. É o presente como fruto sazonado de sementes escolhidas. É o futuro, como árvore frondosa que seguirá dando frutos e sombra amiga às gerações do porvir. "

Glaucus Saraiva, na mesma obra, cita ainda Hélio Rocha que diz:



**"Tradição não é simplesmente o passado.**

**O passado é o marco. A Tradição é a continuidade.**

**O passado é o acontecimento que fica. A Tradição é o fermento que prossegue.**

**O passado é a paisagem que passa. A Tradição é a corrente que continua.**

**O passado é a mera estratificação dos fatos históricos já realizados. A Tradição é a dinamização das condições propulsoras de novos fatos.**

**O passado é estéril, intransmissível. A Tradição é essencialmente fecundadora e energética.**

**O passado é a flor e o fruto que findaram. A tradição é a semente que perpetua.**

**O passado é o começo, as raízes. A Tradição é a seiva circulante, o prosseguimento.**

**O passado explica o ponto de partida de uma comunidade histórica. A tradição condiciona o seu ponto de chegada.**

**O passado é a fotografia dos acontecimentos. A tradição é a cinematografia dos mesmos.**

**Enfim: Tradição é tudo aquilo que do passado não morreu."**

Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, na obra "Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul", referindo-se a tradição gaúcha, assim define: "Tradição Gaúcha significa o rico acervo cultural e moral do Rio grande do Sul, no campo literário, folclórico, musical, usanças, adagiário, artesanato, esportes e atividades rurais"

Salvador Ferrando Lamberty referindo-se a tradição gaúcha diz: "Essa tradição, que nasceu nos galpões de campanha, chegando às cidades, conquistando todas as classes sociais, é o pedestal do ideal libertário do sulino.

Nosso acervo cultural retrata a paisagem sem fim de nossos campos, cortados pelos tropeiros, os rangidos choromingantes das carretas de bois e o grito sentinela do quero-quero.

O povo gaúcho deve orgulhar-se de possuir tão bela tradição. É um pedestal que ostenta o chimarrão, a doma, o fandango, o pealo, a marcação, as lendas, as pilchas, a música, a poesia, os causos, as trovas, etc. A vida passa do real para a fantasia, nas narrativas do Negrinho do Pastoreio, Lenda do Jarau, Boitatá, Angüera, etc. As fascinadoras danças da Chula, Facões, Anu, Pezinho, Chimarrita, Balaio e outras apresentadas pelos grupos de danças ou ainda as de salão como o Chote, a Valsa, a Polca, etc.

A tradição gaúcha fecundou o nascimento de um ritmo musical eminentemente gauchesco, com cheiro de terra o Bugio.

Em 1983, Barbosa Lessa, no trabalho "Caráter Cíclico do Tradicionalismo", diz: "Causa estranheza o fato dos historiadores do tradicionalismo -- como Helio Moro Mariante em publicação oficial do Instituto de Tradição e Folclore -- ou seus críticos -- como Tau Golin -- terem ignorado completamente o regionalismo dos anos 20, a importância de João Pinto da Silva, o pensamento de Augusto Meyer".

No entanto, aquela etapa é essencial para a compreensão do que vem ocorrendo com a cultura desde os anos 90 do século passado. Ou seja: ciclicamente, de trinta em trinta anos, ao ensejo de alguma rebordosa mundial ou nacional, e havendo clima de abertura para as indagações do espírito, termina surgindo algum "ismo" relacionado com a Tradição.

Assim foi com o gauchismo dos anos 90. Com o regionalismo dos anos 20. Com o tradicionalismo dos anos 50. Com o nativismo de agora. E sou capaz de jurar que lá pelo ano 2010 surgirá uma espécie de telurismo antinuclear ou cibernético, resultante da inquietação de analistas de sistemas em conluio com artistas plásticos, incluindo cartunistas e comunicadores visuais.

É claro que, de acordo com cada época, modifica-se a dinâmica e o campo de ação. Mas, no fundo, é tudo a mesma coisa: expressão de amor à gleba e respeito ao homem rural".

## **TRADICIONALISMO**



Tradição, um culto, e Nativismo, um sentimento, existem em todo mundo. Agora, Tradicionalismo só existe no Rio Grande do Sul. Tradição e Nativismo podem andar com uma única pessoa. Existem no singular. Tradicionalismo, não: é obrigatoriamente associativo, coletivo. Tradicionalismo é um movimento cívico-cultural. É a Tradição em marcha, resgatando valores que são válidos não por serem antigos, mas por serem eternos, exatamente os valores que trouxeram o Rio Grande e o gaúcho do passado para o presente, projetando-os no futuro.

Desde o século passado, a fundação de entidades tradicionalistas aponta para a tentativa de organizar a Tradição como Movimento. Em 1857 funda-se na Corte do Império brasileiro (Rio de Janeiro) a Sociedade Sul-Riograndense, de cunho tradicionalista. Entre seus fundadores, Pereira Coruja, autor da primeira pesquisa de folclore feita no RS. Os demais eram homens ricos, intelectuais, jornalistas, que fugiam das guerras que lavravam episodicamente no sul. A Sociedade Sul-Riograndense existe até hoje, é muito rica e tem inclusive, um CTG, o “Desgarrados do Pago”, com sede social e campeira, onde realiza até rodeios crioulos.

No Uruguai em 1894, poetas e outros artistas e intelectuais platinos fundam a Sociedad La Criolla, oficialmente para o culto das tradições gauchescas, mas na realidade para combater a invasão dos “gringos”, dos descendentes de italianos, que arrancavam para o campo uruguaio com muita força.

No RS, a 22 de maio de 1898, o Major João Cezimbra Jacques, do Exército brasileiro, gaúcho de Santa Maria, inspirado na Sociedad La Criolla, funda em Porto Alegre o Grêmio Gaúcho, para unir os rio-grandenses desunidos pela sangrenta Revolução de 93, que se prolongara até 1895. O Major Cezimbra Jacques, que é hoje o Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, tentou efetivamente deflagrar um movimento tradicionalista, incentivando a fundação de sociedades congêneres nas demais cidades gaúchas. Em Pelotas, funda-se a 10 de setembro de 1899 a União gaúcha, que teve em suas lideranças nada menos que o grande escritor João Simões Lopes Neto. Em Bagé, seis dias mais tarde (16 de setembro de 1899) funda-se o Centro Gaúcho. Chega o século XX e a 12 de outubro de 1901 funda-se em Santa Maria o Grêmio Gaúcho, claramente atendendo ao chamamento de Cezimbra Jacques, cria da terra.

E aí, tudo parou. Cezimbra Jacques é transferido para o Rio de Janeiro, onde morre, alguns anos mais tarde, sem voltar aos pagos. A União Gaúcha ainda resiste vários anos, mas termina paralisando suas atividades. Do Centro Gaúcho, de Bagé e do Grêmio Gaúcho de Santa Maria, pouco se falou, depois da festa de fundação. Desapareceram sem maiores consequências. O próprio Grêmio Gaúcho de Porto Alegre termina abandonando sua missão pioneira e, apesar do vasto patrimônio em imóveis que ainda hoje tem, agora é apenas uma associação urbana, fechada, na mão e poucos, que há de ser mais cedo ou mais tarde desapropriado em função do seu valor histórico.

Passam-se anos e, décadas mais tarde, a Alemanha nazista se levanta das cinzas da I Grande Guerra e começa a atrair as simpatias dos descendentes de alemães, em todo o mundo. No Rio Grande do Sul, claro, a propaganda hitlerista foi intensa. Então, a 31 de janeiro de 1938, um grupo de moços que falavam o português com forte sotaque teuto-riograndense, fundou em Lomba Grande a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense, para testemunhar o seu amor pelo Rio Grande e pelo Brasil. Essa entidade existe até hoje, é forte, rica e respeitada. Seus fundadores, a princípio, foram hostilizados, chamados de “clube de alfafa”, mas resistiram a tudo. Não eram alemães, não queriam ser nazistas. Eram gaúchos e brasileiros e provaram isso com muita coragem e com muito amor. A 19 de outubro de 1943, em plena II Guerra Mundial e no meio de uma comunidade de descendentes alemães, um gaúcho admirável, sonhador e visionário, liderou a fundação do Clube Farroupilha voltado exclusivamente para o culto das tradições gauchescas. Ele era o Capitão Laureano Medeiros e a cidade cenário desse acontecimento histórico e também pioneiro é Ijuí. O Clube Farroupilha, aliás, continua até hoje, sem interrupções, com sua bela atividade tradicionalista.

Esses foram os esforços feitos antes que o Movimento Tradicionalista se tornasse uma realidade.



O Ditador Getúlio Vargas, em 1937, tinha proibido no Brasil o uso dos símbolos estaduais: o hino, a bandeira, o brasão. Com o fim da guerra, em 1945, Vargas foi derrubado e com a volta da democracia os símbolos estaduais gaúchos tornavam a aparecer.

Em 1947 um moço, nascido em Livramento, chamado João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, estudante do Colégio Estadual “Júlio de Castilhos” viu um pano colorido, já desbotado, rasgado e sujo, servindo de cortina para um bar de quinta categoria. Desconfiado, puxou de uma ponta: era a sagrada bandeira do Rio Grande do Sul! Dizem que esta foi a única vez que Paixão Côrtes chorou.

Então, como o governo do Estado ia trazer de Livramento os restos mortais do grande herói farroupilha Davis Canabarro, ele conseguiu reunir mais sete companheiros, cavalos e arreios e assim, bem pilchados e de-a-cavalo oito rapazes deram escolta gauchesca de honra aos gloriosos despojos. Na Praça da Alfândega, onde fizeram um alto para a cerimônia, aproximou-se deles um guri tímido, tipo precoce: Luiz Carlos Barbosa Lessa, de Piratini, por coincidência também estudante do “Julinho”. Logo depois, no mesmo lugar, outro moço, já mais velho, de óculos e poeta conhecido: Glaucus Saraiva. Assim se reuniu, meio por acaso, a Santíssima Trindade do Tradicionalismo Gaúcho: Paixão, o dínamo propulsor. Lessa, o estudioso, o teórico. Glaucus, o organizador, o disciplinador. Poucos dias depois, sempre por iniciativa de Paixão, realizou-se no Colégio “Júlio de Castilhos” a primeira Ronda Crioula do Tradicionalismo. E a mais longa de todas: durou 12 dias, desde que um piquete de cinco cavalheiros recolheu no Altar da Pátria, na hora da extinção, a zero hora de 8 de setembro de 1947, uma “mudinha” da chama simbólica. Em rápida galopeada, queimando as mãos, os cinco levaram essa chama para inflamar o Candeeiro Crioulo armado no “Julinho”, onde ardeu até 20 de setembro, o Dia do Gaúcho data magna do Rio Grande do Sul.

Durante essa primeira Ronda Crioula houve festa com música, poesia, fandango, concursos e discursos. Verificando assim o enorme êxito, no que ajudou o convite que os rapazes fizeram a homens maduros, como Manoelito de Ornellas, Amândio Bicca e Valdomiro Souza, os moços resolveram fundar uma entidade permanente para a defesa das tradições gauchescas. Agora sim, o gaúcho, seus usos e costumes estão ameaçados. A forte propaganda americana mete goela abaixo da juventude de nossa terra, com as Seleções, as revistas em quadrinhos e o cinema, o “cow-boy” e toda uma gama de heróis norte-americanos, e por trás disso tudo se vão as ricas divisas acumuladas pelo Brasil durante o conflito e vem o plástico, o uísque, a coca-cola e o chiclé, além de armas e veículos de guerra que estão sobrando nos Estados Unidos.

A nova entidade que os rapazes sonham fundar seria um clube exclusivamente masculino, só com 35 sócios (para evocar o ano que começou o Decênio Heróico) e a sede seria um rancho no Parque da Redenção. Mas aí as férias escolares interromperam os planos. Reencontram-se todos com o começo das aulas, em 1948 e a 24 de abril, no amplo e sólido porão do solar da família Simch, na rua Duque de Caxias (ainda existe um moderno edifício no lugar) funda-se depois de muita discussão, o “35” - Centro de Tradições Gaúchas, nome proposto por Barbosa Lessa. Flávio Ramos propõe o lema: “Em qualquer chão, sempre gaúcho!”. Guido Mondim desenha o símbolo: o número 35 atravessado por uma lança de cavalaria. Glaucus Saraiva imagina toda uma nomenclatura campeira para os cargos de diretoria e repartições do novo centro e é eleito o seu primeiro Patrão.

E logo o chamamento do “35” encontrou resposta. A 8 de agosto desse mesmo ano os rapazes de Porto Alegre tem que ir a Taquara, onde se funda o “CTG Fogão Gaúcho”, copiando em tudo o modelo proposto pelo Pioneiro “sui-generis”, original, único no mundo, onde cada célula guia-se obrigatoriamente pelos mesmos princípios e normas de ação.

O Tradicionalismo tem aspectos especiais e específicos, que são os culturais, divididos em ciências e artes. Os aspectos especiais são cinco e todos são fundamentais. Faltando qualquer um deles, já não se fala em Tradicionalismo.

**Aspecto cívico:** É o que primeiro se nota nas atividades do CTG. Lá estão as bandeiras, os hinos do Brasil e do Rio Grande do Sul, nas festas, nas solenidades, nos desfiles de cavalaria e nas



sedes são comuns os quadros retratando os nossos heróis e figuras patrióticas. O gaúcho, aliás, tem duas pátrias: a Pátria Grande, que é o Brasil e a Pátria Pequena, ou Chica, que é o Rio Grande do Sul.

**Aspecto filosófico:** O aspecto filosófico do Tradicionalismo é dado pelos quatro documentos básicos que norteiam obrigatoriamente todos os centros de tradições gaúchas. O primeiro é a tese “O sentido e o valor do tradicionalismo gaúcho”, de Barbosa Lessa, aprovada no I Congresso Tradicionalista do RS, em Santa Maria, julho de 1954. O segundo é a tese “A função aculturadora dos centros de tradições gaúchas”, de Carlos Galvão Krebs, aprovada no II Congresso Tradicionalista do RS, em Rio Grande, julho de 1955. O terceiro é a “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista”, de Glaucus Saraiva, aprovada no VIII Congresso Tradicionalista do RS, em Taquara, julho de 1961 e o quarto é a tese “A função social do MTG”, redigida por Antônio Augusto Fagundes sob orientação de Onésimo Carneiro Duarte, aprovada pela Convenção Tradicionalista de Lagoa Vermelha, em julho de 1984. Esses quatro documentos fundamentais ditam a filosofia do Tradicionalismo, dando-lhe unidade e tornando-o um movimento. Se não, haveria entidades tradicionalistas com orientação própria, sem um sentido comum, como sucede em outros Países.

**Aspecto ético:** Este é o aspecto da filosofia não escrita do Tradicionalismo, que diz sobre o permitido e o proibido dentro das entidades Tradicionalistas, mas informalmente. Por que não realizam bailes de carnaval dentro de um CTG? Por que não existe droga? Nada disso é proibido pelos estatutos e regimentos internos e, no entanto, a ética do Tradicionalismo disciplina esses assuntos sem o uso das sanções, apenas por sua força intrínseca, forte como tudo o que a gente leva naturalmente dentro de si.

**Aspecto associativo:** Toda a entidade tradicionalista reveste obrigatoriamente o caráter de associação civil, organizada e registrada de acordo com a lei brasileira. O Tradicionalismo é obrigatoriamente coletivo. Individual, quando muito, a Tradição.

**Aspecto recreativo:** Além de tudo o que se oferece, o Tradicionalismo precisa oferecer aos associados também recreação. Lá está a roda de mate, o churrasco, o arroz-carreteiro, o cigarro palheiro e o infalível fandango, que é o momento de recreação por excelência do Tradicionalismo.

## REGIONALISMO

O Regionalismo é uma corrente do Romantismo, movimento que derrubou ainda no século passado e no mundo todos os padrões do Classicismo.

O Regionalismo gauchesco começou na prosa com Caldre e Fião, gaúcho na Côte e com José de Alencar, cearense na Côte. O primeiro escreveu o romance “O Corsário” (1851) e “A Divina Pastora” e o segundo escreveu o romance “O Gaúcho” (1865). Na poesia, o Regionalismo gauchesco começou com Bernardo Taveira Junior, com suas “Provincianas” (1874) e Múcio Teixeira com suas “Flores do Pampa” (1872), ambos já pertencendo ao movimento porto-alegrense, de cunho regionalista chamado Paternon Literário, de junho de 1868, em plena Guerra do Paraguai. Antes deles, é claro, das poesias folclóricas, só os Sonetos de Monarca, de Caldre e Fião. O Paternon Literário vai consagrar Apolinário Porto Alegre, como prosador. Depois surgirão na prosa, Roque Collage, João Mendes de Taquari, Luiz Araújo Filho, João Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Dercy Azambuja, Érico Veríssimo e Barbosa Lessa, além de outros. Na poesia aparecem Manoel do Carmo “Cantares da minha terra”, Ramiro Barcelos “Antonio Chimango” Vargas Neto, Pery de Castro, Manoelito de Ornelas, Augusto Meyer, Waldemar Correia, Glaucos Saraiva, Jayme Caetano Braun, Apparício Silva Rillo e muito gente boa mais, a ponto de justificar a fundação da “Estância da Poesia Crioula”, verdadeira academia de letras do Regionalismo gauchesco.

Mas o Regionalismo não se exaure apenas na prosa e no verso. Existe entre nós e é muito forte também no canto e na música, através de discos, a cada ano. Existe nas artes visuais, como esculturas e pinturas. Nas artes cênicas, como em peças de teatro e ballet, no rádio, no cinema, na televisão. Tudo isso é Regionalismo

## NATIVISMO



Os valores de culto à Tradição mais característicos do Rio Grande do Sul são o nativismo, a coragem, a hospitalidade, a honra o respeito à palavra empenhada, o cavalheirismo, além de outros.

Assim, vê-se desde logo que o Nativismo não é um culto, como a Tradição, mas um dos valores deste culto. Nativismo é o amor que a pessoa tem pelo chão onde nasceu, onde é nato. E esse amor, claro, existe em todos os lugares, não é patrimônio exclusivo do gaúcho. Os gaúchos, aliás, tem em seu vocabulário duas palavras muito bonitas ligadas ao Nativismo: pago e querência. Pago é onde se nasceu. Querência é onde se vive. As vezes se confundem, porque é muito comum as pessoas nascerem e viverem no mesmo lugar. As vezes, não.

O gaúcho é tão nativista que chega a ser bairrista e o bairrismo deve ser percebido como a caricatura do nativismo. Existem rivalidades bairristas entre cidades gaúchas, alimentadas pela juventude, sobretudo no carnaval e no esporte: Alegrete X Uruguaiana, Alegrete X Quaraí, Estrela X Lajeado, Caxias do Sul X Bento Gonçalves, São Leopoldo X Novo Hamburgo, Rio Grande X Pelotas, etc. E apelidos, da mesma origem: os alegretenses são chamados “café-com-leite” e, por sua vez, chamam os uruguaianenses de “farinheiros” e os quaraienses de “barbicachos”. Os moradores de Tupanciretã são chamados de “repolhos” e, por sua vez, chamam os habitantes de Julio de Castilhos de “fincão” e os da Capela dos Quevedos de “papudos”. Os moradores da cidade de Rio Grande são os “papa-areias” ou “bicuínas”. Os de Santa Vitória do Palmar são os “mergulhões”. E assim vai.

Talvez não haja povo mais nativista que o gaúcho. Por isso, existe uma tendência para se chamar de nativista a arte que nasce da terra: teríamos assim a poesia nativista, a música nativista, a canção nativista. O melhor, porém, quando se fala em arte é dizer, simplesmente, “regionalista gauchesca”.

## **FORMAÇÃO DO GAÚCHO**

Ser humano encontrado nos Pampas do Cone Sul da América, descendentes de ibéricos, negros e índios, dedicado ao pastoreio e mais tarde utilizado intensamente como soldado da cavalaria nas guerras de ocupação da região.

São características desse ser humano apego ao rural, ao cavalo, ao boi, à natureza.; apego à querência, à pátria, aos valores de tradição e cultura; apego ao fogo-de-chão, ao mate. à tertúlia., ao churrasco; apego à família e ao clã; apego aos bailes e as cantorias.

### **O Gaúcho na América**

Antes de 1.625, a Banda Oriental, onde se acredita tenha nascido o gaúcho, era habitada apenas por índios das nações Charrua e Minuano, também conhecidos por Pampas, além de quatro outras pequenas nações também como as outras duas, pouco numerosas e não concorrentes entre si: os Xanás, os Bohanes, os Jarros e os Guenoas.

Com o advento das Missões na margem esquerda do Rio Uruguai, mediante a fundação, em maio de 1.626, de San Nicolas Del Piratini, sob o comando dos padres jesuítas, envolvendo os índios Guaranis do Tape, têm início às desavenças entre Pampas e Guaranis. O permanente clima de guerra ocorre especialmente de 1.628 em diante com a chegada de 1.800 cabeças de gado, trazidas de Entre Rios pelo padre Cristóval de Mendoza Orellano para o estabelecimento de dezoito estâncias missionárias praticamente dentro das áreas ocupadas pelos Pampas. Nunca, porém, as nações Pampas chegam a unir-se para repelir o "invasor".

Em 1.680, os portugueses instalam a Colônia do Santíssimo Sacramento (vila e fortaleza), bem à frente de Buenos Aires, inaugurando por assim dizer, a presença oficial do homem português na área.

Montevideú, fundada em março de 1.724, usando a mão de obra de índios da região e de soldados hispânicos, pouco depois é tomada pelos lusos, que para ali trazem os negros escravos, utilizados também nas minas do hoje município de Minas. Parte desses negros não se adapta a serviço e foge para os campos.



Em 1.726, tendo em mãos um contrato firmado com a coroa lusa para fornecimento de couro e graxa de boi, chega à Pampa o português Cristóvão Pereira de Abreu, decidido a prear o gado das estâncias missioneiras, muito numeroso. Para agilizar a atividade, que dura até 1.734. Abreu contrata os serviços dos índios Pampas, valendo-se da inimizade destes para com os Guaranis missioneiros. Da aliança de Abreu com os índios, nos momentos mais agudos, é conseguida uma espécie de federação dos posteriormente chamados Charruas e Minuanos contra os missioneiros.

Ao lado dos índios Pampas, muitos brancos e negros também se dedicam a prear. Surge assim o changador, tributário das raças indígena, negra e branca (espanhol e português). A origem do termo, segundo Bruno e Beatriz Premiani em "EL Caballo", Edigraf, Buenos Aires, 1.975, página 127, preadores armavam as jangadas para atravessar os caudalosos rios da região, até os locais de entrega da "mercadoria". Pela dificuldade de pronunciar o "ch", os espanhóis chamavam aquela balsa de changada e os seus usuários de changador.

Em menos de 10 anos foram abatidos cerca de 500 mil bois, dos quais se aproveitou apenas o couro e o sebo. A atividade foi tão intensa e predatória, que quase despovoou os campos, impingindo aos missioneiros uma série de dificuldades quanto ao abastecimento de carne. Vários autores citam o período de 1.735/45 como dos mais críticos para as Missões: falta de alimentos, queda da natalidade e evasão dos índios.

Cristóvão Pereira de Abreu, de imediato passou a dedicar-se ao transporte de tropas de mulas desde Entre Rios (Argentina) a Sorocaba (São Paulo, Brasil), para vendê-las aos canavieiros e mineradores do Sudeste Brasileiro.

Dentre os changadores, Abreu recrutou muitos tropeiros. Os que sobraram na Pampa sobreviveram como puderam até 1756.

Em 1.750, os lusos se vêem obrigados a entregar Sacramento em virtude do Tratado de Madrid, recebendo, em troca, os Sete Povos das Missões.

Os resultados do Tratado foi a Guerra de 1.754 e 1.756, esta última jogando os exércitos unidos de Espanha e Portugal contra as Missões Orientais, num verdadeiro massacre. A guerra e o tratado atingiram, de um lado os brancos lusos de Sacramento, que tiveram de abandonar a vila, deixando o emprego militar e a proteção da coroa portuguesa, com descontentamento e evasão de parte deles para os campos adjacentes. De outro, os atingidos foram os Guaranis missioneiros, que militarmente derrotados e abandonados, tiveram de passar por uma das seguintes situações:

a) as famílias (pai, mãe e filhos) que quisessem aporuguesar-se, seriam instaladas em terras de Viamão/Rs, para onde, efetivamente, foram levadas 479 delas, conforme registro imperial;

b)- as famílias (pai, mãe e filhos) que optassem pelo reassentamento em áreas já ocupadas por outras reduções missioneiras na altura de Posada.s (Argentina) e Encarnacion (Paraguai), para lá seriam ajudadas a transferir-se;

c)- as viúvas e seus filhos menores e os velhos inaptos para o "progresso", tomariam o destino que quisessem, porém sem a proteção de nenhuma das coroas.

O destino tomado por grande parte do povo enquadrado nos casos "b" e "c", foi o êxodo para a extensão de terra que fica ao sul do Rio Ibicuí, no vale deste, à margem esquerda do Rio Uruguai. Dados imprecisos falam de 8 mil. retirantes, cerca de 2 mil famílias.

Expulsos das Missões, chegam à Pampa os Guaranis: mulheres viúvas, crianças e velhos. Em poucos anos, a Pampa estava povoada de mestiços, graças aos cruzamentos havidos entre changadores da raça indígena, negra e branca com as índias viúvas guaranis.

Danilo Antón em "Uruguaypiri" 1.979, estima que os changadores na Pampa uruguaia 1.755, eram cerca de 2 a 3 mil indivíduos. De 1.756 em diante passaram a ser 15 mil. Antón também assevera que da mestiçagem das changadores com as mulheres guaranis, nasceu o gaúcho, em torno de 1.760, nas serras de Maldonado e um pouquinho mais tarde entre as serras de Trinta y três e o vale do Rio Jaguarão.



Por esta época, ou um pouquinho mais tarde, registram alguns escritores, o surgimento de Don Miguel Caray, um mestiço, Charrua/Guarani, habitante dos Campos Naturais entre Brasil e Uruguai, cuja trajetória de líder o transformou no rei dos Charruas. Caray é tido entre ns intelectuais que estudam o gaúcho, como o primeiro gaúcho estabelecido.

## **Perfil**

Na sua obra, Danilo Antón diz que: "o gaúcho é fundamentalmente o guarani-tape adaptado à vida pradeira dos pampas e etnicamente mestiçado com o changador, que desaparece com o surgimento do gaúcho." E prossegue: "O gaúcho desenvolveu um sentido de liberdade individual como consequência do que era a vida do changador, originalmente um rebelde, muitas vezes foragido da lei e com um acentuado desapego pela autoridade constituída."

Por uma questão legal da época, ditos mestiços não podiam integrar as forças armadas de Portugal e também não eram aceitos no Corpo de Blandengues, montado pelos espanhóis para a defesa da fronteira. Por razões de raça e pele, eles também não eram aceitos nas tribos indígenas. Soltos no campo, quase como bichos, os gaúchos se fizeram rudes e valentes.

O crescimento do interesse luso pela Banda Oriental, ocasionou de 1.777 em diante, uma agressiva escalada política e militar dos hispânicos pela posse das duas margens do Rio da Prata e pelos portos de mar do sul de São Francisco. Tomaram Desterro, Rio Grande, Montevidéu e Sacramento.

Antes os rechaços lusos e as constantes intervenções de Buenos Aires na Banda Oriental, o caudilho José Artigas, por volta de 1.800, se mostra interessado em afastar essas ingerências e em estabelecer uma nação uruguaia. Organiza um exército de 1.800 homens, exímios cavaleiros e lanceiros de muita coragem, a quem chamou de gaúchos. Seus homens haviam herdado: dos charruas a arte de cavalgar; dos minuanos a arte de lancear; dos guaranis a capacidade de amar a querência e de lidar com artesanato de couro, instrumentos musicais; dos negros africanos, as danças, os sapateios, o cantar triste.

Os escritores que testemunharam esta época e escreveram sobre esse homem mestiço, dele disseram: "O gaúcho herdou do índio Pampa a hospitalidade, a visão quase religiosa da natureza que o rodeava e, mais tarde, a forma organizativa confederada ensinada por Cristóvão de Abreu. O sentido de comunidade, veio dos missionários, que também ofereceram o sincretismo cristão-guarani." (Felix de Azara).

"A cultura do gaúcho era chamada pela aristocracia estrangeirizante da época, de" anticultura ". O gaúcho sempre se mostrou nacionalista e nativista." - (Danilo Antón).

Apesar do esforço de alguns escritores como José de Alencar, José Hernandez e Azevedo Diáz em suas obras sobre o "gaúcho", tiveram eles muita dificuldade para registrar-lhe a ideologia, porque além de analfabetos, continham na composição de sua raça a primeira miscigenação étnica da América, a primeira soma das culturas e uma riqueza de caráter. Quase tudo o que se escreveu sobre ele, foi pela autoridade que o reprimiu porque não pode usá-lo como vassalo e, por isso mesmo, o chamou de "bandido". Mais tarde, quando o gaúcho se mostrou pronto para a defesa da Pátria e a fez com valentia ímpar, é que se soube quem era o "bandido".

Charles Darwin, quando visitou o Uruguai, em 1.879, escreveu que "o gaúcho é muito obsequioso, muito cortês, muito hospitaleiro, cheio de modéstia quando fala de si ou de seu país, ao mesmo tempo em que é atrevido e bravo."

Sobre ele completou Felix de Azara: "Nestas planuras, o gaúcho é um homem sem a menor vocação de ficar sob as ordens de terceiros."

O que aconteceu depois de 1.810, é que o homem campesino das planuras de Argentina, Brasil e Uruguai, passou a estar muitíssimo identificado com o gaúcho. Nas hostes dos guerreiros farroupilhas havia centenas deles impregnando os demais com a sua ideologia, seu jeito de ser, de vestir, de falar, de cantar a vida e a terra e, principalmente, de guerrear com a valentia incomparável.



## **Modelo**

Durante a Guerra do Paraguai, a arma de cavalaria se encarregou de reunir argentinos, uruguaios e sulbrasileiros nos mesmos acampamentos, ao redor dos mesmos fogos de chão, tomando mate nas mesmas cuias e, logo depois, vestindo a mesma roupa, a bombacha.

O tempo se encarregou de mostrar o gaúcho como ginete, como matreiro, como homem apaixonado pelo meio ambiente, livre e amplo como a pradaria, seu habitat preferido. Conheceu a imponência dos ventos e aprendeu a determinar as estações do ano nos cantos dos passarinhos.

## **Expansão**

Não restam dúvidas que a Cultura Gaúcha está presente em cinco países: Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina e Brasil.

No Chile, o homem gaúcho se chama huazo e é no todo, muito semelhante aos seus irmãos do lado de cá da Cordilheira dos Andes.

No Brasil, a sua presença ganhou fortaleza com as trilhas dos tropeiros, que iniciavam na Argentina, passavam pelo Uruguai e subiam pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, semeando hábitos, usos e costumes, ensinando dialetos e sotaques, reunindo termos das línguas quéchua, malaiala, araucana, minuana, guarani, espanhola, portuguesa e mais recentemente alemã, italiana e polonesa.

Com a crise econômica enfrentada pelo Rio Grande do Sul, a partir do fim da II Guerra e com o avanço da fronteira agrícola e a interiorização do progresso no Oeste do Brasil, os riograndenses rurais, quase todos filiados à corrente cultural gaúcha, foram levando seus cetegês pelo Brasil afora.

Há explicações científicas para tanto. A prática cultural dos gaúchos se caracteriza por:

- Lidar com o rural, com o cavalo, com o boi, pondo o homem em contato com a natureza;
- Trabalhar o patriotismo e rejeitar a invasão de culturas estranhas à sua etnia;
- Reunir as pessoas em torno de fogo-de-chão, para o mate, para as tertúlias, os serões, as serestas, a poesia e o causo, remetendo a homem para o aconchego das cavernas, dos galpões e das cozinhas, onde, por primeiro, a família fez-se eterna;
- Realizar seus fandangos de luz acesa, com os casais dançando aos pares, repetindo o que tradicionalmente foi bem aceito nas suas pátrias de origem;
- Comparecer as suas festas com três ou mais gerações de uma mesma família;
- Proporcionar aos descendentes de italianos a oportunidade de exercitarem a sua maior vocação inata: cantar. E aos descendentes de alemães e poloneses, a sua maior vocação inata: dançar.
- Desenvolver as suas atividades culturais dentro de padrões morais onde o respeito, a disciplina, a hierarquia, a solidariedade e a amizade sempre estiveram presentes.

## **ENTIDADES TRADICIONALISTAS CTG, Rts, MTG, CBTG, CITG**

### **Centros de Tradições Gaúchas – CTGs**

Entidades filiadas às federações tradicionalistas, que têm como objetivo ser um núcleo de preservação dos costumes e tradições gaúchos. A organização administrativa dos CTGs mimetiza as estâncias gaúchas, e a diretoria (patronagem) é assim composta:

- Presidente - Patrão
- Vice Presidente - Capataz Secretário - Sota capataz
- Tesoureiro – Guaiaca ou Agregado das Pilchas
- JOrador- Xirú das Falas

Os Departamentos são as Invernadas (Social, Cultural, Artística, Campeira, Esportiva, Jovem). O Conselho (Deliberativo e Fiscal) é o conselho de Vaqueanos.



## **Regiões Tradicionalistas**

São unidades administrativas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que têm por finalidade agregar os CTGs ou entidades agrupados por localização ou afinidade geográfica. O intuito é facilitar a gestão e promover a interlocução entre as entidades e as federações. A estrutura é composta por Coordenador, Vice-Coordenador, Guaiaca e Conselhos Fiscal e de Vaqueanos, além das diretorias das Invernadas (Social, Cultural, Artística, Campeira, Esportiva, Jovem). Destaca-se que nem todas as federações possuem divisões regionais, a depender da necessidade de organização e do número de entidades filiadas.

## **Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG**

Associação cívico-cultural sem fins econômicos, que objetiva promover a cultura e a defesa das tradições gaúchas, congregando os Centros de Tradições Gaúchas e preservando o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, constante na Carta de Princípios.

São 8 federações/Movimentos Tradicionalistas Gaúchos: Rio Grande do Sul; Santa Catarina; Paraná; São Paulo; Mato Grosso do Sul; Mato Grosso; Planalto Central; e Amazônia Ocidental.

## **Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha**

Fundada em 24 de maio de 1987, reúne os MTGs e institui os parâmetros nacionais para o tradicionalismo gaúcho.

## **Confederação Internacional da Tradição Gaúcha**

Fundada em 21 de abril de 1984, congrega as confederações da tradição gaúcha (Brasil, Argentina, Uruguai, América do Norte) e as entidades tradicionalistas pelo mundo.

A Confederación Gaucha Argentina reúne as Sociedades Gaúchas, enquanto que, no Uruguai, a Patria Gaucha agrupa as Aparcerias ou Sociedades Criollas. A recém-criada Confederação Norte-Americana da Tradição Gaúcha tem associados nos Estados Unidos e Canadá. Países como China, França, Paraguai e Portugal têm, também, entidades tradicionalistas organizadas.

## **CARTA DE PRINCIPIOS**

Bravos homens idealizaram um movimento de extrema grandeza cultural, mas não imaginavam que suas idéias fossem tão bem aceitas e difundidas rapidamente, que o fizesse grandioso também em número. Isto nada mais fez do que confirmar quão glorioso foi esta idealização. Todo crescimento rápido pode ter conseqüências desastrosas. Além disso, o governo e o exército tinham naquele grupo de jovens certa desconfiança, pois exaltavam a Revolução Farroupilha, seus mentores e conseqüentemente o “20 de setembro”, levando os poderes constituídos a conclusões que pendiam para o lado revolucionário e separatista.

Foi então que Glaucus Saraiva, considerado extremamente inteligente e com a mente de certa forma avançada para a época, se sensibilizou e, por ser muito reservado, fez de forma solitária um documento que, depois de concluído, foi apresentado como sugestão a ser seguido pelos tradicionalistas.

Tal documento foi de extrema importância, fazendo com que o exército o enxergasse com outros olhos, percebendo que o movimento queria andar lado a lado com os governantes. O Conselho Coordenador reconhecendo sua importância para o bom prosseguimento do movimento, decidiu oficializar a Carta de Princípios, que foi aprovada no 8 ° Congresso Tradicionalista, realizado na cidade de Taquara, de 20 à 23 de julho de 1961, no CTG O Fogão Gaúcho. A partir deste momento ela começou a ser vista como uma lei a ser cumprida, causando uma certa revolta nos gaúchos, que não



aceitavam ser mandados, defendendo a idéia de que gaúcho é macho, não recebe ordens de ninguém e é dono de suas próprias razões.

Dentro do movimento, seus efeitos foram para nortear um rumo a ser seguido, pois na época o que prevalecia eram as contradições, onde cada CTG procurava inclinar-se para seu lado, fazendo com que não existisse unanimidade.

Para o bom funcionamento era necessário e de fundamental importância, um perfeito conhecimento e interpretação da mesma.

Aos poucos os gaúchos foram aceitando-a e começaram a perceber que ela só ajudaria o movimento a crescer e que seu objetivo não era obrigar e sim orientar. Hoje essa carta integra o Regulamento do Estatuto do MTG e é a primeira diretriz aprovada no tradicionalismo. Até os dias de hoje a Carta de Princípios continua, de um certo modo, de conhecimento restrito dentro do movimento, tendo este prospecto sofrido sensíveis alterações nos últimos anos, devido a importância dada pelo MTG, fazendo dela assunto de trabalhos realizados, como este de hoje.

Seguindo as palavras do Senhor Ciro Dutra Ferreira e Vilson de Souza, na época de sua criação um dos objetivos mais importantes foi o art. XI, que trata do respeito as leis e os poderes públicos legalmente constituídos, que fez com que o exército e o governo vissem com outros olhos aquele grupo de jovens. E o mais importante nos dias de hoje é o art. XXIX que valoriza e exalta o homem do campo. E dentro deste item salientou a importância do surgimento dos laçadores urbanos, como exemplo, que trazem para a cidade uma parte da realidade da vida rural.

Em poucas palavras podemos destacar como conclusão final que, através da difusão e preservação da nossa cultura e de nossos valores morais, temos a possibilidade de dar base a uma sociedade harmônica, colaborando assim com o bem coletivo, o progresso e a evolução de um povo que tem como ideal os princípios de Liberdade, Igualdade e Humanidade.

#### **ASPECTOS DA CARTA DE PRINCIPIOS**

A carta de princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho escrita por Glaucus da Fonseca e apresentada, primeiramente, no 7º Congresso Tradicionalista, de 20 a 23 de Outubro de 1960, na cidade de Santo Ângelo, no CTG “20 de Setembro” 3ª RT, tendo sido aceita pelos delegados. Na ocasião, foi nomeada uma comissão para apreciar o conteúdo e apresentá-la por ocasião do próximo Congresso. Assim, com parecer favorável, o documento foi aprovado no 8º Congresso Tradicionalista, de 20 a 23 de outubro de 1961, realizado na cidade de Taquara/ 22ª RT, no CTG “Fogo de Chão”. Por deliberação da 11ª Convenção Tradicionalista, realizada no ano de 1977, na cidade de Santana do Livramento, o documento passou a constituir, na sua íntegra, o Art. 10 do Regulamento do Movimento tradicionalista Gaúcho.

A carta de princípios é a primeira e principal diretriz filosófica do Tradicionalismo, é o documento máximo a nortear e a orientar as atividades do Movimento Tradicionalista Gaúcho, através das Regiões Tradicionalistas e suas entidades filiadas.

Por ocasião do 36º Congresso Tradicionalista Gaúcho, de 10 a 13 de janeiro de 1991, no CTG “Júlio de Castilhos”, na cidade de Júlio de Castilhos/ 9ª RT, Dinara Paixão e Adriana de Rosa Yop apresentaram e aprovaram a proposta de realizar, por ocasião dos 30 anos do legado ideológico, um encontro estadual para estudo e reavaliação da Carta de Princípios do MTG.

O referido aconteceu em Santa Maria, no DT “Querência das Dores” nos dias 12, 13 e 14 de Julho de 1991. Sob a Coordenação de Dinara Paixão, os trabalhos foram divididos em cinco grupos:

- Grupo 1: Aspectos Éticos;
- Grupo 2: Aspectos Cívicos;
- Grupo 3: Aspectos Culturais;
- Grupo 4: Aspectos estruturais;
- Grupo 5: Aspectos Filosóficos.

Dentre outras conclusões, os participantes decidiram aprovar, por unanimidade, que: “ A Carta de Princípios do Tradicionalismo é resultado de um momento de inspiração e qualquer modificação no



seu conteúdo, seria destruir seu valor, como símbolo já aceitos a longos anos. É válida ainda hoje, a preocupação é viável a sua implantação no seio Tradicionalista”.

## **SIGNIFICADO DOS ASPECTOS DO DOCUMENTO**

### **1- ASPECTOS ÉTICOS**

É a parte da Filosofia e da Teologia, também chamada de Moral, cujo objeto, como ciência, são as leis ideais da verdade moral e, como arte, as regras idôneas para governar, com acerto, a própria vida.

Ética constitui-se na reflexão do comportamento moral dos homens, enquanto vivem na sociedade. É a reflexão, que propõem princípios para a ação. A ação como base nesses princípios, torna-se ética. A moral é a aplicação de princípios ou normas de comportamento humano. Todos os grupos humanos preservam seus valores fundamentais, transformando-os em normas, que devem ser seguidas por todos seus membros. A reflexão ética é o ato de repensar as normas e com estes princípios são aplicados ao comportamento humano devendo elevar e realizar a condição humana e a própria natureza.

Os aspectos éticos da Carta de Princípios são:

Art. 3º- Promover no seio do povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.

Art. 12- Evitar todas formas de vaidade e personalismo.

Art. 13- Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira.

Art. 14- Evitar atitudes pessoais ou coletivas, que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho.

Art. 15- Evitar que núcleos tradicionalistas adotem nomes de pessoas vivas.

Art. 16- Repudiar, enfim, todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista.

### **2- ASPECTOS CÍVICOS**

Civismo não é o simples ensinamento de regras de comportamento, mas é a atuação consciente e esclarecida do cidadão, no seio da comunidade, através do cumprimento dos seus deveres de cidadania e do seu esforço em contribuir para o progresso e engrandecimento de sua Pátria. A vivência do civismo se processa em círculos concêntricos, cujos perímetros vão desde o lar, passando pela vizinhança, bairro, cidade, país e mundo, abrangendo, em cada um dos círculos, uma série de relações humanas, cada vez mais amplas e mais gerais. É no lar. No seio da família, que começa a ser formado o ser cidadão consciente de seus deveres e dos seus direitos. Somente a educação bem conduzida, formativa ao invés de informativa, pode proporcionar ao indivíduo, condições de discernimento, que lhe permitam vencer a tendência natural ao egoísmo à imitação e à massificação, levando-o a realizar, de maneira mais plena e mais perfeita, a perfeita, à própria personalidade, fermento benéfico, que influirá sobre os outros indivíduos, concorrendo para um melhor nível intelectual, espiritual e moral da humanidade.

São os seguintes itens do aspecto cívico da Carta de Princípios:

Art. 2º- Cultuar e difundir a nossa história, nossa formação social, nosso Folclore, enfim, nossa tradição, como substância basilar de nacionalidade.

Art. 23- Comemorar e respeitar as datas efemérides e vultos nacionais e particularmente, o dia 20 de setembro, como data máxima do Rio Grande do Sul.

Art. 24- Lutar para que seja instituído, oficialmente, o dia do gaúcho, em paridade de condições com o “Dia do Colono” e outros “dias” respeitados publicamente.



Art. 26- Revalidar e reafirmar os valores fundamentais de nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.

Art. 27- Procurar o despertar de consciência para o espírito cívico de cada unidade e amor à Pátria.

Art. 29- Buscar, finalmente, a conquista de um Estágio de força social, que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas classes rio-grandense para atuar real poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões de moral e de vida do nosso Estado, rumando, fortalecido, para o campo e o homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.

### **3- ASPECTOS CULTURAIS**

Segundo as ciências humanas, cultura tem duplo sentido: um subjetivo e outro objetivo. O sentido subjetivo de cultura, conota a idéia de um alto grau de desenvolvimento das capacidades intelectuais do homem.

No sentido objetivo, cultura refere-se a todo o conjunto de criações, pelas quais o espírito humano marcou sua presença na história. Segundo a objetividade, o termo cultura é um fenômeno essencialmente social, criado pelo grupo, por ele transmitido no tempo, de geração à geração, e difundido no espaço, propiciando as combinações mais ricas e complexas dos fenômenos de aculturação.

São os Seguintes aspectos culturais da Carta de Princípios:

Art. 4º- Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo, combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resultado.

Art. 6º- Preservar nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares.

Art. 8º- Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes.

Art. 19- Influir na literatura, artes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas.

Art. 20- Zelar pela pureza e fidelidade de nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.

Art. 28- Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos.

### **4- ASPECTOS ESTRUTURAIS**

O indivíduo é um ser eminente social, logo vive em sociedade, onde desempenha uma série de papéis, de funções, junto aos grupos sociais, junto aos grupos permanentes, cujos papéis persistem independentemente de tal ou qual pessoa. Por isso, podemos afirmar que os papéis são mais estáveis, que os próprios ocupantes. Os grupos e os papéis são definidos e delimitados por meio de normas, cuja interação social, não depende só dos padrões normativos, mas podemos dizer que os papéis e grupos de diversos tipos são partes de uma Estrutura Social, na medida em que a estabilidade, regularidade e repetição na interação social se devem a normas sociais, que definem as funções e obrigações dos indivíduos e grupos.

A estrutura social inclui os seguintes elementos:

- papéis de vários tipos, dentro da sociedade ou dentro de cada grupo, cada papel relacionado com outros, através de normas;
- grupos de diversos tipos, coordenados entre si por normas reguladoras;
- normas que dirigem os grupos e papéis;
- valores culturais.



As normas e valores tendem a se cristalizar em cada sociedade, em sistemas institucionais dotados de certa estabilidade que garantem a sua permanência, não obtendo as modificações eventuais de detalhes que ocorram.

São os seguintes aspectos estruturais da Carta de Princípios:

Art. 1º- Auxiliar o Estado na solução de seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.

Art. 11- Acatar e respeitar as leis e os poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios do regime democrático vigente.

Art. 17- Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do tradicionalismo.

Art. 21- Estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social.

Art. 22- Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e o seio do povo, buscando conquistar para o MTG a boa vontade e a participação dos representantes de todas classes e profissões.

Art. 29- Buscar, finalmente, a conquista de um estágio de força social, que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas Classes Rio- grandenses, para atuar real, poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões morais de vida do nosso Estado, rumando fortalecido para o campo e o homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.

## **5- ASPECTOS FILOSÓFICOS**

A Filosofia é a ciência geral do conhecimento das coisas por suas causas ou primeiros princípios. É o sistema de princípios, que tem por objeto agrupar uma certa ordem de fatos para explicar, cada um dos sistemas particulares de filosofia; doutrina filosófica.

São os seguintes aspectos filosóficos da Carta de Princípios:

Art. 5º- Criar barreiras aos fatores e idéias, que nos vêm pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.

Art. 7º- Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através de reações emocionais etc.; criar, em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.

Art. 9º- Lutar pelos direitos humanos de liberdade, igualdade e humanidade.

Art. 10- Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que têm como característica essencial absoluta independência de sectarismo político, religioso e racial.

Art. 18- Incentivar, todas formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais.

Art. 25- Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.

### **TESE “ O SENTIMENTO E O VALOR DO TRADICIONALISMO” BARBOSA LESSA**

Esta tese foi escrita por Barbosa Lessa e aprovada no primeiro Congresso Tradicionalista, em Santa Maria - RS, em 1954. Trata-se de um documento que fundamenta a organização e ajuda a nortear o movimento que, na época, dava seus primeiros passos. Segue a íntegra da tese:

Na vida humana, a sociedade - mais que o indivíduo - constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e de pensar coletivamente. Isto é conseguido através da "herança social" ou da "cultura". Graças à cultura comum, os membros de uma sociedade possuem a unidade psicológica que lhes permite viverem em conjunto, com um mínimo de confusão. A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda a cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma



geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade.

### **A DESINTEGRAÇÃO DE NOSSA SOCIEDADE**

A cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração. Incluídas nesse panorama geral, a cultura e a sociedade de quaisquer dos povos ocidentais, necessariamente, apresentam, com maior ou menor intensidade, idêntica dissolução. É nos grandes centros urbanos que esse fenômeno se desenha mais nítido, através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil e outros índices de desintegração social.

Analisando tais circunstâncias, mestres da moderna Sociologia chegaram à conclusão de que problemas sociais cruciantes da atualidade são causados, ou incentivados, pelo relaxamento do controle dos costumes e noções tradicionais de cada cultura.

### **OS DOIS FATORES DE DESINTEGRAÇÃO**

Sociólogos de renome afirmam que a desintegração social, característica de nossa época, é devida a dois fatores:

Primeiro: o enfraquecimento das culturas locais.

Segundo: o desaparecimento gradativo dos "Grupos Locais" comunidades transmissoras de cultura.

Analisemos, então, esses dois fatores.

### **O ENFRAQUECIMENTO DO NÚCLEO CULTURAL**

A cultura de qualquer sociedade se compõe de duas partes. Há um núcleo sólido, de certa forma estável, constituído pelo **PATRIMÔNIO TRADICIONAL**. Nesse núcleo se concentram aqueles inúmeros hábitos, princípios morais, valores, associações e reações emocionais partilhados por **TODOS** os membros de determinada sociedade (como a linguagem, a indumentária típica, os princípios fundamentais de moral, etc. ou ainda, por **TODOS** os membros de certas categorias de indivíduos, dentro da sociedade (como as ocupações reservadas só às mulheres ou só aos homens, as reações emocionais típicas de todos os velhos ou de todas as crianças, bem como os conhecimentos técnicos reservados aos ferreiros, aos médicos, aos agricultores, etc.). Tais elementos culturais contribuem para o bem-estar da coletividade, pois o indivíduo fica sabendo como comportar-se em grupo, e qual o comportamento que pode esperar dos outros ("expectativas de comportamento"). Em suma: o cerne cultural dá, aos indivíduos, a unidade psicológica essencial ao funcionamento da sociedade.

Mas, cercando o núcleo, existe uma zona fluída e instável, constituída por elementos culturais chamados, em sociologia, Alternativas, e que são traços partilhados apenas por **ALGUNS** indivíduos, representando diferentes reações às mesmas situações, ou diferentes técnicas para alcançar os mesmos fins. (Certa pessoa viaja a cavalo, fazendo o mesmo percurso que outra prefere realizar em carroça; certa pessoa sente-se tremendamente ofendida se alguém faz "crítica" a um defeito físico seu, enquanto outra se comporta resignadamente face a tais críticas; etc.)

É esta zona de Alternativas que permite à cultura crescer e acomodar-se aos avanços de uma civilização. Evidentemente, quanto maior for o entreechoque com culturas diversas, maior será a possibilidade de adoção de novas Alternativas, por parte dos membros de uma sociedade.

Quando a cultura de determinado povo é invadida por novos hábitos e novas idéias, duas coisas podem ocorrer: se o patrimônio tradicional dessa cultura é coerente e forte, a sociedade só tem a lucrar com o referido contato, pois sabe analisar, escolher e integrar em seio aqueles traços culturais novos que, dentre muitos, realmente sejam benéficos à coletividade; se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: idéias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnordeando os indivíduos, e fazendo-os titubear entre as crença e valores mais antagônicos.



Quem mais sofre com essa confusão social - acentua o sociólogo Donal Pierson - são as crianças e os adolescentes, os responsáveis pela sociedade do porvir.

Crescendo nessas circunstâncias, a criança não sabe como agir, não é capaz de assumir, em seu espírito, qualquer expectativa clara de comportamento. E assim se originam, entre outros, os problemas da delinquência juvenil, resultados de uma desintegração social.

Pois bem. Devido ao surto surpreendente do maquinismo em nossos dias, bem como da facilidade de intercâmbio cultural entre os mais diversos povos, observa-se que o núcleo das culturas locais ou regionais vai se reduzindo gradativamente, a ponto de se ver sufocado pela zona das Alternativas. É a fluidez naturalmente se acentua, à medida que as sociedades mantêm novos contatos com traços culturais diferentes ou antagônicos, introduzidos por viajantes ou imigrantes, ou difundidos por livros, imprensa, cinema, etc. Nossa civilização, antes alicerçada num núcleo sólido e coerente, transformou-se numa variedades de Alternativas, entre as quais o indivíduo tem que escolher.. Sem ampla comunidade de hábitos e de idéias, porém, os indivíduos não reagem com unidade a certos estímulos, nem podem cooperar eficientemente. Daí os conflitos de ordem moral que afligem o indivíduo, fazendo atarantar-se sem saber quais as opiniões e os valores que merecem acatamento.

Essa insegurança reflete-se imediatamente na sociedade como um todo e, conseqüentemente no Estado, pois, conforme ensina Ralph Linton "embora os problemas de organizar e governar Estados nunca tenham sido perfeitamente resolvidos, uma coisa parece certa: se os cidadãos tiverem interesses e culturas comuns, com a vontade unificada que daí advém, quase qualquer tipo de organização formal de governo funcionará eficientemente; mas se isso não se verificar, nenhuma elaboração e padrões formais de governo, nenhuma multiplicação de lei, produzirá um Estado eficiente ou cidadãos satisfeitos".

## **O DESAPARECIMENTO DOS "GRUPOS LOCAIS"**

As duas unidades mais sociais mais importantes, como transmissoras de cultura, são a "família" e o "grupo local". Através dessas duas unidades, o indivíduo recebe, com maior intensidade, a sua "herança social".

São exemplos de "grupo local", em nossa sociedade, o "vizindário" ou "pago" das populações rurais, bem como as pequenas vilas do interior, ou ainda (um exemplo do passado) os bairros com vida própria das cidades de há alguns anos atrás.

Por "grupo local" entende-se o agregado de famílias e de indivíduos avulsos que vivem juntos em certa área, compartilhando hábitos e noções comuns.

Embora não tenha organização formal (como o distrito ou o município), o "grupo local" é a unidade social autêntica. O "pago", por exemplo, influencia a vida dos seus membros, estabelece limites à vida social (quais as famílias que podem ser convidadas para as festas), mantém elevado grau de cooperação entre os indivíduos, pois todos devem se auxiliar (antigos trabalhos de puxirão) e cada qual tem consciência desse dever de auxílio mútuo. O indivíduo conhece perfeitamente os costumes e os princípios morais instituídos pelo seu "pago"; além disso, há um conhecimento íntimo entre os membros de um mesmo "pago" (conhecem-se até os animais objetos pertencentes aos vizinhos). Todas essas circunstâncias influem para que o "grupo local" se constitua numa potente barragem para as transgressões à ordem pública ou à moral (furto, sedução, adultério, etc.). Ademais, embora não tenha um meio de reação formal (como a polícia), o "grupo local encerra grande força punitiva, através de medidas como a perda de prestígio, o ridículo, o ostracismo. Certamente já depreendemos, então, a grande importância de que se reveste o "grupo local" para assegurar a normalidade da vida comum, segundo os padrões culturais instituídos pelo grupo.

Acresce notar o seguinte: o integrar-se a um "grupo local" constitui verdadeira NECESSIDADE PSICOLÓGICA para o indivíduo normal. Este precisa de uma unidade social coesa, maior que a família, dentro da qual sinta que outros indivíduos são seus amigos, que compartilham



suas ideias e hábitos. Tanto é verdade que o indivíduo se sente inseguro quando se vê só entre estranhos.

Pois bem. O enfraquecimento da vida grupal - conforme acentuou Ralph Linton - é outra característica de nossa época. As unidades sociais pequenas estão gradativamente desaparecendo, e cedendo lugar às massas de indivíduos. Nas zonas rurais, os "grupos locais" ainda conservam um pouco de sua função como portadores de cultura; mas, em geral - devido ao afluxo de Alternativas - os jovens discordam dos padrões culturais antigos; acontece, porém, que a sociedade mais ampla - com a qual o jovem entra em contato por meio da imprensa, do rádio e cinema - ainda não têm padrões coerentes de vida para oferecer-lhes. Daí a insegurança que começa a notar-se em nossa sociedade rural.

Se nas zonas rurais se percebe apenas uma insegurança incipiente, apenas o relaxamento das forças do "grupo local", o que se percebe nas cidades é a desintegração total dessas forças. A mudança de padrões culturais, em nossos dias, tem sido tão rápida que, em geral, o adulto de hoje teve sua infância condicionada à vida segundo as bases do "grupo local". Ensinaram-lhe a esperar dos seus vizinhos encorajamento e apoio moral; e quando esses vizinhos se afastam, o indivíduo se sente perdido. Ele escolhe entre muitas Alternativas, mas não dispõe de meios para estabelecer contato com outros que tenham feito, escolha semelhante.

Sem o apoio de um grupo que pense do mesmo modo, é - lhe impossível sentir-se seguro a respeito de qualquer assunto. E assim o indivíduo torna-se presa fácil de qualquer propaganda insistente, (quer seja a má propaganda, quer seja a boa propaganda).

Por isso, Ralph Linton escreveu "A cidade moderna, com sua multiplicidade de organizações de toda a espécie, dá a imagem de uma massa de indivíduos que perderam seus "grupos locais" e estão tentando, de maneira tateante, substituí-los por alguma outra coisa. De todos os lados surgem novos tipos de agrupamentos, mas até agora nada foi encontrado, que pareça capaz de assumir as principais funções do "grupo local". Ser membro do Rotary Club, por exemplo, não substitui adequadamente a posse de vizinhos e amigos tal como se verifica nos grupos locais".

## **O MOVIMENTO TRADICIONALISTA RIO – GRANDENSE**

O movimento tradicionalista rio-grandense - que vem se desenvolvendo desde 1947, com características especialíssimas - visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. O fundamento científico deste movimento encontra-se na seguinte afirmação sociológica: "Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos, nesse núcleo, produzem conflitos entre indivíduos que compõem a sociedade, pois esses vêm a preferir valores diferentes, resultando, então, a perda da unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade".

Através da atividade artística, literária, recreativa ou esportiva, que o caracteriza - sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul - o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época.

E, através dos Centros de Tradições, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do "grupo local" que ele perdeu ou teme perder: o "pago". Mais que o seu "pago", o pago das gerações que o precederam.

Cada Centro de Tradições Gaúchas, em si, é um novo "Grupo Local". E à medida que surgem novos Centros, em todos os municípios do Rio Grande do Sul, vai o Tradicionalismo confundindo-se com o Regionalismo, pois opera para que todos os indivíduos que compõem a Região sintam os mesmos interesses, os mesmos afetos, e desta forma reintegrem a unidade psicológica da sociedade regional. E com isso o Tradicionalismo pode se transformar na maior força política do Rio Grande do Sul. Para evitar confusão de "política" com "política partidária", expressemo-nos assim: O



Tradicionalismo pode constituir-se na maior força a auxiliar o Estado na resolução dos problemas cruciais da coletividade.

Para compreendermos tal afirmativa, basta repetir a transcrição já feita: "Se os cidadãos tiverem interesses e culturas comuns, com vontade unificada que daí advém, quase qualquer tipo de organização formal de governo funcionará eficientemente. Mas, se isso não se verificar, nenhuma elaboração de padrões formais de governo, nenhuma multiplicação de lei, produzirá um Estado eficiente ou cidadãos satisfeitos.

### **O SENTIDO DO TRADICIONALISMO**

O Tradicionalismo consiste numa EXPERIÊNCIA do povo rio-grandense, no sentido de auxiliar as forças que pugnam pelo melhor funcionamento da engrenagem da sociedade. Como toda experiência social, não proporciona efeitos imediatamente perceptíveis. O transcurso do tempo é que virá dizer do acerto ou não desta campanha cultural. De qualquer forma, as gerações do futuro é que poderão indicar, com intensidade, os efeitos desta nossa - por enquanto - pálida experiência. E ao dizermos isso, estamos acentuando o erro daqueles que acreditam ser o Tradicionalismo uma tentativa estéril de "retorno ao passado". A realidade é justamente o oposto: o Tradicionalismo constrói para o futuro.

Feitas estas considerações preliminares, podemos tentar um conceito do movimento tradicionalista. E então diremos:

"Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida comum".

### **CARACTERÍSTICAS DO TRADICIONALISMO**

Mais do que uma teoria, o Tradicionalismo é um movimento. Age dentro da psicologia coletiva. Sua dinâmica realiza-se por intermédio dos Centros de Tradições Gaúchas, agremiações de cunho popular que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo "viva" as tradições rio-grandenses.

O Tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente POPULAR, não simplesmente intelectual. É verdade que o tradicionalismo continuará sendo compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual. Mas, para vencer, é fundamental que seja sentido e desenvolvido no seio das camadas populares, isto é, nas canchas de carreiras, nos auditórios de radioemissoras, nos festivais e bailes populares, na "Festas do Divino" e de "Navegantes", etc.

Para alcançar seus fins, o Tradicionalismo serve-se do Folclore, da Sociologia, da Arte, da Literatura, do Esporte, da Recreação, etc. Tradicionalismo não se confunde, pois, com Folclore, Literatura, Teatro, etc. Tudo isso constitui MEIOS para que o Tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia, etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os Tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo.

### **AS DUAS GRANDES QUESTÕES DO TRADICIONALISMO**

Existem duas questões importantíssimas, que de maneira nenhuma podem ser descuidadas pelos tradicionalistas, sob pena deste esforço cultural se desenhar, de antemão, como uma experiência fracassada.



## **ATENÇÃO ESPECIAL ÀS NOVAS GERAÇÕES**

Deve, o Tradicionalismo, operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração. Porque nós - os tradicionalistas de primeira arrancada - entramos para os Centros de Tradições Gaúchas movidos pela necessidade psicológica de encontrar o "grupo local" que havíamos perdido ou que tínhamos perder. Mas as gerações novas não chegaram a conhecer o grupo local como unidade social autêntica, e somente seguirão nossos passos por força de impulsos que a educação lhes ministrará.

Por isso não temo afirmar que o dia mais glorioso para o movimento tradicionalista será aquele em que a classe de Professores Primários do Rio Grande do Sul - consciente do sentido profundo desse gesto, e não por simples atitude de simpatia - oferecer seu decisivo apoio a esta campanha cultural.

Aliás, não se concebe que as Escolas Primárias continuem por mais tempo apartadas do movimento tradicionalista. Pois a maneira mais segura de garantir à criança o seu ajustamento à sociedade é precisamente fazer com que ela receba, de modo intensivo, aquela massa de hábitos, valores, associações e reações emocionais - o patrimônio tradicional, em suma - imprescindíveis para que o indivíduo se integre eficientemente na cultura comum.

## **ASSISTÊNCIA AO HOMEM DO CAMPO**

A idéia nuclear das Tradições Gaúchas é a figura do campeiro das nossas estâncias. Por isso, é sumamente necessário que o Tradicionalismo ampare social e moralmente o homem do campo, para que um dia não se chegue à situação paradoxal de manter-se uma Tradição de fantasia, em que se tecessem hinos de louvor ao "Monarca das Coxilhas", ao "Centauro dos Pampas", e esse gaúcho fosse um desajustado social, um pária lutando febrilmente pela própria subsistência. A nossa cultura somente poderá se impor sobre as outras culturas, no entrechoque inevitável, se for suficientemente prestigiosa. Daí a razão por que precisamos mostrar às novas gerações - bem como àqueles que, vindos de terras distantes, acorrerem à nossa querência - que as tradições gaúchas são REALMENTE belas, e que o gaúcho merece realmente a nossa admiração.

## **O TRADICIONALISMO COMO FORÇA ECONÔMICA**

Prestigiando as tradições gaúchas e prestando assistência moral e social ao homem do campo, o Tradicionalismo estará contribuindo de maneira inestimável para a solução do problema que ora sufoca a nossa vida econômica: o êxodo rural, a crise agrícola. É que, dentre as principais causas do êxodo rural, encontramos uma que foge ao âmbito dos fenômenos econômicos. Para proteger o homem do campo, e fazer com que ele permaneça no meio rural, não basta que o Estado lhe forneça meios econômicos mais seguros. Se o campesino acaso julgar que o lugar que lhe está reservado na sociedade encontra-se nas cidades, ele será um desajustado enquanto não realizar seu sonho de transferir-se para a cidade. Este fenômeno prende-se ao conceito sociológico de "status", que é a posição social de uma pessoa em relação a todas as outras com quem está em contato. Se "os outros" demonstram que certo indivíduo ocupa um "status" digno, ele fica satisfeito; mas se "os outros" demonstram o contrário, ele é, inconscientemente, levado a demonstrar habilidade, e, nesse afã, sempre deseja competir com os indivíduos que considera superiores, jamais com aqueles que considera inferiores. Assim sendo, se o campesino se considera inferior ao cidadão, mais cedo ou mais tarde tentará procurar a cidade, para ali competir com quem lhe rouba a posição social.

Prestigiando as tradições gaúchas, e prestando assistência moral e social ao homem do campo, o Tradicionalismo estará convencendo o campesino da dignidade e importância do seu "status". Estará, em suma, pondo em prática aquilo que o sanitarista Belizário Penna um dia salientou, mais ou menos nestes termos: "O Brasil é o país onde mais se fala em valorização. Valorização do café brasileiro, do dinheiro brasileiro, do algodão brasileiro, do boi brasileiro. Somente não se pensa na mais urgente e importante valorização: a do Homem brasileiro, a qual, por si só, estaria conduzindo a todas as outras".



## **MOVIMENTO ORGANIZADO**

Desde 1852, alguns estudiosos têm procurado preservar fazeres, usos e costumes do homem gaúcho. Antônio Álvares Ferreira Coruja foi o pioneiro, publicando, naquele ano, uma coleção de vocábulos e frases organizadas tratando do linguajar do gaúcho.

Diga-se, o linguajar do gaúcho, por mesclar o espanhol, o português, o guarani, os idiomas africanos, o quéchua (herdado pelos tropeiros) e mais recentemente alguma coisa do imigrante, é um código lingüístico muito especial.

Em 1.857, alguns intelectuais do Sul, a serviço da corte de D. Pedro II, fundam no Rio de Janeiro a primeira entidade tradicionalista ainda ativa, chamada Sociedade Sul-rio-grandense.

Em 1.894, os Irmãos Podestá, uruguaio, fundam em Montevidéu a Sociedad la criolla, objetivando reunir e difundir os valores gaúchos. Esta sociedade, atualmente, promove em Paso de los Toros, província de Tacurembó, a festa anual da Pátria gaúcha.

Em 1.898, inspirado em La Criolla, o major João Cezimbra Jacques, lidera em Porto Alegre a fundação do Grêmio Gaúcho. Em seguida, Jacques publica os primeiros escritos sobre o folclore gaúcho e por isso é, hoje, o Patrono do Tradicionalismo Gaúcho no Rio Grande do Sul.

Outros clubes gaúchos são fundados pelo interior do Estado.

A 10 de setembro de 1899 é fundada em Pelotas a União Gaúcha. Seu grande líder é o genial escritor Simões Lopes Neto. Depois de muitos anos a União paralizou as suas atividades e ressurgiu com atual surto tradicionalista adotando o nome União Gaúcha J. Simões Lopes.

A 19 de outubro de 1901 funda-se em Santa Maria o Grêmio Gaúcho, inspirado na entidade de mesmo nome fundada em Porto Alegre pelo santamariense Cezimbra Jacques.

Sociedade Gaúcha de Lomba Grande de São Leopoldo (hoje pertencente ao município de Novo Hamburgo) e Clube Farroupilha de Ijuí. Segundo Moro Mariante este sentimento nativista impregnado na criação das entidades de preservação do regionalismo tem a influência do Uruguai que conta com sua entidade tradicionalista La Criolla, fundada por Elias Regules, em 1894.

Com o advento da I e II Grande Guerra, isto é, entre 1.914 e 1.945, os fazeres, usos e costumes dos gaúchos permaneceram restritos aos galpões de estâncias, transmitidos de geração para geração. Mas, muita coisa se perdeu.

De 1945 em diante, em decorrência da guerra, a América do Sul passou à área de influência dos Estados Unidos e o rádio ao se expandir, carregou consigo a invasão cultural, reforçada mais tarde pelo cinema, e mais tarde ainda pela televisão. Em paralelo, a "Revolução Verde" levou para os campos o trator, a colheitadeira, o adubo, a semente híbrida e provocou o êxodo rural. Os primeiros migrantes rurais chegaram às cidades e receberam o choque da "modernidade".

Dentre os ex-rurais mais famosos, atingidos pela "modernidade" e autores da reação, estão os riograndenses Paixão Cortes e Barbosa Lessa que, ao lado de um punhado de outros também rapazes de estância, fundam o "35 Centro de Tradições Gaúchas" e dão origem, no Brasil, ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, hoje presente em sete estados.

O intelectual, para resgatar o gaúcho pioneiro, encontrou muito pouco: pequena literatura e dificuldade de pesquisar os afazeres, usos e costumes, Procurou suprir as deficiências com a figura do "gaúcho épico/histórico", o mito. E isso carregou fortemente os traços desse homem.

O gaúcho nem sempre foi um gaudério, nômade, guerreiro, bruto, indomável. Existem lindas páginas românticas, de uma sensibilidade indescritível sobre esse mestiço, confirmando-lhe as origens: o índio legou-lhe a hospitalidade, a visão quase religiosa da natureza e o jeito de lidar com os bichos; o missionário legou-lhe o sentido de família e comunidade; o espírito aventureiro veio-lhe dos ibéricos e o espírito guerreiro surgiu da associação das culturas ibéricas, guarani e charrua.

Em Santa Catarina, o primeiro CTG fundado foi em 29 de dezembro de 1959, o "Porteira Aberta", de São Miguel do Oeste, por obra do passofundense ali radicado, Alexandre Tiezerini.



Por falta de uma liderança expressiva, os gaúchos de Santa Catarina chegaram a ter três organizações federativas dos cetegês: O Movimento Tradicionalista Catarinense, a Associação Tradicionalista do Estado de Santa Catarina e o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Em 14 de junho de 1.988, no entanto, liderados pelo advogado, Jacob Momm Filho, os tradicionalistas fundem as três organizações em numa só, com o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina. Realizam, em outubro do mesmo ano, o 1º. Congresso Federal da Tradição Gaúcha, em Florianópolis, dando início à estruturação da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha - composta por sete estados (RS, SC, PR, MS, MT, SP e GO) - e desta à Confederação Internacional de Tradição Gaúcha - composta por quatro países (Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai).

Os cetegês e as entidades federativas são órgãos associativos e normativos, criando por assim dizer, as regras para concursos, competições, instrumentos, danças, pilchas, ritmos, auxiliando os pesquisadores e estudiosos da área.

### **CHIMARRÃO E ERVA MATE**

**A Erveira:** A erva adulta possui a aparência de uma laranjeira. Seu tronco, de casca lisa e esbranquiçada tem cerca de 30 cm de espessura, possuindo folhas perenes (não caem no inverno). Sua estatura varia de 6 a 8 metros de altura, o tronco é reto, com muitos ramos alternados. Uma erva nativa, com mais de 6 anos produz em média 100 Kg de matéria-prima por safra. Quando cultivada, apresentando mais ou menos 3 metros de altura aos 4 anos, chega a fornecer 90 a 180 Kg. Na América do Sul, existem em torno de 280 espécies, quase todas do gênero *Ilex*. A nossa erva-mate é extraída da *Ilex paraguariensis*. Os estados que produzem mate no Brasil são: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e, em mínima escala, São Paulo. Esta planta é nativa das matas sul-americanas: Brasil, Argentina, Paraguai e, em menor escala, Peru, Equador, Colômbia e Uruguai.

**Fazer a erva:** SAPECO – Após o corte dos ramos da erva, estes são passados rapidamente pelas labaredas de uma fogueira feita no local. A finalidade desta operação é a de abrir os vasos da folha através de uma intensa sudação, provocando uma desidratação mais rápida. CARIJÓ – Método primário, artesanal, de torrefação, usando o calor direto de uma fogueira, até as folhas se tornarem crespas e quebradiças. Esta operação dura aproximadamente 7 horas. BARBAQUÁ – Preenche a mesma finalidade do carijó, no caso do calor, é indireto. Esta operação varia de 14 a 16 horas para completar a torrefação. Este é o método empregado na industrialização da erva-mate. CANCHEAMENTO – É a trituração de folhas e caules na cancha. Esta operação, primitivamente, era feita sobre um carnal de couro cru, onde os ramos vindos do carijó eram golpeados com um facão de madeira. Seu acabamento era feito em pilões. Nas canchas mais evoluídas, com rolo sobre um tablado de madeira, é usada a tração animal. Após a trituração das folhas e caules, é feita a primeira peneiragem (cancha furada); a erva é peneirada na cancha. Depois disto, a erva-mate é ensacada ou enocada em depósitos arejados e secos.

**Tipos de erva-mate:** PURA FOLHA ou TIPO ARGENTINA – feita só da folha. BARBAQUÁ ou TIPO MISSIONEIRA – maior aproveitamento da erva com todo o ramo, isto é, folha e caule.

**Quanto à fortidão:** BRABA – seu sabor é forte. Custa mais a lavar. De cor verde escura, com mais ou menos 30% de extrato aquoso. MANSA – seu sabor é suave. Lava mais rapidamente. De cor amarelada, com baixa porcentagem de extrato aquoso. CAABERÁ e CAÚNA – os guaranis assim chamavam a erva-mate de má qualidade. Quando alguém se refere à má qualidade da erva-mate, costuma dizer: “que caúna braba!”

**Na intimidade do mate:** O ato de preparar o mate pode ser chamado de: Cevar o mate, Fechar o mate, Fazer o mate, Enfrenar o mate. Convite para tomar mate: Vamos matear? Vamos gervear? Vamos chimarrar? Vamos verdear? Vamos amarguear? Vamos apertar um mate? Que tal um mate? O mate pode ser tomado de três maneiras, em relação à companhia: o mate solito (isoladamente), o mate de parceria (uma companheira ou companheiro) e, finalmente, em roda de mate (grupo). Para se receber ou entregar a cuia de mate, deverá ser feito com a mão direita. No caso da mão direita estar



ocupada, a pessoa deverá dizer: - Desculpe a mão. Mas é a mesma do coração. Assim sendo, a roda sempre “andar” para o lado direito também. Nos mates de parceiro ou em rodas de mate, só se agradece quando não se quer mais matear, quando está satisfeito. MATE DO ESTRIBO – é o mate que se toma antes de ir embora. Normalmente o cevador costuma dizer para a pessoa que está por sair: “Tome outro para o estribo”. O ÚLTIMO MATE – quando alguém diz “Tome um último mate!”, o gaúcho responde: “O último nunca se toma!”. Porque este, só o destino pode nos oferecer. MATE DO JOÃO CARDOSO – é o mate que nunca chega, fica só na promessa. Segundo contam, era um sujeito que gostava muito de prostrar e com promessa de que já vinha o mate, ia fazendo com que as pessoas ficassem presas a sua curiosidade. João Simões Lopes Neto, em sua obra Contos Gauchescos, desenvolve o tema, que tem por título O Mate do João Cardoso.

**Fechar ou cevar o mate:** Colocar uma cevadura de erva-mate na cuia equivalente a 2/3 de sua capacidade. Acomodar a erva sobre um lado da cuia, colocando, para tanto, uma das mãos sobre a boca do porongo; fazer com que a cevadura encoste sobre um lado desejado, deixando um espaço vazio que venha desde o fundo. Ajeitar com calma para que assim permaneça. Colocar água morna ou fria, nunca chiando, pois queimaria a erva, dando-lhe um gosto amargo. O topete não deve ser molhado. Deixar por instantes a cuia recostada até inchar a erva. Tapando o bocal da bomba com o dedo polegar, introduzi-lo bem no fundo, sobre um costado da erva. Este primeiro mate é chamado de mate do zozzo, veneno do mate ou mate cuspidor. Em geral, o mateador sorve esta primeira infusão cuspidor fora, até roncar a cuia. VIRAR O MATE: consiste em trocar o lado que a erva está colocada na cuia cuidando para não desmanchar o topete, e assim ter um novo mate sem ser necessário trocar a erva. ENCILHAR O MATE: é quando o mate está lavado, e na falta de mais cevadura, se aproveita a erva ainda seca do topete. Tira-se a parte mais esgotada, ao fundo, e derruba-se parte do topete com erva nova.

**Bomba do mate:** A bomba do mate é formada por um canudo metálico, de 20 a 25 cm de comprimento e 5 a 8 milímetros de diâmetro. Os materiais mais encontrados na confecção de bombas são o latão, a alpaca e a prata. O ouro entra apenas nos detalhes, ponteira e resfriador. Partes da bomba: Haste, Ponteira e Coador. Nomenclatura da bomba – Bico: biqueira, bocal, chupeta, boquilha, ponteira. Anel: resfriador, pitanga, botão de rosa, passador. Haste: corpo da bomba, canudo. Coador: ralo, patilha, colher, bojo, coco, apartador. TACUAPI, A BOMBA PRIMITIVA: primitivamente, os índios da nação guarani, que foram os iniciadores do uso da erva-mate, criaram a bomba de taquara, por eles chamada tacuapi: vocábulo guarani, tacuá (cana oca), api (alisada).

**O porongueiro:** Pertence à família das cucurbitáceas (*Lagenaria vulgaris*). *Lagenaria*, origem latina (*lagena*: recipiente, copo). É uma trepadeira com folhas largas, espalmadas, simples, palminervas e enredadeiras. Planta de clima tropical, seu plantio é no início de setembro, encontrando-se várias espécies na América do Sul. Seu fruto é o porongo, que depois de maduro se torna lenhoso e oco, com sementes soltas em seu interior. Em guarani a cuia é chamada de caiguá: caa (erva), í (água) e guá (recipiente). Literalmente, recipiente para a água da erva-mate.

**Porta-cuia:** TRIPÉ – é um apoio formado por três hastes presas entre si por uma cinta, que possibilita à cuia descanso sobre uma circunferência amparada pelas hastes. TAQUAREMBÓ ou taquaçuru – corta-se, entre dois nós de taquara um trecho de quatro ou cinco dedos, que fica como um bracelete, e está pronto o porta-cuia. DE COURO – corta-se uma tira de sola de quatro dedos, costura-se um tento de tamanho que a circunferência formada seja um pouco menor que a parte mais cheia da cuia. CANECA – a caneca é um porta-cuia improvisado que também pode desempenhar esta função. CASAMENTO PERFEITO – recostar o porongo entre o bico e o corpo da chaleira. Esta cena é comum na imagem efetiva dos fogões. ACOMODADA NA CAMBONA – esta é outra forma comum de se encontrar o porongo, apoiado dentro da ambonam no fogo de chão ou nas cozinhas campeiras.

**Recipiente para a água:** CALDEIRA – suas características são semelhantes ao jarro, porém, mais bojuda, não possui tampa nem bico tubular. Sua principal função era a de aquecer grande quantidade de água, para diversas finalidades. CHALEIRA GRANDE – seu uso é semelhante ao da



caldeira, pois se torna incômodo seu manejo, devido ao tamanho. CHALEIRA MÉDIA – também chamada de pava, do tupi-guarani: peua, peva (chato, achatado). É a mais usada, por seu tamanho. CHALEIRA PRETA DE FERRO – é o tipo mais comum. Com o uso, chega a criar um casca de picumã. Não deve ser removida esta crosta, pois furaria com facilidade.

## **CULINÁRIA GAÚCHA**

### ***Almôndegas de charque***

Existem de dois tipos: 1) charque picado com toucinho e 2) charque desfiado, passando em ovos e farinha de mandioca. Esta última, em Palmares do Sul, é chamada "almôndega da tia Ricarda".

### ***Engasga-gato***

Ensopado com pedaços de charque da manta da barrigueira, exclusivamente.

### ***Cola-gaita***

Ensopado e pirão de farinha de mandioca com espinhaço de ovelha.

### ***Cadela-oveira***

Refogado que se faz, de manhã cedo, na região de Viamão até Palmares do Sul e Mostardas (sobretudo para a peonada e safristas) com restos de comida da noite anterior: frita-se uma cebola na gordura e aí se põe o que sobrou do feijão, do arroz, da carne, da massa, tudo bem mexido, às vezes até com farinha de mandioca e ovos. Come-se com o café da manhã.

### ***Cabo-de-relho***

Quase o mesmo que cadela-oveira, mas na Fronteira-Oeste.

### ***Fervido***

É um sopão com muito vegetal e osso com carne, sobretudo o caracu, com um tutano grosso e saboroso. Quando tirar está pronto, retiram-se com escumadeira as partes sólidas e o caldo, grosso e espesso é mexido com farinha de mandioca. O fervido tem um leve parentesco com o cozido português, mas nada a ver com o puchero.

### ***Puchero***

Na Espanha, puchero é uma panelinha (de barro, de ferro, de alumínio) onde se faz uma caldeirinha. No Prata e no RS, puchero é um sopão com muito vegetal e carne do peito (às vezes com costela e até linguça), mas sem tutano e sem pirão. Um sopão.

### ***Sôrda***

Prato comum na região do Litoral norte do estado, Palmares do Sul e Mostardas. É de origem açoriana, a açorda, ou sopa d'açorda. Tem caldo, leva muitos vegetais, linguça (ou peixe, ou até carne), uma parte de pirão, ovos duros derramados diretamente no caldo que sobra ou no pirão e tempero verde, ainda, por cima.

## **DANÇAS GAÚCHAS**

### **VALSA**

Ritmo que não pode faltar nas festas mais tradicionais da nossa sociedade: casamentos, aniversários, nos bailes de sarau. A valsa há muito tempo vem sendo a rainha das danças de salão, homenageada pelos maiores compositores da história como por exemplo Mozart, Bethoven, Strauss,



entre outros. Sua origem mais recente é das danças rústicas Alpinas da Áustria. Ao Brasil este ritmo chegou por volta de 1816 quando era muito dançada no Primeiro e Segundo Império e esta acabou caindo nas graças do povo. Para o Rio Grande do Sul, a Valsa foi trazida pelos imigrantes alemães e assim como outros ritmos ganhou características regionais tanto na música quanto na dança.

## **VANEIRA**

Sem sombra de dúvida, a vanera é o ritmo mais apreciado e mais executado nos bailes gaúchos. Ritmo afro-cubano a Habaneira influenciou vários ritmos dos países hispano-americanos sendo difundida na Espanha. Conhecida também como Havaneira, acredita-se que seu nome tenha sido uma homenagem a capital de Cuba, Havana ou também como é conhecida La Habana. Chegou ao Brasil por volta de 1866 e influenciou não só ritmos do RS como também o samba canção dos cariocas. No Rio Grande do Sul, a Vaneira ou vaneira ganhou outros nomes, de acordo com o andamento da música. Vaneirinha para ritmo lento, vaneira para ritmo moderado e vaneirão para ritmo rápido.

## **CHOTE**

O chote pode ter tido sua origem na Hungria, mas existem muitas divergências a este respeito. De acordo com Câmara Cascudo, o chote teve sua aparição no Brasil graças ao professor de danças Jules Transsaint, que em 28 de junho de 1851 lançou o chote com sucesso no Rio de Janeiro. Além do Rio Grande do Sul o Chote também é muito executado no nordeste brasileiro nos famosos bailes chamados de Forró.

## **BUGIO**

Quando falamos em Bugio, lembramos do primata das matas do sul do Brasil, macaco de pelos avermelhados que em muitas de suas atitudes imita ou se parece com o ser humano. Segundo Paixão Cortes e Barbosa Lessa, em pesquisa realizada por volta de 1940 encontram na região das Missões, Planalto e Serra Gaúcha o Bugio sendo dançado em todas as classes sociais. Inicialmente o Bugio era tocado em gaita ponto, ou popularmente como é chamada de gaita de voz trocada que ao abrir e fechar fole tirava-se sons que pareciam ser o do ronco do Bugio, e é assim que surge o ritmo essencialmente gaúcho que tem como sua principal característica o jogo de fole. Mas a relação com o primata não para por aí, pois nos passos da dança imitamos o Bugio na forma de caminhar dando pequenos saltos, ora para um lado, ora para outro.

## **MILONGA**

Segundo Câmara Cascudo, na língua Bunda, da República de Camarões, Melunga no plural tornase Milonga, palavra que, por volta de 1829, em Pernambuco, significa enrolação, conversalhada, enredo. Popular no subúrbio de Montevideo e de Buenos Aires ao final do século XIX é canto e dança do tipo da habaneira e do Tango Andaluz.

No Rio Grande do Sul, a Milonga foi introduzida ao som da viola que acompanhava os pajadores, logo em seguida outros instrumentos musicais foram sendo adaptados a este ritmo.



## **CHAMAMÉ**

Associa-se a palavra “Chamamé” a expressões como “assim no más”, “qualquer coisa”, “a minha amada”, “de qualquer maneira”. A dança originou-se na tribo indígena “Kaiguá”, entre Brasil e Corrientes, pelos índios era conhecida como “Polkakirei”, uma polca movida em ritmo ágil e contagiante, a palavra chamamé teria origem em na frase “Che amoa memé” que significa “te protejo”. Da forma que foi introduzida no Rio Grande do Sul já se perdera parte de sua originalidade. Tomou novas formas, outros instrumentos foram sendo introduzidos e este ritmo se tornou um dos mais empolgantes do nosso Fandango Gaúcho

## **MARCHA**

A marcha que marcou época em nosso País foi a Marcha “O Abre Alas” composta por Chiquinha Gonzaga para o Rancho Carnavalesco Rosa de Ouro em 1899, inspirada pelo ritmo marchado utilizado pelos negros quando desfilavam se requebrando pelas ruas. Um dos ritmos colaboradores para as danças de pares enlaçados foi o One Step, criado nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, que logo a seguir veio influenciar as danças de salão brasileiras. No Rio Grande do Sul a Marcha tem maior aceitação nos lugares onde predomina a colonização alemã.

## **POLCA**

Dança de ritmo rápido, a polca é uma dança viva e alegre. Trazida pelos alemães a polca chegou ao RS e sofreu alterações em sua denominação e execução tais como: Arrasta-Pé, Gasta-Sola ou Serrote, quando os passos de marcha eram arrastados sobre os assoalhos dos salões gaúchos. No nosso estado a polca foi adaptada em algumas brincadeiras como a polca de relação, polca das cadeiras entre outras.

## **RANCHEIRA**

Criada a partir do ritmo Mazurca, que se difundiu pelo Brasil quando do surgimento do rádio, a Rancheira tem sua característica própria diferenciando-se por ter sua acentuação forte no 1º tempo da Música e não no 2º tempo como é o caso da Mazurca.

## **TEROL**

O terol é ritmo que tem sua origem da Mazurca, e se tornou popular principalmente no litoral norte e planalto nordeste do Rio Grande do Sul. Tem como característica os passos puladinhos. Ao invés de enlaçar o par como na valsa o casal pode também tomar-se pelos braços conforme vimos na parte de postura e condução do par. Hoje em dia o passo de terol também é dançado quando se toca uma rancheira a exemplo do pau de fitas, dança tradicional do Rio Grande do Sul. Há, e não vamos esquecer do terol sapateado que pode ser executado entre meio aos pulinhos de marcha.

## **POLONAISE**

Segundo a obra “Humaitá Cultura Espontânea de Sua Gente” a Polonaise começa a ser relatada a partir de 1645 e teria sua origem de uma marcha triunfal de antigos guerreiros poloneses. No começo era dançada apenas por homens, mas com a evolução dos tempos foi aceita por pares mistos, dispostos



de acordo com a idade e grau de nobreza. No Rio Grande do Sul teve grande aceitação e tornou-se uma dança de integração entre os participantes dos fandangos gaúchos, sendo dançada no início ou pontos culminantes de festividades.

## **LIDA CAMPEIRA**

“O gaúcho é uma nomenclatura usada pelos viajantes em geral, para determinar a figura campeira que cavalga e lida com o gado cavalar e vacum pelos prados das três fronteiras, Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul” (ZATTERA, p. 70).

A lida do gaúcho do campo tem ricas manifestações culturais. Não se pode falar em gauchismo sem se falar na relação do homem do campo com seu cavalo, legado deixado pelos índios pampeanos charruas. O gaúcho nasce “cavaleiro por definição e vivendo do que arrecada como guia, changador, arrimado ou agregado, peão, vaqueiro, ginete e domador” (ZATTERA, p. 42).

Essa relação, firmada durante a formação da identidade cultural gaúcha, se concretiza no momento de fundação do movimento cultural: o desfile a cavalo em 07 de setembro de 1947. “O movimento tradicionalista nasceu a cavalo”, destaca Barbosa Lessa (2008, p. 69).

Como conta Zatti (1994, p. 30), o que os CTGs querem manter vivas com as invernadas campeiras são as tarefas que eram executadas nos rodeios das estâncias (doma, tiro de laço, pealo, entre outras). Esses rodeios (ato de reunir o gado, Repontando-o até lugar aberto no campo) eram motivados pelas contagens, marcação, apartação, capa, vacinação, cura de bicheiras, etc.

Outras atividades campeiras cotidianas são o aparte, que é a seleção de cabeças de gado a serem separadas do rebanho para abate, procriação ou marcação; a castração, retirada dos órgãos reprodutores dos bois machos que não serão utilizados para reprodução; a esquila, ato de cortar a lã dos ovinos; dentre outras.

Assim, o gaúcho é formado por três elementos indissociáveis: homem, cavalo e boi. O gado é a maior riqueza econômica das estâncias; o cavalo, o mais valioso bem individual do gaúcho, amigo e companheiro. “É o cavalo, em nossa rica linguagem regionalista, chamado carinhosamente de „pingo“. É ele, o centro das atrações nas carreiradas, tropeadas, rodeios, campereadas, marcações, domas, e especialmente nos desfiles comemorativos” (ZATTI, 1994, p. 45).

No Rodeio Crioulo Nacional, são realizadas as provas de Laço (individual, em duplas, trios ou em equipes), Rédeas, Chasque e Gineteada.

## **Equinos**

Os cavalos foram introduzidos na América do Sul pelos europeus, depois do descobrimento. A partir de 1536, os espanhóis já trazem cavalos à América do Sul, e em 1580 já haviam manadas de cavalos chimarrões (xucros), tanto na pampa uruguaia quanto no sul do Brasil. Quando chegaram os padres jesuítas, em 1626, já encontraram os índios charruas e minuanos montando cavalos.



O cavalo foi trazido para o Rio Grande do Sul do Uruguai, pelos padres missionários, seguindo a mesma rota do gado “frankeiro” (“aspas longas”). Essa raça bovina ainda é parte importante da tropa no sul do Brasil.

Para o gaúcho, não importa muito qual a raça do cavalo, mas sua utilidade e adequação à atividade. O cavalo crioulo é resultado do aprimoramento genético dos cavalos trazidos da Europa para a pampa, apresentando características muito adequadas para a lida com o gado, rústicos, fortes e hábeis nas manobras rápidas em espaços reduzidos.

O cavalo (do latim, *caballu*), quando não castrado, denomina-se garanhão ou bagual. O cavalo novo, macho, se chama potro, a fêmea é potranca.

O burro ou asno (*Equus africanus asinus*) também é chamado de jumento, jegue, jerico ou asno-doméstico (especialmente no nordeste do Brasil). Possui focinho e orelhas compridas, e porte geralmente menor do que os cavalos. São utilizados desde os tempos pré-históricos como animais de carga, mas também como animais de montaria, especialmente para cavalgadas.

As mulas são animais resultantes do cruzamento do Burro com a égua e se tratam de animais estéreis – que não produzem filhotes. Os muares eram utilizados pelo gaúcho apenas como riqueza comercial, para venda, por não serem apreciados como montaria, segundo Zatti (1994, p. 46).

## Encilha

Encilhar é colocar os arreios no animal. A encilha se compõe de várias peças colocadas sobre o lombo dos animais, chamadas arreios. Os aperos designam especificamente as partes dos arreios que servem para o governo, segurança e ornamento do animal (rédeas, cabeçada, cabresto, buçal, peitoral, rabicho, mania, etc.).

**Buçal e cabresto:** A primeira parte da encilha é o buçal, para segurar e amarrar o pingo. Também é importante fazer uma boa escova, para tirar gravetos e torrões de terra que ficam no lombo do cavalo, podendo ocasionar ferimentos. O buçal é uma peça complexa que vai na cabeça e no pescoço do cavalo. Além da cabeçada, há nele a "pescoceira" e a "focinheira", ligadas por duas argolas, e a "sedeira". À argola inferior prende-se o cabresto.

**Xergão ou baixeiro:** primeira peça de encilha colocada no lombo do animal. É um retângulo de lã de ovelha, que serve de forro para a encilha.

**Carona:** peça retangular irregular, com duas abas, que vai sobre o baixeiro. Serve para impedir o suor do animal de passar para os arreios, o que poderia apodrecer as peças de encilha.

**Basto:** tipo de arreio simples. Diferencia-se da sela por sua composição e formato. Pendurados aos dois lados dos bastos, estão os loros e os estribos.

**Cincha:** peça que aperta e firma os arreios. Composta por travessão, barrigueira, látego (para apertar) e sobrelátego (para regular). É colocada no “osso do peito” do cavalo, para não machucar o animal e nem afrouxar os arreios.



**Peiteira:** peça de uso opcional, presa às argolas da cincha. É usada em regiões de relevo acidentado, para impedir que os arreios deslizem para trás.

**Rabicho:** peça de uso opcional. Alça que passa por baixo da cola (rabo) do cavalo, fixado na parte de trás dos bastos. Não permite que os arreios deslizem para a frente.

**Pelego:** pele de ovelha sovada, serve para amaciar a encilha e proporcionar conforto ao cavaleiro.

**Cochonilho:** falso pelego, tecido em tear com fios de algodão ou lã, brancos ou pretos.

**Badana:** peça retangular, de pele curtida, bastante macia. De uso opcional. Utilizada bastante no verão, para não esquentar muito, e ao ir para bailes ou missas, para não ter na roupa fios do pelego.

**Sobrecincha:** serve para firmar com maior segurança todas as peças de encilha. Composta por travessão, barrigueira, látego e sobrelátego, além do cinchador.

**Laço:** o gaúcho de antigamente não saía de casa sem o laço, atado nos tentos do basto e apresilhado no cinchador. O laço é feito de tentos de couro trançado, podendo ser chumbado ou não.

**Freio:** Peça de metal que vai na boca do cavalo, apresilhado por uma barbela de metal que passa no queixo do animal. Inclui a cabeçada, testeira e as rédeas. Pode ser colocado antes do baixeiro ou ao final da encilha. Quando na lida de campo, em que é preciso ter o controle do animal desde o início da encilha, se coloca o freio antes do baixeiro. Nos rodeios, cavalgadas e atividades recreativas, quando o cavalo está amarrado, se coloca o freio por último, ao final da encilha.

Por fim, não esqueça: cavalo encilhado se monta!

## INDUMENTÁRIA

É inegável que se percebe uma identidade visual no trajar do homem gaúcho. A identificação de um tipo humano que se habitava as plagas sulinas e, ocasionalmente tropeava por outros rincões, dá-se facilmente pelas roupas que veste. Tais trajes, diferentes daqueles das modas universais citadinas, e ocasionalmente fundidas a elas, tornaram-se tradicionais através da funcionalidade para o homem rural sul-americano e foram documentados historicamente na iconografia, nos relatos de viajantes e outros documentos históricos importantes. Hoje, grande parte se conhece por reconstituições projetadas pelos tradicionalistas gaúchos, principalmente em festas campeiras, sociais e eventos festivalescos. Algumas peças ainda figuravam no uso social atual, como a bombacha, outras somente através de projeções, como os chiripás.

Algumas poucas peças, que se tornariam costumeiras e até típicas do vestuário do gaúcho em tempos mais remotos da formação social rio-grandense, eram de uso dos índios que viviam na região. O gaúcho só aparece na história após a mestiçagem dos índios com brancos, sendo descritos inicialmente como um tipo humano sem lei. Bem mais tarde é que, o gaúcho, torna-se ia a transfiguração do homem rural sul-rio-grandense, e que serviria como alcunha gentílica a todos nascidos nesse estado sulino.

É importante conhecer a história da formação do gaúcho, bem como da sociedade sul-rio-grandense, as influências dos colonizadores, os aspectos principais que teriam contribuído para a formação de seu caráter (trabalhos, moral, família, economia, sociabilidade), a fim de que, possamos entender o papel que o traje teve na sua identificação, tornando-se algo típico, ou seja, que visivelmente caracteriza o gaúcho em suas diferenças dos demais homens. Certamente essas peças identitárias não eram as mesmas do uso na moda universal (como traje social ocidental). Dessa forma,



classificamos como peças da Indumentária Tradicional Gauchesca, àquelas que foram usadas de forma regional pelo homem a cavalo dos pampas, onde as mesmas peças eram usadas por patrões e peões, diferenciando-os basicamente pela qualidade, determinada pelas platas.

Neste capítulo, limitamo-nos a ilustrar o que o gaúcho vestiu para divertimento da festa com baile então, não serão arroladas as peças de uso exclusivo ao trabalho, como o tirador, ou roupas que não cabem no ato da dança, como o poncho.

Embora reconheçamos a classificação por épocas trajares por alguns pesquisadores, não nos cabe dividir os trajares em épocas específicas, limitando-as unicamente ao tempo. Consideramos essa divisão um tanto simplória diante da complexidade que envolve a história da indumentária, pois não só o tempo revela, mas também a geografia, o clima, os costumes sociais e morais, as poses, a funcionalidade, a apropriação de elementos da moda e etc.

O devir da história é feito de camadas sobrepostas. Elas vão se extinguindo nas bordas, se adensando nos meios e nunca deixam de existir completamente. Nenhum período histórico, conseqüentemente com seus estilos e formas sociais, pode ser confinado entre data de nascimento e morto. (MOTTA, 2016, p37)

Começaremos, portanto com as roupas íntimas, partindo para as peças tradicionais numa pretensa evolução históricas, chegando ao diversos apetrechos e pilchas que figuraram no dançar gauchesco e da sociedade rurícola rio-grandense.

### **INDUMENTÁRIA TRADICIONAL DA PRENDA**

Para apresentar as peças da indumentária da prenda, usadas na projeção de bailes e bailados do folk pampeano, precisamos recorrer às modas vigentes nos séculos XVIII e XIX, com ênfase para esses últimos, por ser o período onde a sociedade rio-grandense já não era mais insipiente, e também, período onde a maioria das nossas danças tradicionais, ainda folclóricas, eram vivenciadas nos bailes das gentes do Rio Grande antigo.

Quanto aos aspectos históricos e econômicos da moda que a sociedade rio-grandense consumia no período colonial, de forma ampla, podemos dizer que, embora o Brasil tivesse pilares culturais lusitanos e comunhões com a coroa inglesa, num primeiro momento, consumia-se a moda vinda de Madrid, que adentrava pelo Prata e misturava-se ao trajar indígena já existente, e mais tarde, a moda vinda de Paris, que os grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro tratavam de irradiar para todas as demais províncias do Brasil, inclusive as do sul.

Sabendo então, que as modas inspiradoras do vestir das nossas chinocas foram as europeias, importante lembrarmos que para as “novas” entrarem nos vilarejos e estâncias, dependiam do acesso ao comércio e meios de comunicação da época, afora saber do caminho percorrido pelos tecidos, que eram oferecidos nas cidades e transportados para os mais afastados rincões por viajantes mascates e tropeiros, e, também, mais tarde, adquiridos pelas pequenas lojas do interior que vendiam de tudo um pouco.

Havia, também, a dificuldade em reproduzir os modelos, talhes e técnicas e técnicas de costura citadinos, que as mulheres do interior copiavam, ao seu modo, dando-lhes confecção artesanal, e adicionando enfeites, como rendados artesanais, que, de feitio delicado, nada perdiam em graciosidade para as rendas importadas.

Outros empregos artesanais, como o fuxico, os botões recheados de lã e algodão, botões esculpido em osso e guampa, buchinhos, diversas técnicas de bordados à mão, flores de tecidos, passamanarias de crochê e etc, eram muito usuais no vestir das nossas chinocas, inclusive o feito artesanal de ornatos e adereços como o fichu, o lenço de mão e alguns tipos de pentes decorados. A arte de costurar e as técnicas do artesanato eram comum entre as mulheres, dando um colorido que as mocinhas do interior ostentavam nos festos rurais e bailes dos tempos antigos.



A fim de participar de festas com baile, longe de casa, as famílias viajavam de carroça ou a cavalo, em trajes apropriados ao deslocamento. Algumas damas vestiam saiote, roupão, fraque, chapéu, capa etc. E lá chegando, em momento oportuno, vestiam-se de forma mais adequada ao baile, pois o momento exigia.

Anotam Marina M. Paixão Cortes e J.C. Paixão Cortes, sobre o trajar e o momento:

“E não é de estranhar que o referido modelo, venha a ser usado, não somente pela manhã, mas também pelo dia todo, e noite adentro, afora no baile, depois de saracotear junto ao fogão da cozinha ou por festivaescaas pistas de Rodeios...Que incoerência! (CORTES e CORTES, 1998, p7)

Tal crítica, os autores destinam àquelas prendas (tradicionalistas) que não conseguem entender a adequação do traje ao momento. No entanto, não queremos sugerir a exigência de que para cada ato de uma festança tradicionalista atual, as nossas prendas devam, obrigatoriamente, ter um traje específico para cada ato dentro do festo, bastando que possuam a consciência da funcionalidade do traje para cada ocasião, evitando a incoerência, o desconforto e até, em situações específicas, uma possível descaracterização do traje feminino dos tempos dos nossos avoengos.

São raríssimos os registros do trjar da mulher rio-grandense na iconografia, mas são preciosos alguns testemunhos deixados por vários viajantes , dentre eles, Auguste de Saint-Hilaire:

Mas a dona da casa aqui se veste de modo idêntico a da senhora da choupana de Itapeva; usa um vestido de nanquim azul, mangas compridas e um fichu de musselina. ( SAINT-HILAIRE, 2002. p15)

Várias descrições como essa, são registradas em Viagem ao Rio Grande do Sul, escrita pelo botânico francês entre 1820 e 1821.

Mais raros ainda, são os descritivos sobre o trajar em festa, onde levamos em consideração o ato comum de endomingar-se, usando do melhor que se tinha, e sabendo da especial ocasião de um baile, o emprego de maior asseio, no traje e no trato.

Assim, até por não aparecerem descrições mais pitoresca como as encontradas sobre as roupas dos gaúchos, vemos que o traje vestido pelas as mulheres rio-grandense, não era muito diferente das roupas das modas europeias, guardadas as peculiaridades individuais de posse, gosto, necessidade e funcionalidade.

Sendo assim, de modo geral, e, independente do estrato social, o traje festivo ou de baile não era o mesmo ordinário das atividades comuns, sendo evidente o asseio. Da mesma forma é importante lembrarmos que, se na sociedade urbanas os acontecimentos sociais davam substancia para que se confeccionasse um traje determinado ao baile, na sociedade rural não era bem assim. As mulheres do interior também eram vaidosas, mas a funcionalidade, a moral que se aplicava ao meio rural e a usabilidade do traje vai além do uso unicamente festivo, sendo, portanto, que possa ser usado para outras ocasiões que não exclusivamente à um baile com uma toilette exclusiva à este tipo de evento. Ou seja, se na cidade encontramos o “traje de baile” e que só será usado neste momento social





específico, no interior vamos encontrar um “traje domingueiro” que poderá ser usado no baile, na missa, numa reunião festiva sem baile, para assistir uma carreirada e etc.

Atentos ao exposto, entendemos que não aplicam-se as modas aos hábitos rurais da mesma forma que os núcleos citadinos. Se ainda hoje vemos essa diferença na sociedade contemporânea, maiores eram as diferenças no século XIX, vendo imediatamente a diferença pelo ambiente diverso de um “salão forrado a papel francês”, de uma “ramada na estância do fundo”, da “casa do aniversariante” ou do “salão da igreja em dia de casório”.

É importante, além do conhecimento da história representada pelo traje, que tenhamos plena consciência do momento em que deve ser usado, as possíveis mensagens que transmitem, seja pela cor, pelo talhe, pela adequação à idade e pelo status social representativo, afora, à coerência dos materiais empregados, ao penteado, à maquiagem, etc.

De grande importância também, é a postura adotada ao entrajarse, pois é neste aspecto que percebemos se a prenda vive a tradição, ou se apenas se fantasia para a cena, sem maior preocupação com a mensagem que transmitirá, embora que, quando a segunda opção se manifeste, fatalmente não convencerá nos seus atos que seja detentora de cultura e apreço maior às coisas da nossa tradição. É triste, mas é a realidade de algumas prendinhas, não a maioria, pilcham-se visando unicamente a estética (por vezes de gosto duvidoso) sem maior consciência da importância do momento para a preservação e divulgação da nossa cultura, tradições e costumes.

Guardadas as peculiaridades do vestir das crianças e das mocinhas, que merecem uma leitura especial em capítulo próprio, apresentamos, aqui, as peças da indumentária feminina, com anotações dos usos e costumes antigos. Contribuições da moda e da representações nas projeções atuais, em festas tradicionalistas, começando pela roupa “que não se vê” e passando pelas peças que deram a silhueta, o colorido e adornaram o trajar da mulher gaúcha.

Sobre o bem vestir nos tablados, é um regalo ver uma prenda bem pilchada, dançando nossos temas pastoris com consciência de que, mesmo não vivendo no seu dia-a-dia os costumes campestres, esteja verdadeiramente representando a mulher gaúcha, aquela, que dançou nas festas de chão batido, varrendo a terra bruta com as vassourinhas, sarandeu ativa nos fandangos, mostrando, com consciência e beleza, toda a graça e singeleza, predicados das nossas chinocas campestres.

### O TRAJAR MIRIM

Dentro do contexto do tradicionalismo gaúcho, na Invernada Mirim as crianças têm a oportunidade de desenvolver a arte e o culto às nossas tradições através da dança, declamação, canção e outras atividades artísticas. Oportunidade, porque pelo menos uma dessas atividades, o dançar gauchesco, era, originalmente, divertimento exclusivo dos adultos. As crianças, tinham seu jeito próprio de divertir-se, brincando de “cinco-marias”, “gado-de-osso”, cirandas e cantigas, livre dos ditames sociais que um baile impõe, pelos costumes morais, aos dançantes adultos.

São raros os escritos que relatam a vida das crianças nos pagos gaúchos, principalmente em festejos, mas os poucos que encontramos marcadamente fazem referência a infância como fase de despreocupação com a responsabilidade, sendo que a criança queria mesmo era só brincar! Mais tarde vai ser inserindo nas lidas mais fáceis da casa e do serviço do campo num natural aprendizado





do trabalho, comum em épocas em que a educação institucionalizada ainda não havia chegado.

Se a infância não figurou nos bailes antigos, limitando-se às brincadeiras diurnas e cantigas, longe do pensamento dos “meneios em conquistas amorosas”, colocá-la no tablado para dançar nossos temas tradicionais foi um ato proporcionado pelo Tradicionalismo Gaúcho como Movimento Cultural. Com o objetivo de integrar as crianças à sociedade tradicionalista gauchesca, esse Movimento deu oportunidade para a criançada aprender, gostar, apropriar-se e divulgar nossa arte tão bonita em várias expressões a que destacamos a dança.

O Termo mirim, para designar o ser infantil, tem origem tupi. Cremos ser uma forma que o tradicionalismo encontrou para dar uma alcunha regional à criança tradicionalista.

Sobre o dançar dos nossos mirins, podemos acrescentar ainda que, orientadas, de forma lúdica e um tanto distante da maturidade e dos “pensamentos profanos” – sem recorrer a posturas galantes ou entonadas – os mirins aprendem a dançar nossos temas campechanos como Sarna, o pezinho, o maçanico o dedinho e tantas outras danças como puro ato de divertimento com os amiguinhos, num revitalizar da sociedade tradicionalista e da cultura gaúcha.

Classificamos a Indumentária Mirim como uma Projeção do Traje Tradicional Gaúcho, adaptada à infância, pois criança alguma se pilchava antes da existência do Movimento Tradicionalista organizado.

As crianças tinham suas roupas. A história do vestuário nos mostrará isso com detalhes. Mais diante da indumentária tradicional gaúcha o contexto é outro...



## O TRAJAR MIRIM SUA REPRESENTATIVIDADE, FUNCIONALIDADE E DURABILIDADE

As peças do traje que tipificavam nossa gente nos tempos antigos não atingiram as crianças, ficando essas, de forma geral, vestidas às modas vigentes de cada época de acordo com as posses da família. Vamos trazer aqui, alguns aspectos oportunos sobre a vestimenta projetada nos mirins, nos tablados, que podemos aplicar tanto às prendinhas quanto aos piás:

**Representatividade:** a representação infantil é inocente e espontânea, despida dos pensamentos e atos da conquista amorosa. A criança brinca de dançar imitando a gauchada que lhe deu criação, porém a seu jeito, autenticamente infantil.

**Funcionalidade:** se a criança brinca, precisa que a roupa seja adequada para brincar. O vestidinho curto e poucas peças nos seu vestuários justificam tal funcionalidade. Entrar em “peleias” de congressos e encontros regimentados defendendo que o mirim não usava isso ou aquilo do traje típico gauchesco, justificando-se na moda ou na história, é um erro afinal, o guri do Rio Grande do



Sul, originalmente sequer usou bombacha. Então, se alguma discussão sobre a indumentária de “gaúcho mirim” for válida, será, neste caso, pela funcionalidade. Peças que não tem correspondência com seu status social e familiar, bem como, as que limitem seus movimentos ou ainda, lhe tragam certa “responsabilidade”, não terão fator funcional ao ser infantil.

**Durabilidade:** “crianças crescem feito abóboras!” esse ditado antigo resume o que queremos dizer aqui. Não adianta gastar com tecidos, passamentos, ornamentos e cores caras se o tempo de uso da peça será curto. Justifica-se pelo tempo de uso, o emprego de materiais mais baratos (tecidos, enfeite), as combinações de dois ou mais tecidos (retalhos), singelos bordados ou trabalhos artesanais de crochê, feitos pelas próprias mães, acabavam barateando o custo dos vestidinhos sem precisar comprar passamanarias no comércio de outros tempos, onde esses produtos eram importados. Ainda, pela sapiência das costureiras antigas (na maioria das vezes, as mães e avós da criança, pois não teria cabimento – afora para os ricos – contratar trabalho de costureira do povo, para fazer um vestidinho que não vai durar muito). Aplicando, por vezes, tomas nas saias (de cima e de baixo), mangas e corpo para irem se soltando conforme a menina cresce, ou ainda deixando sobras por dentro) e babados duplos para soltar depois, fechamento dos botões com funcional transpasse (folga para soltar mais tarde)... , enfim, uma série de engendres que tem funcionalidade para durabilidade do vestidinho. Outrossim, deve-se tomar cuidado para que as sobras não fiquem marcando o corpo em volumes que prejudiquem a estética. Na bombacha, deixar um pouco de sobra por dentro do cós e do punho para se soltar mais tarde, também é um opção que aumenta a durabilidade da peça. Já a camisa não há o que fazer, não caia no ato falho de parecer que está vestido com “a camisa do irmão mais velho”, a camisa bonita é camisa no tamanho certo.



## O TRAJAR DO PEÃO MIRIM

**Cores:** Para as camisas: sempre em tons claros, preferencialmente neutros, sendo o costume para toda idade. Para as bombachas: cores preferencialmente neutras e frias, sem exagero de tons escuros e nem “pastel” fora do contexto infantil masculino (nem o extremo escuro do cinza chumbo, nem o extremo claro do azul-bebê).

**Tecidos:** As camisas **podem ser lisas ou com listrados ou xadrezes discretos e miúdos**, geralmente em algodão ou linho, usam-se hoje, tecidos que imitam esses. Para a **bombachas**, os mesmos panos usados pelos adultos (**tergal, lã, linho, algodão e etc.**) com padrões lisos, listras e xadrez discreto, lembrando que a simplicidade na criança é algo característico pois a durabilidade



(tempo de uso) da peça é baixa. Para os lenços podem ser usados o algodão fino, a seda e as sedas artificiais (raiom,acetato etc) sem exagero de brilho (dourado, prateado etc).

**Bombacha:** de modelo tradicional, **sem bolsos atrás nem lapelas (na frente ou atrás)**, sem passador de cinto, com ou sem favos (favos ou preguinhas sem exagero de larguras); observar que a bombacha tem características próprias, fugindo da calça “esticada” e daquelas grandes ou largas demais, deixando o piazito parecendo um mini-adulto;

**Camisa:** do tipo social, aberta com botões, de manga comprida com punhos, sem bolsos, sem bordados ou estampas

**Guaiaca ou cinto:** de modelos simples, adequada ao tamanho da criança (cinto muito largo em criança não é confortável) com uma fivela, com ou sem bolsos (bocó) de cores tradicionais (tons acastanhados, marrons e preto).

**Bota:** de couro vacum, preta e tons de marrom, sem enfeites na biqueira, no contraforte ou no espelho (o reforço é feito sempre por dentro e não por fora), enfim, uma bota simples, com sola normal, **sem os exageros das caricatas “botas de chula”**.



**Lenço:** adequado ao tamanho do guri, nem grande demais, nem “pitoco”. Veremos maiormente as cores mais costumeiras e padrões lisos. Lembremos: o simples impera! **Usa-se somente no pescoço, à moda atual – fechado (por dentro ou fora da gola)** ou ainda com as pontas para trás – mosquinha, mas não folgado como o uso à moda antiga. *O uso à corsário, meia-espalda e aberto à moda antiga estão ausente na projeção do trajar mirim pela ausência de funcionalidade, primando sempre pela forma mais simples.*

**Cuidado com os nós e topes muito grandes, desproporcionais ao porte infantil.** Não há justificativa em defender que mirim deva usar determinados tipos de nós, afinal, o trajar mirim é mais simbólico do que costume autêntico da criança, sendo assim, qualquer nó ou tope (desde que nas proporções adequadas ao tronco de uma criança) é admissível.

**Outros aspectos: Paixão Côrtes sugeriu em obras e cursos, que estariam ausentes do uso mirim peças como: faixas, colete, chapéu, espora, faca, pala e casaco.** Concordamos com tal sugestão por se tratar de uma projeção da indumentária tradicional. A vestimenta dos peões mirins de modo simplista, respeitará a funcionalidade, durabilidade e representatividade, mantendo atipificação do gaúcho em singela representação, tirando-lhes a responsabilidade de ostentar peças que não cabem a sua condição infantil.





## O TRAJAR DA PRENDA CHIRUA

**Tecidos e cores:** Os tecidos usados pelas mulheres maduras para dias de festa são escolhidos de acordo com o clima, ocasião e posse, sendo de diversas qualidades de algodão, linho, lã e mescla; a seda com a menor frequência e que remetem as senhoras de boas posses, que eram poucas na sociedade campestre. Tecidos modernos que imitam os antigos, desde que semelhantes nas suas características podem ser usados sem nenhum risco a representatividade na projeção do traje. **Sobre as cores, estas já não são tão vividas quanto as que vestiam nos tempos de moça chinoca, pois a idade e o status civil lhe conferem ar de sobriedade mesmo que em ambientes festivos, fugindo do amarelo canário, do rosa-choque, do verde limão, do vermelho vivo e outras cores expressivas de uma fase mais jovem.** *Os tons, agora um tanto mais austeros, no entanto, não deixam de trazer o colorido (mostarda, oliva, magenta, azulão e outras cores com uma sombra maior que as usadas pelas moças adultas).* Corretos aviamentos, enfeites e rendados, e a mistura de panos e cores, caso aplicada com boa estética, respeitando a representatividade da veterana, podem trazer boa harmonia. Lembremos que em determinadas invernações veteranas a diferença de idade é gritante, por exemplo, enquanto temos prendas de trinta anos, poderemos ter outras de sessenta, essa diferença de idades pode e deve ser respeitada no trajar, no entanto, é bom atentarmos à harmonia grupal e ao conceito de sociedade que os chirus e chiruas projetam no tablado a fim de não descaracterizar os trajes dos nossos avoengos. *As fazendas podem ser lisas, listradas, xadrez e estampados diversos que respeitem as características dos padrões antigos para uma correta e harmoniosa projeção.*

**Modelos:** há quem diga por aí afora que chirua só deva usar saia e casaquinho. Não podemos confundir o que é mais usual e transformá-lo em única opção. *Os modelos de saia, casaquinho, véstia, bolero, vestido e etc. Então sempre de acordo com o corpo da dama.* Se uma veterana tem corpo adequado para um vestido, poderá vesti-lo sem prejuízos à representatividade histórica. Atentemo-nos, outrossim, de que os modelos devem ser de acordo com a idade que conferem essas damas. Conhecer o seu corpo, suas medidas e suas curvas, que em certa idade mudam muito em relação ao corpo de moça, já é o melhor começo para saber qual o modelo ficará melhor vestido. *Se a combinação de saia e casaquinho é a mais usual é porque o padrão de corpo das senhoras chiruas é parecido, no entanto temos a saia cadeirão, a saia de corredor, o basquê (pra quem pode), o bolero, a véstia feminina e etc.,* e todas essas peças, com grande variedade de adequações a cada tipo de corpo, podem ser usadas pelas chiruas. Então, primeiro conhecer o corpo e depois escolher o modelo e o tecido adequado, sem se ater a regramentos infundados.





## O TRAJAR DA PRENDA CHIRUA

**Adornos e adereços:** servem para embelezar a dama e o traje. Entre as joias e as bijuterias podem ser usados broches (marcassitas, outro, prata, louças, mosaicos e etc), camafeus (pedra, caramujo), brinco caído e anel de diversos materiais (ouro, prata, marcassita e outros metais). As bijuterias de hoje que imitam bem esses materiais não trazem nenhum prejuízo à projeção no tablado. **Outros adereços são o fichu, o jabô e o basquê.**



**Sapatos:** geralmente de couro, mas tem aqueles forradas de pano adequados (brocado, gorgorão, tafetá) que as senhoras de boas possuem usavam. Com salto reto ou chanfrado. Alguns podem receber adornos na gáspea, e são fechados com fivelinhas ou botões ou ainda amarrados com adequadas fitas. **Quando as cores, imperam as sóbrias como o preto, marrom, tons acastanhados.** *Os sapatos claros são para as mocinhas e crianças.*



**Penteados:** Para as senhoras já casadas o uso comum era o coque, que pode ser feito com diversos arranjos, porém, sem exageros. Fita e flor no cabelo já é coisa do passado, agora, as senhoras quando usam alguns enfeites no cabelo (não sendo uma obrigação), valem-se materiais mais funcionais, mais ainda mantendo ainda o aspecto estético. Pentes, grampos e travessas feito de casco de tartaruga, chifre, osso, camafeu, enfim, enfeites já mais discretos que das fases anteriores da vida e que em comparação às fitas e flores (perceíveis), trazem características de estabilidade e solidez. A maquiagem é discreta, longe dos arranjos coloridos.



## O TRAJAR DO PEÃO CHIRÚ

**Tecidos e cores:** para as roupas de cima usam-se tecidos de algodão, lã, linho e mescla diversas de várias qualidades (ler descrição das peças no capítulo “peças das indumentária do gaúcho”), no entanto, cuidar para reproduzi-las com tecidos de caimento e textura adequados às peças. Terno de bombacha com as três peças feitas de idêntica fazenda, era característica consoante à “boa posse” (minoria absoluta) e somente em momento mais recentes na história. Para as roupas de baixo (ceroulas e camisas) o algodão ordinário como o morim e o de sacaria são os mais aplicados, e ainda, o linho; posteriormente, nas camisas de botão aplicam-se fazendas de algodão de melhor qualidade que das camisas antigas que mal apareciam em trajes. A seda tem aplicação somente em lenços e palas. Tecidos sintéticos e mesclas de imitam as antigas fazendas, são aplicados em reconstituições para fins de projeção em apresentações artísticas observando a semelhanças de características em caimentos, textura, cor e padrão. As cores preferidas dos gaúchos



são sóbrios, os tons variando entre claros, médios e escuros. Imperam cores neutras e frias e com pouquíssima distinção alguma cor quente. Ausente de tons gritantes.

**Peças da indumentária:** as peças usadas pelos veteranos são as mesmas usadas pelos adultos e estão descritas a seguir. Diferenciam-se, ocasionalmente, na aplicabilidade das cores.



## MÚSICA E INSTRUMENTOS MUSICAIS

**Gaita:** Chegou ao Rio Grande do Sul com os imigrantes italianos. Essa era a gaita de botão, isto é, de voz trocada, porque tem escala diatônica, ou seja, um som quando abre sobre outro quando fecha. A gaita piano apareceu no RS entre as décadas de 20 e 30. Tem escala cromática. A gaita verdadeira é a de foles, dos escoceses. O acordeom chegou em 1865 e também tem foles. A risada franca dos galpões entre os gaúchos é chamada de gaitada.

**Viola:** O mais antigo instrumento musical de que se tem notícia. É uma guitarra de 6 cordas duplas (12 cordas). No Rio Grande do Sul está praticamente desaparecida.

**Violão:** Acredita-se que sua introdução no Rio Grande do Sul tenha ocorrido pelos portugueses durante a Guerra do Paraguai. Popularizou-se no meio rural e urbano.

**Rabeca:** Foi trazida pelos europeus. É um violino fabricado e tocado de forma folclórica. Com 4 cordas de tripa, de sonoridade melancólica.

**Triângulo:** É de origem africana e é utilizado no Terno de Reis.

**Pandeiro:** É de origem árabe ou turca e aparece no Terno de Reis.



## JOGOS TRADICIONALISTAS

### **Cancha Reta**

As corridas de cancha reta, deve ser em um terreno firme. Podem ter quatro trilhos ou caminhos com uma distância de um metro do outro, com comprimento de 200 a 500 metros.

Um "bandeirista", chamado de "verdor de mau jogo", confirma a saída dos cavalos e o juiz, ou "senteciador", anuncia o vencedor.

Quando correm apenas dois animais, diz-se **CARRERA**, quando participam três ou mais, diz-se **PENCA** ou **CALIFÓRNIA**. O corredor ou ginete usa uma "festa" ou "tala" para fustigar o animal e, para picar, usa espora ou esporim. O final da raia chama-se "sentença". Diz-se que um cavalo "ganha luz", quando ultrapassa o adversário de corpo inteiro.

### **Jogo de Osso ou Tava (ou Taba)**

Chegou com os espanhóis, com a fundação de Buenos Aires, em 1580, este jogo popularizou-se.

A **PISTA**- mede sete passos e meio entre a cabeceira e a raia. Deve-se delimitar onde o osso deve cair. As proximidades da raia são constantemente umedecidas para que o osso não "pique", ou seja, ao bater no chão duro não deve tornar a saltar.

O **OSSO**- tava, astrágalo, osso extraído do jarrete da rês.

O lado mais liso é "culo" e a face côncava é "suerte". Geralmente as tabas são ferradas, mas diz-se que a tava está "carregada" ou "chumbada", quando está viciada, preparada para cair da maneira desejada pelo jogador.

O **JOGO**- o osso é lançado das cabeceiras da pista para o centro, onde existe a raia, dividindo a pista. Os jogadores inclinados, atiram o osso de "volta e meia" ou de "duas voltas" (as maneiras mais comuns). De "roldana", quando a tava vai girando sempre.

Ao cair, deve ficar "clavado", ou seja firme com o culo ou suerte para cima: se cair de lado, repete o lance, porque não houve ganhador.

### **Tejo**

De origem espanhola vigente na região da fronteira.

O Tejo pode ser um pedaço de telha ou pedra arredondada em formato de moeda, ou moedões de chumbo.

Com a faca é riscado no chão um retângulo de 40x30 com um buraco pequeno onde caiba o tejo. Na borda do buraco, crava-se a faca, e na direção desta traça-se, no chão, uma raia de 10 a 15 passos de distância, onde se colocam os jogadores, para fazer o arremesso.

O tejo se cair dentro do buraco é 4 pontos, se bater na faca ou palo ou sobre a linha divisória conta 2 pontos, e se cair dentro do retângulo é 1 ponto. Batendo no palo e cair no buraco somam-se 6 pontos.

### **Mora**

Característico na região italiana. Dois jogadores abrem a mão ao mesmo tempo, e canta, cada um, um número de um a dez. A soma do que os dois cantarem, dá um ponto a quem tiver acertado. Como é considerado melhor jogador quem tiver chamado primeiro, o jogo fica muito rápido. Existem três tipos de Mora, a Mora Ponto Parola, Mora Corrida e a Mora Cantada.

### **LENDAS**

#### **A lenda da São Sepé**

Sepé era um índio valente e bom, que lutou contra os estrangeiros para defender a terra das missões. Ele era predestinado por Deus e São Miguel: tinha nascido com um lunar na testa. Nas noites



escuras ou em pleno combate, o lunar de Sepé brilhava, guiando seus soldados missioneiros. Quando ele morreu, vencido pelas armas e o número de portugueses e espanhóis, Deus Nosso Senhor retirou de sua testa o lunar, que colocou no céu do pampa para ser o guia de todos os gaúchos - é o Cruzeiro do Sul.

### **A lenda do Minhocão**

Diz-se que na Lagoa do Armazém, em Tramandaí aparecia nas águas do minhocão, uma espécie de serpente monstruosa, muito grande, olhos de fogo verde, língua também de fogo, com pêlos na cabeça. Virava embarcações com rabanadas e comia nas margens porcos e galinhas. Hoje o povo acredita que o Minhocão deixou a lagoa e voltou para o mar.

### **A Moça do Cemitério**

Em Porto Alegre, num ponto de taxi que fica na rua Otto Niemayer, esquina Cavalhada, às vezes aparece uma moça loira, lindíssima, usando sempre um vestido vermelho, muito bonito e chamativo. E sempre à noite. Ela toma um taxi e manda tocar para um lugar qualquer que passe pelo cemitério da Vila Nova mas, ao passar por este, ela simplesmente desaparece! Vários motoristas porto-alegrenses, muitos dos quais vivos até hoje, transportaram a moça-fantasma e repetem a mesma história.

### **Boitatá**

Em tempos mui antigos, que as gentes mal se lembram, houve um grande dilúvio, que afogou até os cerros mais altos. Pouca gente e poucos bichos escaparam - quase tudo morreu. Mas a cobra-grande, chamada pelos índios de Guaçu-boi, escapou. Tinha se enroscado no galho mais alto da mais alta árvore e lá ficou até que a enchente deu de si as águas empecaram a baixar e tudo foi serenando, serenando... Vendo aquele mundaréu de gente e de bichos mortos, a Guaçu-boi, louca de fome, achou o que comer. Mas - coisa estranha! - só comia os olhos dos mortos. Diz-que os viventes, gente ou bicho, quando morrem guardam os olhos a última luz que viram. E foi essa luz que a Guaçu-boi foi comendo, foi comendo... E aí, com tanta luz dentro, ela foi ficando brilhosa, mas não de um fogo bom, quente e sem de uma luz fria, meio azulada. E tantos olhos comeu e tanta luz guardou, que um dia a Guaçu-boi arrebentou e morreu, espalhando esse clarão gelado por todos os rincões. Os índios, quando viam auião, assustavam-se, não mais reconhecendo a Guaçu-boi. Diziam, cheios de medo: "Mboi-tatá! Mboi-tatá!", que lá na língua deles quer dizer: Cobra de fogo! Cobra de fogo! E até hoje o Boitatá anda errante pelas noites do Rio Grande do Sul. Ronda os cemitérios e os banhados, e de onde sai para perseguir os campeiros. Os mais medrosos disparam, mas para os valentes é fácil: basta desaprilhar o laço e atirar a armada em cima do Boitatá. Atraído pela argola do laço, ele se enrosca todo, se quebra e se some.

### **O Negrinho do Pastoreio**

No tempo dos escravos, havia um estancieiro, muito ruim, que levava tudo por diante, a grito e a relho. Naqueles fins de mundo, fazia o que bem entendia, sem dar satisfação a ninguém. Entre os escravos da estância havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos das estâncias não conheciam a cerca de arame: quando muito alguma cerca de pedra erguida pelos próprios escravos, que não podiam ficar parados, para não pensar em bobagem... No mais, os limites dos campos eram aqueles colocados por Deus Nosso Senhor: rios, cerros, lagoas. Pois de uma feita o pobre negrinho, que já vivia sofrendo as maiores judiarias às mãos do patrão, perdeu um animal na pastoreio. Prá quê! Apanhou uma barbaridade atado a um palanque e depois, cai-caindo, ainda foi mandado procurar o animal extraviado. Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e uns avios de fogo, com fumo e tudo saiu campeando. Mas nada! O toquinho acabou, o dia veio chegando e ele teve que voltar para a estância. Então foi outra vez atado



no palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Vai daí, o patrão mandou abrir a "panela" de um formigueiro e atirar lá dentro, de qualquer jeito, o pequeno corpo do negrinho, todo lanhado de laço e banhado em sangue. No outro dia, o patrão foi com a peonada e os escravos ver o formigueiro. Qual é a sua surpresa ao ver o negrinho do pastoreio vivo e contente, ao lado do animal perdido. Desde aí o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador das coisas extraviadas. E não cobra muito: basta acender um toquinho de vela ou atirar num canto qualquer um naco de fumo.

### **Salamanca do Jarau**

No tempo dos padres jesuítas, existia um moço sacristão no Povo de Santo Tomé, na Argentina, do outro lado do rio Uruguai. Ele morava numa cela de pedra nos fundos da própria igreja, na praça principal da aldeia.

Ora, num verão mui forte, com um sol de rachar, ele não conseguiu dormir a sesta. Vai então, levantou-se, assoleado e foi até a beira da lagoa refrescar-se. Levava consigo uma guampa, que usava como copo.

Coisa estranha: a lagoa toda fervia e largava um vapor sufocante e qual não é a surpresa do sacristão ao ver sair d'água a própria Teiniaguá, na forma de uma lagartixa com a cabeça de fogo, colorada como um carbúnculo. Ele, homem religioso, sabia que a Teiniaguá - os padres diziam isso! - tinha partes com o Diabo Vermelho, o Anhangá-Pitã, que tentava os homens e arrastava todos para o inferno. Mas sabia também que a Teiniaguá era mulher, uma princesa moura encantada jamais tocada por homem. Aquele pelo qual se apaixonasse seria feliz para sempre.

Assim, num gesto rápido, aprisionou a Teiniaguá na guampa e voltou correndo para a igreja, sem se importar com o calor. Passou o dia inteiro metido na cela, inquieto, louco que chegasse a noite. Quando as sombras finalmente desceram sobre a aldeia, ele não se sofreu: destampou a guampa para ver a Teiniaguá. Aí, o milagre: a Teiniaguá se transformou na princesa moura, que sorriu para ele e pediu vinho, com os lábios vermelhos. Ora, vinho só o da Santa Missa. Louco de amor, ele não pensou duas vezes: roubou o vinho sagrado e assim, bebendo e amando, eles passaram a noite.

No outro dia, o sacristão não prestava para nada. Mas, quando chegou a noite, tudo se repetiu. E assim foi até que os padres finalmente desconfiaram e numa madrugada invadiram a cela do sacristão. A princesa moura transformou-se em Teiniaguá e fugiu para as barrancas do rio Uruguai, mas o moço, embriagado pelo vinho e de amor foi preso e acorrentado.

Como o crime era horrível - contra Deus e a Igreja! - foi condenado a morrer no garrote vil, na praça, diante da igreja que ele tinha profanado.

No dia da execução, todo o Povo se reuniu diante da igreja de São Tomé. Então, lá das barrancas do rio Uruguai a Teiniaguá sentiu que seu amado corria perigo. Aí, com todo o poder de sua magia, começou a procurar o sacristão abrindo rombos na terra, um valos enormes, rasgando tudo. Por um desses valos ela finalmente chegou à igreja bem na hora em que o carrasco ia garrotear o sacristão. O que se viu foi um estouro muito grande, nessa hora, parecia que o mundo inteiro vinha abaixo, houve fogo, fumaça e enxofre e tudo afundou e tudo desapareceu de vista. E quando as coisas clarearam a Teiniaguá tinha libertado o sacristão e voltado com ele para as barrancas do rio Uruguai.

Vai daí, atravessou o rio para o lado de cá e ficou uns três dias em São Francisco de Borja, procurando um lugar afastado onde os dois apaixonados pudessem viver em paz. Assim, foram parar no Cerro do Jarau, no Quaraim, onde descobriram uma caverna muito funda e comprida. E lá foram morar, os dois.

Essa caverna, no alto do Cerro, ficou encantada. Virou Salamanca, que quer dizer "gruta mágica", a Salamanca do Jarau. Quem tivesse coragem de entrar lá, passasse 7 Provas e conseguisse sair, ficava com o corpo fechado e com sorte no amor e no dinheiro para o resto da vida.

Na Salamanca do Jarau a Teiniaguá e o sacristão se tornaram os pais dos primeiros gaúchos do Rio Grande do Sul. Ah, ali vive também a Mãe do Ouro, na forma de uma enorme bola de fogo. Às



vezes, nas tardes ameaçando chuva, dá um grande estouro numa das cabeças do Cerro e pula uma elevação para outra. Muita gente viu.

### **Angoera**

Nos sete povos das Missões, no Pirapó, ainda no tempo dos padres jesuítas, vivia um índio muito triste, que se escondia de tudo e de todos pelos matos e peraus. Era um verdadeiro fantasma e por isso era chamado de Angoéra (fantasma, em guarani). E fugia da igreja como o diabo da cruz!

Mas um dia a paciência dos padres valeu mais e o Angoéra foi batizado, convertendo-se à fé cristã e deixando de vagar pelos rincões escondidos. Recebeu o nome de Generoso e tornou-se alegre e bom, mui amigo de festas e alegrias. E um dia morreu, mas sua alma alegre e festeira continuou por aí, até hoje, campeando diversão. Onde tenha um fandango, lá anda rondando a alma do Generoso. Se rufa uma viola sozinha, é a mão dele. Se se ouve uma risada galponeira ou se se levanta de repente a saia de alguma moça, todos sabem - é ele.

Quando isto acontece, o tocador que está animando a festa deve cantar em sua homenagem:

"Eu me chamo Generoso,  
morador de Pirapó.  
Gosto muito de dançar  
com as moças, de paletó".

### **Caverá**

O Caverá é uma região na fronteira-oeste do Rio Grande do Sul, ouriçada de cerros, que se estende entre Rosário do Sul e Alegrete. Na Revolução de 1923, entre os maragatos (os revolucionários) e os chimangos (os legalistas) o Caverá foi o santuário do caudilho maragato Honório Lemes, justamente apelidado "O Leão do Caverá".

Diz a lenda que a região, no passado, era território de uma tribo dos Minuanos, índios bravios dos campos, ao contrário dos Tapes e Guaranis gente mais do mato. Entre esses Minuanos, destacava-se a figura de Camaco, guerreiro forte e altivo, mas vivendo uma paixão não correspondida por Ponaim, a princesinha da tribo, que só amava a própria beleza...

Os melhores frutos de suas caçadas, os mais valiosos troféus de seus combates, Camaco vinha depositar aos pés de Ponaim, sem conseguir dela qualquer demonstração de amor.

Um dia, achando que lhe dava uma tarefa impossível, Ponaim disse que só se casaria com Camaco se ele trouxesse a pele do Cervo Berá para forrar o leito do casamento. O Cervo Berá era um bicho encantado, com o pelo brilhante - daí o seu nome. O mato era dele: Caa-Berá, Caaverá, Caverá, finalmente.

Então Camaco resolveu caçar o cervo encantado. Montando o seu melhor cavalo, armado com vários pares de boleadeiras, saiu a rastrear, dizendo que só voltaria depois de caçar e courear o Cervo Berá.

Depois de muitas luas, num fim de tarde ele avistou a caça tão procurada na aba do cerro. O cervo estava parado, cabeça erguida, desafiador, brilhando contra a luz do sol morrente. Sem medo, Camaco taloneou o cavalo, despreendeu da cintura um par de boleadeiras e fez as pedras zunirem, arrodando por cima da cabeça. Então, no justo momento em que o Cervo Berá deu um salto para a frente quando o guerreiro atirou as Três Marias, houve um grande estouro no cerro e uma cerração muito forte tapou tudo. Durante três dias e três noites os outros índios campearam Camaco e seu cavalo, mas só acharam uma grande caverna que tina se rasgado na pedra dura do cerro e por onde, quem sabe, Camaco e seu cavalo tinham entrado a galope atrás do Cervo Berá para nunca mais voltar.

### **Lagoa Vermelha**

A primeira tentativa dos padres jesuítas, que resultou na fundação de 18 Povos Missioneiros no Rio Grande do Sul, deu em nada. Os bandeirantes de Piratininga, que haviam arrasado as reduções do



Guairá caçando e escravizando índios para a escravidão das lavouras de cana-de-açúcar de São Paulo e Rio de Janeiro, quando souberam que os padres tinham vindo mais para o sul e erguido suas aldeias no Tape, vieram aqui fazer o que sabiam fazer. Assim e aos poucos, os padres tiveram que refluir para o oeste, fazendo agora na volta o mesmo caminho que tinham feito na vinda.

E nessa fuga tratavam de levar consigo tudo o que podiam carregar. O que não podiam, queimavam ou enterravam. Casas, plantações, até igrejas foram incendiadas, para que nada ficasse ao emboaba agressor.

Pois diz-que numa dessas avançava pelo Planalto, no rumo da Serra, uma carreta carregada de ouro e prata, fugindo das Missões. Ali vinha a alfaia das igrejas, candelabros, castiçais, moedas, ouro em pó, um verdadeiro tesouro cujo peso faziam os bois peludearem. Com a carreta, alguns índios e padres jesuítas e atrás deles, sedentos de sangue e ouro, os bandeirantes.

Ao chegarem às margens de uma lagoa, não puderam mais. Desuniram os bois e atiraram a carreta com toda a sua preciosa carga na lagoa, muito profunda. E vai então os padres mataram os índios carreteiros e atiraram os corpos n'água, para que não contassem a ninguém onde estava o tesouro. Com o sangue dos mortos, a lagoa ficou vermelha.

E lá está, até hoje. Ao seu redor, cresceu uma bela cidade, que tomou seu nome - Lagoa Vermelha. E cada que um dos seus moradores passa na beira das águas coloradas, lembra que ali ninguém se banha, nem pesca, e segundo a tradição, a lagoa não tem fundo. E nas secas mais fortes e nas chuvaradas mais brabas, o nível da lagoa é sempre o mesmo.

### **Quero-Quero**

Quando a Sagrada Família fugia para o Egito, com medo das espadas dos soldados do rei Herodes, muitas vezes precisou se esconder no campo, quando os perseguidores chegavam perto.

Numa dessas vezes, Nossa Senhora, escondendo o Divino Piá, pediu a todos os bichos que fizessem silêncio, que não cantassem, porque os soldados do rei podiam ouvir e dar fé.

Todos obedeceram prontamente, mas o Quero-quero, não: queria-porque-queria cantar.

E dizia: Quero! Quero! Quero!

E tanto disse que foi amaldiçoado por Nossa Senhora: ficou querendo até hoje.

### **Soledade**

Há muitos e muitos anos, um grupo de mineiros vagava numa caravana de carretas entre o Planalto e a Serra do Rio Grande do Sul. Muitas famílias completas faziam parte do grupo e elas queriam fundar uma vila, uma cidade, mas o local de assentamento só poderia ser escolhido por Nossa Senhora, cuja imagem sagrada eles traziam numa carreta, com altar e tudo.

E assim vagavam de pago em pago, acampavam, armavam o altar, passavam aí alguns dias e, como não recebiam sinal de Nossa Senhora, recarregavam as carretas e iam embora.

Até que um dia pararam nuns campos lindos, banhados pela luz de Deus, com uma estranha beleza solitária. Ao descarregarem as carretas, alguém teria dito: "Que soledade!"

Bueno, acamparam e tal e depois de alguns dias, recarregaram tudo prontos para partir de novo. Quando chegou a hora da partida, quebrou-se o eixo da carreta que levava a imagem de Nossa Senhora. Descarregaram tudo, consertaram o eixo e quiseram partir, mais uma vez. Surpresa: quebrou-se o eixo, de novo. Outra vez descarregaram, consertaram o eixo e se dispuseram a partir. Quando se quebrou o eixo pela terceira vez, eles compreenderam que era um aviso: Nossa Senhora tinha escolhido, afinal, a sua querência.

Então, ali, naquele chão sagrado, eles ergueram ranchos, galpões, estâncias. E Nossa Senhora abençoou o esforço, a fé e a dedicação de todos, fazendo prosperar Soledade, a terra escolhida pela própria Mãe de Deus.

### **Umbu**



O Umbu é uma árvore grande e folhuda que cresce no pampa. Muitas vezes é solitária, erguendo-se única no descampado e atrai os campeiros, os tropeiros, os carreteiros que fazem pouso sob sua proteção. O tronco do Umbu é muito grosso, as raízes fora da terra são grandes, mas ninguém usa a madeira da árvore - não serve para nada, mesmo. É farelenta, quebradiça, parece feita de uma casca em cima da outra.

Por quê?

Pois não vê que quando Deus Nosso Senhor criou o mundo, ao fazer as árvores perguntava a cada uma delas o que queria na terra. A laranjeira, o pessegueiro, a macieira, a pereira e assim por diante, quiseram frutos deliciosos. O pau-ferro, o angico, o ipé, o açoita-cavalo, a guajuvira, pediram madeira forte.

- E tu, Umbu, queres também frutos doces e madeira forte?

- Nada, Senhor. - respondeu o Umbu. - Eu quero apenas folhas largas para as sesteadas dos gaúchos e uma madeira tão fraca que se quebre ao menor esforço.

- A sombra, Eu compreendo - disse o Senhor. - Mas porque a madeira fraca?

- Porque eu não quero que algum dia façam dos meus braços a cruz para o martírio de um justo. E Deus Nosso Senhor, que teve o filho crucificado, atendeu o pedido do Umbu.

## **ARTESANATO**

Definindo arte e artesanato

Alguns folclorista brasileiro agrupam, sob o título de Artes populares todas as técnicas tradicionais empregadas pelo povo. Desse modo, incluem, nessa área, tanto a construção de um rancho de torrão, ou de um barco, como o trabalho de uma tecelã ou de um ceramistas, etc...

Outros atores classificam as manifestações artísticas do povo como artesanato.

Rossini Tavares de Lima e Renato Almeida fazem uma distinção entre artesanato e arte popular. Diz Rossini (1976): “ Não é possível incluímos na categoria de artesanato as pinturas de bandeiras de Santos, os ex-votos na forma de esculturas de cabeças , as xilograduras dos folhetos de literatura de cordel, os desenhos coloridos das carrocerias de caminhão e os exemplares de cerâmica figurativa que existem por todo Brasil. Nesses exemplares muito diferente dos produtos de artesanato, observa-se o predomínio de elementos decorativos na definição de uma expressão estética. Os homens que desenvolveram as atividades referidas não podem e não devem ser situadas no mesmo plano de um paineleiro , cesteiro ou um fazedor de pilões. Existe nessas atividades, a procura de alguma coisa diferente, que não inclui somente no imediatismo utilitário, se bem que as formas de arte popular posam se encontrar associados, muitas vezes, num objeto utilitário, produtos de artesanato”.

Renato apóia-se na opinião de Paul Sébillot que considera como “ arte folclórica aquela que não resulta de qualquer ensinamento especial, mas de uma tradição ou na necessidade de exprimir- por sinais- idéias ou coisas vistas cuja recordação pode ser agradável ou útil”. (1972).

A arte folclórica vem sendo praticada pelos mais diversos grupos humanos em diferentes épocas da história.

No entender de Cecília Meirelles (1968), ela “ resume os grandes trabalhos humanos” e “ manifesta a sensibilidade geral dos que a praticam, por uma seleção de motivos que são uma espécie de linguagem cifrada”.

Como todo fato folclórico, a arte popular é de criação espontânea e pode sofrer os fenômenos da evolução e da extinção. Como diz Ana Augusta Rodrigues, a arte popular “ é feita pelo povo”, produto de sua imaginação e é a expressão do grupo a que pertence.

Segundo E. O. Christien (1965), a arte folclórica, “ limitada a uma região particular, move-se dentro de uma linha estreita e, geralmente, perpétua desenhos hereditários: a originalidade ou imaginação constituem uma exceção”.

Dessa afirmativa, conclui-se que toda uma área possa se revelar por estilos artísticos definidos.



As produções de arte espontânea ligam-se, também, aos materiais disponíveis na área em que vive o artista folclórico.

Segundo Rossini T. Lima (1976), o “artista folclórico não tem consciência de que produz arte e é só incluído na categoria de artistas pelos folcloristas que encontraram, no objeto de sua criação a predominância de motivos estéticos”. Opina ainda, o autor que a “arte folclórica, como toda a manifestação de arte, explica-se no caráter pessoalismo de cada exemplar, revelador de uma cultura regional espontânea aliada à criatividade do autor”. Renato Almeida, considera como arte popular: cerâmica, escultura e pintura”.

Várias definições foram propostas por folcloristas brasileiros para diferenciar arte e artesanato.

Para Saul Martins (1974), o “debate a respeito da diferença entre arte popular e artesanato parece-nos sem importância, seja porque todo artista começou como artesão. Se este evoluiu para a criação de peças bem acabadas, naturalmente vira artista”.

O mesmo autor nos indica as características do artesanato:

- 1) manual- o contato é direto entre o artesão e o material empregado, sem se considerar, naturalmente, pequenas intervenções de ferramentas ou aparelhos simples.
- 2) os objetos resultam de elaboração intelectual, embora sem requinte, feitos segundo os padrões tradicionais, mas nunca em molde ou forma, nem mesmo em série.
- 3) aqui se realizam formas, que podem ser apreciáveis ou suscetíveis de sê-lo, e não simples produtos.
- 4) emprega-se material disponível, gratuito ou extraído no lugar ou retalhos, sobra aproveitável.
- 5) doméstico ou caseiro, conta com a participação da família.
- 6) o artesão não conhece a divisão do trabalho, não se organiza para a produção, sozinho executa todas as parcelas necessárias à transformação.

Saul Martins (1974) observa, ainda, que o “tipo ou modalidade de artesanato resulta de fatores ecológicos, isto é das relações entre o homem e o meio. Adapta-se às condições locais, ao estilo de vida, às exigências da freguesia, aos recursos naturais, á ocasião. Sendo o artesanato uma manifestação da vida comunitária, o artesão faz objetos padronizados, o que empresta à sua arte um caráter regional e tradicional”.

Para R. T. de Lima (1974), a expressão artesanato se dá a coisas que são feitas, no todo, por uma pessoa ou, no máximo, por pequenos grupos de pessoas.

O artesanato possui características domésticas e , no geral, é valorizado pelo cunho pessoal de que se revestem seus produtos, elaborados à mão ou com auxílio de rudimentares instrumentos de trabalho, estes muitas vezes, confeccionados pelo próprio artesão. Pode ser erudito, popularesco e folclórico.

Considera como artesanato: cerâmica utilitária, funilaria popular, trabalhos em couro e chifre, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais (sedenho), fabrico de farinha de mandioca, monjolo de pé de água, engenhocas, instrumentos de música, tintura popular. E, como arte, pintura e desenho (primitivos), esculturas (figura de barro) madeira, pedra guaraná, cera, miolo de pão, massa de açúcar, bijuteria popular, renda, filé, crochê, papel recortado para enfeite...

A classificação de Alceu Maynard Araújo (1964), a respeito dos trabalhos de confecção manual, é mais ampla e engloba, além das artes populares, as técnicas tradicionais. Nas técnicas, inclui: atafona, monjolo, engenho, alambique, etc..., construção de casas, barcos, carros e utensílios domésticos e a confecção de doçaria e comidas típicas.

Diz Maynard (1964) sobre o artesanato: “são coisas que o homem cria, sem ensino formal, levado pela necessidade. São técnicas tradicionais elementares de que o homem se serve para melhor subsistência, no primitivismo imposto pelo meio”. Uma explicação disso temos na referência de Jean Roche a respeito dos artesanatos dos colonos alemães no Rio Grande do Sul. “As memórias deste novo Robinson, chegado a São Leopoldo em 1828, provam que o motivo que levou os colonos a produzirem eles próprios, a maior parte dos artigos de uso foi a necessidade de fazer economias de toda sorte. A simples sobrevivência biológica dos emigrantes só foi possível graças ao trabalho de toda família e ao



retorno (regressão) de técnicas tradicionais as mais elementares (rudimentares). Foi uma adaptação ao novo meio. O artesanato rural se dividiu em dois grandes ramos: o fornecimento dos artigos necessários à vida local e a transformação dos produtos agrícolas para vender”.

A necessidade leva o indivíduo a recorrer a novas técnicas de subsistência. Esta é uma das causas da instabilidade da artesanaria. Geralmente, o artesão é improvisado e faz da atividade um “biscate”.

Nem sempre as técnicas artesanais têm continuidade na família. O trabalho artesanal depende da matéria prima que, muitas vezes, não pode ser adquiridas em grande quantidade.

O artesanato está, ainda, como diz Maynard, no círculo do “quebra-galho”, isto é, produz-se hoje para comer amanhã.

O mercado também influi sobre a produção artesanal pois, nem sempre a peça artesanal é valorizada na localidade onde tem origem.

### **Exemplo de Artesanato Folclórico**

O artesanato gaúcho é uma técnica empírica tradicional.

**Artesanato de fios:** redes, bordados, crochês, frivoletê, cobertores, bicharás, tarrafas, redes de pescar.

**Artesanato de tentos de couro:** atividade masculina. Da lonca tiram os tentos para laço, sovêus, maneias, aparelho de cabeça (cabeçada, rédeas, bucal, cabresto, peiteira, rabichos, maneias, etc.). O couro de cavalo, de bode de muçum (para revestir cabo de mango). Saco de touro para revestir cuias, argola, cabo de mangos e relhos para correntes de relógios, cabrestilhos de esporas, etc.

**Com cabelos:** (animais e gente) se trançam as correntes de relógios e de aperos, "corda de sedenho".

**Com fios de prata ou ouro:** trançam-se muitas peças para o aparelho da cabeça, como cabeçadas, rédeas, buçaletes e também cabrestilhos de espora, barbicacho, etc.

**Fios de arame:** porta-pão, pega-brasa, alambrados.

**Artesanato de palha:** com palha de trigo, milho e arroz se fazem chapéus (chapéu de palha, herança do abeiro português).

**Palha de bananeira:** no litoral aparecem objetos como bandejas, farinheiras, porta-pão.

**Palha de junco:** fazem-se esteiras, quinchas dos ranchos, a cobertura. Artesanato de vime: nas comunidades "italo-gaúchas", se fazem proteção; dos garrafões de vinho, cadeiras, baús.

**Com taquara:** balaios, cestos, peneiras, rede de rancho, caniços.

**Com madeira:** postes, moirões, tramas, palanques, esteios, tamancas, sapatos de pau, como em Teutônia, brinquedos, veículos, embarcações, móveis, moendas, monjolos, gamelas, tulhas, farinheiras, cruz.

**Com chifre:** copos, borrachões para canha, colheres, conchas, cabos e bainhas de faca, pentes, fivelas, botões, estribos, anéis de lenço de pescoço, figas de amuleto, bichos de enfeite, cuias de mate.

**Outros:** com casco de animais, com ferro, (facas, esporas, freios, cinzeiros, cincerros, machados, enxadas, picões, marcas, ferraduras de cavalo).

**Do ouro e da prata:** avios de mate: bombas, bocal de cuias, tripés, facas prateadas, cabos de faca e de revólveres, fivelas de guaiaca em forma de ferradura até com rubis, estribos, cabeçadas de lombinho, serigotes, esporas (com motivos de folhas de roseira, ou rosas, técnica herdada de ourives portugueses).

**De couro:** chinelos, socados, bastos, serigotes, caronas, badanas, travessões de cincha e de cinhão, peçuelos e, sobretudo botas, etc.

**De porongo:** cuias, farinheira, penicos, caixinhas de enfeite, bóias (para rede de pescar e para aprender a nadar).



**De lata ou de latão:** bacias, copos, travessas, regadores, chuveiros e chapéus de cano de fogão - além do próprio cano.

**De pano:** peças de roupas, colchas de retalho, trilhos de retalho, panos de cozinha com letreiros bordados, etc.

**De barro cozido:** os tradicionais alguidares, panelas, pratos, farinheiras, copos, chaleiras, bilhas outros tipos de cerâmica utilitária. Os gaúchos sempre, envolvidos em guerras só pensavam no que era útil, por isso o Rio Grande do Sul não tinha cerâmica figurativa (gente e bichos). Da cerâmica figurativa, podemos citar: O Laçador, Getúlio Vargas, Teixeira e outros monumentos de animais, como vacas e cavalos.

## CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS

As manifestações culturais do gauchismo são marcadas por uma forte miscigenação, que fez com que práticas trazidas de outros locais tomassem formas e ares específicos. Assim, a identidade cultural gaúcha nada mais é que uma colcha de retalhos, composta por elementos dos índios, nativos do sul brasileiro; imigrantes europeus; e negros trazidos da África como escravos.

**Índios** – Dos índios, o gaúcho herdou o hábito do chimarrão, o uso do pala, o fumo e a doma dos cavalos. Dentre as várias contribuições indígenas que cada tribo nos deixou, foram os índios guaranis que introduziram a horticultura no Rio Grande do Sul. Os guaranis legaram o milho, os feijões, a mandioca, a abóbora, a pimenta, o algodão, a batata-doce, o amendoim, a moranga, o chimarrão e o fumo. O hábito de tomar banho pelas manhãs e lendas como o curupira, caipora, Iara e boitatá.

**Negros** – Os negros estavam dentre os primeiros tropeiros, peões e charqueadores, além de desempenhar um papel importante nas revoluções. Deixaram seu toque no artesanato, temperos da culinária, batidas dos tambores (bumbos, agê, maçaquaias, atabaques) e crendices. Uma das lendas legadas pelo período da escravidão é a do Negrinho do Pastoreio, e esta figura inspira diversas crendices populares, como acender uma vela para encontrar algo que está perdido. Várias palavras do vocabulário gaúcho têm origem africana: angu, cacimba, capenga, cachaça, batuque, lundu, mandinga, miçanga, etc. O gosto por enfeites, berloques, brincos, colares e o uso de turbantes são influências da cultura afro.

Destaca-se igualmente, a herança negra nos cultos religiosos: Umbanda, Quimbanda, Batuque ou Nação. Suas divindades sincretizaram-se com os Santos do hagiológico católico. Durante a procissão de Nossa senhora dos Navegantes, há quem preste homenagem a Iemanjá; também São Jorge, em sua festa é reverenciado pelos filhos de Ogum. A devoção a Nossa Senhora do Rosário é demonstrada pelos negros na Congada e no Quicumbi.

**Alemães** – A herança alemã ao gauchismo inclui a árvore de Natal e o hábito de presentear as pessoas nesta data, além de cantos (Tannenbaum) e festas (Kerbs); na culinária, destacam-se a cuca, a schmier (chimia), pães e tortas, nata e a alimentação embasada na carne de porco e batatas. Nas danças, a polca, chote e polonaise. A organização das pequenas propriedades agrícolas, baseadas no trabalho familiar, é de influência alemã, assim como as casas de enxaimel, móveis simples de fabricação caseira, o costume do jogo de bolão.

**Italianos** – Na arquitetura italiana, destaca-se o uso de beirais enfeitados com lambrequins; no artesanato, os garrafões de vidro e trabalhos em vime; para a culinária, legaram as massas com molhos espessos, panetone, polenta, nhoque, frango a passarinho, brodo. A gaita, instrumento musical italiano, ajudou a formar a música gaúcha. Católicos fervorosos, conservam seus hábitos religiosos de rezar o terço, assistir missa, acompanhar procissões, etc. e por esse motivo, suas festas possuem caráter



religioso: procissão de Corpus Christi, Romaria de Nossa Senhora do Caravaggio, Festa da Colheita, esta última animada por corais familiares.

**Açorianos e Portugueses** – Os portugueses que chegaram ao Sul do Brasil, em especial os açorianos, legaram diversos elementos folclóricos à cultura gaúcha: festas como a de Nossa Senhora dos Navegantes, Ternos de Reis, a Cavalhada e a Festa do Divino Espírito Santo; instrumentos musicais, como o violão, pandeiro e rabeca; inúmeras danças, como o pezinho, balaio, chimarrita, caranguejo, chula, etc; a arquitetura das casas, oratórios, rocas e teares, bordados, a instalação de complexos (atafona, alambique, engenho, monjolo, cata-vento), utilização de carretas, carroças e embarcações. Na indumentária, a herança portuguesa está no uso de chalés, tamanco e saias rodadas.

**Poloneses** – Legaram costumes do catolicismo, como o hábito de assistir à missa com a separação entre homens (à esquerda de quem entra na igreja) e mulheres (à direita). Danças, canções e trajes folclóricos são, ainda, mantidos nas comunidades polonesas.

**Espanhois** – A herança espanhola está na própria formação étnica e cultural do gaúcho. O próprio biótipo, vocabulário, a indumentária masculina, os aperos de encilha, poesia, música e várias outras manifestações culturais. Dos espanhóis herdamos as danças da tirana, rancheira e Pericon; ritmos do chamamé e milonga; e os jogos do truco e jogo-do-osso.

**Judeus** – As associações beneficentes e religiosas judias têm forte influência nas comunidades em que se inserem. Mantém sua língua (Yddish) e religião, além de uma forte coesão entre os membros da comunidade.

## **PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DAS REGIÕES DO BRASILEIRO**

Do inglês “folk” (gente ou povo) e “lore” (conhecimento/sabedoria), folclore significa o conhecimento de um povo. É uma ciência que estuda o conjunto das tradições, poemas, lendas, contos, crenças populares, a cultura material, espiritual e moral de um povo.

“Através das diversas manifestações culturais do folclore, pode-se conhecer a cultura e a tradição de povos antigos e compreender a ressignificação dessa cultura antiga, presente nos dias de hoje. Assim, os mitos, as crenças e as lendas se fazem presentes no nosso cotidiano, mesmo que inconscientemente, na medicina popular, na religião, nos ditados populares, nas simpatias e nas estórias que sempre apresentam um cunho moral no final” (AGUIAR, s/d)

Nos estados brasileiros muitas manifestações existem, estas são geralmente oriundas de usos e costumes dos povos que aqui chegaram e colonizaram essas terras, trazendo consigo suas crenças e culturas. Dentre as manifestações mais popularmente conhecidas nos estados brasileiros, temos:

**Região Sul:** Danças Gaúchas, Oktoberfest, Festa da Uva, Nossa Senhora dos Navegantes, Fandango Paranaense.

**Região Sudeste:** Carnaval, Congada, Festa do Divino Espírito Santo, Samba de Salão/Gafieira.

**Região Centro-Oeste:** Procissão do Fogaréu, Cavalhadas, Cururu, Siriri.

**Região Norte:** Celebrações indígenas, Círio de Nazaré, Festa de Parintins, Congo ou Congada, Cavalhadas, Folia de Reis, Festa do Divino, Boi-Bumbá.



**Região Nordeste:** Bumba-meu-Boi, Maculelê, Frevo, Festas Juninas, Samba de Roda, Festas de Candomblé, Umbanda, Literatura de Cordel.

## BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS FOLCLÓRICAS

**Boneca:** é seguramente o mais antigo objeto de brinquedo que a humanidade conheceu. Provavelmente na pré-história eram feitas de materiais perecíveis como barro ou madeira, sendo que mais tarde, com o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho surgiram os de pedra e osso. Por volta de 1820 eram fabricadas com cabeças de porcelana vitrificada em Dresden e em biscuit opaco na França. No século XIX novas modificações foram introduzidas: olhos móveis, dispositivos para choro e vozes, livros com bonecas e roupas de papel para serem recortadas. No Brasil colonial surgiram mais ou menos em 1806, com a transferência da família real, mas ficaram restritas à corte. Somente no século XX alcançaram os lares da classe média, mas quase sempre importadas. Depois de 1945 começaram a ser fabricadas em série e a partir de 1950 são copiados os modelos americanos, bonecas altas, loiras e de olhos azuis.



**Bruxinha:** Bruxa, ou bruxa de pano é o nome da boneca de trapos, boneca de pano, possivelmente em todo o território nacional. As bonecas de pano resistem ao longo dos séculos, atravessando fronteiras de povos distintos, conseguindo sobreviver em algumas residências pelos poucos artesãos que ainda restam neste espaço brasileiro. Pertencem ao teatro infantil espontâneo das crianças do presente e pertencem às crianças do futuro. Na confecção das bruxas a artesã usa pano, retalhos, linha, algodão, lã em pasta para enchimento e em fio para cabelos, que pode ser também de pelego ou corda.



**Papagaio – Pandorga – Pipa:** Sua origem oriental é muito remota. Segundo historiadores idôneos, o general chinês Han-Sin no ano 196 a.C a utilizava para enviar notícias a uma aldeia sitiada. Em 1752 foi instrumento de experiências científicas nas mãos de Benjamin Franklin. Posteriormente teve os mais diversos usos, tais como transmissor de sinais e “biruta”, para ver a direção do vento. Hélio Moro Mariante, folclorista e pesquisador, informa que o ocidente só conheceu a pandorga a partir do século XIV. Os



primeiros mercadores portugueses, ingleses e holandeses é que teriam trazido para a Europa. É explicada por Câmara Cascudo como “brinquedo feito com cruzeta de cana ou madeira leve, coberta de papel de cor. Dirigem-se com três cordéis de armação. Na parte inferior pende uma cauda comprida, de pano. Existem em diversos formatos, cada um com denominação específica: churrasco, barrilete, arco, estrela, caixão, bidê, bandeja e outros.

**Bolinhas de vidro – Gude – Inhaque:** Surgem geralmente depois das chuvas, quando os campinhos estão molhados e a meninada tem que brincar perto de casa. Diversas modalidades de jogo são praticadas, entre elas o Boco ou Imba, o Triângulo, a Circunferência, etc, que podem ser “as vera” ou “as brinca”. “As vera” quando o jogador perde também suas bolitas, e “as brinca”, quando perde só o jogo, neste caso feito apenas por distração. Como na maioria das brincadeiras infantis, o jogo de bolita possui uma linguagem própria, chamam de “bochão” a bola maior que as outras, “açã”, as esferinhas de metal; “nicada” é a bolinha lascada, e “Nica” a favorita para o jogo; “rabar” é errar, e “casar” é colocar bolinhas em jogo.



**Pião:** Câmara Cascudo descreve como: “Pião, brinquedo de madeira piriforme, com ponta de ferro, por onde gira pelo impulso do cordão enrolado na outra extremidade puxado com violência e destreza...”. É lançado com o cordão na Europa, , Asia Oriental e Indonésia. Na América tem origem europeia, bem como a piorra, que é jogada em “feira”, apenas com o impulso dos dedos polegar e indicador. É brincadeira que aparece em alguns meses do ano para logo após desaparecer.

**Bola:** As bolas são popularíssimas e existiam em todas as civilizações antigas. Feitas de couro, de madeira, de vegetais ou de borracha, são atiradas a mão nua e aparadas quando de retorno, perdendo quem as deixa cair. Jogam-na também contra o solo, repelindo-a, quando ressalta. É universal e conhecida mesmo entre os agrupamentos mais primitivos não só como objeto de lazer, mas com significação religiosa, já que alguns destes povos acreditavam que ao chutar uma bola, chutavam para longe os maus espíritos. O jogo era também executado como forma de oferenda aos deuses em ocasiões de aflição, como no caso de doenças no grupo familiar. Na campanha ainda é usada uma “bola” feita de bexiga de porco inflada e entre crianças de famílias de pouco poder aquisitivo a bola de meia supre a falta do objeto adquirido em casas especializadas. É a forma de lazer mais comum entre os meninos de todas as idades e condições sócio-econômicas.

**Peteca:** Segundo Alceu Maynard de Araújo, “é um jogo de origem indígena. Uma bola fita de palha de milho, tendo em um lado penas de galinha enfiadas para ao cair, a parte pesada ficar para baixo e as penas para cima. A época desse jogo obedece em parte as estações, é o jogo estacional da época do inverno, que por outro lado coincide com a colheita do milho e festas juninas”.

**Perna de pau:** Também chamada de “andas” é constituída por dois sarrafos com até três metros de comprimento. Em cada sarrafo, a uma certa altura do chão, há um apoio para os pés. A



criança sobe nesse apoio e mantém as traves presas sob os braços, podendo assim mover as pernas à vontade.

**Cama de gato:** Brincadeira infantil com um barbante a que se atam as duas pontas e que forma uma espécie de rede em que outra criança deve tirar passando para suas próprias mãos, formando rede diferente da anterior. É brincadeira universal sendo conhecida desde os tempos mais remotos em todos os continentes. Os povos mais primitivos usavam uma tira de fibra vegetal ou de couro e com habilidade criavam figuras representativas de seu dia-a-dia. Esta brincadeira é conhecida e apreciada pelos descendentes dos índios Navajos do Arizona (Estados Unidos), onde é conhecido como “Cat's Cradle”.



**Bilboquê:** Brinquedo torneado de madeira, de origem francesa. Existem várias formas: de sino, de bola e de barrica. Dão amarrados por um cordão a um bastonete pontudo na parte superior. O jogo consiste em impulsionar o bilboquê para cima, através do bastonete, virando-o com a base para baixo e ao cair, encaixá-lo na parte pontuda da mesma.

**Jogo das pedrinhas ou Cinco marias:** Joga-se com cinco ou mais pedrinhas. Atira-se uma pedrinha para o ar e enquanto esta sobe e desce, apanham-se as outras, que estão repousando e se juntam todas na mão atirando-se sucessivamente duas, três, quatro ao ar, apanhando-se as que restam. Perde quem não conseguir reunir as pedrinhas. As combinações são variadas. Em Portugal este jogo chama-se Bato. É o secular jogo de ossinhos, osseletes, astragalismo, popularíssimo na Grécia e em Roma... Os legionários romanos levaram o jogo dos ossinhos por todos os recantos do império. Aqui o conhecemos como cinco marias, e aparece em pedrinhas ou em saquinhos de tecido com enchimento de areia ou grãos de qualquer cereal. O desenvolvimento do jogo é muito semelhante ao descrito acima, mas aqui joga-se somente com cinco pedrinhas, não mais.

## HISTÓRIA DO MTG DE SC

Fundado em Assembleia Extraordinária realizada no dia 18/05/1973, na Estância do Pinheirinho em Lages. O MTC (Movimento Tradicionalista Catarinense), teve seu Estatuto publicado à página 22 do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, nº 9872, de 07/11/1973. Foi declarado de utilidade pública pela Lei Estadual nº 5941 de 17/09/1981. Seu fundador e primeiro Presidente foi Dr. Afonso Alberto Ribeiro Neto (All Neto), tendo como Patrono Dr. Vilson Vidal Antunes e como Secretário Dr. Murad Mussi Sobrinho.

Reunidos em Assembleia Geral foi deliberado sobre a alteração da denominação social da entidade a qual passou a denominar-se ATGESC (Associação Tradicionalista Gaúcha do Estado do Santa Catarina). Fundado na 1ª Convenção Tradicionalista realizada no dia 29 de julho de 1985, na sede do CTG Minuano Catarinense em São Joaquim, o MTG-SC (Movimento Tradicionalista Gaúcho



de Santa Catarina) teve seu estatuto registrado no Cartório do Registro Civil de Títulos e Documentos Pessoa Jurídica Acácio Flores Nunes em São Joaquim-SC, sob n° 097 do Livro A-2, folhas 145 á 147 do Protocolo n° 3, folhas 002, sob n° 1062 em 10 de setembro de 1985. Foi Declarado de Utilidade Pública pela Lei Municipal n°1302 de 23 de outubro de 1985. Seu fundador o primeiro Presidente foi Salvio Rodrigues Proença.

Reunidos em Assembleia Geral Conjunta, realizada no dia 05 de julho de 1986, na Casa de Tradição em Lages, previamente convocados nos termos dos respectivos Estatutos Sociais, resolvem, tendo em vista a Identidade dos seus objetivos, fundir-se em uma só Entidade Tradicionalista, coordenadora das atividades das entidades filiadas, e que sucederá as que ora se fundem em todos os seus direitos e obrigações.

Por ocasião do VI Congresso Tradicionalista Gaúcho Barriga Verde, realizado nos dias 29 e 30 de julho de 2000 em Lages-SC, foi aprovado o novo Estatuto Social do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Estado de Santa Catarina, tendo sido registrado no Cartório de Registro Civil, Títulos, Documentos e Outros Papéis Rita Maria Rosa Ramos, na cidade de Lages-SC, protocolado no livro A-8, folhas 97 vs, sob n° 51.870 e registrado no Livro A-9, folhas 1609 de Pessoa Jurídica de Lages em 26 de março de 2001.

Sob a denominação de Movimento Tradicionalista Gaúcho do Estado de Santa Catarina, com a sigla MTG/SC, fica constituída uma sociedade civil, sem fins lucrativos e de duração indeterminada, que se regerá pelo presente Estatuto Social e pela legislação pertinente.

A sociedade ora constituída resulta da fusão das entidades MTC (Movimento Tradicionalista Catarinense) e MTG/SC (Movimento Tradicionalista Gaúcho do Estado de Santa Catarina), já identificados no preâmbulo e lhes sucederá em todos os direitos e obrigações.

A critério da Diretoria, a sociedade poderá manter escritórios ou filiais em qualquer parte do território catarinense. E hoje somos. 485 CTG's, 1.417 piquetes e 39.850 associados, neste estado de tem uma cultura inigualável.

## **DIRETORIA DO MTG**

Alex Sander Godinho Corrêa  
Presidente

Jean Carlo Wiggers  
Vice-Presidente

Jeferson de Quadros Moreira  
Vice-Presidente

João Maria Teles de Souza  
Diretor Administrativo



Genésio Primo Borghezan  
Vice-Diretor Administrativo

Valter Hildebrando Melo  
Diretor Financeiro

José Alfredo de Souza e Silva  
Vice-Diretor Financeiro

Dinarte Velho Junior  
Diretor Campeiro

Diovani Pagnocelli  
Vice-Diretor Campeiro

Rui Fernando Arruda Antunes  
Diretor Artístico

Eduardo José de Sá  
Vice-Diretor Artístico

Schirley Terezinha do Nascimento  
Diretora Cultural

Elis Cristina Burgel Xavier  
Vice-Diretora Cultural

Mario Cesar Souza Neto  
Diretor de Patrimônio

Marilene Maggioni Lajus  
Vice-Diretora de Patrimônio

Samanta Mezzomo  
Diretora de Jogos Tradicionalistas

Valcioni Xavier  
Vice-Diretor de Jogos Tradicionalistas

Hernalda Mussio  
Diretora de Eventos

Domingas Fátima Costa  
Vice-Diretora de Eventos

Odival Stelzner



Diretor Departamento Sanitário

Pablo Ramos

Vice-Diretor Departamento Sanitário

Nelson Schiestl Junior

Diretor Jurídico

Isocley Bossi

Vice-Diretor Jurídico

Leandro de Souza Corrêa

Consultor Jurídico

## **PEÕES E PRENDAS**

### **FINALIDADES DOS CONCURSOS DE PRENDAS**

Diferente de outros, os concursos de prendas e peões tem com finalidade a preservação e a valorização da cultura gaúcha. Sendo assim, a escolha é realizada por meio de provas, a fim de elevar o nível cultural dos candidatos, no que se refere a pesquisa histórica, tradição, folclore, habilidades artísticas, campeiras, artesanais, poesia, canto, entre outras, incluindo além das provas práticas, provas teóricas. Até o presente momento o Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina realizou 21 concursos.

### **A IMPORTÂNCIA DOS CONCURSOS**

Os concursos de Primeiras Prendas e Peões são como uma escola de líderes. Uma escola de multiplicadores do Tradicionalismo Gaúcho. Por meio dos concursos, os concorrentes têm a oportunidade de apresentar os principais elementos que formam a cultura Gaúcha. Um conjunto de práticas que já não são mais vistas em outros eventos do Movimento.

Os reflexos dos concursos são sentidos, principalmente, a longo prazo, quando a prenda e/ou peão estiverem ocupando cargos dentro dos seus CTGs, Regiões Tradicionalista ou MTG. Suas condutas e ações são fundamentais na essência do Tradicionalismo, pois tem o conhecimento necessário para assim o fazer.

O curto prazo, o Movimento ganha com poesias inéditas, projetos, pesquisas históricas, entre outras ações. E pode contar com a juventude nos eventos oficiais, aprendendo e multiplicando conhecimento. O prendado conta com um aprendizado que envolve, além de conhecimentos específicos, os valores e princípios de outrora.

No entanto, essas ações também são possíveis desenvolver sem o título de Primeira Prenda ou Peão Barriga Verde, porém os concursos são incentivadores, e colocam em movimento as peças da Tradição. É importante premiar os melhores trabalhos, destacar ações, descobrir líderes e permitir que



eles realizem seus sonhos e projetos. Valorizar as diferentes gerações, é um dos objetivos da nossa Tradição.

## A FUNÇÃO DA PRIMEIRA PRENDA E DO PEÃO BARRIGA VERDE

Diferente de outros concursos, neste, o prêmio permite realizar trabalhos. Talvez seja contraditório para aqueles que olham de fora, mas para que vive o Tradicionalismo Gaúcho sabe o quanto é gratificante contribuir. As prendas de faixa e os peões de bottons (crachás), após toda a preparação, recebem junto com o título a missão de disseminar a cultura, colocando seus elementos em movimento, sempre primando pela preservação e autenticidade. E para isso, o estudo e o trabalho são contínuos.

O prendado é muito visado, cabe a ele orientar as pessoas, ser preparativo e participativo na sua função, pois ele é um dos representantes da Tradição. É considerado o tradicionalista mais “completo”, já que mostrou ser o melhor, quando se destacou nas diferentes provas em seus concursos. É o único cargo recebido por mérito de conhecimento. O prendado é a vitrine da cultura

## GALERIA DE PRIMEIRAS PRENDAS E PEÕES BARRIGA VERDE DO MTG DO ESTADO DE SANTA CATARINA

**1º Concurso de Prendas do MTG SC – São Joaquim – CTG Minuano Catarinense 1988/89 (apenas 1ª prenda e gestão de apenas 1 ano)**

Rosana Fontanela Rodrigues – 1ª Prena Adulta – São Joaquim



Mari Regina Anastácio



**2º Concurso de Prendas do MTG SC– Campos novos – CTG Fioravante Morais -1989/91 (apenas 1ª  
prendas adulta, juvenil e mirim gestão de apenas 1 ano)**

Mari Regina Anastácio - 1ª Prenda Adulta – São Joaquim

Graci Mary de Closs – 1ª Prenda Juvenil – Curitiba

Micheli Izzak – 1ª Prenda Mirim – Chapecó



Mozara Lenzi

**3º Concurso de Prendas do MTG SC– Curitiba – CTG Fioravante Morais -1991/1992 (apenas 1ª  
prendas adulta, juvenil e mirim gestão de apenas 1 ano)**

Mozara Lenzi – 1ª Prenda Adulta – Curitiba

Aline Ayres Mendes – 1ª Prenda Juvenil – São José

Dagmara Francielle Spauts – 1ª Prenda Mirim – Mafra



Camila Ceratti de Almeida

**4º Concurso de Prendas do MTG SC – Rio Negrinho – CTG Amor e Tradição -1992/1993 (apenas  
1ª prendas adulta, juvenil e mirim gestão de apenas 1 ano)**

Camila Ceratti de Almeida– 1ª Prenda Adulta – Curitiba

Viviane Pereira – 1ª Prenda Juvenil – Brusque

Caroline Reck – 1ª Prenda Mirim – São Bento do Sul



Marcia Aparecida Vieira

**5º Concurso de Prendas do MTG SC– Lages – Colégio Industrial - 1993/1994 (apenas 1ª prendas adulta, juvenil e mirim gestão de apenas 1 ano)**

Marcia Aparecida Vieira– 1ª Prenda Adulta – Lages

Flavia Tschoeske – 1ª Prenda Juvenil – rio Negrinho

Patricia Criz Patricio Gobetti – 1ª Prenda Mirim – Lages



Sindia de Almeida Reck

**6º Concurso de Prendas do MTG SC e 1º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC– São José – CTG os Praianos - 1994/1996 (apenas 1ª prendas adulta, juvenil e mirim e o primeiro peão adulto e gestão de 2 anos)**

Sindia de Almeida Reck– 1ª Prenda Adulta – Sombrio

Marina Sebem Camargo – 1ª Prenda Juvenil – Curitibanos

Schaiane Santos Marcon – 1ª Prenda Mirim –

Silvio Lopetegui – 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages



Thiago Luiz Grassel

**7º Concurso de Prendas do MTG SC e 2º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Sombrio** – CTG Sul Catarinense - 1996/1997 (surgiu nas categorias a 2ª prenda adulta, tendo 1ª prenda mirim, juvenil e 1ª e 2ª adulta e peão barriga verde e voltou a gestão de apenas 1 ano)

Renata Beatriz Zenere– 1ª Prenda Adulta – Capinzal

Michele Rigueira – 2ª Prenda Adulta – Itajaí

Patricia Weiss - 1ª Prenda Juvenil – São Bento do Sul

Fernanda Karine Souza Antunes– 1ª Prenda Mirim – São José

Thiago Luiz Grassel – 1º Peão Barriga Verde Adulto – São Miguel do Oeste



Mariana Camargo

**8º Concurso de Prendas do MTG SC e 3º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Itajaí**– CTG Independentes da Querencia - 1997/1998 (surgiu a categoria veterana nos concursos, neste concurso 1ª, 2ª prendas mirim, juvenil, adulta e veterana e 1º e 2º peão adulto e gestão de 1 ano)

Mariana Camargo– 1ª Prenda Adulta – Lages

Aline da Silva – 2ª Prenda Adulta – Itajaí

Karla Szymanski - 1ª Prenda Juvenil – Chapecó

Marla Eliza Bortoluzzi- 2ª Prenda Juvenil- Guaraciaba



Estela Ramos de Souza – 1ª Prenda Mirim – Sombrio  
Scharian dos Santos Marcon - 2ª Prenda Mirim – Lages  
Marcia Barbosa Amaral -1ª Prenda Veterana – Lages  
Silvane Emidia Treml Zoboli -2ª Prenda Veterana – Rio Negrinho  
Luiz Juliano de Almeida – 1º Peão Barriga Verde Adulto – Fraiburgo  
Wilson Vieira de Lima - 2º Peão Barriga Verde Adulto – São José



Vanessa Bertoldi

**9º Concurso de Prendas do MTG SC e 4º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Lages**– Clube 14 de junho - 1998/1999 (continuou as mesmas categorias e 1 ano de gestão)

Vanessa Bertoldi– 1ª Prenda Adulta – Curitibanos  
Anita Grasiela Fernandes – 2ª Prenda Adulta – Forquilha  
Alexandra Szymanski- 1ª Prenda Juvenil – Chapecó  
Patricia Gobetti- 2ª Prenda Juvenil- Lages  
Hevelin Tabata Boni – 1ª Prenda Mirim – Chapecó  
Andressa Steffen Barbosa - 2ª Prenda Mirim – Lages  
Sueli Dors -1ª Prenda Veterana – Lages  
Suzana Sonaglio Xavier -2ª Prenda Veterana – Chapecó  
Clovisson Menotti Boeira de Oliveira – 1º Peão Barriga Verde Adulto –Lages  
Davi Luciano Lazaretti - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Fraiburgo





Fabricia Picolli

**10º Concurso de Prendas do MTG SC e 5º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Curitibanos**– Centro Comunitário Frei Eliseu Tambosi - 1999/2000 (surgiu a 3ª prendas e peões e apareceu na categoria de peão mirim, juvenil e continuo mandado de 1 ano de gestão)

Fabricia Picolli– 1ª Prenda Adulta – Florianópolis  
Célia Felisbino – 2ª Prenda Adulta – Fraiburgo  
Soraia Huguen – 3ª Prenda Adulta - Lages  
Suzane Miorelli- 1ª Prenda Juvenil – Chapecó  
Camila Peters Pereira- 2ª Prenda Juvenil- Sombrio  
Jaciana Fillagrana Bortolon - 3ª Prenda Juvenil- Presidente Getulio  
Vanessa Cristina Xavier – 1ª Prenda Mirim – Chapecó  
Mayara Pacovska - 2ª Prenda Mirim – São Miguel do Oeste  
Maria Isabel de Souza Velho - 3ª Prenda mirim – Santa Rosa do Sul  
Bernadete Hatmann – 1ª Prenda Veterana – Timbó  
Celia Jantsch Fiuza - 2ª Prenda Veterana – Florianópolis  
Marta Geremias Kramer - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Eduardo Osni Coninck– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Campos Novos  
Alexandre Senen - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Timbó  
Tiago C. De Mendonça - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Balneario Arroio Silva  
Rafael Frandoloso – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Maravilha  
Fabiano Barbosa Marques - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Marcos Roberto Dalpiaz - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Presidente Getulio  
Felipe Ghorzi da Fonseca – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Florianópolis  
Junior Antonio Gayardo - 2º Peão Barriga Verde Mirim– São Miguel d'Oeste  
Ari M. de Mattos Gomes - 3º Peão Barriga Verde Mirim – Santa Rosa do Sul



Luizana Chequetto

**11º Concurso de Prendas do MTG SC e 6º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Campos Novos**– Salão Paroquial - 2000/2001 (apareceu a categoria de peão veterano e 1 ano de gestão)

Luizana Chequetto– 1ª Prenda Adulta – Maravilha  
Roberta de Almeida Pessi – 2ª Prenda Adulta – Araranguá  
Suayla Beckhauser – 3ª Prenda Adulta – Campos Novos  
Milena Caroline Farias- 1ª Prenda Juvenil – Araranguá



Fabiane Vicari- 2ª Prenda Juvenil- Descanso  
Ariana Zenilda Catarina - 3ª Prenda Juvenil- Itajaí  
Leila de Oliveira Souza – 1ª Prenda Mirim – Santa Rosa do Sul  
Daiane Raquel de Carvalho Dreher - 2ª Prenda Mirim – Chapecó  
Andressa Raquel Beduschi- 3ª Prenda mirim – Maravilha  
Adyva Stein Holz – 1ª Prenda Veterana – Florianópolis  
Ana Paula Silva de Freitas- 2ª Prenda Veterana – Araranguá  
Silvane Terezinha Folle - 3ª Prenda Veterana – Chapecó  
Daniel Justimiliano Ferreira– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Videira  
Marcos Medeiros de Araujo- 2º Peão Barriga Verde Adulto – Florianópolis  
Alexsandro Vagner dos Santos - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Itajaí  
Diego Cardoso Rodrigues – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Santa Rosa do Sul  
Marco Ismael Gutz - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Timbó  
Gustavo Monteiro Franco - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Florianópolis  
Clauber roberto Marques – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Criciúma  
Jean Marcel Melere - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Timbó  
Evandro Eckert - 3º Peão Barriga Verde Mirim – Maravilha  
Celívio Holz – 1º Peão Barriga Verde Veterano – Florianópolis  
Elton Fiametti - 2º Peão Barriga Verde Veterano – São Miguel do Oeste  
Sélio Hack - 3º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó



**Glades Regina Jung Marques**

**12º Concurso de Prendas do MTG SC e 7º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – São Joaquim** – CTG Minuano Catarinense - 2001/2002 (continuou as mesmas categorias e 1 ano de gestão)

Glades Regina Jung Marques – 1ª Prenda Adulta – Criciúma



Karin de Oliveira Souza – 2ª Prenda Adulta – Florianópolis  
Iara Cristina Correa – 3ª Prenda Adulta – Lages  
Marilia Eloisa Fernandes- 1ª Prenda Juvenil – Forquilha  
Monica Zeni Refosco- 2ª Prenda Juvenil- Xaxim  
Aline Goetten- 3ª Prenda Juvenil- Fraiburgo  
Bruna Ramos Feldhaus – 1ª Prenda Mirim – Lages  
Vanessa Lopes da Luz - 2ª Prenda Mirim – Chapecó  
Cassia Rosa da Silva- 3ª Prenda mirim – Florianópolis  
Suzana Sonaglio Xavier – 1ª Prenda Veterana – Chapecó  
Laudelena Pigozzi- 2ª Prenda Veterana – Florianópolis  
Marta Geremia Kramer - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Dalton João Cardoso– 1º Peão Barriga Verde Adulto – São José  
Cristian Fabiano Vieira- 2º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Rafael Ribeiro - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Catanduvas  
Felipe Cesar Feldhaus– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Franqui Pereira da Silva - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Santa Rosa do Sul  
Jeferson Gilmar Costa Turatti - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Florianópolis  
Samuel Ramos– 1º Peão Barriga Verde Mirim – Lages  
Leandro Natanael Borth - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Timbó  
Daniel Teixeira da Silva - 3º Peão Barriga Verde Mirim – Içara  
Antonio Francisco de Souza – 1º Peão Barriga Verde Veterano – Criciúma  
Alceo Roque Pigozzi - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Florianópolis  
Alvori R. Pagnussatti - 3º Peão Barriga Verde Veterano – São José do Cedro



Hernalda Mussio

**13º Concurso de Prendas do MTG SC e 8º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Lages – Clube Oficiais do 10º BEC - 2002/2004 (continuou as mesmas categorias e começou as gestões de 2 anos)**



Hernalda Mussio – 1ª Prenda Adulta – Xanxere  
Shirlei Vicente – 2ª Prenda Adulta – Joinville  
Juliana Cardoso Rodrigues – 3ª Prenda Adulta – Santa Rosa do Sul  
Andressa Steffen Barbosa- 1ª Prenda Juvenil – Lages  
Vanessa Cristina Xaviei- 2ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Alexandra S. Cardoso- 3ª Prenda Juvenil- São João do Sul  
Andreia Guaragni – 1ª Prenda Mirim – Chapecó  
Camila Kley Barbosa - 2ª Prenda Mirim – Lages  
Mariana M. S. Bitencourt- 3ª Prenda mirim – Criciúma  
Lecy Terezinha P. Oliveira Souza – 1ª Prenda Veterana – Santa Rosa do Sul  
Edna Ferreira- 2ª Prenda Veterana – Lages  
Fabiano Barbosa Marques– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Giulis Barbosa Marques - 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Maracajá  
Fabricio Barbosa Marques - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Ederson Fronza– 1º Peão Barriga Verde Mirim – Timbó  
Guilherme Pelizza - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Chapecó  
Douglas Marques - 3º Peão Barriga Verde Mirim – Criciúma  
Albanir S. de Arruda – 1º Peão Barriga Verde Veterano – Lages  
Sergio Luiz Melere - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Timbó  
Sergio Alcides Rocha - 3º Peão Barriga Verde Veterano – Criciúma



Edinéia Pereira da Silva

**14º Concurso de Prendas do MTG SC e 9º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Xanxere** – CTG Espelho da Tradição - 2004/2006 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos começaram na cidade da 1ª Prenda Adulta)

Edinéia Pereira da Silva – 1ª Prenda Adulta – Brusque  
Maritania Pituco – 2ª Prenda Adulta – Pinhalzinho



Lizyane Rosa Antunes – 3ª Prenda Adulta – Lages  
Claudia Menoncini - 1ª Prenda Juvenil – Caxambu do Sul  
Riciane Pereira- 2ª Prenda Juvenil- Lages  
Fernanda da Silva Nunes - 3ª Prenda Juvenil - Camboriu  
Jordana Rocha de Souza – 1ª Prenda Mirim – Maracajá  
Aline Cristina Burgel - 2ª Prenda Mirim – Chapecó  
Cristiani de Oliveira- 3ª Prenda mirim – Lages  
Joice Maria Berta – 1ª Prenda Veterana – Chapecó  
Lisangela Rocha de Souza- 2ª Prenda Veterana – Criciúma  
Joseane Cristiane de Oliveira Barbosa - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Cristian Fabiano Vieira – 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Everton Fronza - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Timbó  
Paulo Roberto Cordova - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Caçador  
Arthur Zucchi Boscato – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Catanduvas  
Rafael Luiz Lunardi - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Juliano A. Sebben - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – São Miguel do Oeste  
Honorino Pedro Rampazzo Junior – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Xanxere  
Leandro Pereira Sutil - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Lages  
Selio Hack - 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Aurelino da Cunha Pereira- 2º Peão Barriga Verde Veterano – Sombrio  
Adilson Carneiro - 3º Peão Barriga Verde Veterano – Lages



Eronides Terezinha Zimmerman

**15º Concurso de Prendas do MTG SC e 10º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Brusque – CTG Laço do Bom Vaqueiro - 2006/2008 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**



Eronides Terezinha Zimmerman – 1ª Prenda Adulta – Gaspar  
Danúbia Kulba da Silva – 2ª Prenda Adulta – Florianópolis  
Rozyane Rosa Antunes – 3ª Prenda Adulta – Lages  
Andreia Guaragni - 1ª Prenda Juvenil – Chapecó  
Daniele dos Santos Moreira - 2ª Prenda Juvenil - Lages  
Charlene Wilvert - 3ª Prenda Juvenil – Balneário Camboriú  
Marisa Nicaretta Rosina – 1ª Prenda Mirim – Quilombo  
Jéssica Pricila Costa - 2ª Prenda Mirim – Brusque  
Thayse Carneiro - 3ª Prenda mirim – Lages  
Roxelana Graziela Moa – 1ª Prenda Veterana – Brusque  
Angelita M. dos Santos- 2ª Prenda Veterana – Santo Amaro da Imperatriz  
Marli tania Pena Bizotto - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Alan Sievert – 1º Peão Barriga Verde Adulto – Blumenau  
Luiz Matheus Vedovatto - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Pinhalzinho  
Sadi Silva de Oliveira - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Cassiano Lazarotto Rambo – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Pinhalzinho  
Adalmir Arruda - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Ricardo Felisbino - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Santo Amaro da Imperatriz  
Guilherme Dalastra – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Chapecó  
Arnaldo Batista Silva Moreira - 1º Peão Barriga Verde Veterano – Lages  
Saulo Pozzer - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Nova Erechim  
Neli R. Felisbino - 3º Peão Barriga Verde Veterano – Santo Amaro da Imperatriz



Danielle Amorim Silva

**16º Concurso de Prendas do MTG SC e 11º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Itajaí – Grupo Arte Amigos da Tradição - 2008/2010 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Danielle Amorim Silva – 1ª Prenda Adulta – São José



Priscila Gonçalves – 2ª Prenda Adulta – Joinville  
Elizandra Krakeker– 3ª Prenda Adulta – Chapecó  
Mariana Besen- 1ª Prenda Juvenil – Santo Amaro da Imperatriz  
Aline Cristina Burgel - 2ª Prenda Juvenil - Chapecó  
Natalie Scussiatto- 1ª Prenda Mirim – Chapecó  
Manoela Feltz Flores - 2ª Prenda Mirim – São José  
Schirley Terezinha do Nascimento – 1ª Prenda Veterana – São José  
Adelino Maliska Junior – 1º Peão Barriga Verde Adulto – Chapecó  
Pablo Langhinotti – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Adolfo Scheidt– 1º Peão Barriga Verde Mirim – São José  
Bernardo Campestrini - 2º Peão Barriga Verde Mirim – Lages  
Renato Canha - 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó



Geovana Regis

**17º Concurso de Prendas do MTG SC e 12º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – São José – CTG Os Praianos - 2010/2012 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Geovana Regis – 1ª Prenda Adulta – São José  
Elis Regina Burgel – 2ª Prenda Adulta – Chapecó



Talita Soprana– 3ª Prenda Adulta – Turvo  
Tatiana Tomé - 1ª Prenda Juvenil – Chapecó  
Viviane Guadagnin - 2ª Prenda Juvenil -  
Laisa Languinotti – 1ª Prenda Mirim – Chapecó  
Gabriela do Nascimento Schneider - 2ª Prenda Mirim – São José  
Lindacir Zornita – 1ª Prenda Veterana – Chapecó  
Clotilde das Neves Magalhães- 2ª Prenda Veterana – Florianópolis  
Odair Jose Carminatti – 1º Peão Barriga Verde Adulto –  
Michel Ataíde de Melo - 2º Peão Barriga Verde Adulto – São José  
Rodrigo Portilho do Rosário – 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Pedro Guarani - 1º Peão Barriga Verde Mirim – Chapecó  
Selio Hack - 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Edson Ferreira- 2º Peão Barriga Verde Veterano



Aline Cristina Burgel

**18º Concurso de Prendas do MTG SC e 13º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Chapecó – CTG Herança Gaúcha - 2012/2014 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Aline Cristina Burgel – 1ª Prenda Adulta – Chapecó  
Deyse Mara Mascarelo – 2ª Prenda Adulta – Chapecó  
Francine Motta Rocha – 3ª Prenda Adulta – Criciúma



Natália de Souza - 1ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Ana Letícia Bodaneze - 2ª Prenda Juvenil- Xanxerê  
Marjana Aparecida da Silva- 3ª Prenda Juvenil- Florianópolis  
Jéssica Laíze Silva de Oliveira – 1ª Prenda Mirim – Maravilha  
Luana Varela da Silva - 2ª Prenda Mirim – Lages  
Talita Cristina Anhalt- 3ª Prenda mirim – Florianópolis  
Silvana Luizinha da Silva – 1ª Prenda Veterana – Maravilha  
Sirlei Cardoso- 2ª Prenda Veterana – Chapecó  
Iraci Claudete Soares Fávero - 3ª Prenda Veterana – Xanxerê  
Joelson Pazinato– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Chapecó  
Marcelo Fontana Vitto - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Turvo  
Éricks Henrique Testa– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Pinhalzinho  
Mauricio Moraes Coradim - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Abelardo Luz  
Eduardo da Silva Gonçalves - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Turvo  
Lucas Borges da Silva – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Chapecó  
Gabriel Grando - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Chapecó  
Valdenir Zamboni – 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Nelson João Krombauer - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó



Priscila Dors

**19º Concurso de Prendas do MTG SC e 14º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Chapecó – CTG Herança Gaúcha - 2014/2016 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Priscila Dors – 1ª Prenda Adulta – Lages  
Elizandra Krakeker – 2ª Prenda Adulta – Chapecó  
Taize Zeferino Vicentin– 3ª Prenda Adulta – Turvo  
Kátia Jamile da Silva- 1ª Prenda Juvenil- Chapecó



Helisa Zeferino Vicentin - 2ª Prenda Juvenil- Turvo  
Maila Vitória Wolf- 3ª Prenda Juvenil- Lages  
Camila Taila Rodrigues de Liz – 1ª Prenda Mirim – Lages  
Tailane de Liz - 2ª Prenda Mirim – Lages  
Andressa da Rosa Schein- 3ª Prenda mirim – Chapecó  
Thais Dutra da Rosa– 1ª Prenda Veterana – Chapecó  
Luciana Claudinéia Borges Furtado- 2ª Prenda Veterana – Lages  
Luciane Dalmaz - 3ª Prenda Veterana – Florianópolis  
Marcos Eduardo Netto– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Victor Alberto Parmegiani - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Chapecó  
Luiz Orestes Dalmaz – 3º Peão Barriga Verde Adulto - Florianópolis  
Guilherme José Pelizza– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Adriano Fermino de Ávila - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
Weliton Figueiredo - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Turvo  
Pedro Vitorio Burgel – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Chapecó  
Thierry Ribeiro Viana - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Lages  
Matheus Machado Balbinot - 3º Peão Barriga Verde Mirim– Chapecó  
Irton Neuhaus – 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Angelo Tadeu da Silva - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Lages



Natália Lorenzi de Souza

**20º Concurso de Prendas do MTG SC e 15º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC Lages – na sede do MTG SC – 2016/2018 (continuou as mesmas categorias, gestão de 2 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Natália Lorenzi de Souza – 1ª Prenda Adulta – Chapecó  
Ana Carla Batista – 2ª Prenda Adulta – Chapecó  
Bruna Avila – 3ª Prenda Adulta – Lages  
Tamara Tibolla Rodrigues - 1ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Angela Royer - 2ª Prenda Juvenil- Lages



Thays Lilian da Silva- 3ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Nicole Burigo Schmoeller – 1ª Prenda Mirim – Lages  
Maurenn Schroll da Roza - 2ª Prenda Mirim – Chapecó  
Maria Eduarda Freitas- 3ª Prenda Mirim – Lages  
Tania Aparecida – 1ª Prenda Veterana – Lages  
Darlene Narvaz Cardoso - 2ª Prenda Veterana – Chapecó  
Zenita Aparecida Borges de Jesus - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Neil Jose Goedert Junior– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Elieser Arigoni Cardoso - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Turvo  
Mateus Arigoni Cardoso – 3º Peão Barriga Verde Adulto - Turvo  
João Vinícius Batista– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Ysmael Lucas Mendes de Oliveira - 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Anderson Paulo Servo – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Chapecó  
Gustavo Bassoli Branco - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Lages  
Elisandro Tonatto– 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Ademar Santos de Jesus - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Lages



Isadora da Silva Lemos

**21º Concurso de Prendas do MTG SC e 16º Concurso de Peões Barriga Verde do MTG SC – Lages – na sede do MTG SC - 2018/2022 (devido a pandemia o prendado teve sua gestão de 4 anos e os concursos na cidade da 1ª Prenda Adulta)**

Isadora da Silva Lemos– 1ª Prenda Adulta – Araranguá  
Renata Corso – 2ª Prenda Adulta – Lages  
Luana Loch – 3ª Prenda Adulta – Presidente Getúlio  
Andressa da Rosa Schein - 1ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Fernanda Luiza Costella- 2ª Prenda Juvenil- Chapecó  
Micaele Hoppe- 3ª Prenda Juvenil- Presidente Getúlio  
Gabriela Furtado Rosa – 1ª Prenda Mirim – Lages



Thais Belusso - 2ª Prenda Mirim – Chapecó  
Ágatha Camilli Grutzmann- 3ª Prenda mirim – Chapecó  
Cristina Cardoso Rodrigues – 1ª Prenda Veterana – São José  
Luciana Ramos- 2ª Prenda Veterana – Presidente Getúlio  
Jucelenes de Fatima Ávila - 3ª Prenda Veterana – Lages  
Pedro Henrique de Bona Sartor– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Lages  
Carlos Bolivar A. Martins de Quadros - 2º Peão Barriga Verde Adulto – Chapecó  
Lucas Scarabelot Boza - 3º Peão Barriga Verde Adulto – Turvo  
Leonardo Witt– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – Presidente Getúlio  
Lucas Borges Dutra- 2º Peão Barriga Verde Juvenil – Chapecó  
Igor Kauan Liz de Jesus - 3º Peão Barriga Verde Juvenil – Lages  
José Luis de Macedo Rodrigues – 1º Peão Barriga Verde Mirim – Lages  
Davi Rodrigues - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Presidente Getúlio  
Elisandro Tonatto– 1º Peão Barriga Verde Veterano – Chapecó  
Ademar Santos de Jesus - 2º Peão Barriga Verde Veterano – Lages  
Marcelo Zeferino Pereira - 3º Peão Barriga Verde Veterano – Turvo



Melissa Andres Schons

**22º Concurso de Prendas do MTG SC e 17º Concurso de Peões Barriga Verde do  
MTG SC – Turvo – Cidade da 1ª Prenda Adulta – 2022 à 2024**

Melissa Andres Schons– 1ª Prenda Adulta – São Miguel do Oeste  
Poliana Varela Freitag – 2ª Prenda Adulta – Concórdia  
Méliani Scarabelot – 3ª Prenda Adulta – Araranguá  
Maria Luísa Viana Sutil - 1ª Prenda Juvenil- Lages  
Ana Julia Franz Coelho – 1ª Prenda Mirim – São Lourenço do Oeste  
Brenda Cristina Saretta - 2ª Prenda Mirim – Concórdia



Livia Tonet Fernandes Falcão - 3ª Prenda mirim – Dionísio Cerqueira  
Katia Cristine Castilhos Ramos – 1ª Prenda Veterana – Lages  
Talita Conti Soprana - 2ª Prenda Veterana – Araranguá  
Deise Mara Estevão Schütz - 3ª Prenda Veterana – Jaraguá do Sul  
Cristiano Oliveira morais – 1º Peão Barriga-Verde Veterano – Chapecó  
Reinaldo da silva de Luz - 2º Peão Barriga-Verde Veterano – Lages  
Odilon Roque Farias - 3º Peão Barriga-Verde Veterano – Sombrio  
Fabio Indalêncio Leandro– 1º Peão Barriga Verde Adulto – Araranguá  
Gabriel Fellipe Roier– 1º Peão Barriga Verde Juvenil – São Miguel do Oeste  
Bernardo Carboni Roldão– 1º Peão Barriga Verde Mirim – São Lourenço do Oeste  
Kaiky Estevão Schütz - 2º Peão Barriga Verde Mirim– Jaraguá do Sul

### **PRENDAS E PEÕES DO MTG DO ESTADO DE SANTA CATARINA ELEITOS NA CBTG**



Michelle Rigueira

2ª Mais Prendada Prenda da CBTG – Michelle Rigueira – 1997



2ª Prenda Adulta da CBTG – Aline da Silva – 1998

1ª Prenda Mirim da CBTG – Fernanda Emmert -1998

### **SEM REGISTRO FOTOGRAFICO**

3ª Prenda Juvenil da CBTG – Alexandra Szymanski – 1999

### **SEM REGISTRO FOTOGRAFICO**

1ª Prenda Juvenil da CBTG – Suzane Miorelli -2000



Glades Regina Jung

2ª Prenda Adulta da CBTG – Glades Regina Jung – 2002

2º Peão Tradicionalista Adulto – Dalton João Cardoso – 2002



Lecy Terezinha P. de O. Souza

1ª Prenda Veterana – Lecy Terezinha P. de O. Souza – 2004

1º Peão Veterano – Albanir Schmidt de Arruda – 2004



Edinéia Pereira da Silva

1ª Prenda Adulta – Edinéia Pereira da Silva – 2006

1ª Prenda Veterana – Lisangela Rocha de Souza – 2006

1º Peão Tradicionalista Adulto – Cristian Fabiano Vieira – 2006

1º Peão Tradicionalista Juvenil – Arthur Zucchi Boscato – 2006

2º Peão Tradicionalista Veterano – Aurelino da Cunha Pereira - 2006



Danúbia Kulba e Allan Sievert

1ª Prenda Adulta – Danúbia Kulba – 2008

1ª Prenda Veterana – Angelita Maria dos Santos Felisbino – 2008

1º Peão Tradicionalista Adulto – Allan Sievert – 2008

1º Peão Tradicionalista Veterano – Arnaldo Batista Silva Moreira – 2008



Schirley Terezinha do Nascimento

1ª Prenda Veterana – Schirley Terezinha do Nascimento – 2010

1º Prenda Juvenil – Mariana Besen – 2010



Elis Regina Burgel

1ª Prenda Adulta – Elis Regina Burgel – 2011

1ª Prenda Mirim – Laisa Langhinoti – 2011

1ª Prenda Veterana – Suzana Terezinha Xavier – 2011

1º Peão Tradicionalista Adulto – Odair José Carminatti – 2011

1º Peão Tradicionalista Veterano – Sélvio Hack – 2011



Dayse Mara Mascarello

1ª Prenda Adulta da CBTG – Dayse Mara Mascarello – 2013

2ª Prenda Adulta da CBTG – Francine Rocha – 2013

1ª Prenda Veterana da CBTG – Iraci Favero -2013

1º Peão Adulto Tradicionalista da CBTG - Tiago Donadel – 2013

3º Peão Mirim Tradicionalista da CBTG – Gabriel Gandro -2013

3º Peão Veterano Tradicionalista da CBTG – Valdemar Zamboni -2013



Thais Dutra

1ª Prenda Veterana da CBTG – Thais Dutra – 2015



Natália Lorenzi de Souza

1ª Prenda Adulta da CBTG - Natália Lorenzi de Souza – 2017

2ª Prenda Adulta da CBTG – Ana Carla Batista – 2017

2ª Prenda Veterana da CBTG – Darlene Narvaz Cardoso -2017

3ª Prenda Juvenil da CBTG - Thays Lilian da Silva -2017

1ª Prenda Mirim da CBTG – Nicole Burigo Schmoeller -2017

1º Peão Adulto Tradicionalista da CBTG - Victor Parmeggiani – 2017

1º Peão Juvenil Tradicionalista da CBTG - Ysmael Lucas Mendes de Oliveira – 2017

3º Peão Juvenil Tradicionalista da CBTG - João Vinícius Batista – 2017

1º Peão Mirim Tradicionalista da CBTG - Gustavo Bassoli Branco – 2017

3º Peão Mirim Tradicionalista da CBTG - Anderson Paulo Servo - 2017

1º Peão Veterano Tradicionalista da CBTG – Elisandro Tonatto – 2017

3º Peão Veterano Tradicionalista da CBTG – Ademar Santos de Jesus – 2017



Cristina Cardoso Rodrigues

3ª Prenda Veterana da CBTG - Cristina Cardoso Rodrigues - 2019

1ª Prenda Juvenil da CBTG - Andressa da Rosa Schein - 2019

2ª Prenda Juvenil da CBTG - Fernanda Luiza Costella - 2019



1º Peão adulto da CBTG - Alan Willian Rosa - 2023

2ª Prenda Veterana da CBTG - Katia Cristine Castilhos Ramos – 2023

1ª Prenda Xirú da CBTG - Zenita Aparecida Borges de Jesus – 2023

2ª Prenda Mirim da CBTG - Ana Julia Franz Coelho – 2023

1º Peão Juvenil da CBTG - Gabriel Fellipe Roier – 2023

2º Peão Mirim da CBTG - Bernardo Carboni Roldão – 2023

2º Peão Veterano da CBTG - Fabio Indalêncio Leandro - 2023

3º Peão Veterano da CBTG - Cristiano Oliveira Morais -2023

2º Peão Xirú da CBTG - Reinaldo de Liz da Silva - 2023



## **ATUALIDADES**

### **PRESIDENTE E VICE PRESIDENTE**

Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente

Geraldo Alckmin - Vice-presidente

### **PRESIDENTE DO SENADO**

Rodrigo Pacheco – Presidente do Senado



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ✓ Anexo - BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA OS CONCURSOS REGIONAIS E ESTADUAL
- ✓ APOSTILA DE ESTUDOS PARA CONCURSO NACIONAL DE PRENDAS E PEÕES TRADICIONALISTAS, CBTG.
- ✓ BETTA, Edinéia Pereira da Silva e HOLZ, Celívio, História e Memórias Gaúchas MTG/SC 40 anos preservando os valores tradicionalistas
- ✓ COELHO, Marcos de Amorim e TERRA. Lygia, “Geografia do Brasil” - Espaço natural, Territorial e Sócio econômico Brasileiro.
- ✓ COELHO. Enyltho Paixão, Mão Gaúcha Trançados em Couro Cru
- ✓ CORTES J. C. PAIXÃO “Origem da Semana Farroupilha Primórdios do Movimento Tradicionalista”
- ✓ CORTES J. C. PAIXÃO E LESSA, Luiz C. Barbosa “Manual de Danças Gaúchas”
- ✓ COTRIM, Gilberto Vieira “História do Brasil”.
- ✓ Estatutos e Regimentos do MTG-SC, Estatutos da CBTG, Carta Constitutiva da CITG.
- ✓ FAGUNDES, Antonio Augusto “Indumentária Gaúcha”, Martins Livreiro
- ✓ FLORES, Moacir “Revolução Farroupilha”.
- ✓ LAMBERTY, Salvador Fernando Lamberty, “ABC do Tradicionalismo Gaúcho”
- ✓ LOPES NETO, João Simões, Lendas do Sul
- ✓ LUDWIG RAU, Wolfgang “Anita
- ✓ MARQUES, Lilian Argentina B, e outros “RS Aspectos do Folclore”.
- ✓ MOA, Roxelana Grazielle, Guia de Estudos para Prendas e Peões
- ✓ OLIVEIRA, Pedro. Depois do Churrasco Receitas da Doçaria Rio Grandense
- ✓ PIAZZA, Walter Fernando, LOMBARDI, Ivete Leite, Mara de Fátima “Os Catarina Terra e Gente”.
- ✓ PRIMIERI, Giovanni, Indumentária Gaúcha dos Bailes Antigos aos Tablados.
- ✓ QUEVEDO, Julio, Ordonez, Marlene e Sales, Geraldo “Meu Estado Santa Catarina”.
- ✓ TERRA, Mano, Raízes da América Gaúcha
- ✓ Tese O Sentimento e o Valor do Tradicionalismo Barbosa Lessa.